

TIAGO SOUZA DA CRUZ

**O ENSINO DAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA
NA UNESP-ASSIS**

ASSIS

2022

TIAGO SOUZA DA CRUZ

**O ENSINO DAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA
NA UNESP-ASSIS**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP) Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestre em Letras (Literatura e Vida Social).

Orientador: Prof. Dr. Sergio Fabiano Annibal

ASSIS

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

C957e Cruz, Tiago Souza da
O ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa
na Unesp-Assis / Tiago Souza da Cruz. Assis, 2022.
236 f. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Dr. Sérgio Fabiano Annibal

1. Literatura - Estudo e ensino. 2. Literatura africana
(Português). 3. Literatura em língua portuguesa. 4. Literatura
africana de língua portuguesa - Representação e prática.
I. Título.

CDD 869.899



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: O ENSINO DAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA
NA UNESP-ASSIS

AUTOR: TIAGO SOUZA DA CRUZ

ORIENTADOR: SÉRGIO FABIANO ANNIBAL

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em LETRAS, área: Literatura e Vida Social pela Comissão Examinadora:

Prof(a). Dr(a). SÉRGIO FABIANO ANNIBAL (Participação Virtual)
Departamento de Estudos Linguísticos, Literários e da Educação / UNESP/FCL-Assis

Profa. Dra. CARLA CAVALCANTI E SILVA (Participação Virtual)
Departamento de Letras Modernas / UNESP/FCL-Assis

Profa. Dra. VIMA LIA DE ROSSI MARTIN (Participação Virtual)
USP / São Paulo

Assis, 03 de fevereiro de 2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Gongobira, senhor que sempre esteve me guiando pelas veredas do conhecimento. Minha família com vocês aprendi um pouco de cada coisa. Marcos Cesário amigo e companheiro de tantos anos, sem você não seria possível. Miriam Góes, minha querida, meu muito obrigado pelo incentivo de uma vida. Minha Mameto Zulmira de Santana França, minha família do Nzo Tubenci, muito obrigado. Meu orientador, Dr. Sergio Fabiano Annibal, meu muito obrigado pela confiança, pela orientação, pela condução certa dada ao nosso trabalho, obrigado por permitir meu caminhar contigo.

Chegar ao mestrado sendo negro, pobre, nordestino e homossexual, só foi possível pela perseverança, isso se deu porque tive a sorte de ser acolhido ao longo da minha vida, sozinho não alcançamos nada, por isso elenco aqui os amigos e amigas que estiveram ao meu lado bem antes de eu sonhar esta pesquisa. Alessandro Regis, Alexandre Carvalho, Osvaldo de Brito, Rafael Dias, Ricardo Orso, colegas queridos da graduação, da época da minha graduação trago professores queridos com os quais aprendi muito, agruparei todos na figura ímpar do saudoso professor Dr. Juvenal Zanchetta Junior, ele se foi, mas seus ensinamentos seguem nos transformando. Ainda da época da graduação destaco a importância do NUPE em minha vida, o Núcleo Negro Universitário para Pesquisa e Extensão me deu amigos queridos que carrego até hoje, obrigado meu povo, foi no NUPE que meu interesse pela pesquisa surgiu, atrelada ao desejo de uma sociedade livre do racismo que assola nosso país. As minhas amigas queridas de Goiânia, Maristela, Ana e Abigail, sigo estudando. Agradeço à torcida sincera e amorosa do meu grupo de amigos, que sempre estão ao meu lado, Geane, Lais, Odete, Lilian, Iara, Cleide, João, Dilma, Rosana, Rodrigo, Silvério, Anaides, Virginia, Sonia, Silvio e Mila.

Agradeço as observações valiosas da banca de qualificação, Professora Dra. Carla Cavalcanti e Silva e Professor Dr. Francisco Claudio Alves Marques, obrigado pela leitura e apontamentos. Minha gratidão pelo aceite da banca de defesa, o retorno da professora Carla Cavalcanti e Silva e a presença da professora Dra. Vima Lia de Rossi Martin, a quem agradeço especialmente, sua presença foi desejada desde o início. Aos colegas queridos que ganhei no trajeto dessa pesquisa, Patrícia Dalla Torre, Augusto Moretti, Gabriel e Telma obrigado pelas trocas. Agradeço aos queridos colegas do grupo de pesquisa GEPLENP. Muito obrigado aos funcionários da Unesp-Assis, um agradecimento especial para o Caio da seção de graduação, pela paciência comigo. Aos trabalhadores da pós graduação meu muito obrigado pelo aprendizado. Um destaque para todos e todas do Comitê de Ética da FCL/Assis. Tenho muito que agradecer a todas as pessoas que cruzei

na vida, algumas não estão nomeadas aqui, mas certamente contribuíram para meu crescimento como professor, pesquisador e como pessoa, assim, agradeço aos colegas das escolas onde atuo e atuei ao longo dos meus treze anos de magistério, obrigado colegas.

A todos e todas muito obrigado!

*Eu vejo além África
amor brotando virgem em cada boca
em lianas invencíveis da vida espontânea
e as mãos esculturais entre si ligadas
contra as catadupas demolidoras do antigo*

*Além deste cansaço em outros continentes
a África viva
sinto-a nas mãos esculturais dos fortes que são povo
e rosas e pão
e futuro.*

Agostinho Neto (1985)

Dedicatória

*dedico à minha mãe, Terezinha Souza da Cruz. A
senhora que me falou da importância de estudar,
segurando minha mão a caminho da escola.*

RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem por finalidade analisar os Programas da Disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa do curso de Letras/Licenciatura da Universidade Estadual Paulista câmpus de Assis (Unesp-Assis) entre os anos 1998 e 2018, com intuito de verificar as marcas teórico-literárias que expressam sua constituição, além de compreender como ela é delineada no âmbito acadêmico brasileiro, em especial no curso de Letras da Unesp-Assis. Ademais, analisa a entrevista de três docentes responsáveis pela disciplina no período em questão. Mais especificamente, busca desvelar o processo de criação da disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no curso de Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis; estabelecer relações entre as informações encontradas na análise do documento e as entrevistas dos professores que lecionaram a disciplina no supracitado curso; depreender as escolhas teóricas e metodológicas dos professores para afirmar a importância do ensino de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa nessa faculdade; articular a análise documental com as entrevistas para compreender as práticas e representações dos docentes e, a partir disso, construir um entendimento do processo histórico da disciplina e seu reconhecimento na academia. O trabalho com esses programas justifica-se pelo fato de estes serem um artefato tanto histórico quanto literário, um documento que recorta um período da história, neste caso, o do ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Para analisar esse documento, recorreu-se ao arcabouço teórico-metodológico de Roger Chartier, com sua abordagem das representações sociais dentro da História Cultural. Ainda, pelo fato de a disciplina estar centrada no âmbito universitário, com toda a complexidade que isso implica, têm-se como suporte teórico os conceitos de campo universitário e *habitus*, de Pierre Bourdieu. Os resultados indicam que a disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa está em transformação e em meio a disputas no campo acadêmico, por isso goza de um reconhecimento parcial como um componente curricular dos cursos de Letras, ou seja, essas literaturas ainda estão subordinadas à Literatura Portuguesa.

Palavras-chave: Ensino de Literatura; Literaturas Africanas de Língua Portuguesa; Representações e Práticas; Campo Universitário.

ABSTRACT

The present research's goal is to analyse the Programmes of African Literatures written in Portuguese Language based upon the Literature Course of the São Paulo State University campus of Assis (Unesp-Assis) between the years 1998 and 2018, as to verify the theoretical and literary marks that express its constitution, in addition to understanding how it is designed in the Brazilian scholar sphere, especially when it comes to the Literature Course at Unesp-Assis. Furthermore, it analyses the answers of three interviewees, professors who have been responsible for this subject during those years. To be more specifically, this study seeks to: unveil the process of designing the subject African Literatures written in Portuguese Language at Unesp-Assis; establish relationships between the data found in the document and the interviews with the three professors who taught this subject; understand the theoretical and methodological choices to affirm the importance of teaching African Literatures; articulate the document analysis with the interviews in order to understand professors' practices and representations, and based on that to build an understanding of the historical process of this subject and its recognition in the university. The study of these Programmes is justified because they are both a historical and literary artifact, a document that cuts through a period of history, particularly the teaching of African Literatures written in Portuguese Language at the Unesp-Assis. The analyse of that document is based upon Roger Chartier's theoretical-methodological framework, his approach to social representations within Cultural History. Yet, since the topic is centred on the university environment, with all the complexity implied, Pierre Bourdieu's concepts of University Field and Habitus are an important theoretical support. The results indicate the African Literatures written in Portuguese Language is undergoing transformation and amidst disputes in the academic environment, which is the reason it enjoys partial recognition as a curricular component of Literature, which means that African Literatures are still subordinate to Portuguese Literature.

Keywords: Literature Teaching; African Literatures written in Portuguese Language; Representations and Practices; University Field.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pesquisas atreladas à disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na FCL-Assis	44
Quadro 2 – Programa de Disciplina 1998, 1999 e 2000: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa)	61
Quadro 3 – Programa de Disciplina 2001: Literatura Portuguesa	66
Quadro 4 – Programa de Disciplina 2002 e 2003: Literaturas de Língua Portuguesa	68
Quadro 5 – Programa de Disciplina 2004: Literaturas de Língua Portuguesa	70
Quadro 6 – Programa de Disciplina 2004: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa	72
Quadro 7 – Programa de Disciplina 2005: Literaturas de Língua Portuguesa	76
Quadro 8 – Programa de Disciplina 2006: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa	78
Quadro 9 – Programa de Disciplina 2007: Literaturas Portuguesa e Africana	79
Quadro 10 – Programa de Disciplina 2007: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: Prosa	81
Quadro 11 – Programa de Disciplina 2008: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: Prosa	83
Quadro 12 – Programa de Disciplina 2008: Literaturas Portuguesa e Africana	84
Quadro 13 – Programa de Disciplina 2009/2010: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: Poesia	93
Quadro 14 – Programa de Disciplina 2011: Teorias do espaço e do exílio nas narrativas africanas de Língua Portuguesa	100
Quadro 15 – Programa de Disciplina 2012/2013: Teorias do espaço e do exílio nas narrativas africanas de Língua Portuguesa	103
Quadro 16 – Programa de Disciplina 2014: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa	106

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Programa da disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa 1998-2018	50
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO CONTEXTO SOCIOCULTURAL BRASILEIRO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	18
1.1 Tensões no campo intelectual brasileiro do século XIX	21
1.2 O cenário literário, a imprensa e seus agentes	24
1.3 As Literaturas Africanas no campo universitário	30
2 A HISTÓRIA E A MEMÓRIA NOS PROGRAMAS DE CURSO DA FACULDADE DE CIÊNCIA E LETRAS-ASSIS	42
3 ANÁLISE DOS PROGRAMAS DE CURSO DE 2009 A 2018	90
4 ENTREVISTAS: O ENSINO DA DISCIPLINA PELA VOZ DOS AGENTES	112
4.1 Formação acadêmica e engajamento	114
4.2 Aceitação Institucional	118
4.3 Uma disciplina em construção	121
4.4 Sustentação Teórica	125
4.5 Futuro Incerto	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS	139
ANEXOS	146
ANEXO A - Roteiro de entrevista	147
ANEXO B - Entrevista concedida pelo professor S.:	148
ANEXO C - Entrevista concedida pela professora M.:	160
ANEXO D - Entrevista concedida pelo professor P.:	171
ANEXO E – Programas da disciplina	184

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu de um interesse mútuo entre dois pesquisadores: o Professor Dr. Sergio Fabiano Annibal, orientador desta dissertação de mestrado, e eu, ambos egressos do curso de Licenciatura em Letras na Universidade do Estado de São Paulo (Unesp); ele da Faculdade de Ciências e Letras câmpus de Araraquara (FCLAr), eu da Faculdade de Ciências e Letras câmpus de Assis (FCL-Assis), fato esse que nos fez perceber que o desafio de trabalhar cuidadosamente nosso objeto de estudo seria maior, porém bastante gratificante. Analisar o ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Unesp-Assis nos fez pensar na importância histórica desse ensino, uma vez que este se iniciou na década de 1990, quando essa temática ainda não estava na pauta de discussões para a constituição de uma disciplina de graduação em grande parte dos cursos de Letras do cenário acadêmico nacional. Além disso, outros fatores corroboraram nossa decisão, como a paixão pela literatura, o carinho pelo câmpus de Assis, as memórias do tempo de estudante e o respeito pelo trabalho dos professores da FCL-Assis.

No início, tivemos algumas dificuldades no tocante ao desconhecimento do *corpus* de referência a ser estudado, visto que não tínhamos lido os documentos, não sabíamos nem sequer se esse *corpus* apresentaria informações literárias o suficiente para empreender uma dissertação de mestrado em Literatura. Para um amante de literatura, é preciso ressaltar que essa questão inquietava demasiadamente. Ao apreciarmos os Programas da Disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e nos determos neles de forma analítica, tudo mudou, pois pudemos enxergar a possibilidade de travar uma discussão sobre uma disciplina que conta mais de 20 anos, cursei a disciplina na graduação em Letras de Assis em 2007, isso também ajudou em nossa pesquisa. Assim, poder analisar as partes que compõem a disciplina foi o que mais nos motivou a pesquisar, além do entendimento de que encontraríamos nesses programas muita literatura encrustada nas metodologias, nos conteúdos, nas ementas, mas sobretudo nas bibliografias.

A princípio, pensamos na contextualização histórica, isto é, na memória dos acontecimentos que marcaram a história dos negros no Brasil, o que implica todo o processo de desqualificação dos povos oriundos da África, o desprezo pela cultura africana em nossa sociedade, os enfrentamentos nos campos político e intelectual para combater o racismo em suas diversas formas, empreendidos por escritores e intelectuais brasileiros desde o século XIX. Essas questões se impuseram logo no primeiro momento da pesquisa, pois era imperioso tratar do antes para entender o momento atual da disciplina. Sabemos que tudo tem um percurso, por

isso fomos tecendo o fio da memória dos povos negros no Brasil desde sua chegada, forçada, às terras brasileiras até o início da disciplina Literaturas Africanas nas universidades brasileiras. Escolhemos traçar esse percurso histórico por meio das lutas e dos tensionamentos instaurados pela população negra escravizada, o enfrentamento da situação cruel sofrida pelos africanos que foram sequestrados de suas terras. Assim, destacamos as revoltas que fazem parte da história do Brasil, muitas vezes escamoteada pelos discursos de um país de “democracia racial”, em que todos vivem em plena harmonia de raça, cor, sexo, igualdade social, econômica e política.

Tomar como objeto de estudo os Programas da Disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no currículo universitário desvelou-se um sistema de lutas no campo físico e simbólico, o que nos levou aos agentes históricos implicados para redesenhar o Brasil, a partir de uma narrativa diferente daquela escrita nos documentos oficiais. Nesse sentido, falamos dos escritores negros e das escritoras negras que tiveram e têm sua identidade negro-africana apagada dos registros histórico-literários. É o caso, por exemplo, de Maria Firmina dos Reis, que foi duplamente esquecida como escritora, mulher negra e abolicionista; Machado de Assis, reconhecidamente um escritor genial, cuja identidade negra foi colocada de lado até bem pouco tempo atrás. Podemos verificar que, desde o século XIX, os jogos político-intelectuais têm ocorrido com vistas a apagar as marcas da cultura negro-africana e assumir a branquitude como uma dimensão sociocultural do Brasil. Portanto, pesquisar o currículo de africanas demandou entender um recorte da mentalidade social brasileira antes de adentrar na análise documental propriamente dita.

O trabalho com os Programas da Disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa justifica-se pelo fato de esses programas serem um artefato tanto histórico quanto literário, um documento que recorta um período da história, neste caso, o do ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Para analisar esse documento, recorreremos ao arcabouço teórico-metodológico de Chartier (1990), com sua abordagem das representações sociais dentro da História Cultural. Ainda, pelo fato de a disciplina estar centrada no âmbito universitário, com toda a complexidade que isso implica, tomamos como suporte teórico as pesquisas de Bourdieu (2019a; 2019b; 2018; 2015; 2004; 1992), em especial a obra *Homo Academicus*, que, embora parta do contexto francês, explora o campo acadêmico de maneira detalhada e original.

Salientamos que a escolha por Pierre Bourdieu e Roger Chartier como autores basilares desta pesquisa se concretizou após um longo debate entre orientador e orientando a despeito do uso de um arcabouço teórico-metodológico europeu para tratar da temática africana na

universidade brasileira. Cogitamos até a possibilidade de recorrer aos Estudos Culturais, com base nas discussões propostas por Tomaz Tadeu da Silva acerca do tema currículo, ao debate sobre a universidade no século XXI, instaurado por Boaventura de Sousa Santos (2011), enfim, mobilizar as teorias do Sul ao nosso favor. No entanto, a dinâmica desta pesquisa, as disciplinas cursadas ao longo do mestrado e a postura defendida pelos teóricos eleitos foram determinantes para a manutenção dos dois nomes franceses como suporte teórico.

Além desses dois teóricos, foi preciso recorrer ao trabalho de análise documental a partir do paradigma da pesquisa qualitativa, por isso nos ancoramos em Bardin (2016) e Lüdke e André (2020), que preconizam o seguinte:

Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte “natural” de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto. (p. 45)

Esta pesquisa apresenta, ainda, uma bibliografia específica dedicada à análise literária, que figura como um aporte teórico, pois analisar os programas da disciplina de africanas nos permite refletir sobre questões já postas nesta introdução. Entretanto, ainda havia uma lacuna, faltava algo para completar. Foi então que descobrimos que eram as falas dos agentes (três docentes) que atuaram na elaboração da disciplina, ou seja, no programa e no componente curricular. Com isso, a entrevista com esses docentes mostrou-se fundamental não só para alargar a discussão, mas também para buscar a totalidade na compreensão do ensino de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Unesp-Assis. No que tange à análise dessas entrevistas, temos como referencial teórico os trabalhos de Bourdieu (1997) e Bardin (2016).

É preciso refletir sobre o papel da universidade no que se refere à sua contribuição para o avanço da discussão literária, social e cultural, como um campo que detém o poder de promover mudanças nas relações entre ciência e sociedade. Nessa perspectiva, esta dissertação visa a analisar os Programas da Disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa do curso de Letras da Unesp-Assis, entre os anos 1998 e 2018, com intuito de verificar as marcas teórico-literárias que expressam sua constituição, além de compreender como ela é delineada no âmbito acadêmico brasileiro, em especial no curso de Letras da Unesp-Assis. Mais especificamente, esta dissertação busca:

- desvelar o processo de criação da disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no curso de Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis;

- estabelecer relações entre as informações encontradas na análise do documento e as entrevistas dos professores que lecionaram a disciplina no supracitado curso;
- depreender as escolhas teóricas e metodológicas dos professores para afirmar a importância do ensino de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa nessa faculdade;
- articular a análise documental com as entrevistas para compreender as práticas e representações dos docentes e, a partir disso, construir um entendimento do processo histórico da disciplina e seu reconhecimento na academia.

Para o melhor proveito da discussão aqui proposta, dividimos o trabalho em quatro capítulos. No primeiro, fazemos um apanhado histórico da trajetória dos africanos no Brasil, com foco na luta de resistência. O intuito é revelar as tensões existentes entre escravizados e colonizadores, desde a fundação do país até o momento da chamada “abolição da escravatura”. Em seguida, tratamos da resistência quanto à África para a intelectualidade brasileira, bem como o racismo político-científico revelado no século XIX com base no darwinismo social, ressaltando o enfrentamento realizado por escritores e intelectuais que faziam oposição ao pensamento racista da época. Adentramos no século XX lançando um olhar sobre o movimento de intelectuais negros ligados à imprensa, às artes e à militância negra, agentes que impulsionaram a discussão sobre a importância da educação para todos, além de demandar o estudo da história e cultura africana nas escolas e universidades do país. Desse modo, introduzimos o tema do ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na universidade brasileira, fato que só ocorreu na virada dos anos 1970 para os 1980, em poucas instituições de ensino superior. Traçamos também um breve panorama histórico da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp-Assis, com vistas a verificar o motivo do ensino tardio das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa nas universidades brasileiras, apesar das contribuições da cultura africana para o Brasil, com isso, podemos esclarecer a importância dos estudos da História e Cultura Africana em nosso país.

No segundo capítulo, analisamos o programa da disciplina desde itens técnicos (carga horária, ano em que foi ofertada, quantidade de alunos, pré-requisitos para cursar a disciplina) até as abordagens teórico-metodológicas empregadas nos programas, por exemplo, o conteúdo de literatura expressado no documento, os objetivos expostos, a bibliografia, as ementas, o tempo/duração do curso (anual, semestral), modalidade (optativa/obrigatória) e a regularidade da oferta. Intencionamos investigar os caminhos traçados para a constituição da disciplina na Unesp-Assis, como uma forma de nortear a leitura documental e o contexto socio-histórico que

possibilitou a inserção do tema no âmbito acadêmico assisense. Para esse fim, fizemos um recorte temporal de 1998 a 2008 (10 anos), a fim de analisar os programas da disciplina do câmpus de Assis com todas as suas nuances e transformações. Visando a aquilatar a discussão em torno do nosso objeto de análise, tratamos da importância do marco instaurado pela criação da disciplina, tendo em vista o contexto social, político e cultural já debatido.

O terceiro capítulo é dedicado ao período que compreende os anos de 2009 a 2018 para aprofundar as discussões teórico-metodológicas, destacando assim as mudanças ocorridas dentro da disciplina e em seu entorno, isto é, mudanças de docente, a aprovação da Lei Federal n. 10.639/2003 (BRASIL, 2003), que instituiu a obrigatoriedade do ensino de cultura africana e afro-brasileira em todos os níveis de ensino, a inclusão da disciplina no rol de obrigatórias a partir de 2015, as práticas e as representações reveladas na análise dos programas desse período.

O quarto capítulo é dedicado às entrevistas dos docentes que estiveram à frente da disciplina ao longo dos 20 anos pesquisados nesta dissertação. Formulamos cinco questões sobre o processo de entrada na Unesp, o começo do trabalho com literaturas africanas, o suporte teórico da disciplina e as dificuldades para ser professor(a) de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Faculdade de Ciências e Letras da Unesp-Assis, além de uma pergunta aberta sobre a disciplina. Partindo do princípio de que analisamos as entrevistas sobre o ensino de literaturas no nível superior, ancoramo-nos em Bourdieu (1997; 2019) para articular e analisar as entrevistas.

A fim de conseguirmos uma análise objetivada das respostas dos entrevistados, agrupamos as informações concedidas em cinco categorias, a saber:

- i. Formação acadêmica e engajamento;
- ii. Aceitação institucional;
- iii. Uma disciplina em construção;
- iv. Sustentação teórica;
- v. Futuro incerto.

Essas categorias não só balizaram o panorama das falas dos informantes, como também nos forneceram uma compreensão global do ensino da disciplina no período pesquisado. Refletimos, ainda, sobre o panorama do ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, apresentado pelas análises, como esse ensino se definiu a partir dos dados coletados e apreciados na pesquisa.

1 LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO CONTEXTO SOCIOCULTURAL BRASILEIRO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Nossa voz
Nossa voz ergueu-se consciente e bárbara
Sobre o branco egoísmo dos homens
Sobre a indiferença assassina de todos.
Nossa voz molhada das cacimbadas do sertão
Nossa voz ardente como o sol das malangas
Nossa voz atabaque chamando
Nossa voz lança de Maguiguana
Nossa voz, irmão,
Nossa voz trespassou a atmosfera conformista da cidade
E revolucionou-a
Arrastou-a como um ciclone de conhecimento.
 Noémia de Sousa (2016)

Morte, vela
Sentinela sou
Do corpo desse meu irmão que já se foi
Revejo nessa hora tudo que aprendi
Memória não morrerá
Longe, longe ouço essa voz
Que o tempo não vai levar.
 Fernando Brant e Milton Nascimento (1980)

Neste capítulo, faremos o levantamento de alguns eventos históricos com intuito de subsidiar nossa pesquisa a despeito da disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Para tanto, lançamos mão dos eventos históricos ligados à escravidão no Brasil desde o século XVI até o século XX, num breve panorama que atenta para a luta dos povos escravizados antes e depois da Abolição da Escravatura em 13 de maio de 1888. O objetivo é compreender os avanços e retrocessos sociais, políticos e culturais que sustentam a desigualdade em relação a assuntos referentes à África em território brasileiro, com uma lupa sobre os estudos literários que versam sobre as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, partindo dos Planos Políticos do curso de Letras da Unesp-Assis. Assim, poderemos compreender a constituição dessa área de estudos no seio da instituição acadêmica.

O contexto social, cultural e histórico está a serviço do debate sobre o campo acadêmico (BOURDIEU, 2019), o campo literário (BOURDIEU, 1996) e sobre os discursos forjados ao longo dos anos, que desvelam as práticas e representações que validam “verdades” e geram poder de reprodução nas sociedades (CHARTIER, 1990). No caso da sociedade brasileira, vamos investigar os movimentos discursivos do século XIX, com vistas a entender o lugar dos estudos sobre literaturas africanas após um longo período de desvalorização dos temas referentes à África.

Situar o tema das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no contexto acadêmico brasileiro nos leva a problematizar histórica e espacialmente algumas questões relacionadas ao continente africano. Voltar o olhar para a africanização no Brasil é desvelar um passado de conflitos, imbricação cultural, lutas, avanços e retrocessos sociais. Essa matéria levanta tensões que estão na raiz da fundação da sociedade brasileira, tensões que “[...] se desenvolvem com a finalidade de manter ou superar um projeto de nação racializado” (SILVA, 2011, p. 14). A Abolição da Escravidão em 1888 suscita esse debate de nação racializada, a ideia de raça branca como um modelo de superioridade e as outras raças colocadas num lugar subalterno. No Brasil do século XIX, essa discussão marcou uma trajetória que precisa ser pensada como um constructo de longa data.

Façamos então um recuo histórico para o século XVI, momento em que ocorreram as viagens expansionistas dos europeus pelo mundo, reservando o território brasileiro à colonização portuguesa. A imediata exploração realizada pelos portugueses ocorreu logo nos primeiros anos com os povos indígenas. Por volta de 1530, a escravidão dos povos africanos iniciou-se em terras brasileiras e, “[...] em 1535, o comércio escravo para o Brasil estava regularmente constituído e organizado, e rapidamente aumentaria em proporções enormes” (NASCIMENTO, 2016, p. 57). Nesse contexto, os africanos escravizados não aceitavam sua

situação, por isso fugiam dos trabalhos forçados, adentravam pelo interior da colônia e formavam os quilombos. Desse modo, temos os primeiros movimentos de resistência contra a escravidão, sendo o mais conhecido o Quilombo de Palmares, cuja revolta foi deflagrada por volta de 1690. A resistência por meio de quilombos e revoltas continuou ao longo dos séculos XVIII e XIX (GOMES, 2018).

Além da organização em quilombos, os africanos escravizados deflagraram várias lutas para melhorar as péssimas condições de vida a que eram submetidos, bem como para dar fim à escravidão sofrida, destacando-se alguns movimentos de revolta que antecederam a Abolição da Escravatura. Em 1798, a Revolta dos Búzios, organizada por alfaiates, artesãos e escravizados, foi um levante que abalou a estrutura escravista na Bahia e se espalhou para outras regiões do Brasil, com isso, os senhores de escravos começaram a enfrentar vários levantes. Pernambuco, em 1817, Pedro Pedroso, militar negro e integrante da artilharia na base de Olinda, organizou o que ficou conhecida como a Revolução Pernambucana, por suspender por quase dois meses as ordens da Coroa Portuguesa. Em 1835, na Bahia ocorreu a Revolta dos Malês, organizada e dirigida por africanos, escravizados ou livres, cujo objetivo era a abolição da escravidão e a africanização da Bahia. Em 1838, ocorreram a Revolta da Balaiada no Maranhão, e a Revolta de Manoel Congo no Rio de Janeiro. Em 1849, houve a Revolta de Queimado no Espírito Santo. Em 1881, aconteceu o Levante dos Jangadeiros, o lendário Dragão do Mar e, em 1885, a Revolta do Cantagalo em Campinas, interior de São Paulo. Todos esses movimentos forçaram os governantes a tomarem uma medida, o que resultou na criação de leis para justificar a criminosa escravização dos africanos em terras brasileiras.

Antes da assinatura da Lei Áurea, em 1888, o império sancionou algumas leis, como a Lei Eusébio de Queirós (1850), que extinguiu o tráfico negreiro transatlântico; a Lei do Ventre Livre (1871), que impediu os filhos nascidos de escravizadas serem também escravizados; a Lei dos Sexagenários (1885), que libertava todos os escravizados com mais de sessenta anos de idade. Essas movimentações são indícios da não aceitação da população negra africana escravizada no Brasil quanto à própria condição, mas que a história insiste em negar. Nesse sentido,

Durante séculos, por mais incrível que pareça, esse duro e ignóbil sistema escravocrata desfrutou a fama, sobretudo no estrangeiro, de ser uma instituição benigna, de caráter humano. Isto graças ao colonialismo português que permanentemente adotou formas de comportamento muito específicas para disfarçar sua fundamental violência e crueldade. Um dos recursos utilizados nesse sentido foram a mentira e a dissimulação. A consciência do mundo guarda bem viva a lembrança do colonialista Portugal

encobrendo sua natureza racista e espoliadora através de estratagemas como a designação de “Províncias de Ultramar” para Angola, Moçambique e Guiné-Bissau; como as leis do chamado *indigenato*, proscrevendo, entre outras indignidades, a assimilação das populações africanas à cultura e identidade portuguesas. (NASCIMENTO, 2016, p. 59)

A marca do projeto português como colonizador, desde a gênese da relação entre Portugal e suas colônias, impregnou-se na cultura do Brasil a ponto de se entender que aqui restou uma cultura e identidade única e verdadeira, que é a europeia.

1.1 Tensões no campo intelectual brasileiro do século XIX

A partir da Abolição da Escravatura em 13 de maio de 1888, surgiu um cenário no Brasil que demandou o posicionamento das classes dominantes no que tange aos rumos sociais, culturais e econômicos diretamente relacionados aos novos “cidadãos”, ex-escravos. Estabeleceu-se uma tensão entre o que era tido como natural nas relações sociais brasileiras e a nova ordem no pós-libertação de milhões de negros. Assim, restou uma interrogação sobre o lugar desses novos cidadãos no cenário nacional, o que desencadeou disputas por territórios em vários setores, incluindo a contribuição dos saberes dos povos escravizados para a cultura (literatura e arte) brasileira. Nesse cenário, temos no plano real uma representação da cultura africana no seio da formação e consolidação das práticas sociais e culturais do país; contudo, no nível do discurso, a cultura africana ficou borrada, imprecisa. Isso nos conduz à reflexão de um tema africano por intermédio das Literaturas de Língua Portuguesa produzidas na África na condição de disciplina e objeto de ensino nas universidades do Brasil.

As tensões ficaram evidentes pela situação de desprestígio de tudo que está relacionado ao continente africano, bem como pelo tratamento dado por parte dos intelectuais brasileiros aos povos negros. Sendo assim, faz-se necessário aprofundar mais o contexto de disputa a que essa temática pertence.

Ao fim da escravatura do povo negro, o Brasil, que foi o último país das Américas a abolir esse sistema, foi obrigado a discutir o lugar dos ex-escravos na configuração social brasileira entre os povos indígenas, os portugueses, bem como os imigrantes europeus e de outras regiões do mundo. Dessa forma,

O fim do sistema escravista, em 1888, coloca aos pensadores brasileiros uma questão até então não crucial: a construção de uma nação e de uma identidade nacional. Ora, esta se configura problemática, tendo em vista a nova categoria de cidadãos: os escravizados negros. Como transformá-los em elementos constituintes da nacionalidade e da identidade brasileira quando a estrutura mental herdada do passado, que os considerava apenas como coisas e força animal de trabalho, ainda não mudou? Toda a preocupação da elite, apoiada nas teorias racistas da época, diz respeito à influência negativa que poderia resultar da herança inferior do negro nesse processo de formação da identidade étnica brasileira. (MUNANGA, 2019, p. 50)

É nesse vazio identitário, como um estranho no seu lugar de vivência, que a população negra travou uma nova luta para garantir seu direito de ser cidadão, confrontando a situação afirmada até o momento de “bárbaro”, “inculto”, “incivilizado”, posição de indesejado em seu próprio território.

Quem dominava as instâncias de poder (cultural, econômico, social e científico) não admitia uma nova mentalidade para o país forjado pelos portugueses. Nesse contexto, surgiram ideias que buscariam acabar com a iminência de os negros integrarem um dos perfis da população nacional junto aos povos indígenas e o branco europeu. A realidade de uma população brasileira heterogênea tanto racial quanto cultural acirrou o debate conservador em torno da questão, pois “o povo brasileiro, como hoje se nos apresenta, se não constitui uma só raça compacta e distinta, tem elementos para acentuar-se com força e tornar-se um ascendente original nos tempos futuros. Talvez tenhamos ainda de repensar na América um grande destino histórico-cultural (ROMERO, 2011, p. 16).

Antes de chegar a essa conclusão, Sílvio Romero (2011, p. 13) já havia pontuado que “Todo brasileiro é um mestiço, quando não é no sangue, o é nas ideias”, nem por isso o Brasil será uma nação de “mulatos”. Esse eminente pesquisador de literatura, etnografia e cultura brasileira estava certo de que no futuro a população brasileira estaria se não livre, bem distanciada da mestiçagem percebida no final do século XIX, por isso afirmou o seguinte:

O tipo branco irá tomando a preponderância, até mostrar-se puro e belo como no velho mundo. Será quando estiver de todo aclimatado no continente. Dois fatos contribuíram largamente para tal resultado: de um lado a extinção do tráfico africano e o desaparecimento constante dos índios, de outro a imigração europeia. (ROMERO, 2011, p. 55)

Essa visão assentava-se no darwinismo biológico reinterpretado econômica e socialmente por Herbert Spencer¹. Nesse cenário, o país contava ainda com a influência do

¹ Herbert Spencer (1820-1903), filósofo inglês que defendia ser preciso considerar que a inteligência do espírito deve seguir a perspectiva da inteligência da raça. Dedicou-se aos aspectos biológicos da espécie. O pano de fundo

Determinismo de Hippolyte Taine e do Positivismo de Auguste Comte, doutrinas filosóficas que ganharam força entre os intelectuais brasileiros de diversas áreas, contribuindo para a criação de uma teoria do tipo étnico brasileiro. Assim, o médico psiquiatra Nina Rodrigues, Euclides da Cunha², Gilberto Freyre³, Manuel Bonfim, Edgar Roquete Pinto, João Batista Lacerda, o já citado e certamente de discurso mais acentuado nessa direção Sílvio Romero, entre outros, defenderam o pensamento positivista com viés de supremacia racial. Esses pensadores assumiram essa perspectiva científica, a qual ganhou força no século XIX e avançou até meados do século XX no Brasil, ou seja, uma teoria importada da Europa, onde foi considerada o grande cientificismo aplicado a diversas áreas da sociedade, sempre com o viés político de dominação e justificativa dos atos do dominador cultural. Com isso, pode-se

[...] compreender certo número de coisas. Pode-se compreender, primeiro, o vínculo que rapidamente – eu ia dizer imediatamente – se estabeleceu entre a teoria biológica do século XIX e o discurso do poder. No fundo, o evolucionismo, entendido num sentido lato – ou seja, não tanto a própria teoria de Darwin quanto o conjunto, o pacote de suas noções (como: hierarquia das espécies sobre a árvore comum da evolução, luta pela vida entre as espécies, seleção que elimina os menos adaptados) –, tornou-se, com toda a naturalidade, em alguns anos do século XIX, não simplesmente uma maneira de transcrever em termos biológicos o discurso político, não simplesmente uma maneira de ocultar um discurso político sob uma vestimenta científica, mas realmente uma maneira de pensar as relações da colonização, a necessidade das guerras, a criminalidade, os fenômenos da loucura e da doença mental, a história das sociedades com suas diferentes classes, etc. (FOUCAULT, 2010, p. 216)

Com base nesse modo de pensar do colonizador, que buscou justificar os atos políticos por meio de explicação forçada em ideias da ciência biológica, intelectuais ligados ao pensamento hegemônico de regiões colonizadas perceberam uma forma de manter a organização político-social, pelo discurso em defesa de ideais de dominação que implicavam a

é que a raça e a inteligência, de certo modo, obedecem ao mesmo padrão de desenvolvimento. Foi um grande seguidor das ideias de David Hume (1711-1776).

² Euclides da Cunha (1866-1909) fez uso do cientificismo em sua obra, tal qual relata Antônio Candido: “[...] posto entre a literatura e a sociologia naturalista, *Os sertões* assinalam um fim e um começo: o fim do imperialismo literário, o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais importantes da sociedade brasileira típico exemplo da fusão, bem brasileira, de ciência mal digerida, ênfase oratória e intuições fulgurantes” (CANDIDO, 2000, p. 122).

³ Gilberto Freyre (1900-1987) teve sua formação superior nos Estados Unidos, na Universidade de Baylor, o bacharelado em Artes Liberais, o mestrado e o doutorado em Ciências Políticas na Universidade de Columbia. Sua obra mais conhecida, *Casa-Grande e Senzala*, foi publicada em 1933. É muito investigada pelo conceito de miscigenação defendida por Freyre, a segunda obra um pouco menos conhecida é *Sobrados e Mocambos*, publicada em 1936, na qual se nota um embate entre a tradição patriarcal e o processo de ocidentalização com a chegada dos europeus, bem como as ideias que tomam de assalto o país no século XIX. Freyre é um pensador complexo cuja obra apresenta muitas nuances, o que a torna atual.

naturalização dos atos de desumanização praticados para defender suas teses. A esse respeito, Schwarcz (1996, p. 162) informa que,

Na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, especialistas como Renato Khel advogaram a utilização de técnicas de eugenia e mesmo a esterilização de mestiços, sempre visando, nos termos da época, “aprimorar a raça”. Utilizando argumentos e práticas de higienização, os médicos cariocas, vitoriosos depois das campanhas públicas sanitárias e da erradicação da febre amarela, passaram a priorizar a formação de uma “boa raça”, incentivando alguns casamentos e limitando outros, impondo práticas e costumes, estimulando certos hábitos e criticando outros.

Podemos perceber, num primeiro momento, que os negros escravizados no Brasil ocupavam uma posição de desprestígio social, econômico, político e cultural, sendo fruto de um sistema histórico que demanda cautela ao ser examinado, uma vez que apresenta matizes de relações de poder que implicam um aprofundamento imbricado para entender as possíveis causas dessa conjuntura, escolhendo bem os elementos para interpretar essa complexidade. Por isso, julgamos necessário recorrer ao conceito desenvolvido por Chartier (1990): o de História Cultural ou Nova História Cultural. A definição de História Cultural surgiu com mais força a partir da Escola dos Annales, na França, por apresentar a possibilidade de identificar o modo como uma realidade social é construída, pensada, dada a ler. Para Burke (1992, p. 11), “a base filosófica da nova história é a ideia de que a realidade é social ou culturalmente constituída”.

Primeiramente, situamos que toda a discussão realizada até o momento está inserida no contexto do Brasil em transição, do Império para a Primeira República, em especial no campo científico e político-social, defendida por uma parcela de pensadores que detinham uma situação de prestígio social. Explicitado esses fatores, é possível avançar no tema das possibilidades encontradas pelos agentes que ocupam a periferia do campo para vislumbrar possibilidades e romper com essa dinâmica.

1.2 O cenário literário, a imprensa e seus agentes

O exemplo de Maria Firmina dos Reis (1822-1917)⁴ ilustra bem a tensão existente nos séculos XIX e XX. A escritora publicou *Úrsula* (1859), um romance sobre escravidão, sendo

⁴ Maria Firmina dos Reis (1822-1917) foi uma escritora negra que publicou o romance *Úrsula* (1859) e o conto “A Escrava” (1887). Nasceu na Ilha de São Luís, no Maranhão, e era filha de mãe branca e pai negro, sendo registrada sob o nome de um pai ilegítimo. Foi também professora concursada na pequena cidade de Guimarães, província maranhense, mantendo em sua vida pública uma postura totalmente abolicionista.

ela negra, mulher e fora do centro intelectual, moradora do Maranhão, longe da badalação da corte no Rio de Janeiro. Maria Firmina escreveu uma história com personagens principais negros, com voz na narrativa, com entendimento da sua situação de escravo e escrava. E mais: apresentou escravos forros, tendo consciência dos ultrajes e desumanidades sofridos pelos seus “irmãos” vindos da África e agora cidadãos brasileiros cientes de sua invisibilidade social. Essas questões estão às claras em um romance escrito por uma mulher negra na periferia do Brasil.

A data de publicação de *Úrsula* se destaca quando a confrontamos com as narrativas consideradas abolicionista na literatura brasileira do século XIX. Por exemplo, Castro Alves publica seus poemas em *Navio Negreiro* (1869) e *Os escravos* (1883); Joaquim Manoel de Macedo publica *As Vítimas Algozes* (1869); Bernardo Guimarães, com o seu aclamado *A escrava Isaura* (1875), considerado o grande romance abolicionista por Antônio Candido e Alfredo Bosi; contemporâneo de Maria Firmina dos Reis, Aluísio Azevedo tem *O Mulato* publicado em (1881). Esses escritores entraram para a história da literatura brasileira como grandes autores que são, sobretudo com as obras consideradas abolicionistas. Maria Firmina, entretanto, foi relegada ao esquecimento, à invisibilidade e ao silenciamento de sua obra e de sua história como a primeira mulher negra, escritora e abolicionista do campo literário brasileiro. Os grandes críticos e historiadores da literatura simplesmente não escreveram uma linha sobre ela. Com isso, é possível notar que a história é um construto social, pensada e repensada, que trilha caminhos diversos, se entrelaçando com os interesses de uma determinada época, podendo ser sempre visitada e reinterpretada.

Os corpos dos escravizados relegados à esfera de objetos, coisificação, seres do mundo do trabalho braçal, visto como selvagem e inumano, são abordados em *Úrsula* como personagens cientes do que lhes foi tirado, pois há percepção da necessidade de reparação e restituição de identidade, a alma outrora retirada desse povo toma forma na voz dos personagens que povoam o romance *Úrsula*. Por exemplo, o personagem Túlio, negro recém-alforriado, expressa a consciência do seu lugar no mundo, como um desterrado que olha para o passado e afirma ter orgulho do seu sangue por saber que sua condição de escravizado não está ligada à ancestralidade, mas sim à liberdade roubada. Assim, o romance dá voz aos silenciados, resgata os invisibilizados da história social, cultural e política do mundo, reinterpreta uma dada leitura temporal, coloca no campo memorialístico a consciência de si pertencente à humanidade:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que

abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Dava-nos água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos. (REIS, 2018, p. 122)

Em vida, Maria Firmina dos Reis publicou o romance *Gupeva* (1861), o livro de poesias *Cantos à beira-mar* (1871), o conto *A escrava*, na revista maranhense em novembro de 1887, duas crônicas em jornais da capital maranhense, e ainda escreveu sete composições musicais, entre elas o Hino à liberdade dos escravos, composto por ocasião do dia 13 de maio de 1888. A canção expressa o posicionamento da autora em relação à escravidão imposta aos negros no Brasil (REIS, 2017, p. 437):

Salve Pátria do progresso!
Salve! Salve Deus a Igualdade!
Salve! Salve o Sol que raiou hoje,
Difundindo a Liberdade!

Quebrou-se enfim a cadeia,
Da nefanda Escravidão!
Aqueles que antes oprimias,
Hoje terás como irmão!

A esse respeito, Fonseca (2006, p. 130) afirma que essa marca indelével que o africano, escravizado pela colonização, trouxe para o Novo Mundo funcionou como um emblema identitário que, legitimado como garantia do domínio do colonizador, apagava todas as outras informações trazidas sobre sua cultura de origem, seus costumes, suas crenças e modos de perceber o mundo. A cor da pele definia, portanto, os traços de uma diferença que se referendava pelo corpo posto em exclusão.

São essas marcas da diferença, que Maria Firmina trabalhou de forma denunciativa em seus escritos, que acompanham os cidadãos brasileiros, particularmente os negros, e os instigam a tensionar o corpo social no tocante a seus direitos de ser, estar no mundo, participar dele e transformá-lo. Toda a situação explicitada até aqui serve de base para entendermos como os negros advindos dessa realidade posta ao longo de mais de três séculos de negação se reinventam para fazer parte atuante na transformação da sociedade brasileira.

No final do século XIX e início do XX, a reinvenção ocorreu por meio dos discursos proferidos por aqueles que tiveram a oportunidade de romper o silêncio, apesar da condição atávica de negros. Importantes personalidades, os chamados “homens livres de cor”, são

protagonistas que propuseram outro debate sobre política, sociedade e cultura. A pesquisadora Ana Flavia Magalhães Pinto (2014) destaca o legado deixado por pensadores como Ferreira de Menezes, Luiz Gama, Machado de Assis, José do Patrocínio, Ignácio de Araújo Lima, Arthur Carlos e Theophilo Dias de Castro, os quais pregavam um Brasil diverso em contraponto às teorias então vigentes. Ao acompanhar a trajetória dos pensadores negros da segunda metade do século XIX, a pesquisadora observou a formação de uma classe de intelectuais em torno da questão racial:

Conforme fui avançando na reunião e na leitura das fontes, pude perceber uma série de articulações diretas e indiretas existentes entre eles. Compartilhando espaços semelhantes, muitos deles não apenas souberam da existência um do outro, como também desenvolveram ações conjuntas. Havia fortes laços, ainda que dados em linhas rotas, a aproximá-los. Diante das inúmeras evidências, deixou de fazer sentido a construção de uma narrativa que os tratasse separadamente. (PINTO, 2014, p. 3)

O fato observado aponta para a formação de um grupo que tensionou o campo das ideias vigentes na época. Os escritores que tinham algum espaço na imprensa voltaram-se para a questão abolicionista. Apesar de terem formações diferentes, mas ocuparem o mesmo espaço no campo intelectual e situações distintas de prestígio social, assumem uma narrativa em torno da pauta escravagista, e essas abordagens convergiam para colocar em xeque conceitos de branqueamento da sociedade brasileira, negar a ideia de inteligência inferior dos negros, exigir garantia de direitos sociais, políticos e econômicos para essa população e debater a ideia de hegemonia branca imposta no Brasil da época. Em outras palavras,

À luz das especificidades da experiência brasileira, os documentos consultados no decorrer da pesquisa apontaram para a necessária e urgente ampliação das investigações sobre conflitos entre “raças” vivenciados a partir de identidades raciais instáveis e/ou negadas. Se no âmbito da escravidão o problema não se resolvera com a substituição da palavra “operário” pela “escravo”; também aqui a questão não poderia se limitar à troca da categoria “classe” por “raça”. Em vez disso, o desafio que se colocou foi o de seguir os vestígios das várias instabilidades geradas pelo complexo cruzamento entre ambos os vetores na formação dos grupos e hierarquias sociais oitocentistas. (PINTO, 2014, p. 2-3)

Instauram-se novos paradigmas diante da questão brasileira quanto à nação, identidade, miscigenação, etnias e o conceito de classe social. Contexto fértil para o surgimento de outros agentes nos anos seguintes, os quais reforçam a necessidade de se firmar uma sociedade brasileira forjada na tensão das três raças fundantes do país. Podemos destacar o papel da imprensa negra, com pautas de afirmação da identidade, denunciativa e informativa das questões ligadas ao racismo na sociedade brasileira, veículos difusores dessas ideias que estão

presentes na mídia desde 1833, com o periódico *O Homem de Cor*, mas também os *Brasileiro Pardo* e *O Cabrito*, de 1834, os três do Rio Janeiro. Em São Paulo, circulava *A Pátria*, de 1889, *O Progresso*, de 1899, *O Clarim d'Alvorada* (1924-1932), o *Progresso* (1928-1931), *A Voz da Raça* (1933-1937) e *Novo Horizonte* (1946-1961). Circulava no Nordeste, *Realidade Constitucional ou Dissolução Social*, de Recife (PE), em 1876. Em Porto Alegre, publicou-se o *Jornal Exemplo* entre 1892 e 1930.

Outra organização importante foi a *Frente Negra Brasileira*, associação político, cultural, recreativa e beneficente fundada em 1931 em São Paulo, instituição que se estruturava em departamentos de educação, cultura e política com a entrada nas discussões nacionais sobre o tema, devido à sua notoriedade e força política. Foi extinta em 1937, por decreto do então presidente Getúlio Vargas. Entre 1944 e 1968, a discussão sobre o negro na sociedade brasileira foi pautada também pelo Teatro Experimental do Negro com o professor, pesquisador e homem de teatro Abdias do Nascimento. Em 18 de junho de 1978, surgiu em São Paulo o Movimento Unificado Contra a Discriminação Étnico-Racial (MUCDR), rebatizado de Movimento Negro Unificado (MNU).

Todo esse movimento de contestação do sistema político, social, cultural e econômico vigente foi o que possibilitou ampliar a discussão sobre a necessidade de recontar, reconstruir e reinventar a história do povo negro brasileiro. Isso só foi possível porque passou pelo viés educacional, além das tentativas do movimento como um todo de colocar a questão em pauta desde a oficialização do fim da escravidão.

Em 1977, Abdias do Nascimento colocou a questão do ensino de cultura africana em pauta no Segundo Festival Mundial de Artes e Culturas Negras e Africanas, realizado em Lagos (Nigéria), entre 15 de janeiro e 12 de fevereiro de 1977. Nesse festival, Abdias do Nascimento foi o pivô de uma polêmica por conta da não aceitação da apresentação do seu trabalho *Democracia Racial no Brasil: Mito ou Realidade?*. Por essa razão, esteve no festival apenas na situação de participante e ouvinte, mas sem poder de voto ou recomendações e deliberações no evento. Abdias propõe, então, a redação de um documento que ele havia pensado em apresentar no festival na condição de delegado:

5. O Colóquio Recomenda:

Que o governo brasileiro, no espírito de preservar e ampliar a consciência histórica dos descendentes africanos da população do Brasil, tome as seguintes medidas:

- a. Permita e promova livre pesquisa e aberta discussão das relações raciais entre negros e brancos em todos os níveis: econômico, social, religioso, político, cultural e artístico;

- b. promova o ensino compulsório da História e da Cultura da África e dos africanos na diáspora em todos os níveis culturais da educação: elementar, secundária e superior;
- c. inclua informações válidas com referência aos brasileiros de origem africana em todos os censos demográficos, assim como em outros indicadores tais como: natalidade e morte, casamento, crime, educação, participação na renda, emprego, mobilidade social, desemprego, saúde, emigração e imigração;
- d. demonstre seu muito autoproclamado interesse e amizade à África independente, concedendo ativo apoio material, político e diplomático aos legítimos movimentos de libertação de Zimbábue, Namíbia e África do Sul. (NASCIMENTO, 2016, p. 38)

Ao observar as propostas, Abdias notou também que os países de fora do continente africano não estavam contemplados. Assim, como brasileiro empenhado na luta antirracista e de promoção de igualdade racial em seu país, lançou uma nova proposta:

26. Que os governos dos países onde exista significativa população de descendência africana incluam nos currículos educativos de todos os níveis (elementar, secundário e superior) cursos compulsórios que incluam História Africana, Swahili e História dos Povos Africanos na Diáspora. (NASCIMENTO, 2016, p. 39)

Observamos, na proposta do professor Abdias, o tema da educação composta por Ensino Básico e Ensino Superior, sendo que este último é o objeto da nossa pesquisa, aparece pontuado no contexto da história e cultura africana, tema que analisamos no que tange às Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, sua presença e seu significado nos currículos de Letras. Salientamos que todo o processo de militância e contestação de hegemonia perpassa por diversos setores, visto que todo o debate em torno da situação do negro brasileiro desembocou no debate sobre educação, em especial as práticas educacionais voltadas às relações étnico-raciais. No entanto, precisamos salientar que

[...] o conhecimento nascido na luta não avança de modo isolado, entra em diálogo com muitos outros conhecimentos, nomeadamente com o conhecimento acadêmico produzido nas universidades e centros de pesquisa. Aliás, os militantes e líderes dos movimentos, de que ela é um exemplo destacado, operam frequentemente a tradução intercultural entre o conhecimento nascido na luta e o conhecimento acadêmico, com vista a construir novas configurações cognitivas e políticas. Designo essas constelações de ecologia de saberes. (SANTOS, 2017, p. 11)

As temáticas étnico-raciais não podem estar apartadas das discussões acadêmicas no Brasil, conforme chamou a atenção Abdias do Nascimento em 1977, pois a valorização da cultura africana como caminho para a superação do racismo tem exigido há tempos uma posição das universidades brasileiras. Na segunda metade do século XX, a Universidade de São Paulo, em sua Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), inaugura o Centro

de Estudos Africanos, criado nos anos 1960 por iniciativa do professor Fernando Augusto Mourão, com estudos voltados para área de Sociologia e História dedicados à pesquisa e ao ensino de aspectos das culturas dos países africanos. Em 1979, temos uma iniciativa para o ensino de história e cultura africana atrelado às Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na mesma universidade, fazendo com que outras instituições de ensino superior aderissem ao tema.

1.3 As Literaturas Africanas no campo universitário

Na Universidade Estadual Paulista (Unesp), no curso de Letras da Faculdade de Ciências e Letras câmpus de Assis, o estudo das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa iniciou-se nos anos 1990. É essencial saber como foi esse início, quais forças possibilitaram a existência dessa disciplina mais de um século após a declaração do fim da escravatura no Brasil, quais dificuldades, resistências e aberturas sofreu o currículo para absorver essa disciplina, quais agentes atuaram para que o fato ocorresse, quais foram as relações de força que estruturaram a organização dessa disciplina naquele momento, qual era o contexto sociocultural brasileiro e mundial ligado aos estudos das literaturas africanas, entre outras. Mostra-se fundamental refletir sobre esses pontos, porque

As disciplinas, organizando as “celas”, os “lugares” e as “fileiras”, criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos. São espaços mistos: reais, pois regem a disposição de edifícios, de salas, de móveis, mas de ideais, pois se projetam sobre essa organização caracterizações, estimativas, hierarquias. (FOUCAULT, 2014, p. 145)

Diante da abordagem foucaultiana de disciplina, com suas ideias, organização, hierarquias e temporalidade, neste subcapítulo nós voltamos para o campo acadêmico em um panorama amplo, a fim de entender as forças externas ao âmbito universitário assisense, ações em torno do ensino de literaturas e a criação de disciplinas sobre essa temática em outros países.

Interpretar o cenário universitário brasileiro através de um recorte do currículo da Unesp-Assis mostra-se uma tarefa desafiadora, uma vez que a universidade pública influencia direta ou indiretamente o comportamento dos agentes da população brasileira. É nesse campo que a pesquisa pode ser frutífera ao realizar o exame histórico das materialidades e das práticas discursivas, como ações simbólicas do meio social, científico e político brasileiro. Isso implica

analisar os currículos de literaturas africanas, bem como seu ensino na perspectiva empírico-interpretativa dos discursos que circulam na área das teorias literárias para apreender quais são as representações dos agentes do campo, os agentes que trabalham com a literatura africana e os agentes que atuam com as outras literaturas de estudos clássicos na academia brasileira.

Assim sendo, começamos entendendo por dentro a história das práticas discursivas e a raiz das representações que pautam os interesses múltiplos e contraditórios no tocante ao lugar da Disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa em universidades brasileiras.

A experiência do professor Fernando Augusto Mourão atrelada ao interesse da professora Maria Aparecida Santilli em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa levou à criação da disciplina Literaturas dos Países Africanos de Língua Portuguesa dentro do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (USP) em 1979, a princípio em um curso de pós-graduação. Essa iniciativa criou um ambiente favorável para outras universidade, como a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), criarem a disciplina na pós-graduação na década de 1980. Em seguida, a pesquisadora Laura Cavalcanti Padilha iniciou a discussão sobre Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Universidade Federal Fluminense (UFF), também na década de 1980 e na pós-graduação daquela instituição. Da mesma forma que as universidades citadas, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) ofertou o curso de pós-graduação nessa área, com o professor Alfredo Margarido, um pesquisador de literaturas africanas ligado à Universidade de Lisboa.

Para um número expressivo de professores brasileiros, sobretudo a partir da década de 1970 e graças ao trabalho pioneiro de pesquisadores como Fernando Mourão e Maria Aparecida Santilli, da Universidade de São Paulo, dentre outros, a questão de trazer a África para nosso universo acadêmico tinha muito a ver com teimosia, esperança e desejo de dar concretude ao quase impalpável sonho de conhecer melhor e fazer também conhecer a face africana de nossa formação cultural. Como combinado, tal face foi por muito tempo escondida por pesados véus de silenciamento, sempre mais perverso, por ser indireto, do que o colonialismo clássico, aqui pensado com Amílcar Cabral (1980, p. 31-38). Por tais artes e manhas a cultura brasileira ocidentalizou-se, europeizando-se quase totalmente. (PADILHA, 2012, p. 16-17)

Esse cenário brasileiro tornou-se possível devido ao cenário internacional voltado aos estudos das literaturas africanas de diferentes colonizações e contexto de estudos realizados nos anos de 1950 e 1960, notadamente em países como Senegal, que em 1962 realizou um colóquio sobre ensino de Literaturas Africanas na Universidade de Dakar, onde foi fundado um departamento para essa disciplina. Em seguida, a Universidade de Nairóbi (Quênia) criou seu Departamento de Línguas e Literaturas Africanas no final dos anos de 1960, mesmo período que a Faculdade de Letras da Universidade de Lovanium de Kinshasa e a Universidade do

Congo Democrático (República Democrática do Congo), a Universidade de Ibadan (Nigéria), a Universidade de Makerere (Uganda), entre outras (KANDJIMBO, 2012). Todo esse processo ocorreu por efeito da emancipação política desses países, que até então eram colônias da França, Alemanha, Bélgica e Grã-Bretanha:

Nos países africanos de língua inglesa, o mais expressivo sinal de mudança produziu-se com um texto datado de 1968, subscrito por três autores originários da África Oriental, através do qual defendem a abolição do Departamento de Inglês da Universidade de Nairobi e a criação do Departamento de Línguas e Literaturas Africanas (WA THIONG'O, 1982, p. 145-150). Tal como diz Biodun Jeyifo, "the constitution of African literary study as a legitimate academic discipline with certified degrees and professional specialization began in African, not in Europe or America" (JEYIFO, 1990, p. 43-45). Pode dizer-se que o centro inaugural de gravidade de um ensino sério das Literaturas Africanas está situado em África. Ao apresentar as conclusões do inquérito sobre o ensino de Literaturas Africanas nas universidades dos países africanos de língua inglesa, Bernth Lindfors observa que a descolonização dos estudos literários na África estava em curso e em estado bastante avançado. Nota que dos 194 cursos selecionados em 30 universidades do universo de 14 países, a mostra representava cerca de 60% do número total de cursos em que se inscrevem 226 autores. (KANDJIMBO, 2012, p. 42).

Sublinhamos o fato de o fenômeno dos estudos sobre as literaturas africanas ser de matriz africana, uma vez que existe um discurso corrente sobre a dependência intelectual dos países desse continente. Assim, é preciso resgatar a ideia de definição contraditória que forja identidades (CHARTIER, 1990), para colocar o debate no seu devido lugar histórico, processo inerente à tarefa de pesquisador. Portanto,

A conclusão a que chega o referido investigados permite sustentar a ideia de que as literaturas africanas ocupavam um lugar significativo nos programas dos Departamentos de Inglês, Departamentos de Literaturas Africanas ou Departamentos de Línguas Europeias (LINDFORS, 1995, p. 45-49). Esses indicadores estatísticos fornecem um quadro que reflete, provavelmente, de igual modo a situação dos países de língua francesa. Efetivamente, a investigação e o ensino das Literaturas Africanas tinham alcançado níveis sem precedentes, especialmente no que diz respeito à sua inconstitucionalização acadêmica. Ignora-se, no entanto, e com alguma razão, o que se passa nos países africanos de língua portuguesa. (KANDJIMBO, 2012, p. 42-43).

O interesse pelas literaturas africanas tem aumentado em vários países, por isso destacamos a iniciativa do professor Russell G. Hamilton com seus estudos sobre Literaturas Africanas, primeiramente na Universidade de Minnesota (EUA) na década de 1970 e, a partir de 1984, na Universidade de Vanderbilt (EUA), onde funda os estudos sobre as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. O Professor Hamilton foi um grande colaborador nesta área no Brasil, onde inclusive fazia residências em universidades e promovia cursos sobre o tema de sua especialidade.

No que tange à língua portuguesa, assinalamos o professor Manuel Ferreira, que fundou a disciplina Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa em 1974, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. No Brasil, foi criada a disciplina na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) no final da década de 1970 pela professora Maria Aparecida Santilli. Devido aos interesses dos estudiosos portugueses e a questões referentes à língua, Portugal saiu na frente com um número expressivo de intuições abarcando os estudos das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa:

Manuel Ferreira notabiliza-se como o responsável pela introdução da disciplina de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1974. Seguiram-se as Faculdades de Letras da Universidade do Porto em 1975, pela mão de Salvato Trigo, em 1980, as Faculdades de Letras da Universidade de Coimbra e da Universidade Nova de Lisboa. A sua institucionalização ocorreria em 1978, através do Decreto-Lei n. 53/1978, de 31 de maio, e do Decreto-Lei n. 75/1984, de 27 de novembro. Os primeiros mestrados e doutorandos foram criados nos anos de 1980 pelas universidades em que se lecionava a disciplina do nível de licenciatura. (KANDJIMBO, 2012, p 45-46).

Na esteira do movimento em torno dos estudos literários ligados às literaturas africanas na África colonizada por Portugal, a academia brasileira também iniciou o debate. Porém, é importante marcar que a disciplina Literatura Africana surgiu no Brasil em um período de repressão política, com um grande número de pessoas fora da educação, com uma minoria da população que tinha acesso ao Ensino Superior e com um grande contingente de pessoas negras que não se declaravam negras, mas sim pardas ou morenas e se viam totalmente fora das discussões de identidade étnico-racial, com isso, o apoio era exclusivamente dos movimentos negros espalhados por todo o Brasil. Na contramão, havia as críticas severas em relação a qualquer tema que abordasse algo diferente das pautas hegemônicas em nosso país:

Um breve olhar para um passado não tão distante assim – fins dos anos 60 e 70 – ajuda-nos a lembrar as reações que os primeiros pesquisadores dessas literaturas encontraram em seu caminho. A mais comum era a acusação de panfletarismo levantada contra os textos africanos de cuja literariedade abertamente se desconfiava. Tal se dava a partir do fato mesmo de que se faziam por demais evidentes os contrafortes contra ideológicos em que tais produções se sustentavam. Os especialistas emergentes, por sua vez, eram acusados de usarem o texto como pretexto para a discussão do próprio projeto político-ideológico brasileiro que oficialmente se alimentava nos soturnos porões da ditadura militar. A intervenção crítica era vista como um gesto que privilegiava o ideológico em detrimento do estético. Encarada como modismo transitório, tal intervenção significava, para os estamentos de poder, cujos tentáculos se estendiam ao universo acadêmico, uma espécie de nuvem também passageira que logo se desfaria no céu azul da ordem Canônica. Assim, estudar ou ler criticamente as literaturas africanas era, em certa medida, participar do jogo dos excluídos da história (PERROT, 1998). A rebelião desse modo começava a dar seus primeiros e incipientes passos e tensamente enfrentava a obediência que até então reinava absoluta, desestabilizando-a, sem anulá-la de todo. (PADILHA, 2002, p. 332)

No Brasil, o ensino de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa enfrentou desde o início as propriedades do campo acadêmico, como abordar as literaturas canônicas, deter-se sobre a cultura europeia e dedicar-se ao ensino e à pesquisa dos grupos hegemônicos dentro da universidade. Além disso, temos atrelados ao desprestígio das temáticas relacionadas ao continente africano, a desvalorização como área/disciplina acadêmica e o baixo interesse da população pela temática em si. Esse cenário começou a mudar por conta das ações de alguns agentes de fora e de dentro da academia que, na esteira dos acontecimentos sociais iniciados nas décadas de 1960 e 1970, forçam o debate sobre a necessidade de repensar as epistemologias hegemônicas.

Em seu ensaio *Quinhentos anos – Povos e descobrimento: Ao encontro da alteridade*, Santilli (2003) nos situa no entendimento do processo de representação do brasileiro em relação à própria identidade cultural truncada pelo processo de colonização que forja a memória de um tempo que determina as práticas no seio da sociedade brasileira. A pesquisadora retoma a ideia de colonização e o princípio das três raças para exemplificar o contexto dos estudos de literaturas:

Em se tratando de poética da identidade, pessoal/nacional entre brasileiros africanos, vale começar pelo que é hoje lugar-comum no tratamento de questões históricas em que se contextualiza. É pertinente lembrar que, à sua libertação política, era inerente a necessidade que esses povos manifestaram de determinar, por si próprio, os atributos especiais ou específicos, pessoais ou coletivos, pelos quais se marcariam inconfundivelmente. Assim reconheceram-se e, em decorrência, explicaram-se na definição de si mesmos em suas várias culturas, constitui-se uma aspiração generalizada e registrada em diversas formas de desvelamento, aspiração que passou pela literatura nos *topoi* da identidade pessoal ou nacional. O longo período de gestão estrangeira que truncou o processo de vida próprio ou espontâneo das nações brasileiras e africanas compeliu-as a uma espécie de amnésia conjunta de suas tradições autóctones o que acabou por gerar, na resistência cultural sua, o reverso, isto é, a busca, o resgate de uma memória coletiva, a partir de denominadores comuns que levassem ao próprio pessoal ou nacional. (SANTILLI, 2003, p. 73-74)

A partir do recorte de 20 anos embasado na história cultural, interessa-nos saber quais representações e quais concorrências existiam nos anos de 1998 a 2018, recorte temporal escolhido para analisar os documentos que compõem o *corpus* de referência, com o intuito de perceber as correlações de força enunciadas nos Programas da disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Unesp-Assis e situar o papel dos agentes como elaboradores de cultura, em um ambiente com práticas culturais conflitantes, a fim de explorar as representações presentes por meio das ementas redigidas pelos professores, das bibliografias e autores elencados. Para tanto, a ideia de mundo social, representação, memória, práticas e cultura são fundamentais para esta pesquisa:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: Produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso, esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. (CHARTIER, 1990, p. 17)

No que diz respeito à Literatura, esta é uma área do saber ligada às artes e à formação estética, ética, psíquica, educacional e emocional, por isso tudo, é uma importante produtora de cultura ligada à categoria básica das necessidades humanas. A Literatura perpassa categorias de poder em várias instâncias da sociedade, sendo definidora de civilizações desde o início do mundo, dentre tantas outras possibilidades dessa grande área da cultura. A Literatura forja pensamentos, concepções de mundo e sempre trabalha com a memória; é a *energia social*⁵, ou seja, é um motivo suficiente para instaurar a disputa em âmbito acadêmico em que deixa de ser a “Literatura” e passa a ser as literaturas, confrontadas no jogo acadêmico, em busca da centralidade, que será determinante para uma em detrimento da outra.

No cenário brasileiro, há “concorrência e competição” entre as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e as Literaturas Brasileira e Portuguesa, além de outras literaturas de prestígio a observar quase sempre europeia (espanhola, inglesa, francesa, italiana, alemã etc.) para ficarmos nas mais evidentes nos cursos de Letras no Brasil. Além disso, é preciso observar que as literaturas africanas ficam relegadas às optativas ofertadas em instituições de ensino, que fazem suas escolhas pautadas em critérios alheios à legislação e/ou ao princípio histórico e social de valorização dos estudos literários. Há também as escolhas individuais de docentes que militam em prol das literaturas africanas no território das literaturas que deve(ria)m constar nos currículos universitários.

A esse respeito, vale a pena examinar os artigos das professoras Laura Cavalcante Padilha, *O ensino e a crítica das literaturas africanas no Brasil: um caso de neocolonialidade*

⁵ Stephen Jay Greenblatt (1943-) é um crítico e teórico literário inglês, que desenvolveu a ideia de “energia social” como a capacidade da obra literária de criação estética e transformadora das percepções e experiências dos leitores ou espectadores.

e enfrentamento (2010); Tânia Macedo, *O Ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Brasil: algumas questões* (2010); e Carmem Lúcia Tindó Secco, *Construção e reencontro – o ensino e a pesquisa das literaturas africanas nos cursos de Letras* (1997). Nesses textos, são aventadas as problemáticas de desvalorização da disciplina Literaturas Africanas desde a nomenclatura irregular, a ausência de professores da disciplina nas universidades, a oferta em poucas instituições, dentre outras questões que são enfrentadas pelas Literaturas Africanas. Sendo assim, as pesquisadoras avançam a discussão ao elencar formas e possibilidades de implementar a disciplina no curso de Letras.

Ao longo da história da civilização ocidental, as sociedades formularam as próprias representações do mundo, um sistema de ideias e modelos que criam a representação coletiva de uma sociedade, levando a uma ideia de realidade cultural, social e política do mundo que desemboca em identidades (BRAUDEL, 2014). No Brasil, isso ocorre com a marca forte da colonização, em perspectiva negacionista dos membros da sociedade com relação ao passado. As representações dos agentes estão atreladas ao tempo histórico por eles vivido, deste modo, para examinar as questões que nossa pesquisa coloca, é imperativo nos atentar aos momentos e discursos de cada época investigada para depreender a maneira com que são enunciadas as representações.

Conforme Chartier (1990) expressa, as percepções não são neutras no mundo social. Ao longo do tempo, são criadas formas de ler o mundo, ideias são impostas, contrapostas e o tecido social se ajusta ou se transforma sempre num movimento de disputas colocadas pelo poder de um grupo ou indivíduo com a intenção de criar um discurso aceito para gerir um campo, seja ele social, político, econômico ou cultural.

Posto isso, o presente trabalho recorre às representações para investigar as concorrências e desvelar os mecanismos acadêmicos no tocante à existência dessa literatura nos currículos de Letras, em especial na Faculdade de Ciências e Letras-Assis.

Ao verificar a fundação da instituição, que já passa dos seus 60 anos, muito se revela para entendermos as questões referentes ao trabalho com Literatura no câmpus. A Faculdade de Ciências e Letras-Assis, situada na região Oeste do Estado de São Paulo, foi criada em 1958, época em que era conhecida como Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL). Sua criação se deu no seio da política de expansão do ensino superior no Estado de São Paulo.

Entre 1957 e 1964, seis câmpus foram inaugurados: FFCL de Araraquara, Assis, Marília, Presidente Prudente, Rio Claro e São José do Rio Preto. Quanto ao câmpus de Assis, designou-se uma equipe de professores da USP para auxiliar nas questões administrativas e acadêmicas da nova instituição. Logo na fundação, a recém-criada FFCL contou com Antônio

A. Soares Amora e Antônio Candido entres os fundadores: o primeiro foi sondado pelo então Deputado Estadual José Santilli Sobrinho, esposo da professora Maria Aparecida Santilli, à época professora de ensino primário e que fora aluna do professor Soares Amora na USP, comentou com o marido sobre a competência do professor para assumir a direção da faculdade; o segundo, Antônio Candido, foi a convite de Soares Amora, tornando-se o primeiro professor de Literatura Brasileira da instituição por dois anos. Esse período é relatado em nota da 3ª edição de *O observador literário* (CANDIDO, 2004), onde destaca que a obra só foi possível graças ao tempo que lecionou a disciplina na Unesp entre 1958 e 1960.

A participação desses intelectuais e o envolvimento da professora Maria Aparecida Santilli operam como uma marca memorialística importante para a compreensão do nosso trabalho, visto que

A atual Faculdade de Ciências e Letras - UNESP, Câmpus de Assis, teve sua origem em 1956, com a aprovação, pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, do Projeto de Lei do então Deputado José Santilli Sobrinho. Em fevereiro de 1957 foi promulgada a Lei Estadual 3826, que criou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis - Instituto Isolado de Ensino Superior, cuja inauguração deu-se em 16 de agosto de 1958.

Com o objetivo inicial de formar pesquisadores para atuarem no Ensino Público, antigos cursos Ginásial e Colegial, numa região à época carente de profissionais portadores de curso superior, e também visando formar pesquisadores e profissionais para o ensino superior, o Instituto Isolado foi instalado em março de 1959 e reconhecido pelo Decreto Federal 45.263/59.

Em janeiro de 1976, pela Lei 975, criou-se a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP, que congregou todos os antigos Institutos Isolados do Estado de São Paulo. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, pois, enquanto Instituto Isolado de Ensino Superior, perdeu personalidade jurídica de autarquia e passou a integrar a UNESP como Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis (ILHPA). Posteriormente, passou a denominar-se Faculdade de Ciências e Letras de Assis (FCL-Assis).

Hoje, a FCL-Assis oferece cinco cursos de graduação (Ciências Biológicas, Engenharia Biotecnológica, História, Letras e Psicologia) e programas de pós-graduação nas áreas de Biociências (Mestrado), História (Mestrado e Doutorado), Letras (Mestrado e Doutorado) e Psicologia (Mestrado e Doutorado).⁶

O empenho da professora Maria Aparecida Santilli, ainda que nos bastidores, foi primordial para a fundação da FCL-Assis, um trabalho voltado para a educação dessa intelectual na cidade de Assis, em um primeiro momento com a educação básica e, mais tarde, colaborando para a efetivação da Faculdade em sua cidade com a qualidade pedagógica devida. Tudo isso comprova a mulher dedicada à causa do ensino público no Estado de São Paulo, ressaltando seu “pioneirismo frente a Universidade de São Paulo na década de 1970”:

⁶ Disponível em: <https://www.assis.unesp.br/#!/instituicao/>. Acesso em: 17 dez. 2021.

No início dos anos 70, se destacam duas rotas, abertas pela professora Cida Santilli, e que deram origem a bons fluxos: sua atividade como membro da direção do Cedal – Centro de Documentação para a América Latina, da USP, – e a abertura de uma nova área de estudos – a disciplina de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, no âmbito do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Foram duas áreas pioneiras, nas águas revoltas dos tempos de ditadura. Na direção do Cedal, conseguiu aproximar para pesquisa, cursos e conferências especialistas em várias áreas de ciências humanas. A constituição da disciplina de Literaturas Africanas constituiu, então, um gesto atrevido, pioneiro, pois nenhuma universidade brasileira havia até então tomado essa decisão. (ABDALA JUNIOR, 2002, p. 11)

Nas palavras de Abdala Junior, um dos primeiros orientandos da professora Santilli, depreendemos a força de sua contribuição histórica com o registro na memória educacional e acadêmica, de tal maneira que nos leva a examinar o currículo de Literatura da Instituição que a referida pesquisadora ajudou a constituir no interior de São Paulo. Essa marca memorialista torna esta pesquisa possível e tantas outras no campo universitário nacional.

Entre os eventos ligados à afirmação e problematização dos estudos da área de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, dois deles assumem um papel relevante para o debate da situação da disciplina frente à ortodoxia das universidades brasileiras:

- O I Encontro de Professores das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Universidade Federal Fluminense. Com representantes de diversos países, as publicações em anais das conferências desse evento ecoam até hoje na formulação de currículos para a disciplina de africanas;
- Em 1995, ocorreu o I Seminário das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro, outro momento para discutir os avanços nessa área de estudos e pensar novas perspectivas para inserir a disciplina em outras universidades brasileiras, bem como discutir questões teóricas do campo literário.

Com isso,

Sua equiparação às demais literaturas em português, seu reconhecimento, é agora uma questão eminente que cumprirá levar à condição de iminência. Falamos de um tempo ainda de legitimação porque nas três centenas de cursos de Letras no país, apenas em cerca de uma dezena deles, talvez, se cogitou de pô-las em sua programação e, ainda assim, fora do currículo das disciplinas básicas dos cursos de Letras. (SANTILLI, 1985, p. 304).

A fala de Santilli revela o engajamento com as disciplinas e as resistências impostas pelo campo acadêmico no Brasil. Anos depois, a questão ainda é colocada em debate no evento de 1991, como o processo de mudança de paradigma tem sido lento no tocante ao trabalho com as Literaturas Africanas no Brasil:

Olhar retrospectivo, abarcando quase uma década e meia (dos fins dos anos setenta até hoje) dos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa entre nós, o que sem dúvida revela-nos importantes etapas vencidas e, como não poderia deixar de ser, indica que ainda outros maiores trabalhos e desafios estão a caminho. (MACEDO, 1995, p. 275)

Em meio a esse panorama de tensionamento das práticas hegemônicas no campo acadêmico brasileiro, a disciplina de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa entra para o rol da optativas na Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Embora esteja atrelada à disciplina Literatura Portuguesa, a sua oferta por si só já chama a atenção, uma vez que a disciplina era lecionada na USP, situada na capital paulista. Interiorizar a disciplina foi uma ação de vanguarda da FCL-Assis, ainda mais levando em conta que a Unesp oferecia o curso de Letras em três campi: Araraquara, Assis e São José do Rio Preto, mas somente Assis inaugura essa frente ainda nos anos 1990; São José do Rio Preto adotou a disciplina apenas em 2015; e em Araraquara não consta a disciplina até o momento da conclusão desta pesquisa.

A iniciativa do câmpus assisense figura como um dos avanços citados pela professora Tânia Macedo, mas o processo ainda acontece de forma lenta e desigual, tendo em vista a dificuldade de sua aceitação por parte de grande número das universidades. A esse respeito, pode-se dizer que

O campo universitário reproduz na sua estrutura o campo de poder cuja ação própria da seleção e de inculcação contribui para reproduzir a estrutura. É na verdade no e por seu funcionamento como espaço de diferenças entre posições (e, da mesma maneira, entre as disposições de seus ocupantes) que se realiza, fora de toda intervenção das consciências e das vontades individuais ou coletivas, a reprodução do espaço das posições diferentes que são constitutivas do campo do poder. (BOURDIEU, 2019, p. 70)

Operar com as considerações de Bourdieu (2019) nos ajuda a entender por que poucos cursos de Letras contavam na sua programação a disciplina de Literaturas Africanas em 1984, o motivo de, em 1991, os desafios ainda serem grandes e os avanços tímidos. Compreender o funcionamento do campo acadêmico como estruturado em relações de disputas, tal qual um tabuleiro de jogos, onde vontades, habilidades, disposições, conhecimento e outros fatores estão em disputa para forjar esse espaço, e como lugar de prestígio social, cultural e econômico. Romper com o instituído demanda estratégias e entendimento do seu funcionamento para transitar em seu interior de forma a propor mudanças. Assim, os agentes que iniciaram o ensino de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa são oriundos do campo, conhecem as disposições dos demais agentes que ocupam e demandam o campo acadêmico, atuam em grande

maioria como professores de Literatura Portuguesa, disciplina de prestígio, estruturada no campo de Letras. O fato de pertencerem ao grupo, de conhecerem o *sens du jeu* e serem dotados de capital específico permite tensionar as discussões a fim de alargar o conceito de literaturas portuguesas, abarcando assim as literaturas produzidas em países africanos.

As disposições em torno do ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa são recentes, pois o ensino dessa disciplina está ligado à ideia recente de descolonização das antigas colônias portuguesas no continente africano. As Literaturas Africanas têm passado por um processo de independência das amarras da colonização, com isso, percebemos um ensino das africanas anexado, atrelado ao contexto histórico vivenciado pelas literaturas produzidas nas antigas colônias de Portugal. Trata-se de um processo de busca de identidade das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, o que demanda um tempo para galgar a independência do seu fardo português, para afirmar-se com autonomia no campo das Letras.

Propor a *heresia* como mudança de paradigma epistemológico da academia é de extrema importância em uma sociedade cuja população é majoritariamente constituída por descendentes dos povos africanos e cuja academia reproduz sistematicamente a cultura hegemônica. Ao fazer esse movimento, os professores pretendem deslocar uma posição histórica de subalternidade dos assuntos relacionados ao continente africano, situação desafiadora para a estrutura brasileira calcada em uma visão eurocêntrica de ciência. A esse respeito, recorreremos à seguinte observação feita por Bourdieu (2019, p. 83):

Homólogo do campo de poder, o campo universitário tem sua lógica própria e os conflitos entre as frações de classe mudam completamente de sentido quando se revestem da forma específica de um “conflito das faculdades” – para falar como Kant. Se os dois polos do campo universitário se opõem fundamentalmente segundo seu grau de dependência em relação ao campo do poder e às imposições ou as incitações que ele propõe ou impõe, as posições mais heterônomas nunca estão totalmente livres das exigências específicas de um campo oficialmente orientado para a produção e a reprodução do saber e as posições mais autônomas nunca estão completamente isentas das necessidades externas da reprodução social.

Conforme temos retomado ao longo deste capítulo, o campo do poder⁷ brasileiro impôs uma educação eurocêntrica em todos os níveis educacionais. Ao colocar essa ortodoxia em

⁷ Por esse termo, entendemos o campo de poder estruturado sobre o racismo, com base na reflexão de Jessé de Souza (2017, p. 11): “A primeira coisa a se fazer quando se reflete sobre um objeto confuso e multifacetado como o mundo social é perceber as hierarquias de questões mais importantes a serem esclarecidas. Sem isso, nos perdemos na confusão. A questão do poder é a questão central de toda sociedade. A razão é simples. É ela que nos irá dizer quem manda e quem obedece, quem fica com os privilégios e quem é abandonado e excluído”. Olhando por esse prisma, podemos aventar a hipótese de que tudo que se refere aos negros é excluído, apagado, esquecido; o oposto só ocorre com muita luta, militância e movimentos de resistência.

discussão no campo universitário, professores universitários são coagidos por grupos de organizações diversas, leis direcionadas ao campo educacional, intelectuais e demanda social e levados a problematizar a “produção e reprodução do saber” voltados ao interesse de um grupo dominante. Os agentes instauram um jogo que demanda novas regras, o que gera conflito de interesses e marcação de poder que extrapolam o muro universitário e reflete no seio social.

Para desvelar essas questões, lançamos mão dos programas de curso de Letras com recorte da Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Ao analisar esses programas, nosso intento é estabelecer a organização e a posição ocupada pela disciplina, como pertencente a uma estrutura hierárquica (BOURDIEU, 2001), bem como o conceito de representação, “[...] modo pelo qual em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída” (CHARTIER, 1990), para estudar as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa como uma disciplina universitária, apesar do contexto socio-histórico e cultural desfavorável, procurando explicitar as relações de ortodoxia e heterodoxia (BOURDIEU, 2019; 2002) dessa disciplina no campo da cultura literária.

2 A HISTÓRIA E A MEMÓRIA NOS PROGRAMAS DE CURSO DA FACULDADE DE CIÊNCIA E LETRAS-ASSIS

*Olha-me amor, atenta podes ver
Uma história de pedra a construir-se
Sobre uma história morta a esboroar-se*
Ruy Duarte de Carvalho

*A memória, como propriedade de conservar certas
informações, remete-nos em primeiro lugar a um
conjunto de funções psíquicas, graças às quais o
homem pode atualizar impressões ou informações
passadas, ou que ele representa como passadas.*

Jacques Le Goff (2001, p. 366)

Neste capítulo, analisamos o processo de criação da disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no curso de Letras da Faculdade de Ciências e Letras câmpus de Assis (FCL-Assis), com isso, visamos a desvelar as transformações da disciplina ao longo dos anos, as abordagens teórico-metodológicas empregadas nos programas, o conteúdo de literatura expresso no documento, os objetivos expostos, a bibliografia, as ementas, o tempo/duração do curso (se é anual ou semestral), a modalidade (se optativa ou obrigatória) e a regularidade da oferta.

Investigar os caminhos traçados para a constituição dessa disciplina na Unesp-Assis é uma forma de nortear a leitura documental, o contexto que possibilitou a inserção do tema no âmbito acadêmico assisense. Para esse fim, fizemos um recorte temporal, de 1998 a 2018, buscando aquilatar a discussão em torno do documento. Nesse sentido, contemplaremos ainda a importância do marco instaurado pela criação da disciplina, tendo em vista o contexto socio-histórico, pois é preciso depreender dos programas de curso as marcas da memória, os discursos elaborados nos itens que constituem a textualidade dos programas de ensino, o que representa as escolhas de cada agente ao construir bibliografias, objetivos e conteúdo. Desse modo, observaremos as mudanças ocorridas ou as manutenções ao longo dos 20 anos estudados.

Desde o final dos anos 1980, o Programa de Pós-Graduação da FCL-Assis tem abrigado pesquisas de mestrado e doutorado atreladas à disciplina Literatura Portuguesa, com temas dedicados às Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. No Quadro 1, fizemos um levantamento sucinto desses trabalhos entre os anos de 1989 e 2018:

Ano	Nível	Pesquisador(a)	Título da pesquisa	Orientador(a)
1989	D	Maria de Lourdes Zizi Trevizan Perez	A personagem cabo-verdiana: realidade e discurso. Diálogo da literatura de Cabo Verde com as literaturas do Brasil e de Portugal	Fernando Manuel de Mendonça
1993	D	Sérgio Paulo Adolfo	A ficção de Pepetela e a formação da angolanidade	Fernando Manuel de Mendonça
1995	M	Lucia Maria de Assunção Barbosa	Vozes de liberdade em voz de prisão de Manuel Ferreira: as conquistas de um narrador moderno	Suely Fadul Villibor Flory
1997	M	Layss Helena Teodoro Pinheiro Lopes	Luandino Vieira e Guimarães Rosa: uma leitura de <i>O último Quinzar do Makulusu</i> (Velhas Estórias) e de <i>Meu Tio O Iauaretê</i> (Estas Estórias)	Irene Jeanete Gilberto Simões
1999	D	Marisa Correa Silva	Partes da África: cartografia de uma identidade cultural portuguesa	Suely Fadul Villibor Flory
2000	M	Terezinha Juraci Machado da Silva	Literatura infanto-juvenil angolana e cinco autores contemporâneos	Tania Celestino Macedo
2001	M	José Marcel Lança Coimbra	Cabo Verde em revista: análise da primeira fase de <i>Claridade</i> (1936-1937)	Tania Celestino Macedo
2003	D	Layss Helena Teodoro Pinheiro Lopes	João Vêncio: os seus amores: escritura neopicaresca e angolanidade	Tania Celestino Macedo
2004	M	Leia Patrícia Camargos	A presença das literaturas portuguesa e africana de língua portuguesa no suplemento literário de Minas Gerais (1966-1988): indexação, coletânea de textos e banco de dados	Rosane Gazola
2005	M	Rosângela Manhas Mantolvani	Guerrilheiros, heróis, angolanos: as personagens de Pepetela	Tania Celestino Macedo
2010	M	Cibele Verrangia Correa da Silva	A narrativa de dois Joões: um diálogo sobre identidades	Rubens Pereira dos Santos e Ana Maria
2011	M	Lilian Barbosa	A oralidade em “Luuanda” de Luandino Vieira e “Alexandre e outros heróis” de Graciliano Ramos	Odil José de Oliveira e Rubens Pereira dos Santos
2012	M	Carla Alves de Carvalho	Versos, veredas e vadição: uma viagem no mundo da Capoeira Angola	Rubens Pereira dos Santos
2013	M	Clauber Ribeiro Cruz	O (re)nascer de uma nação: portagem e o destino de um mulato	Rubens Pereira dos Santos e Marcio Roberto Pereira
2014	M	Lidiane Moreira e Silva	As construções de identidades nacionais: as óticas poéticas de Agostinho Neto e Fernando Pessoa	Rubens Pereira dos Santos
2014	M	Ana Maria Lange Gomes	Processos culturais e literários na configuração das personagens Brás Cubas e Napumoceno	Rubens Pereira dos Santos
2014	D	Fabiana Miraz de Freitas Grecco	Casa de silêncio, mar de solidão: o espaço literário nos contos de Orlanda Amarílis e de Sophia de M. B. Andresen	Rubens Pereira dos Santos
2014	M	Bruna Carolina de Almeida Salles	Entre “Sobrados, lojas e funcos”: Memória, identidade e representação literária na trilogia romanesca de Henrique Teixeira de Sousa	Rubens Pereira dos Santos
2015	M	Daniela de Oliveira Lima	A proximidade discursiva nas cartas dos romances A correspondência de Fradique Mendes, de Eça de Queiroz e Nação crioula: a correspondência secreta de	Rubens Pereira dos Santos

			Fradique Mendes, de José Eduardo Agualusa	
2016	M	Rafael de Souza Alves	Nação crioula: estudo sobre a releitura da personagem Fradique Mendes	Rubens Pereira dos Santos
2018	M	Simone Donegá Marques	Partir ou ficar: um estudo do dilema cabo-verdiano em Chuva Braba, de Manuel Lopes	Marcio Roberto Pereira e Rubens Pereira dos Santos
2018	D	Clauber Ribeiro Cruz	A coleção de autores africanos da Editora Ática: as literaturas africanas no Brasil	Marcio Roberto Pereira e Rubens Pereira dos Santos

Quadro 1 – Pesquisas atreladas à disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na FCL-Assis.

D = Doutorado; M = Mestrado.

Fonte: Elaboração própria.

Chama a atenção o doutorado da professora Maria de Lourdes ZiZi Trevizan Perez, *A Personagem Cabo-verdiana: Realidade e discurso*, que foi iniciado em 1986 e defendido em 1989, demonstrando o interesse pelo tema na pós-graduação poucos anos antes de a disciplina ser ofertada na graduação. Isso revela um caminho similar ao ocorrido na Universidade de São Paulo (USP) e em outras universidades onde o debate em torno das literaturas africanas se iniciaram na pós-graduação e, posteriormente, na graduação. É importante salientar que a disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa era ofertada na modalidade optativa para os alunos da graduação, como veremos na análise do documento mais adiante.

O documento Programa da Disciplina se organiza como um registro das atividades desenvolvidas pelos docentes, revelando um objeto memorialístico e histórico da universidade, uma vez que contém dados, informações, metodologias, bibliografias e o perfil teórico e literário da disciplina. Com isso, torna-se um importante instrumento de estudo: “[...] o documento é resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época e da sociedade que a produziu” (LE GOFF, 2001, p. 289). O historiador também destaca que esse documento continua a viver, a ser manipulado, torna-se um “bem durável” e cuja análise deve “transpassar sua significação aparente, [pois] o documento é monumento”. E continua: “é preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos” (LE GOFF, 2001, p. 289).

A análise dos programas de curso das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa caminha nessa direção, ou seja, busca trazer à tona a representação dessa literatura dentro dos estudos literários, bem como responder de que maneira essa literatura se afirma no ensino e na pesquisa dentro do campo acadêmico brasileiro. Para fundamentar essas tarefas, lançamos mão da abordagem histórico-cultural desenvolvida por Chartier (1990), com base no entendimento da importância do recorte desse documento como a representação de um momento histórico

revelador de uma prática, fundado em condições que se evidenciam diante do exame acurado do documento, em busca das representações envolvidas nos discursos, materializados nos programas de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Curso de Letras da FCL/Assis.

Em relação ao documento e à memória, Chartier (2011, p. 116) destaca o seguinte:

O documento contra o testemunho, a construção explicativa contra a reminiscência imediata, a representação do passado contra seu reconhecimento: cada fase da operação historiográfica se distingue assim claramente da atuação da memória. Mas a diferença não exclui a competência. Por um lado, a história procurou recentemente submeter a memória ao status de um objeto histórico cujos lugares de inscrição, formas de transmissão e usos ideológicos devem ser estudados. Por outro lado, a memória pôde aspirar a uma relação com o passado mais verdadeira, mais autêntica, do que a história.

Assim, devemos atrelar os vestígios da memória do câmpus de Assis ao trabalho com as Literaturas Africanas, professores que atuaram construindo e praticando o currículo voltado ao ensino de literaturas, agentes que transformaram o campo dos estudos literários, memórias das representações criadas no passado histórico, desde a formação do Brasil como civilização, calcadas na diversidade de sua formação étnica, mas também devemos adentrar na memória das Ciências Humanas e nos discursos criados e recriados em torno da ideia do fazer científico. Todos esses pontos são impulsionadores para o levantamento memorialístico e o caminho para entender melhor o processo da história cultural brasileira. Tal desafio só é possível através da análise documental empreendida à luz da teoria discursiva-literária, do *habitus* e das práticas, com amparo na abordagem histórica das representações coletivas.

Ao refletir sobre a contribuição do conceito de representação, Chartier (2011, p. 260) diz o seguinte:

Essa contribuição procura definir as exigências específicas de uma abordagem histórica concebida segundo os preceitos da história cultural. Várias noções figuravam assim no centro da análise: inicialmente, o conceito de *representação*, que possibilita articular, de acordo com a sociologia de Durkheim e Mauss, as representações coletivas e as formas de exibição da identidade social ou os signos do poder (o que Pascal chama de *montre* - “mostra”); em seguida, a categoria de *prática*, que designa a irredutibilidade das maneiras de fazer aos discursos que as prescrevem ou as proscovem, as descrevem ou as organizam; enfim, o conceito de *apropriação*, entendida ao mesmo tempo como controle e uso, como vontade de posse exclusiva pelas autoridades e como invenção pelos consumidores comuns.

No trato com os programas, as representações estão não só nas escolhas dos autores selecionados para trabalhar as literaturas produzidas em países africanos lusófonos, mas também na bibliografia de apoio teórico elencado pelo responsável pela disciplina, em objetivos e metodologias explicitados, na ementa e na duração do curso, assim como de que forma é

ofertada aos estudantes. Tais informações norteiam o exame do documento, além de possibilitar o entendimento das concepções, qual percurso foi realizado e até fazer um levantamento estatístico em busca do que podem nos revelar como suporte detentor de informações literárias, teórico-crítica e culturais, conforme observador a seguir:

Iniciado com trabalhos sociológicos e estatísticos de concepção clássica sobre a história das sociabilidades intelectuais, a história do livro e da imprensa, a história da educação e das populações estudantes, meu percurso de historiador privilegiou desde cedo a força dinâmica das representações. As representações não são simples imagens, verídicas ou enganosas, do mundo social. Elas têm uma energia própria que persuade seus leitores ou seus espectadores que o real corresponde efetivamente ao que elas dizem ou mostram. (CHARTIER, 2011, p. 27)

Os programas de curso para as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa podem revelar, enquanto um documento histórico no campo educacional, de que modo contribuíram para a percepção da relação de conhecimento para formar estudantes do nível superior, práticas, como a temática das literaturas africanas é apresentada, trabalhada e mantida na graduação em Letras da FCL-Assis. Trata-se de características que o exame dos planos trará à tona. Esses escritos da educação universitária estão repletos de pistas, “imagens do mundo social”, que temos como missão capturar em forma de discurso e interpretá-las, com vistas a entender os desdobramentos dos programas de curso em conformidade ou em confronto com o cenário acadêmico dos cursos de Letras.

O Programa de Curso da disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa é constituído por 18 itens que desenham: o momento, local, o que e para quem será ensinado, em quanto tempo, para quantos, como a aula acontecerá e o fazer pedagógico; agrupados em ano letivo, unidade universitária, curso, departamento responsável, disciplina, série, modalidade (optativa/obrigatória), pré-requisito, período, carga horária, quantidade de alunos, objetivos, conteúdos, bibliografia, avaliação, ementas e professores.

A análise de cada item do programa visa a apreender a estrutura do documento, já que todo dizer é um fazer, ao dizermos algo, estamos fazendo algo. Essa concepção dialoga com as ideias centrais desta pesquisa, pois buscamos interpretar a linguagem através das escolhas lexicais, materialidade dos discursos, expostos ao longo de 20 anos da disciplina. O dizer como fazer é a chave das representações e práticas (CHARTIER, 1990), bem como do *habitus* dos agentes que atuam no campo universitário (BOURDIEU, 2019).

A problemática do “mundo como representação”, moldado através das séries de discursos que o apreendem, e o estruturam, conduz obrigatoriamente a uma reflexão

sobre o modo como uma figuração desse tipo pode ser apropriada pelos leitores dos textos (ou das imagens) que dão a ver e a pensar o real. (CHARTIER, 1990, p. 23-24)

Tomar o discurso empreendido no programa de disciplina de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa como representação da realidade histórica, vivida no campo universitário, demanda atenção para cada escolha, com vistas a compreender o papel dessas escolhas, sua razão de ser, o que levou a ser feita de determinada forma, para qual finalidade foi feita a escolha exposta no documento. Ao analisar esses pontos, as representações emergem juntamente com outros dois conceitos essenciais: campo e *habitus*, que Bourdieu (2004, p. 33-34) define assim:

[...] aquilo com que se defronta no campo são construções sociais concorrentes, representações (com tudo o que a palavra implica de exibição teatral destinada a fazer ver e a fazer valer uma maneira de ver), mas representações realistas que se pretendem fundadas numa “realidade” dotada de todos os meios de impor seu veredito mediante o arsenal de métodos, instrumentos e técnicas de experimentação coletivamente acumulados e coletivamente empregados, sob a imposição das disciplinas e das censuras do campo e também pela virtude invisível da orquestração dos *habitus*. (BOURDIEU, 2004, p. 33-34)

Os dois teóricos que balizam metodologicamente as nossas análises dos programas da disciplina estudada estiveram próximos em algumas situações e, em certa medida, suas teorias dialogam em alguns pontos, como a ideia de micro-história, a pesquisa de campo, o recorte cultural etc. Não por acaso, em 1988 a Rádio France promoveu um diálogo com o sociólogo Pierre Bourdieu e o historiador Roger Chartier. Este último assumiu o papel de entrevistador, rendendo um entendimento mútuo entre os intelectuais, a ponto de a série de cinco entrevistas ser editada em livro na França em 2010. É dessa publicação que extraímos a definição de *habitus* dada pelo sociólogo:

Trata-se de um debate extremamente complicado, mas a noção de *habitus* tem várias propriedades. Ela é importante para lembrar que os agentes têm uma história, que são o produto de uma história individual, de uma educação associada a determinado meio, além de serem o produto de uma história coletiva, e que em particular as categorias de pensamento, as categorias do juízo, os esquemas de percepção, os sistemas de valores etc., são o produto da incorporação de estruturas sociais. (BOURDIEU; CHARTIER, 2017, p. 58)

Assim, analisar um documento institucional implica entender a dinâmica coletiva imposta ao trabalho universitário, o que não prescinde da atuação individual; portanto, para analisarmos os programas de maneira a respeitar esses princípios que envolvem *representações e habitus*, adotaremos uma divisão por período, que compreende a atuação de um professor responsável pela disciplina, embora não seja nossa intenção trabalhar com a personalidade

professoral no texto de forma explícita. Em respeito ao exposto no documento, os anos trabalhados compreenderão a atuação de um responsável pela disciplina, exceto a situação em que dois professores assinam o mesmo programa.

Ao longo dos 20 anos, três professores estiveram à frente da disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na FCL-Assis, em momentos diferentes, o que não significa que outros não tenham atuado como docentes da disciplina, destacando-se os responsáveis que foram referência. Posto isso, a divisão está a cargo dessa premissa, mas sem adentrar na prática do docente e autor do programa da disciplina, pois neste momento, dado que as entrevistas darão voz aos autores do documento, nesta etapa buscamos a centralidade do discurso empregado no documento.

Adentrar no discurso da disciplina para entender como ela se instaurou, funcionou e se impôs no campo com seus avanços ou retrocessos é o intuito principal deste trabalho. Por esse motivo, buscamos amparo nos aportes linguístico-discursivo, da teoria literária e dos pressupostos históricos e sociológicos presentes no próprio documento, para empreender as análises. Ainda, vamos seguir as “proposições” dos Programas Pedagógicos de Curso (PPC), tomando-as como “verdadeiras” dentro de um “sistema anônimo”, conforme salienta Foucault (2014, p. 28-29):

A organização das disciplinas se opõe tanto ao princípio do comentário como ao do autor. Ao do autor, visto que uma disciplina se define por um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpus de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de definições, de técnicas e de instrumentos: tudo isto constitui uma espécie de sistema anônimo à disposição de quem quer ou pode servir-se dele, sem que seu sentido ou sua validade estejam ligados a quem sucedeu ser seu inventor.

Salientamos que, neste momento, vamos inserir o discurso dos Programas de Curso na centralidade, sem colocá-lo em confronto com quem os criou, visto que oportunamente faremos esse trabalho em razão das entrevistas, as quais colocarão os agentes do campo no centro da pesquisa a fim de desvelar os *habitus*, as representações e práticas que os constituem.

A Tabela 1 sintetiza o programada da disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no período de 20 anos recortados e analisados em nossa pesquisa:

Tabela 1 - Programada da disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa 1998-2018.

Fonte: Elaboração própria.

Tabulamos esses dados para traçar um panorama das disciplinas, com vistas a examinar o que se manteve e o que se alterou ao longo dos anos. A Tabela 1 está dividida em dois momentos. O primeiro compreende o que denominamos itens técnicos, ou seja, dados gerais, informações importantes, mas que apresenta uma certa regularidade. Além da intenção de sintetizar as informações no formato de tabela, propomos uma visualização precisa e concisa das transformações por meio das cores. O segundo momento, que denominamos fazer didático/pedagógico, está preenchido por cores para distingui-los, devido à dificuldade de concisão das informações em texto no espaço da tabela. Sendo assim, o critério escolhido foram as cores para demonstrar as manutenções e alterações nos itens didáticos/pedagógicos no que diz respeito a objetivos, conteúdos, metodologia, bibliografia, avaliação e ementas. A parte preenchida por cores constará logo em seguida, em um formato muito próximo do documento, para ilustrar textualmente o que as cores indicam na tabela.

Como proposta de análise, adotamos como critério o período em que o(a) professor(a) foi responsável pela disciplina. Na última coluna, intitulada “Professores”, constam os nomes dos docentes que lecionaram a disciplina à época, o que nos auxilia a proceder com a análise, bem como a uma visualização das regularidades e irregularidades apresentadas no transcorrer dos anos analisados. Passemos à análise dos três primeiros anos recortados, período que denominado inaugural. Vamos avançar com a análise em dois momentos: no primeiro, com os chamados itens técnicos com dados gerais; em seguida, a parte em cores, o fazer didático/pedagógico será discutido em detalhes.

De 1998 a 2000, o Departamento de Literatura ofertou a disciplina com o nome de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa para 20 alunos do 4º ano de Letras na modalidade optativa. O curso era anual e com uma carga horária total de 60h, e o requisito para o aluno se matricular na disciplina era ter cursado Teoria da Literatura I.

Expostos os discursos que forjam o Programa da Disciplina, algumas questões se delineiam, como o ano escolhido ser o último da graduação, quando os alunos em sua maioria já estão com as ideias formuladas e caminhos de pesquisa encaminhados. É preciso ressaltar que todas as optativas eram relegadas ao quarto e último ano da graduação, com base em uma escolha no mínimo pouco planejada dos formuladores do currículo, que na época chamavam de “grade curricular”. Esse engessamento revela a pouca atenção ao tema Literaturas Africanas,

uma vez que não era uma disciplina curricular obrigatória, mas sim a opção de alguns ao final do seu percurso formativo, acrescido da ausência desse tema em outros momentos da graduação, enquanto as outras optativas eram recortes de disciplinas da graduação. A optativa Literaturas Africanas era ofertada para no máximo 20 alunos, podendo ser metade desse número ou qualquer quantidade intermediária, em um universo de 70 alunos por turma e turno. Levando em conta que era oferecida tanto no período noturno quanto no diurno, o que representa um universo de 140 discentes, a disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa alcançava no máximo, ou na melhor das hipóteses, 40 alunos, tendo em vista que havia outras optativas.

A despeito das questões organizacionais do curso de Letras, um olhar atento sobre os objetivos propostos pode demonstrar a intenção de oferecer uma formação completa em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Ao propor o conhecimento da prosa e da poesia contemporâneas dos países africanos de língua portuguesa, a docente demonstra a vontade de suprir uma lacuna sobre literatura africana, apresentando dois gêneros que demandariam muito trabalho para ser desenvolvido em 60h no formato optativo, além de debater a situação dessas literaturas dentro do contexto de colonização e, por fim, introduzir o conceito de *macrossistema*⁸, desenvolvido pelo professor Benjamin Abdala Junior, um nome recorrente nas bibliografias dos cursos de africanas:

É dentro dessa dinâmica da comunicação em português, que envolveu historicamente constantes semelhantes da série ideológica que podemos apontar para a existência de um macro-sistema marcado como um campo comum de contatos entre os sistemas literários nacionais. (ABDALA JUNIOR, 2007, p. 16)

Já nos objetivos, há evidências de entrelaçamento das literaturas africanas com as literaturas portuguesa e brasileira, tal qual defendida por Abdala Junior e levada a cabo por alguns cursos de Letras que atrelam a disciplina Literaturas Africanas ao estudo de Literaturas Comparadas. É salutar mencionar que o termo “macrossistema” implica a ideia de sistema que Antônio Candido desenvolveu em seu *Formação da literatura brasileira* (1959). Abdala Junior (2007) parte dessa perspectiva para explorar um macrossistema em que haja intertextualidade entre os autores brasileiros, portugueses e africanos com escrita em português, por exemplo: Graciliano Ramos e o ficcionista português Carlos de Oliveira; Guimarães Rosa e Luandino Vieira, entre outros.

⁸ Em decorrência do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009, a grafia passou a ser “macrossistema”; no entanto, vamos respeitar a grafia vigente à época da elaboração dos Programas de Disciplina ora analisados nos trechos citados, ou seja, “macro-sistema”.

Por meio da presença de escritores brasileiros de reconhecimento internacional que são reverenciados por escritores moçambicanos, Jorge Amado e Noêmia de Sousa respectivamente, o pesquisador explora ainda a temática neorrealista brasileira e portuguesa, em consonância com a literatura anticolonialista produzida em países africanos de língua portuguesa. Nesse cenário, o que interessa para o estudioso é explorar o macrossistema de resistência e a situação de um país culturalmente colonizado: Brasil X Angola/Moçambique/Cabo Verde. Portanto, apesar de tomar como ponto de partida a teoria de Antônio Candido, Abdala Junior (2007) se distingue por não trabalhar a ideia de literatura nacional tal qual idealizada por aquele. O que interessa a Abdala Junior é a existência de um macrossistema literário que envolva as diferentes literaturas em língua portuguesa e que sejam engajadas nessa língua. A aproximação entre as literaturas escritas em língua portuguesa parece ser um caminho para justificar a existência da disciplina na graduação em Letras da Unesp-Assis, posto que consta dos objetivos do programa de curso a reflexão sobre a produção artística no quadro do macrossistema das literaturas de língua portuguesa. Amparada nessa concepção teórico-literária, a docente adentra no conteúdo a ser trabalhado.

O conteúdo em questão conta com a presença de cinco países africanos de língua portuguesa, seguidos dos gêneros literários conto e poesia como objeto de ensino da disciplina. Dessa forma, anuncia-se a cobertura da produção literária dos países estudados, o que abrange a prosa e a poesia dessas localidades. O foco em contos e poesias, narrativas curtas em comparação com os romances, denota essa intenção de panorama explicitado tanto pela abordagem dos países africanos de língua oficial portuguesa quanto pelo gênero curto a ser estudado.

Da forma como está posto, o conteúdo denota que será realizado um trabalho de apresentação dos países para os estudantes, revelado pela palavra “contexto”. Nessa perspectiva, a disciplina subentende que os estudantes desconheçam não só os textos literários, mas também o contexto histórico, social, político e cultural dos países irmãos da língua materna. Para o sucesso da proposta, a docente indica que, além das aulas teóricas, é preciso instaurar debates, seminários, leituras e interpretações, e não só o trabalho monográfico no final do ano letivo, que neste caso coincide com o final do curso para os alunos.

Quanto à metodologia, é um envolvimento dos estudantes com a literatura e o tema abordados, um caso que poderia ser estudado para entender qual é o grau de envolvimento dos discentes e quais resultados acadêmicos geraram, assunto que foge ao nosso escopo, mas que chama a nossa atenção.

A bibliografia é composta por oito obras, sendo seis com circulação e publicação no Brasil: *Literatura, História e Política*, de Benjamin Abdala Junior; *Entre Intenção e Gesto: a formação do romance angolano*, de Rita Chaves; *Da fronteira do asfalto aos caminhos da liberdade (Imagens do musseque na literatura angolana contemporânea)*, de Tania Macedo; *Estórias Africanas. História e antologia*, de Maria Aparecida Santilli; e *Do Alheio ao Próprio: A Poesia em Moçambique*, de Manoel de Souza e Silva; conta ainda com o conteúdo publicado nos Anais do *I Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: Repensando a Africanidade*. As obras restantes foram publicadas no exterior, sendo uma em Portugal e outra em Moçambique, respectivamente: *No reino de Caliban*, de Manuel Ferreira; e *Antologia da Moderna Poesia Moçambicana*, de Fátima Mendonça e Nelson Saute. Vamos nos deter em cada uma dessas obras com o intuito de poder traçar um pequeno panorama teórico expresso nelas, assim como sua relevância frente aos objetivos apresentados para a disciplina.

Em *Literatura, História e Política: literaturas de língua portuguesa no século XX*, Abdala Junior entrelaça a literatura ao contexto histórico e político dos países de língua oficial portuguesa. Iniciando com seu trabalho comparativo entre Graciliano Ramos e Carlos de Oliveira (Brasil e Portugal), o autor estende o entendimento de literatura engajada dentro da ideia de globalização e hegemonia, assim, passa a explorar a construção estética dos textos brasileiros e portugueses encontrados nas literaturas produzidas em Angola, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Guiné Bissau. Ao longo do livro, vai construindo o conceito de que macrossistema, que envolve trocas entre as literaturas dos sete países, o que cria “um agenciamento comunitário e interações culturais”. Surge assim a ideia de culturas híbridas — como é o caso do Brasil, devido à presença das culturas indígena e africana, bem como de Portugal, na sua relação de colonizador dos países africanos —, que sofrem a hibridização na sua literatura, sendo que os países africanos apresentam uma dupla hibridização, ao se espelharem tanto na literatura portuguesa quanto na brasileira como possibilidade de construção estética. A esse respeito, o autor diz que,

Em relação aos estudos comparados, nos limites da língua portuguesa, tratava-se de verificar, por exemplo, o que existia da cultura portuguesa ou das dos países africanos na literatura do Brasil; da cultura brasileira ou dos países africanos na literatura de Portugal; ou das culturas do Brasil e de Portugal nas literaturas africanas de língua portuguesa. Há um diálogo, embutido nas formas literárias que circulam entre os países de língua portuguesa. (ABDALA JUNIOR, 2007, p. 29)

O fato de essa obra constar na bibliografia já dá o tom da disciplina quanto à equiparação do fazer literário entre colonizador e colonizados, em perspectiva comparada de textos, ideias

e postura política. Neste último, o teórico coloca o tensionamento de escritores neorealistas em contraponto à ditadura salazarista; no Brasil, o regionalismo como denúncia; e nos países africanos, ainda na década de 1940, uma contestação à condição de colônia portuguesa. Todas essas questões são postas a partir do texto literário, do mesmo modo que as estratégias discursivas utilizadas por esses escritores são exploradas ao longo do livro.

Em *Entre Intenção e Gesto: a formação do romance angolano*, tese de doutorado apresentada em 1993 na Universidade de São Paulo e publicada em livro em 1999 com o título *A formação do romance angolano*, de Rita Chaves, a pesquisadora se debruça sobre a gênese do romance angolano e desenha um panorama da literatura angolana, com ênfase nos intelectuais ligados à literatura e à imprensa na primeira metade do século XX. No primeiro capítulo, a professora faz um levantamento histórico literário da Angola, cita nomes e fatos que formam o perfil da literatura angolana. Para isso, explora o surgimento da intelectualidade naquele país, como fator fundamental para o processo literário, e o surgimento do romance como suporte para a discussão sobre a identidade nacional e o colonialismo. Nos outros quatro capítulos, Chaves aprofunda os estudos sobre a formação do romance angolano por meio da análise de dez romances de quatro escritores da Angola:

- *O segredo da morta* (romance de costumes angolenses) (1934), de Antônio de Assis Junior;
- *Noite de Angústia*, *Homens sem caminho*, *Terra Morta* (1949), *Viragem* (1957) e *Chaga* (1970), de Castro Soromenho;
- *Uanga* (feitiço) (1950), de Oscar Ribas;
- *A vida verdadeira de Domingos Xavier* (1961);
- *Nós, os do Mukulusu* (1974) e *João Vêncio: os seus amores* (1979), de José Luandino Vieira.

A pesquisadora explica assim sua escolha pelo romance:

A escolha do romance como o gênero literário a ser examinado explica-se ainda pela sua capacidade de incorporar elementos da realidade cotidiana, mesclando-lhes rasgos de fantasia criadora, propriedade que responde bem ao desejo de desvendar as múltiplas camadas apanhadas, por diversos prismas, na realização do ficcionista. Sua vocação histórica faria dele um gênero de fato adequado à necessidade de autoinvestigação, sempre presente no horizonte da literatura. Irregular por natureza e descompromissado de modelos rigidamente instituídos, ele resguarda uma certa porosidade bastante simpática às especificidades de cada contexto, abrindo campo para intervenção mais efetiva das individualidades. O grau de originalidade aí expresso propicia a percepção, em seus matizes, da posição do escritor diante do cenário sociocultural que é o fundamento de sua matéria. Através do tratamento dos elementos estruturais, sobretudo da construção do foco narrativo, podemos visualizar porque vias a “prosa de circunstância” é atravessada pela “poesia do coração” e o

significado de tal travessia no papel desempenhado pela literatura em conformidade, ou não, com a logicidade das relações sociais, sobre as quais ela se organiza. (CHAVES, 1999, p. 23)

A escolha do gênero romance está atrelada à forma do texto literário e suas possibilidades de representação da sociedade por meio do ficcional. Ao examinar detalhadamente as dez obras de ficção e cotejá-las com o contexto de produção, Chaves (1999) elabora a ideia de sistema literário angolano. Em busca da identidade nacional, mesmo que tardiamente, ocorreu na Angola o que outrora aconteceu no Brasil no século XIX. Ao explorar os romances angolanos, a professora revela grandes textos literários produzidos em um curto espaço de tempo. Nesse recorte de quatro autores que desenham o panorama ficcional angolano e forjam uma ideia de nação por meio da literatura, os escritores assumem um papel de formular a literatura no país em contraponto ao processo histórico de colonização. Em *A formação do romance angolano*, podemos depreender a reelaboração da ideia contida em *Formação da literatura brasileira* proposta por Antônio Candido, no sentido de que a estudiosa lança mão da abordagem de Candido quanto ao papel do romance como a consolidação do sistema literário.

Em sua tese de doutorado, intitulada *Da fronteira do asfalto aos caminhos da liberdade (Imagens do musseque na literatura angolana contemporânea)*, Tania Macedo apresenta a literatura produzida em Angola a partir do início do século XX. Com força de sistema e a “tríade autor-obra-público”, a tese trata ainda da relação da capital angolana, Luanda, como um espaço diverso, composto pela cidade urbanizada em desenvolvimento e a Luanda dos musseques (periferias ou uma tradução livre para favelas), espaço da cidade abordado por escritores como Luandino Vieira, que ambientou boa parte de sua obra nos musseques da cidade, e Pepetela, que transita em outros espaços da cidade. Ao destacar a complexidade geográfica de Angola, Macedo evidencia a diversidade literária angolana, bem como as tenções coloniais que aparecem nos textos. Tal qual uma representação da história de seu país, a autora destaca a intenção de os escritores afirmar uma identidade nacional por meio da literatura:

No caso da literatura angolana em língua portuguesa, os cinco séculos de dominação colonial foram fator ponderável para dificultar sua sistematização. Veja-se que apenas na década de 40 de nosso século a literatura Angolana veio constituir-se em um sistema literário coerente que integrou a tríade autor obra público. Isto é, autores conscientes de seu papel, obras veiculadoras de conteúdos sob aspectos codificados de linguagem e estilos, e um conjunto de receptores. (MACEDO, 1990, p. 3)

O livro *Estórias Africanas. História e Antologia*, de Maria Aparecida Santilli, é composto por uma apresentação histórica da literatura de Angola, Cabo Verde e Moçambique. Na primeira parte, Santilli contextualiza a literatura dos três países e introduz os autores

presentes na segunda parte do livro, que é composta por uma antologia de prosa. Dividido em três seções, são apresentados os textos de onze angolanos arrolados na primeira seção; quatro cabo-verdianos na segunda; e por fim quatro moçambicanos, sobre os quais a autora faz a seguinte observação:

Os livros dos escritores africanos modernos – cuidamos aqui de angolanos, cabo-verdianos e moçambicanos, desde a geração de 1930 – já têm hoje seu trajeto inaugural descoberto. Todo o mundo acabou por conhecê-lo.

[...] Que possa, então, abreviar o caminho dessas literaturas, para circulação entre todos nós, que, do lado de cá do Atlântico, pelas teias caprichosas da História, acabamos por ter “um pouco” (ou muito) “de África por dentro”. (SANTILLI, 1985, p. 5)

Essa obra cumpre uma função didática para a disciplina, pelo fato de elencar os textos dos autores africanos sem circulação no Brasil, o que possibilitou o contato dos alunos com a Literatura Africana de Língua Portuguesa, em abrangência qualitativa e quantitativa (16 textos em prosa). O léxico “Estórias” no título ressalta a centralidade do texto literário na obra, pois, das 176 páginas, 140 estão a serviço do texto literário. A seleção levou em conta a disponibilidade de textos sem prescindir dos mais importantes e inventivos escritores dos três países, mesmo diante das dificuldades ligadas aos direitos de publicação. Uma marca dessa dificuldade está na apresentação da literatura angolana, feita na primeira parte, em que Santilli menciona Pepetela. Mesmo com a ausência de textos desse autor, a experiência da professora a obrigava mencionar um dos maiores escritores de Angola e dos países falantes de língua portuguesa, marcando seu compromisso com a valorização das produções literárias defendidas no livro.

Em *Do Alheio ao Próprio: A Poesia em Moçambique*, Manoel de Souza e Silva investiga a produção poética em Moçambique com enfoque na questão da negritude. O autor traça um perfil histórico da formação e consolidação da poesia moçambicana, faz uma análise do impacto colonizador sobre essa poesia e realça o trabalho dos poetas de Moçambique na constituição do que ele chama de “próprio” em relação imbricada como “alheio”, ou a influência portuguesa sobre a produção poética do país africano. Assim, o pesquisador demonstra ao longo do seu estudo um conflito instaurado na produção poética moçambicana, que reflete a complexidade na relação colônia, colonizador e processo literário. Para tanto, Silva divide a produção poética em fases e, com isso, consegue depreender o processo de assimilação, reflexão e libertação do sistema literário de Moçambique no recorte da poesia. Nas palavras do autor, encontramos o seguinte:

Ainda que reconheça a distância que há entre intenção e gesto, proponho uma divisão da poesia moçambicana, buscando, com isso, sugerir, problematizar e, mesmo, provocar a discussão. As cinco partes que compõem o esqueleto do presente trabalho pretendem dar conta dos traços essenciais da poesia moçambicana.

1. “O Eco Rebelde”. Busca dos nexos existentes entre o projeto de ocupação colonial – ocupação física – e aquilo que se conhece como assimilacionismo e suas relações com a poesia produzida pelos colonizados.
2. “Negros de Todo o mundo, o que é isto?!” Rastreamento de algumas coordenadas gerais do movimento de negritude, sua constituição e concretização nas ex-colônias portuguesas e, especialmente, em Moçambique.
3. “A Pátria Parida”. Exame das contradições e da série de polêmicas que envolvem o conceito de literatura nacional no contexto da colonização.
4. “Da Polana a Mafalala”. Tentativa de exame da formação/consolidação da poesia moçambicana, tomando por base poetas – nem sempre bafejados pela unanimidade – que concorrem para a afirmação e independência, ao nível literário de Moçambique.
5. “O Troco da Troca”. Leitura da poesia produzida na situação de guerra de guerrilha, tentando estabelecer uma vinculação com as coordenadas políticas da frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), com os mecanismos de expropriação dos meios de expressão do colonizador e sua utilização contra a opressão colonial, sua rebeldia radical na ruptura com a visão colonialista e, mais que tudo, procurando expor sua profunda ligação com o homem, a terra e a natureza de Moçambique. (SILVA, 1996, p. 24-25)

O pesquisador insere nessas cinco partes desenvolvidas no livro um projeto de análise da poesia moçambicana, que faz ao mesmo tempo uma análise histórica, social e política de Moçambique, sem deixar de apresentar a formação e a institucionalização da literatura moçambicana, dois projetos demonstrados por meio do texto poético literário.

A bibliografia faz referência ao documento *Anais do I Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: Repensando a Africanidade*, congresso que ocorreu na Universidade Federal Fluminense (UFF) em 1994 e contou com a participação de vários intelectuais da área de estudos das literaturas africanas. No evento, foram discutidas questões relevantes sobre o caminho trilhado pela área de estudos até aquele momento e quais caminhos deveriam trilhar a fim de fortalecer os estudos e a ideia de africanidade no meio acadêmico. Assim, inserir os anais desse congresso como suporte teórico viabiliza o projeto de ensino de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa como um artefato universitário objeto de apreciação, reflexão e discussão em cenário acadêmico de pesquisa. A realização desse congresso com especialistas de várias regiões do país empenhou-se em tornar públicas as pesquisas científicas em torno do tema.

Nas *Antologias Panorâmicas da Poesia Africana de Expressão Portuguesa: No Reino de Caliban I Cabo Verde e Guiné-Bissau* (1975); *No Reino de Caliban II Angola e São Tomé e Príncipe* (1976); e *No Reino de Caliban III Moçambique* (1988), de Manuel Ferreira. Nessa obra, faz-se um trabalho detalhado a respeito da produção de poesia nos três países de língua oficial portuguesa com uma ampla cobertura dos escritores do gênero. Trata-se de uma obra

que faz um panorama expressivo dos textos poéticos nos cinco países, agregando muito ao trazer a literatura de São Tomé e Príncipe e Guiné Bissau para a disciplina. É precisamente esse o grande diferencial do livro na bibliografia, fechando a apresentação geral das literaturas produzidas nos países africanos de língua oficial portuguesa.

Com *Antologia da Moderna Poesia Moçambicana*, de Fátima Mendonça e Nelson Saúte, a bibliografia propõe um olhar sobre a produção poética de Moçambique. Diferentemente da proposta de panorama crítico em *Do Alheio ao Próprio: A Poesia em Moçambique*, de Manoel de Souza e Silva, Mendonça e Saúte (1995) priorizam os textos literários, fazendo uma apresentação da produção poética de Moçambique no seu período pós-colonial. Nesse sentido, a bibliografia apresenta uma forte presença do gênero poema, pouco abordado nos programas de Letras, o que pode inclusive se destacar como um diferencial e uma compensação de mão dupla, isto é, uma formação dos alunos de Letras nessa área e uma solução para ausência de publicações em prosa dos autores africanos no Brasil. Chama a atenção ainda ser mais uma obra sobre a poesia de Moçambique em detrimento de Angola, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné Bissau, que só constam nos três volumes de *No Reino de Caliban*, de Manuel Ferreira, ausência passível de entendimento por duas razões: a escassez de publicações de literatura africana no Brasil e a parca exposição do gênero poema nas literaturas.

No tocante à avaliação, é preciso destacar a pouca atenção dada a essa parte fundamental na formação acadêmica, mas que é negligenciada como estruturante e reveladora do aprendizado e da prática docente. A proposta de avaliação exposta no documento é vaga, pois recomenda notas de 0 a 10 para cada atividade discente, com uma média composta por um peso 6 para o conjunto das avaliações (lemos que o conjunto das atividades forma a avaliação com peso 6), uma vez que a redação sobre a avaliação da aprendizagem não contém qualquer detalhe do processo avaliativo. Chama atenção na proposta avaliativa o trabalho monográfico com peso 4. Daí fica a inquietação sobre o aproveitamento desses trabalhos, como ponte para um projeto de pesquisa pelos alunos. Reforçamos a necessidade de um detalhamento que possibilite uma compreensão mais abrangente de como os alunos eram avaliados.

A ementa presente no programa propõe uma introdução aos estudos sobre Literaturas Africanas de Língua Portuguesa de quatro países: Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Numa perspectiva teórico-literária, com destaque para o conceito de *macrossistema*, a ementa está em consonância com os objetivos e conteúdos, mas um pouco distanciada da bibliografia, visto que não contém um texto teórico sobre a literatura produzida em São Tomé e Príncipe que lhe sustente, tampouco obras literárias, restritas a uma parte sobre a poesia desse país em *No Reino de Caliban II*, de Manuel Ferreira, fato evidenciado no

documento, que nos leva a inferir dificuldades em encontrar publicações seja uma produção crítica seja uma produção literária, configurando-se assim um dado relevante para os estudos literários na área de africanas enfrentados pelos professores e pesquisadores do tema. Feitas essas considerações, passamos então à redação do Programa da Disciplina.

No Quadro 2, temos a reprodução da redação dos objetivos, conteúdos, metodologia, bibliografia, avaliação e ementa tais quais constam no documento original. Essa proposta foi usada para os anos de 1998, 1999 e 2000, por isso na transcrição mantivemos a formatação original, bem como eventuais desvios das regras e normas da ABNT (que são atualizadas periodicamente) e equívocos de digitação:

Objetivos
O curso proporcionará ao aluno o conhecimento da prosa e da poesia contemporâneas dos países africanos de língua portuguesa, bem como uma reflexão sobre o fazer literário nos países submetidos à colonização. O curso propiciará e reflexão sobre a produção artística no quadro do macro-sistema das literaturas de língua portuguesa.
Conteúdo programático (título e discriminação das unidades)
1. Angola: Textos e contexto 1.1. O conto e a poesia contemporâneos de Angola 2. Cabo Verde: Textos e contexto 2.1. O Conto e a poesia contemporâneos de Cabo Verde 3. Moçambique: Textos e contexto 3.1. O conto e a poesia contemporânea de Moçambique 4. São Tomé e Príncipe: Textos e contexto 4.1. A poesia de São Tomé e Príncipe
Metodologia de Ensino
1. Aulas teórico-práticas 2. Debates 3. Seminários 4. Leitura, análise e interpretação de textos 5. Orientação de trabalhos individuais, monografias no final do ano letivo
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
ABDALA JÚNIOR, Benjamin. LITERATURA, HISTÓRIA, POLÍTICA. São Paulo: Ática, 1992. ANAIS DO I ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. REPENSANDO A AFRICANIDADE. Niterói: UFF, 1994. CHAVES, Rita de Cássia. ENTRE INTENÇÃO E GESTO: a formação do romance angolano. São Paulo: FFLCH, 1993. Tese de doutoramento (texto policopiado). FERREIRA, Manuel. NO REINO DE CALIBAN. 3 ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v. MACEDO, Tania. DA FRONTEIRA DO ASFALTO AOS CAMINHOS DA LIBERDADE: (Imagens do musseque na

<p>literatura angolana contemporânea). São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento (texto policopiado).</p> <p>MENDONÇA, F. e SAUTE, N. ANTOLOGIA DA MODERNA *ANTOLOGIA MOÇAMBICANA Maputo: UEM, 1995.</p> <p>SANTILLI, M. A. ESTÓRIAS AFRICANAS. História e antologia. São Paulo: Ática, 1985.</p> <p>SOUSA E SILVA, Manuel. DO ALHEIO AO PRÓPRIO: A Poesia em Moçambique. São Paulo: EDUSP, 1997.</p>
<p>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM</p> <p>As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade discente e o conceito final será a média ponderada entre as avaliações realizadas nos primeiro e segundo semestre (peso 6) e um trabalho monográfico final (peso 4).</p>
<p>EMENTA (TÓPICOS QUE CARACTERIZAM AS UNIDADES DOS PROGRAMAS DE ENSINO)</p> <p>Os alunos serão introduzidos ao universo das literaturas africanas de língua portuguesa através do estudo de obras de autores angolanos, caboverdianos, moçambiques e santomentes.</p> <p>Será realizada uma reflexão teórica sobre o fazer literário nos países periféricos e sobre o macro-sistema das literaturas em português.</p>

Quadro 2 - Programa da Disciplina 1998, 1999 e 2000: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

Fonte: Macedo (1998).

*Poesia (respeitamos os erros ocorridos no documento para fins de fidedignidade).

Nos anos de 2001, 2002, 2003 e 2004, o programa para a disciplina manteve a organização nos itens técnicos (quantidade de alunos, série, carga horária, requisitos). Essa estrutura foi mantida, contudo, em 2001, a disciplina passou a se chamar “Literatura Portuguesa”; em 2002 e 2003, foi nomeada “Literaturas de Língua Portuguesa”. Além do título, o que mais sofreu alteração foi a parte didático-pedagógica dentro dos quatro anos que analisaremos a seguir, em comparação com os três anos analisados anteriormente. Em 2004, houve dois programas. As propostas sofreram alterações significativas de um ano para outro, embora a professora referência seja a mesma desde 1998.

O programa de curso para o ano de 2001 sofreu alteração substancial desde o título da disciplina: “Literatura Portuguesa”. A princípio, a literatura africana é invisibilizada, pensando em uma disciplina optativa, divulgada pelo nome no rol de disciplinas a serem escolhidas, não parece que os alunos tenham escolhido estudar africanas. Eis a primeira situação conflituosa, que se alastra por todo o programa. A seguir, vamos observar as alterações ponto a ponto, como fizemos com os anos de 1998 a 2000.

Nos objetivos, consta que o curso pretende analisar as relações entre literatura e história com ênfase na questão do império, a partir de dois autores portugueses, Camões e Eça de

Queirós, e ainda o mesmo objetivo para as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da Angola, Cabo Verde e Moçambique. Embora o objetivo único possa ser entendido como uma relação entre império e colonialismo, numa interpretação forçada por quem entende do assunto, fica confuso o entendimento desse objetivo sem detalhamento do que se pretende ao trabalhar a literatura canônica portuguesa dos séculos XVI e XIX, em parceria com as literaturas africanas de língua portuguesa, que se estabelecem no século XX. Assim, avançando com a proposta de curso, as tensões são intensificadas.

Nos conteúdos propostos, está em primeiro plano “Os Lusíadas e a constituição de uma história triunfal de conquista da pátria e da língua”, com isso, temos uma perspectiva do colonizador triunfal, em total desacordo com o projeto literário empreendido nos países africanos de língua oficial portuguesa. No Programa da Literatura Portuguesa, *A Ilustre Casa de Ramires* (1900), de Eça de Queiroz, é uma obra que apresenta Gonçalo Mendes Ramires, um fidalgo que mora na pequena Vila Clara e ambiciona participar do meio político, que é convidado a escrever um livro mesmo sem talento. Assim, a trama desenrola-se a partir dessa situação, apresentado fatos históricos de Portugal. O livro de Gonçalo retoma os feitos históricos do século XIII em meio a intrigas palacianas do reino português. Trata-se, portanto, de um panorama histórico-literário de Portugal, abordado a partir dos dois cânones da literatura portuguesa, lembrando que *Os Lusíadas* narra as navegações portuguesas realizadas há menos de dois séculos da época retratada no livro empreendido por Gonçalo. Com isso, indica-se um projeto coerente com o indicado no objetivo de retratar a época do império português e sua sanha por novas terras, mas conflita com a proposta de africanas, tomando como base a bibliografia proposta para a última.

A bibliografia teórico-crítica é composta pelos mesmos livros sobre Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, presentes nos programas de curso dos anos de 1998 a 2000. A diferença são os oito títulos voltados para os dois autores portugueses. Destacamos duas obras teóricas da bibliografia, que tratam dos autores portugueses: uma sobre Camões e a outra sobre a obra queirosiana, visando a analisar a dinâmica adotada para a disciplina de Literatura Portuguesa ofertada no ano de 2001.

Nos escritos dedicados à obra camoniana, *Estudos Camonianos*, publicado primeiramente em 1973, Cleonice Berardinelli reúne em três seções as análises sobre a escrita lírica e teatral de Camões: “Os Excursos do poeta n’Os Lusíadas, A dimensão tradicional na poesia lírica camoniana e O amor no teatro de Camões”; aqui nos interessa a primeira parte, na qual a autora analisa a ideologias Feudal e Humanista de Luís de Camões, que perpassa a epopeia desde a sua “Dedicatória”, passando pelos Cantos III, IV “O Velho do Restelo” e V,

nos cantos III e V na voz do personagem histórico Vasco da Gama. No entanto, Berardinelli detém-se no Canto IV “O Velho do Restelo”, em que ficam marcados os “excursos” ou divagações do poeta dentro da sua obra ficcional:

Para a maioria dos comentadores do poema, o Velho sintetizaria os juízos daquela parte do povo português que se opunha aos descobrimentos, o Prof. Hernani Cidade (mestre de todos nós) acentua que a repreensão vai mais longe, a “todos os anelos de ultrapassar quaisquer vedados términos” e, apontando para contradição entre “o autor do discurso que condena a largada e o autor das oitavas que exaltam a dilatação, que tornava necessária da Fé e do Império”, conclui-se que “o poeta se mostra o homem que, no fim do século, depois de todas as experiências pessoais e das registradas na História trágico-marítima, não pode ter, em face da empresa, das suas consequências históricas, do seu significado humano, o orgulho optimista do momento em que ela foi iniciada”. Para Saraiva, “Camões inventou esta personagem para emitir certas sentenças, para firmar certa ideologia característica da sua formação humanista[...] O Velho do Restelo é o próprio Camões erguendo-se acima do encadeamento histórico e medindo à luz dos valores do humanismo europeu os acontecimentos por que se apaixonava o vulgo e de que ele mesmo se faz cantor”. (BERARDINELLI, 1999, p. 25)

A pesquisadora elabora uma análise sobre a ideia de imperialismo na obra camoniana desvelando no texto literário as marcas do posicionamento contrário do autor (Camões) em relação à empreitada portuguesa de colonização, indicado pelo humanismo camoniano. Nesse mesmo ensaio, a especialista destaca que Camões se dividia entre humanista e entusiasta das empresas de colonização portuguesa. Porém, ao ler o ensaio, fica impreciso o contraste pensando na análise, sobressaindo o elogio das navegações imperialista empregada por Portugal.

No livro *Eça de Queiroz: realismo português e realidade portuguesa*, Rosane Gazolla Alves Feitosa apresenta as ideias de Eça de Queiroz no contexto histórico português da Geração 70. Feitosa explora o posicionamento de Eça de Queiroz diante da realidade portuguesa do século XIX:

Nesse presente trabalho, originariamente uma parte da nossa tese de doutorado – “Ficção Queirosiana: Portugal em Ficção” – procuramos mostrar a formação de Geração de 70, o contexto sociocultural que propiciou o aparecimento deste grupo de intelectuais, vindo boa parte dele da Universidade de Coimbra. Por volta de 1863-64, surge em Coimbra uma brilhante geração de escritores, disposta a tirar Portugal do atraso socioeconômico, para equipará-lo às nações mais avançadas da Europa, (leia-se Inglaterra, França, Alemanha). (FEITOSA, 1995, p. 13)

Fica evidente o projeto queirosiano de valorização e engrandecimento da nação portuguesa por meio de sua obra literária, por essa razão, a pesquisadora destaca ainda o pensamento vigente do século XIX, que influenciou a Geração 70, da qual Eça de Queiroz era tributário:

[...] a primeira geração, a Geração de 70, integralmente formada após a vitória liberal de 1820, começou a perceber os acontecimentos nacionais à luz do significado das novas lutas políticas e sociais europeias. Para isso, contribuiu grandemente a facilidade de comunicação de idéias trazida pelo desenvolvimento da rede ferroviária que ligou Portugal a outros países da Europa. Nas obras de autores democráticos – Michelet, Hegel, Vico, Proudhon, Renan, Littré, Vacherot, Lamartine, Hugo, Quinet, Taine, Feuerbach – a Geração encontrava os instrumentos doutrinários necessários não só para confirmar o valor do pensamento de seus antecessores nacionais – Felix Henriques Nogueira, Vieira da Silva, Souza Brandão, Lopes de Mendonça – como para criticar o constitucionalismo regenerador e seu capitalismo especulador, concentracionista e dependente. (FEITOSA, 1995, p. 17)

A especialista detalha um pouco mais as ideias de Eça, ao criticar a Universidade de Coimbra como uma instituição conservadora, tomando como base as ideias dos autores do trecho supracitado, os quais Eça considerava importantes e inovadores. O positivismo era visto como um pensamento revolucionário, ao interpretar o mundo como atrasado e devedor de avanços que passavam pela ideia de nacionalidade e definição de raças, conforme discutido em capítulo anterior. No entanto, é preciso estabelecer algumas distinções para os autores elencados no trecho citado, chamados de “democráticos”, pois lá constam nomes que apresentam ideias divergentes tanto no que tange a ser democrático quanto no que tange a ser conservador. Para fins de exemplificação, é necessário separar Proudhon, Hugo e Vico como representantes de um pensamento democrático (acrescentaríamos uma democracia moderada) de Renan, Taine e até Hegel (este último com posicionamento entre conservador, progressista e tantos outros ligados ao pensamento filosófico, que não nos permite classificá-lo em uma só ideia).

É salutar distinguir Renan como uma metonímia do que defendia Eça de Queiroz. Para explicitar o pensamento de Renan, recorreremos a *Nós e os outros. A reflexão francesa sobre a diversidade humana*, em que o pensador búlgaro considera o seguinte:

Para Renan, a raça inferior é constituída pelos negros da África, pelos nativos da Austrália e pelos índios da América (reunidos, portanto, em nome de sua inferioridade cultural, não de traços físicos comuns). Renan supõe que originalmente toda a Terra estava coberta por representantes dessas raças; foram progressivamente eliminados pelos membros das outras raças. “Em toda parte, com efeito, os arianos e os semitas encontram em seu caminho, ao se estabelecerem em um país, raças semisselvagens, que eles exterminam” (*Histoire générale*, p. 585). Pode-se observar que essa exterminação é relatada sem que seja feito qualquer julgamento de valor. É próprio das raças inferiores não apenas serem primitivas ou não civilizadas (esses três termos são sinônimos), mas também não serem civilizáveis, não serem suscetíveis ao progresso: é o que permite justificar a tese poligenista. “Uma incapacidade absoluta de organização e de progresso” (p. 586). “Não se tem, por sinal, qualquer exemplo de uma povoação selvagem que se tenha elevado a civilização” (p. 581). Em outro lugar, Renan fala da “eterna infância dessas raças não aperfeiçoáveis” (*L’Avenir de la Science*, p. 859), de “povos destinados à imobilidade” (p. 861). A ruptura com o ideal humanista é aqui muito clara: o que era apresentado por Rousseau como traço distintivo da espécie humana, a saber, sua capacidade de se aperfeiçoar, é recusado a

uma parte da humanidade; não há mais unidade na espécie, não há mais fé na capacidade da vontade de atingir fins sempre novos; no lugar do voluntarismo (do artificialismo) do iluminismo vem uma certa submissão à Providência (“destinados”). (TODOROV, 1993, p. 122-123)

Diante do exposto a respeito do posicionamento de Renan, exemplo eleito entre os chamados “democráticos” na obra sobre Eça de Queiroz, podemos verificar o conflito instaurado no programa de disciplina Literatura Portuguesa com relação às discussões sobre Literaturas Africanas de Língua Portuguesa ministradas conjuntamente em 2001.

Na avaliação da aprendizagem, a alteração está expressa pela ausência do trabalho monográfico proposto no programa dos anos de 1998 a 2000. Chama a nossa atenção a ideia de literatura contemporânea portuguesa proposta na ementa, contrastando com a escolha dos autores e das épocas (Camões do século XVI e Queiroz do século XIX). No caso das literaturas africanas de língua portuguesa, mostra-se incoerente uma literatura estruturada a partir da década de 1970, pois parece que se aproveitou a ementa dos anos de 1998 a 2000 para as propostas de 2001, 2002 e 2003, causando essa “incoerência” quando comparamos com os demais itens do programa de curso.

Nos Quadros 3 e 4, temos os programas desses três anos, com destaque para o título da disciplina, que sofreu alteração em contraste com a estrutura do programa, mantido para os anos analisados:

Objetivos
O curso pretende analisar as relações entre literatura e história (sobretudo a questão do império) na obra de dois autores fundamentais da literatura portuguesa: Camões e Eça de Queirós e nas literaturas africanas de língua portuguesa de Angola, Moçambique e Cabo Verde.
Conteúdo programático (título e discriminação das unidades)
1. Luís de Camões – Os Lusíadas e a constituição de uma história triunfal de conquista da pátria e da língua. 2. A ilustre casa de Ramires: ficção e história. 3. Angola: textos e contexto. 4. Cabo Verde: textos e contexto. 5. Moçambique: textos e contexto
Metodologia de Ensino
1. Aulas teórico-práticas 2. Debates 3. Seminários 4. Leitura, análise e interpretação de textos
BIBLIOGRAFIA BÁSICA

<p>ABDALA JÚNIOR, Benjamin, LITERATURA, HISTÓRIA, POLÍTICA. São PAULO: Ática, 1992.</p> <p>BERARDINELLI, Cleonice. Estudos Camonianos: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.</p> <p>BERRINI, Beatriz (org.). A ilustre casa de Ramires: cem anos. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2000.</p> <p>CAMÕES, Luís de. Os Lusíadas (Org. Emanuel Paulo Ramos). Porto: Porto, 1997.</p> <p>CHAVES, Rita de Cássia. ENTRE INTENÇÃO E GESTO: a formação do romance angolano. São Paulo: FFLCH, 1993. Tese de doutoramento (texto policopiado).</p> <p>FERREIRA, Manuel. NO REINO DE CALIBAN. 3. ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.</p> <p>DICIONÁRIO DE EÇA DE QUEIROZ. (Org. e coord. A. Campos Matos). 2. ed. Lisboa: Caminho, 1993.</p> <p>ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. REPENSANDO A AFRICANIDADE. Niterói: UFF, 1994.</p> <p>FEITOSA, Rosane Gazolla Alves. Eça de Queirós: realismo português e realidade portuguesa. São Paulo: HVF Arte & Cultura, 1995. (Universidade Aberta, 6).</p> <p>MACEDO, Tania. DA FRONTEIRA DO ASFADO AOS CAMINHOS DA LIBERDADE. São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento (texto policopiado).</p> <p>MEDINA, João. Gonçalo Mendes Ramires. Personagem hamiético. In: _____. Eça político. Lisboa. Seara Nova, 1974. p. 89-112.</p> <p>MENDONÇA, F. e SAUTE, N. ANTOLOGIA DA MODERNA *ANTOLOGIA MOÇAMBICANA Maputo: UEM, 1995.</p> <p>QUEIROZ. Eça de. A ilustre casa de Ramires. In: _____. Obras de Eça de Queirós. Porto: Lelio & irmão. 1979. v.1 p. 1177-429.</p> <p>REIS, Carlos. Estatuto e perspectivas do narrador na ficção de Eça de Queirós 3. Ed. Coimbra: Almedina, 1984.</p> <p>SANTILLI, M. A. ESTÓRIAS AFRICANAS. História e antologia. São Paulo: Ática, 1985.</p> <p>SOUSA E SILVA, Manuel. Do ALHEIO AO PRÓPRIO. São Paulo: EDUSP, 1997.</p>
<p>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM</p> <p>As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade discente e o conceito final será a média ponderada entre as avaliações realizadas no 1º e no 2º semestres.</p>
<p>EMENTA (TÓPICOS QUE CARACTERIZAM AS UNIDADES DOS PROGRAMAS DE ENSINO)</p> <p>O curso abordará as principais linhas-de-força da ficção portuguesa contemporânea e das literaturas africanas de língua portuguesa, detendo-se sobretudo nos textos em que se desenha a relação Literatura e História.</p> <p>Serão ainda realizadas leituras teóricas sobre a relação Literatura e História, iluminando, de diversas perspectivas teóricas, a questão.</p>

Quadro 3 – Programa de Disciplina 2001: Literatura Portuguesa.

Fonte: Macedo e Gazolla (2001).

*Poesia (respeitamos os erros ocorridos no documento para fins de fidedignidade).

Objetivos
O curso pretende analisar as relações entre literatura e história (sobretudo a questão do império) na obra de dois autores fundamentais da literatura portuguesa: Camões e Eça de Queirós e nas literaturas africanas de língua portuguesa de Angola, Moçambique e Cabo Verde.
Conteúdo programático (título e discriminação das unidades)
<ol style="list-style-type: none"> 1. Luís de Camões – Os Lusíadas e a constituição de uma história triunfal de conquista da pátria e da língua. 2. A ilustre casa de Ramires: ficção e história. 3. Angola: textos e contexto. 4. Cabo Verde: textos e contexto. 5. Moçambique: textos e contexto
Metodologia de Ensino
<ol style="list-style-type: none"> 1. Aulas teórico-práticas 2. Debates 3. Seminários 4. Leitura, análise e interpretação de textos
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
<p>ABDALA JÚNIOR, Benjamin, LITERATURA, HISTÓRIA, POLÍTICA. São PAULO: Ática, 1992.</p> <p>BERARDINELLI, Cleonice. Estudos Camonianos: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.</p> <p>BERRINI, Beatriz (org.). A ilustre casa de Ramires: cem anos. São Paulo: EDUC/FAPESP. 2000</p> <p>CAMÕES, Luís de. Os Lusíadas (Org. Emanuel Paulo Ramos). Porto: Porto. 1997.</p> <p>CHAVES, Rita de Cássia. ENTRE INTENÇÃO E GESTO: a formação do romance angolano. São Paulo: FFLCH, 1993. Tese de doutoramento (texto policopiado).</p> <p>FERREIRA, Manuel. NO REINO DE CALIBAN. 3 ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.</p> <p>DICIONÁRIO DE EÇA DE QUEIROZ. (Org. e coord. A. Campos Matos). 2.ed. Lisboa: Caminho, 1993.</p> <p>ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. REPENSANDO A AFRICANIDADE. Niterói: UFF, 1994.</p> <p>FEITOSA, Rosane Gazolla Alves. Eça de Queirós: realismo português e realidade portuguesa. São Paulo: HVF Arte & Cultura, 1995. (Universidade Aberta, 6).</p> <p>MACEDO, Tania. DA FRONTEIRA DO ASFADO AOS CAMINHOS DA LIBERDADE. São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento (texto policopiado).</p> <p>MEDINA, João. Gonçalo Mendes Ramires. Personagem hamiético. In: _____. Eça político. Lisboa. Seara Nova, 1974. P.89-112.</p> <p>MENDONÇA, F. e SAUTE, N. ANTOLOGIA DA MODERNA *ANTOLOGIA MOÇAMBICANA Maputo: UEM, 1995.</p> <p>QUEIROZ, Eça de. A ilustre casa de Ramires. In: _____. Obras de Eça de Queirós. Porto: Lúlio & irmão. 1979. v.1 p.1177-429.</p> <p>REIS, Carlos. Estatuto e perspectivas do narrador na ficção de Eça de Queirós 3. Ed. Coimbra: Almedina, 1984.</p>

SANTILLI, M. A. ESTÓRIAS AFRICANAS. História e antologia. São Paulo: Ática, 1985. SOUSA E SILVA, Manuel. Do ALHEIO AO PRÓPRIO. São Paulo: EDUSP, 1997.
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade discente e o conceito final será a média ponderada entre as avaliações realizadas no 1º e no 2º semestres.
EMENTA (TÓPICOS QUE CARACTERIZAM AS UNIDADES DOS PROGRAMAS DE ENSINO) O curso abordará as principais linhas-de-força da ficção portuguesa contemporânea e das literaturas africanas de língua portuguesa, detendo-se sobretudo nos textos em que se desenha a relação Literatura e História. Serão ainda realizadas leituras teóricas sobre a relação Literatura e História, iluminando, de diversas perspectivas teóricas, a questão.

Quadro 4 – Programa de Disciplina 2002 e 2003: Literaturas de Língua Portuguesa.

Fonte: Macedo e Gazolla (2002).

*Poesia (respeitamos os erros ocorridos no documento para fins de fidedignidade).

Em 2004, ocorre um fato novo, pois são ofertadas duas disciplinas optativas que contemplam Literaturas Africanas de Língua Portuguesa em sua proposta, uma com o nome de “Literaturas de Língua Portuguesa”, que segue o mesmo programa dos anos de 2002 e 2003; a outra proposta retoma o programa da disciplina dos anos 1998 a 2000, nomeada “Literaturas Africanas de Língua Portuguesa”. Os itens técnicos (quantidade de alunos, série, carga horária, requisitos) seguem sem alteração nas duas propostas. Além disso, a professora referência ainda é a mesma de 1998, figurando nas duas propostas, sendo na “Literaturas de Língua Portuguesa” em parceria com outra professora da área de Literatura Portuguesa, e na proposta para “Literaturas Africanas de Língua Portuguesa”, surge um agente novo que assina com a professora referência. O novo docente assume a disciplina nos próximos anos. A mudança ocorre pela presença de duas propostas pedagógicas, conforme exposto no Quadro 5:

Objetivos
O curso pretende analisar as relações entre literatura e história (sobretudo a questão do império) na obra de dois autores fundamentais da literatura portuguesa: Camões e Eça de Queirós e nas literaturas africanas de língua portuguesa de Angola, Moçambique e Cabo Verde.
Conteúdo programático (título e discriminação das unidades)
<ol style="list-style-type: none"> 1. Luís de Camões – Os Lusíadas e a constituição de uma história triunfal de conquista da pátria e da língua. 2. A ilustre casa de Ramires: ficção e história. 3. Angola: textos e contexto. 4. Cabo Verde: textos e contexto. 5. Moçambique: textos e contexto
Metodologia de Ensino
<ol style="list-style-type: none"> 1. Aulas teórico-práticas 2. Debates 3. Seminários 4. Leitura, análise e interpretação de textos
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
<p>ABDALA JÚNIOR, Benjamin, LITERATURA, HISTÓRIA, POLÍTICA. São PAULO: Ática, 1992.</p> <p>BERARDINELLI, Cleonice. ESTUDOS CAMONIANOS: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.</p> <p>BERRINI, Beatriz (org.). A ILUSTRE CASA DE RAMIRES: cem anos. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2000</p> <p>CAMÕES, Luís de. OS LUSÍADAS (Org. Emanuel Paulo Ramos). Porto: Porto. 1997.</p> <p>CHAVES, Rita de Cássia. ENTRE INTENÇÃO E GESTO: a formação do romance angolano. São Paulo: FFLCH, 1993. Tese de doutoramento (texto policopiado).</p> <p>FERREIRA, Manuel. NO REINO DE CALIBAN. 3. ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.</p> <p>DICIONÁRIO DE EÇA DE QUEIROZ. (Org. e coord. A. Campos Matos). 2. ed. Lisboa: Caminho, 1993.</p> <p>ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. REPENSANDO A AFRICANIDADE. Niterói: UFF, 1994.</p> <p>FEITOSA, Rosane Gazolla Alves. Eça de Queirós: realismo português e realidade portuguesa. São Paulo: HVF Arte & Cultura, 1995. (Universidade Aberta, 6).</p> <p>MACEDO, Tania. DA FRONTEIRA DO ASFADO AOS CAMINHOS DA LIBERDADE. São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento (texto policopiado).</p> <p>MEDINA, João. Gonçalo Mendes Ramires. Personagem hamletico. In: _____. Eça político. Lisboa. Seara Nova, 1974. p. 89-112.</p> <p>MENDONÇA, F. e SAUTE, N. ANTOLOGIA DA MODERNA *ANTOLOGIA MOÇAMBICANA Maputo: UEM, 1995.</p> <p>QUEIROZ, Eça de. A ilustre casa de Ramires. In: _____. Obras de Eça de Queirós. Porto: Lúlio & irmão. 1979. v.1 p.1177-429.</p> <p>REIS, Carlos. Estatuto e perspectivas do narrador na ficção de Eça de Queirós 3. Ed. Coimbra: Almedina, 1984.</p> <p>SANTILLI, M. A. ESTÓRIAS AFRICANAS. História e antologia. São Paulo: Ática, 1985.</p>

SOUSA E SILVA, Manuel. DO ALHEIO AO PRÓPRIO. São Paulo: EDUSP, 1997.
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM
As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade discente e o conceito final será a média ponderada entre as avaliações realizadas no 1º e no 2º semestres.
EMENTA (TÓPICOS QUE CARACTERIZAM AS UNIDADES DOS PROGRAMAS DE ENSINO)
O curso abordará as principais linhas-de-força da ficção portuguesa contemporânea e das literaturas africanas de língua portuguesa, detendo-se sobretudo nos textos em que se desenha a relação Literatura e História. Serão ainda realizadas leituras teóricas sobre a relação Literatura e História, iluminando, de diversas perspectivas teóricas, a questão.

Quadro 5 – Programa de Disciplina 2004: Literaturas de Língua Portuguesa.

Fonte: Macedo, Gazolla e Santos (2004)

*Poesia (respeitamos os erros ocorridos no documento para fins de fidedignidade).

Essa proposta manteve o programa de disciplina ofertado nos dois anos anteriores, com a dinâmica de trabalhar Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa em uma única disciplina, o que apresenta conflitos teóricos e ideológicos expostos por meio dos objetivos, conteúdos e bibliografia empreendida, como já analisamos. O fato de esta retomar a proposta da disciplina inaugural “Literaturas Africanas de Língua Portuguesa” pode revelar a necessidade de se estudar a temática apartada dos estudos literários portugueses, justamente pelo conflito desvelado e discutido anteriormente.

A presença de um novo docente à frente da disciplina, devido à aposentadoria da docente fundadora, suscita outras reflexões, por exemplo: a preparação desse docente ao assumir a disciplina e a responsabilidade assumida pela professora que se aposentou em não permitir que o estudo das literaturas africanas de língua portuguesa fiquem condicionados aos estudos da literatura portuguesa e ainda em segundo plano, conforme ocorrido nas propostas de 2001, 2002 e 2003, inferências que encontram respaldo na nossa análise do documento. A manutenção das literaturas africanas, mesmo diante da proposta de uma optativa voltada à “Literatura Portuguesa” ou às “Literaturas de Língua Portuguesa”, demonstra o esforço para não se perder a implementação da disciplina no curso de Letras da Unesp-Assis perante o tensionamento com a literatura de prestígio, assim, ofertar a disciplina nos formatos iniciais é demarcar espaço na relação de poder do campo universitário. Com isso, temos o retorno do programa de disciplina forjado em 1998 (Quadro 6):

Objetivos
O curso proporcionará ao aluno o conhecimento da prosa e da poesia contemporâneas dos países africanos de língua portuguesa, bem como uma reflexão sobre o fazer literário nos países submetidos à colonização. O curso propiciará a reflexão sobre a produção artística no quadro do <i>macro-sistema</i> das literaturas de língua portuguesa.
Conteúdo programático (título e discriminação das unidades)
<ol style="list-style-type: none"> 1. Angola: Textos e contexto <ol style="list-style-type: none"> 1.1. O conto e a poesia contemporâneos de Angola 2. Cabo Verde: Textos e contexto <ol style="list-style-type: none"> 2.1. O Conto e a poesia contemporâneos de Cabo Verde 3. Moçambique: Textos e contexto <ol style="list-style-type: none"> 3.1. O conto e a poesia contemporânea de Moçambique 4. São Tomé e Príncipe: Textos e contexto <ol style="list-style-type: none"> 4.1. A poesia de São Tomé e Príncipe
METODOLOGIA DE ENSINO
<ol style="list-style-type: none"> 1. Aulas teórico-práticas 2. Debates 3. Seminários 4. Leitura, análise e interpretação de textos 5. Orientação de trabalhos individuais, monografias no final do ano letivo
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
<p>ABDALA JÚNIOR, Benjamin, LITERATURA, HISTÓRIA, POLÍTICA. São Paulo: Ática, 1992.</p> <p>ANAIS DO I ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. REPENSANDO A AFRICANIDADE. Niterói: UFF, 1994.</p> <p>CHAVES, Rita de Cássia. ENTRE INTENÇÃO E GESTO: a formação do romance angolano. São Paulo: FFLCH, 1993. Tese de doutoramento (texto policopiado).</p> <p>FERREIRA, Manuel. NO REINO DE CALIBAN. 3 ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.</p> <p>MACEDO, Tania. DA FRONTEIRA DO ASFALTO AOS CAMINHOS DA LIBERDADE: (Imagens do musseque na literatura angolana contemporânea). São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento (texto policopiado).</p> <p>MENDONÇA, F. e SAUTE, N. ANTOLOGIA DA MODERNA *ANTOLOGIA MOÇAMBICANA Maputo: UEM, 1995.</p> <p>SANTILLI, M. A. ESTÓRIAS AFRICANAS. História e antologia. São Paulo: Ática, 1985.</p> <p>SOUSA E SILVA, Manuel. DO ALHEIO AO PRÓPRIO: A Poesia em Moçambique. São Paulo: EDUSP, 1997.</p>
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM
As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade discente e o conceito final será a média ponderada entre as avaliações realizadas nos primeiro e segundo semestre (peso 6) e um trabalho monográfico final (peso 4).

EMENTA (TÓPICOS QUE CARACTERIZAM AS UNIDADES DOS PROGRAMAS DE ENSINO)

Os alunos serão introduzidos ao universo das literaturas africanas de língua portuguesa através do estudo de obras de autores angolanos, caboverdianos, moçambiques e santomentes.

Será realizada uma reflexão teórica sobre o fazer literário nos países periféricos e sobre o macro-sistema das literaturas em português.

Quadro 6 – Programa de Disciplina 2004: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

Fonte: Macedo, Gazolla e Santos (2004).

*Poesia (respeitamos os erros ocorridos no documento para fins de fidedignidade).

Assim, notamos que o retorno à proposta inaugural manteve a estrutura ofertada antes nos itens técnicos (pedagógicos e didáticos), com o diferencial de o novo docente constar em parceria com a professora referência, como mencionado.

Em 2005, a disciplina tornou a se chamar “Literaturas de Língua Portuguesa”, mantendo-se os itens técnicos como nos anos anteriores, mas apresentando muitas alterações nos itens didático/pedagógico. Por exemplo, nos objetivos é inserida uma nova obra: *As Naus* (1988), de António Lobo Antunes, que será estudada em par com *Os Lusíadas*, de Camões, na interface literatura e história e sua relação com a questão do império, ou seja, trata-se do mesmo objetivo para estudar as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da Angola, Moçambique e Cabo Verde. A obra *As Naus* oferece uma nova perspectiva para o programa da disciplina em 2005.

Em *As Naus*, a narrativa histórica sobre as navegações portuguesas tem sua ordem cronológica e espacial subvertida, pois Lobo Antunes narra o retorno dos “heróis” a Portugal, e essa narrativa é marcada pelo fluxo do pensamento, inserções de comentários e inversões da linguagem à maneira de Lobo Antunes. O tempo histórico é 1970 (período das lutas pela libertação de Angola, Cabo Verde e Moçambique), o cenário é composto pelas capitais desses países e Lisboa, e os personagens são Pedro Álvares Cabral, Luís de Camões, Diogo Cão, Vasco da Gama e Miguel de Cervantes, que retornam a Portugal como pessoas comuns, com seus vícios e fraquezas, numa espécie de epopeia às avessas. Lobo Antunes narra a vida dessas figuras históricas na África, inserindo-os na narrativa como jogadores de cartas, bebedores, aproveitadores e fracassados, enfim, todos desiludidos com o fim da colonização africana:

Era uma vez um homem de nome Luís a quem faltava a vista esquerda, que permaneceu no Cais de Alcântara três ou quatro semanas pelo menos, sentado em cima do caixão do pai, à espera que o resto da bagagem aportasse no navio seguinte. Dera aos estivadores, a um sargento português bêbedo e aos empregados da alfândega a escritura da casa e o dinheiro que trazia, vira-os içar o frigorífico, o fogão e o

Chevrolet antigo, de motor delirante, para uma nau que aparelhava já, mas recusou separar-se da urna apesar das ordens de um major gorducho (Você nem sonhe que leva essa gaita consigo), um féretro de pegas lavradas e crucifixo no tampo, arrastado tombadilho fora perante o pasmo do comandante que se esqueceu do nónio e levantou a cabeça, tonta de cálculos, para olhá-lo, no momento em que o homem de nome Luís desaparecia no porão e encaixava o morto sob o beliche, como os restantes passageiros faziam aos cestos e às malas. Depois estendeu-se no cobertor, poisou a nuca nas palmas e entreteve-se a seguir o crochet meticuloso das aranhas e o cio dos ratos nas vigas do tecto cobertas de caranguejos e percebes, sonhando com os braços nocturnos das negras carecidas. Ao segundo almoço conheceu um reformado amante de biscoitos e suecas e um maneta espanhol que vendia cautelas em Moçambique chamado Dom Miguel de Cervantes Saavedra, antigo soldado sempre a escrever em folhas soltas de agenda e papéis desprezados um romance intitulado, não se entendia o porquê, de Quixote, quando toda a gente sabe que Quixote é apelido de cavalo de obstáculos, e ao fim da tarde puxavam o caixão e batiam trunfos lambidos no tampo de verniz, evitando tocar no crucifixo porque dá azar às vazas e altera as manilhas, e erguendo os sapatos de fivela sempre que os balanços do barco derramavam na sua direcção o vomitado dos vizinhos, que adquirira um palmo de altura e os obrigava, de meias ensopadas, a agarrarem-se às pegas a fim de que o cadáver não lhes escapasse, à deriva num caldo em que flutuavam lavagantes, transportando consigo os valetes e os ases da partida decisiva. (ANTUNES, 1988, p. 9)

Assim, podemos aventar a hipótese de que *As Naus* fora selecionada com o intuito de explorar o tema imperial português, claramente satirizado por Lobo Antunes, além de poder encontrar pontos de ligação com *Os Lusíadas* tanto na temática das navegações quanto na exploração do sujeito histórico, Camões, transformado em personagem por Antunes. Outra abordagem possível seria explorar a relação de Lobo Antunes com a África, visto que o escritor atuou em Angola como médico, no período das lutas por libertação, tema tratado no romance *Os Cus dos Judas* (1979). No entanto, estabelecer essas relações demandaria uma abordagem crítica sobre a questão do império português, fato não aparente nos objetivos e apontado nos conteúdos como uma “perspectiva parodística e ante-estereotípica do passado histórico português”. Assim sendo, no que tange ao trabalho sobre a literatura portuguesa, abordaremos o trabalho literário dos dois autores para investigar do ponto de vista estético, o passado de Portugal enquanto nação, sem explorar as relações ideológicas implicadas, como veremos ao analisar a bibliografia proposta.

No tocante à metodologia, destacamos a modernização no programa da disciplina através da exibição de vídeos como proposta para o ano de 2005, bem como a ausência dos trabalhos monográficos realizados pelos alunos.

A bibliografia apresenta um elemento revelador à sua disposição, que separa as duas literaturas lecionadas: em primeiro plano, foram elencados os livros teórico-literários de Literatura Portuguesa; em seguida, elenca-se a bibliografia de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Pela primeira vez, o documento marca as particularidades de cada disciplina pela escolha na disposição da bibliografia. Embora a proposta pareça a mesma para as duas

disciplinas, fica evidente a impossibilidade de trabalhar ambas como uma coisa só, tanto as escolhas das obras literárias quanto o suporte teórico divergem em vários pontos, mesmo com a presença de António Lobo Antunes como um possível elo entre a temática africana, de certa forma, abordada pelo escritor português em sua primeira fase, pois os caminhos escolhidos demarcam posições divergentes na abordagem das literaturas de Portugal e as da Angola, Cabo Verde e Moçambique.

Na literatura portuguesa, vimos a abordagem escolhida para analisar a obra *Os Lusíadas*; no caso do estudo do romance *As Naus*, a bibliografia indicada atende ao critério de “paródia” descrita no conteúdo, dado que a obra teórica escolhida para esse fim foi *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX* (1989), livro em que a crítica literária canadense Linda Hutcheon busca conceituar paródia nas formas artísticas modernas. A autora pondera que a questão da paródia não é exclusiva do século XX, mas destaca que é esse o século que mais lança mão desse recurso estético. A obra divide-se em cinco capítulos: Introdução, Definição de paródia, O alcance pragmático da paródia, O paradoxo da paródia e Codificação e descodificação: os códigos comuns da paródia, ao longo dos quais a crítica apresenta exemplos de textos da literatura moderna ocidental do século XX que fizeram uso da paródia como forma de criação artística:

A paródia é um género complexo, quer pela sua forma, quer pelos seu *ethos*. É uma das maneiras que os artistas modernos arranjam para com o peso do passado. A busca da novidade na arte do século XX tem-se baseado com frequência - ironicamente na busca de uma tradição. No *Doctor Faustus*, de Thomas Mann, o Demónio diz ao compositor Leverkühn que as «convenções obrigatoriamente válidas» são necessárias para garantir a «liberdade de execução» (Mann 1948,241). O mestre da forma paródica replica: «Seria possível a um homem saber isso e reconhecer a liberdade acima e para além de toda a crítica. Ele poderia ampliar a execução, jogando com formas das quais, como bem saberia, a vida tinha desaparecido. A subsequente resposta do Demónio - no seu contraste com as noções tradicionais de paródia - serviria como boa introdução à complexidade do género que hoje se recusa a ser limitado à imitação ridicularizadora: «Bem sei, bem sei: A paródia. Era capaz de ser divertido, se não fosse tão melancólica no seu niilismo aristocrático. (HUTCHEON, 1989, p. 43)

Mobilizar o conceito de paródia de Hutcheon para explorar o romance *As Naus* nos parece um trabalho arrojado, dentro dos estudos de literatura portuguesa, tomando como base as propostas dos anos anteriores, o que acrescenta uma renovação à disciplina optativa Literatura Portuguesa oferecida em 2005. Entretanto, é preciso notar que mantém um descompasso em relação à disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa presente na mesma proposta, pois foi apresentada uma possibilidade de integração artístico-temática via texto de Lobo Antunes, tomando-se o contexto histórico parodiado pelo escritor português, mas

a análise do documento revela que não houve integração desde os objetivos até o formato da bibliografia e, principalmente, pela escolha desta última. Revela-se uma abordagem do caráter da memória coletiva portuguesa, explicitada na escolha da obra de Lobo Antunes como uma forma de trazer à tona a “melancólica e o niilismo aristocrático” presentes em Portugal no pós-Revolução dos Cravos e perda das colônias africanas via independência.

A proposta de avaliação não apresenta novidade. A ementa reafirma o proposto nos objetivos e comprovados na análise bibliográfica que suporta a proposta de “efetuar a análise dos textos portugueses selecionados como “corpus” do curso a partir do enfoque teórico escolhido”, demonstrado pela escolha de *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*, como já visto.

No Quadro 7, apresentamos o programa de disciplina proposta para o ano de 2005.

Objetivos
O curso pretende analisar as relações entre literatura e história, sobretudo a questão do império, na obra de autores representativos da Literatura Portuguesa - Camões e António Lobo Antunes - e das literaturas africanas de língua portuguesa de Angola, Moçambique e Cabo Verde.
Conteúdo programático (título e discriminação das unidades)
1. Os Lusíadas (Camões) e a constituição de uma história triunfal de conquista da pátria e da língua. 2. As Naus (António Lobo Antunes): perspectiva parodística e ante-estereotípica do passado histórico português. 3. Angola: textos e contexto. 4. Cabo Verde: textos e contexto. 5. Moçambique: textos e contexto
Metodologia de Ensino
1. Aulas teórico-práticas 2. Seminários 3. Leitura, análise e interpretação de textos 4. Exibição de vídeos
BIBLIOGRAFIA BÁSICA: LITERATURA PORTUGUESA
BERARDINELLI, Cleonice. Estudos Camonianos: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. COELHO. Jacinto do Prado. Camões e Pessoa: poetas da utopia. Lisboa Europa- América. 1985. HUTCHEON. Linda. Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX. Trad. Teresa Louro Peres. Rio de Janeiro. Edições 70, 1989. LEPECKI. Maria Lucia. O romance português contemporâneo em busca da história e da historicidade. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984. SARAIVA. José Hermano. História concisa de Portugal. 20. ed. Lisboa. Europa-América, 2000. SEIXO. Maria Alzira. Os romances de António Lobo Antunes. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

ANTUNES, António Lobo. *As naus*. Lisboa. Dom Quixote, 1988.
 CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas* (Org. Emanuel Paulo Ramos). Porto: Porto. 1997.
 _____. *Os Lusíadas* (comentado por Francisco da Silveira Bueno) Rio de Janeiro. Edições de Ouro, s/d.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA – LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

ANAIS DO I ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. *REPENSANDO A AFRICANIDADE*. Niterói: UFF, 1994.

ABDALA JÚNIOR, Benjamin, *LITERATURA, HISTÓRIA, POLÍTICA*. São Paulo: Ática, 1992.

CHAVES, Rita de Cássia. *ENTRE INTENÇÃO E GESTO: a formação do romance angolano*. São Paulo: FFLCH, 1993. Tese de doutoramento (texto policopiado).

FERREIRA, Manuel. *NO REINO DE CALIBAN*. 3 ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.

MACEDO, Tania. *DA FRONTEIRA DO ASFADO AOS CAMINHOS DA LIBERDADE*. São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento (texto policopiado).

MENDONÇA, F. e SAUTE, N. *ANTOLOGIA DA MODERNA *ANTOLOGIA MOÇAMBICANA* Maputo: UEM, 1995.

SANTILLI, M. A. *ESTÓRIAS AFRICANAS*. História e antologia. São Paulo: Ática, 1985.

SOUSA E SILVA, Manuel. *DO ALHEIO AO PRÓPRIO*. São Paulo: EDUSP, 1997.

TEMPO BRASILEIRO. Rio de Janeiro. Edições Tempo Brasileiro. N 62.jul set. 1988.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade discente e o conceito final será a média ponderada entre as avaliações realizadas no 1º e no 2º semestres.

EMENTA (TÓPICOS QUE CARACTERIZAM AS UNIDADES DOS PROGRAMAS DE ENSINO)

O curso abordará as principais linhas-de-força da ficção portuguesa detendo-se sobretudo nos textos em que se desenha a relação Literatura e História. Serão ainda realizadas leituras teóricas sobre a relação literatura e história iluminando a questão de diversas perspectivas teóricas, efetuar-se-á a análise dos textos portugueses selecionados como “corpus” do curso a partir do enfoque teórico escolhido construindo-se uma leitura integralizadora dos mesmos.

Quadro 7 – Programa de Disciplina 2005: Literaturas de Língua Portuguesa.

Fonte: Gazolla e Santos (2005).

*Poesia (respeitamos os erros ocorridos no documento para fins de fidedignidade).

O programa da disciplina realizada em 2006 retoma a proposta inaugural de 1998 com todos os seus itens técnicos e didático/pedagógicos mantidos e/ou retomados. Nesse ano, a professora que inaugurou os estudos das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa já não tem mais vínculo institucional com o curso, devido à sua aposentadoria. Por isso, assumiu a optativa o professor que esteve em parceria no ano anterior, mas que agora assina sozinho. O programa mantém o formato inicial:

OBJETIVOS
<p>O curso proporcionará ao aluno o conhecimento da prosa e da poesia contemporâneas dos países africanos de língua portuguesa, bem como uma reflexão sobre o fazer literário nos países submetidos à colonização.</p> <p>O curso propiciará e reflexão sobre a produção artística no quadro do macro-sistema das literaturas de língua portuguesa.</p>
Conteúdo programático (título e discriminação das unidades)
<p>1. Angola: Textos e contexto</p> <p>1.1 O conto e a poesia contemporâneos de Angola</p> <p>2. Cabo Verde: Textos e contexto</p> <p>2.1. O Conto e a poesia contemporâneos de Cabo Verde</p> <p>3. Moçambique: Textos e contexto</p> <p>3.1. O conto e a poesia contemporânea de Moçambique</p> <p>4. São Tomé e Príncipe: Textos e contexto</p> <p>4.1. A poesia de São Tomé e Príncipe</p>
Metodologia de Ensino
<ol style="list-style-type: none"> 1. Aulas teórico-práticas 2. Debates 3. Seminários 4. Leitura, análise e interpretação de textos 5. Orientação de trabalhos individuais, monografias no final do ano letivo
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
<p>ABDALA JÚNIOR, Benjamin, LITERATURA, HISTÓRIA, POLÍTICA. São Paulo: Ática, 1992.</p> <p>ANAIS DO I ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. REPENSANDO A AFRICANIDADE. Niterói: UFF, 1994.</p> <p>CHAVES, Rita de Cássia. ENTRE INTENÇÃO E GESTO: a formação do romance angolano. São Paulo: FFLCH, 1993. Tese de doutoramento (texto policopiado).</p> <p>FERREIRA, Manuel. NO REINO DE CALIBAN. 3 ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.</p> <p>MACEDO, Tania. DA FRONTEIRA DO ASFADO AOS CAMINHOS DA LIBERDADE. São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento (texto policopiado).</p> <p>MENDONÇA, F. e SAUTE, N. ANTOLOGIA DA MODERNA *ANTOLOGIA MOÇAMBICANA Maputo: UEM, 1995.</p> <p>SANTILLI, M. A. ESTÓRIAS AFRICANAS. História e antologia. São Paulo: Ática, 1985.</p> <p>SOUSA E SILVA, Manuel. Do ALHEIO AO PRÓPRIO. São Paulo: EDUSP, 1997.</p>
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM
<p>As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade discente e o conceito final será a média ponderada entre as avaliações realizadas nos primeiro e segundo semestre (peso 6) e um trabalho monográfico final (peso 4).</p>

EMENTA (TÓPICOS QUE CARACTERIZAM AS UNIDADES DOS PROGRAMAS DE ENSINO)

Os alunos serão introduzidos ao universo das literaturas africanas de língua portuguesa através do estudo de obras de autores angolanos, caboverdianos, moçambiques e santomentes.

Será realizada uma reflexão teórica sobre o fazer literário nos países periféricos e sobre o macro-sistema das literaturas em português.

Quadro 8 – Programa de Disciplina 2006: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

Fonte: Santos (2006).

*Poesia (respeitamos os erros ocorridos no documento para fins de fidedignidade).

Com a retomada da proposta inaugural, podemos inferir que o novo responsável pela disciplina dará continuidade ao trabalho com africanas, ficando expresso no documento por meio da reprodução integral da proposta iniciada pela professora recém-aposentada. Destacamos o retorno da literatura de São Tomé e Príncipe e o trabalho monográfico final no programa da disciplina do ano de 2006.

Em 2007, são ofertadas duas disciplinas optativas, uma para cada grade curricular. Desse modo, o curso anual teve a disciplina “Literaturas Portuguesa e Africana” em parceria com os docentes que ofereceram a disciplina Literatura de Língua Portuguesa em 2005. Embora “Literaturas” esteja no plural e seguida pelas palavras “Portuguesa” e “Africana”, o formato é parecido com a proposta de 2004 e 2005, contabilizando poucas alterações.

No Quadro 9, podemos observar a configuração do programa da disciplina ofertada para o currículo (antigo):

Objetivos
O curso pretende analisar as relações entre literatura e história (sobretudo a questão do império) na obra de dois autores fundamentais da literatura portuguesa: Camões e Eça de Queirós e nas literaturas africanas de língua portuguesa de Angola, Moçambique e Cabo Verde.
Conteúdo programático (título e discriminação das unidades)
1. Angola: textos e contexto. 2. Cabo Verde: textos e contexto. 3. Moçambique: textos e contexto 4. Luís de Camões – Os Lusíadas e a constituição de uma história triunfal de conquista da pátria e da língua.
Metodologia de Ensino
1. Aulas teórico-práticas 2. Debates 3. Seminários

4. Leitura, análise e interpretação de textos
<p>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</p> <p>ABDALA JÚNIOR, Benjamin, LITERATURA, HISTÓRIA, POLÍTICA. São Paulo: Ática, 1992.</p> <p>BERARDINELLI, Cleonice. Estudos Camonianos: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.</p> <p>BERRINI, Beatriz (org.). A ilustre casa de Ramires: cem anos. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2000.</p> <p>CAMÕES, Luís de. Os Lusíadas (Org. Emanuel Paulo Ramos). Porto: Porto. 1997.</p> <p>CHAVES, Rita de Cássia. ENTRE INTENÇÃO E GESTO: a formação do romance angolano. São Paulo: FFLCH, 1993. Tese de doutoramento (texto policopiado).</p> <p>FERREIRA, Manuel. NO REINO DE CALIBAN. 3 ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.</p> <p>DICIONÁRIO DE EÇA DE QUEIROZ. (Org. e coord. A. Campos Matos). 2.ed. Lisboa: Caminho, 1993.</p> <p>ANAIS I ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. REPENSANDO A AFRICANIDADE. Niterói: UFF, 1994.</p> <p>FEITOSA, Rosane Gazolla Alves. Eça de Queirós: realismo português e realidade portuguesa. São Paulo: HVF Arte & Cultura, 1995. (Universidade Aberta, 6).</p> <p>MACEDO, Tania. DA FRONTEIRA DO ASFADO AOS CAMINHOS DA LIBERDADE. São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento (texto policopiado).</p> <p>MENDONÇA, F. e SAUTE, N. ANTOLOGIA DA MODERNA ANTOLOGIA MOÇAMBICANA Maputo: UEM, 1995.</p> <p>QUEIROZ, Eça de. A ilustre casa de Ramires. In: _____. Obras de Eça de Queirós. Porto: Lúlio & irmão. 1979. v.1 p.1177-429.</p> <p>REIS, Carlos. Estatuto e perspectivas do narrador na ficção de Eça de Queirós 3. Ed. Coimbra: Almedina, 1984.</p> <p>SANTILLI, M. A. ESTÓRIAS AFRICANAS. História e antologia. São Paulo: Ática, 1985.</p> <p>SOUSA E SILVA, Manuel. Do ALHEIO AO PRÓPRIO. São Paulo: EDUSP, 1997.</p>
<p>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM</p> <p>As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade discente e o conceito final será a média ponderada entre as avaliações realizadas no 1º e no 2º semestres.</p>
<p>EMENTA (TÓPICOS QUE CARACTERIZAM AS UNIDADES DOS PROGRAMAS DE ENSINO)</p> <p>O curso abordará as principais linhas-de-força da ficção portuguesa contemporânea e das literaturas africanas de língua portuguesa, detendo-se sobretudo nos textos em que se desenha a relação Literatura e História.</p> <p>Serão ainda realizadas leituras teóricas sobre a relação Literatura e História, iluminando, de diversas perspectivas teóricas, a questão.</p>

Quadro 9 – Programa de Disciplina 2007: Literaturas Portuguesa e Africana.

Fonte: Gazolla e Santos (2007).

Para a disciplina “Literaturas Portuguesa e Africana” ofertada no curso anual, foram mantidos os itens técnicos, pois a alteração ocorre no nome da disciplina. Nos itens didático/pedagógicos, houve alteração do conteúdo ao se retirar *A Ilustre Casa de Ramires*. Na bibliografia, foi suprimida a obra MEDINA. João. Gonçalo Mendes Ramires. Personagem hamletico. In: _____. Eça político. Lisboa. Seara Nova, 1974. P.89-112”; na ementa, foi acrescentada uma marcação que reforça o objetivo da “relação Literatura e História”. As mudanças não afetam a proposta significativamente, pois a estrutura é mantida. Ao observarmos a bibliografia, as indicações sobre Eça de Queiroz estão mantidas, o que torna o programa de 2007, para o currículo anual, muito próximo do que já foi ofertado em anos anteriores quando abordada a literatura portuguesa em parceria com as africanas.

O fato de o curso de Letras da Unesp-Assis ter passado por uma reforma curricular em 2005 demandou as alterações nas disciplinas. No caso da Literaturas Africanas de Língua Portuguesa ofertada no formato semestral do curso pela primeira vez, em 2007, os itens técnicos que passam a ter o seguinte formato: nome da disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa – Prosa, ofertada no quarto semestre, optativa, sem pré-requisito, semestral, 30h e 35 alunos por turma. Os itens didático/pedagógicos para o ano de 2007 ofertados no curso semestral estão expressos no quadro abaixo:

OBJETIVO (Ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de)
O curso proporcionará ao aluno o conhecimento da prosa contemporâneas dos países africanos de língua portuguesa, bem como uma reflexão sobre o fazer literário nos países submetidos à colonização. O curso propiciará e reflexão sobre a produção artística no quadro do macro-sistema das literaturas de língua portuguesa.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (título e discriminação das unidades)
Título: A prosa contemporânea nos países africanos de língua portuguesa 1. Angola: Textos e contexto 1.1 O conto e o romance contemporâneos de Angola 2. Cabo Verde: Textos e contexto 2.1. O Conto e o romance contemporâneos de Cabo Verde 3. Moçambique: Textos e contexto 3.1. O conto e o romance contemporâneos de Moçambique
METODOLOGIA DE ENSINO
1. Aulas teórico-práticas 2. Debates 3. Seminários 4. Leitura, análise e interpretação de textos

5. Orientação de trabalhos individuais, monografias no final do ano letivo
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
<p>ABDALA JÚNIOR, Benjamin, Literatura, História, Política. São Paulo: Ática, 1992.</p> <p>ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. REPENSANDO A AFRICANIDADE, I. 1994 Niterói. Anais Niterói: UFF, 1994.</p> <p>CHAVES, Rita de Cássia. A Formação do Romance Angolano – Entre intenção e gesto. São Paulo: Coleção Via Atlântica, n.1, 1999</p> <p>FERREIRA, Manuel. No Reino de Caliban. 3 ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.</p> <p>MACEDO, Tania. Da fronteira do asfalto aos caminhos da liberdade. São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento (texto policopiado).</p> <p>MENDONÇA, F. e SAUTE, N. Antologia da moderna *antologia moçambicana. Maputo: UEM, 1995.</p> <p>SANTILLI, M. A. Estórias africanas. História e antologia. São Paulo: Ática, 1985.</p> <p>SOUSA E SILVA, Manuel. Do alheio ao próprio. São Paulo: EDUSP, 1997.</p>
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM
As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade discente e o conceito final será a média ponderada entre as avaliações realizadas nos primeiro e segundo semestre (peso 6) e um trabalho monográfico final (peso 4).
EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)
<p>Os alunos serão introduzidos ao universo das literaturas africanas de língua portuguesa através do estudo de obras de autores angolanos, cabo-verdianos e moçambicanos.</p> <p>Será realizada uma reflexão teórica sobre o fazer literário nos países periféricos e sobre o macro-sistema das literaturas em português.</p>

Quadro 10 – Programa de Disciplina 2007: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: Prosa.

Fonte: Santos (2007).

*Poesia (respeitamos os erros ocorridos no documento para fins de fidedignidade).

O recorte da prosa para a disciplina representa uma mudança necessária devido ao tempo menor, a carga horária é de 30h. Visto que o objetivo é introduzir os alunos ao universo das literaturas africanas de língua portuguesa, o docente responsável escolheu trabalhar a prosa dos três países recorrentes nos programas ao longo dos anos. No geral, o programa mantém os objetivos, a metodologia, a bibliografia, a avaliação e a ementa do programa inaugural, o que nos leva a perceber que a disciplina será encaixada no novo formato curricular, adequando-se ao menor tempo, mas sem grandes mudanças. Um fator importante para destacarmos é a escolha da disciplina inaugural para os alunos do curso semestral, enquanto os alunos do curso anual ficaram com a proposta mista de “Literaturas Portuguesa e Africana”, a qual refletirá na oferta dos próximos anos, como podemos depreender no programa de 2008:

OBJETIVO (Ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de)
O curso proporcionará ao aluno o conhecimento da prosa contemporâneas dos países africanos de língua portuguesa, bem como uma reflexão sobre o fazer literário nos países submetidos à colonização. O curso propiciará a reflexão sobre a produção artística no quadro do macro-sistema das literaturas de língua portuguesa.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (título e discriminação das unidades)
Título: A prosa contemporânea nos países africanos de língua portuguesa 1. Angola: Textos e contexto 1.1 O conto e o romance contemporâneos de Angola 2. Cabo Verde: Textos e contexto 2.1. O Conto e o romance contemporâneos de Cabo Verde 3. Moçambique: Textos e contexto 3.1. O conto e o romance contemporâneos de Moçambique
METODOLOGIA DE ENSINO
1. Aulas teórico-práticas 2. Debates 3. Seminários 4. Leitura, análise e interpretação de textos 5. Orientação de trabalhos individuais, monografias no final do ano letivo
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
ABDALA JÚNIOR, Benjamin, Literatura, História, Política. São Paulo: Ática, 1992. ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. REPENSANDO A AFRICANIDADE, I. 1994 Niterói. Anais Niterói: UFF, 1994. CHAVES, Rita de Cássia. A Formação do Romance Angolano – Entre intenção e gesto. São Paulo: Coleção Via Atlântica, n.1, 1999. FERREIRA, Manuel. No Reino de Caliban. 3. ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v. MACEDO, Tania. Da fronteira do asfalto aos caminhos da liberdade. São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento (texto policopiado). MENDONÇA, F. e SAUTE, N. Antologia da moderna *antologia moçambicana. Maputo: UEM, 1995. SANTILLI, M. A. Estórias africanas. História e antologia. São Paulo: Ática, 1985. SOUSA E SILVA, Manuel. Do alheio ao próprio. São Paulo: EDUSP, 1997.
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM
As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade discente e o conceito final será a média ponderada entre as avaliações realizadas nos primeiro e segundo semestre (peso 6) e um trabalho monográfico final (peso 4).
EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)
Os alunos serão introduzidos ao universo das literaturas africanas de língua portuguesa através do estudo de obras de autores angolanos, cabo-verdianos e moçambicanos. Será realizada uma reflexão teórica sobre o fazer literário nos países periféricos e sobre o macro-sistema das literaturas em português.

Quadro 11 – Programa de Disciplina 2008: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: Prosa.

Fonte: Santos (2008).

*Poesia (respeitamos os erros ocorridos no documento para fins de fidedignidade).

O programa da disciplina de 2007 se repete em 2008 para o currículo do curso semestral, e o mesmo ocorre com o programa para o currículo do curso anual:

Objetivos
O curso pretende analisar as relações entre literatura e história (sobretudo a questão do império) na obra de dois autores fundamentais da literatura portuguesa: Camões e Eça de Queirós e nas literaturas africanas de língua portuguesa de Angola, Moçambique e Cabo Verde.
Conteúdo programático (título e discriminação das unidades)
<ol style="list-style-type: none"> 1. Angola: textos e contexto. 2. Cabo Verde: textos e contexto. 3. Moçambique: textos e contexto 4. Luís de Camões – Os Lusíadas e a constituição de uma história triunfal de conquista da pátria e da língua.
Metodologia de Ensino
<ol style="list-style-type: none"> 1. Aulas teórico-práticas 2. Debates 3. Seminários 4. Leitura, análise e interpretação de textos
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
<p>ABDALA JÚNIOR, Benjamin, LITERATURA, HISTÓRIA, POLÍTICA. São Paulo: Ática, 1992.</p> <p>BERARDINELLI, Cleonice. Estudos Camonianos: Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.</p> <p>BERRINI, Beatriz (org.). A ilustre casa de Ramires: cem anos. São Paulo: EDUC/FAPESP. 2000</p> <p>CAMÕES, Luís de. Os Lusíadas (Org. Emanuel Paulo Ramos). Porto: Porto. 1997.</p> <p>CHAVES, Rita de Cássia. ENTRE INTENÇÃO E GESTO: a formação do romance angolano. São Paulo: FFLCH, 1993. Tese de doutoramento (texto policopiado).</p> <p>FERREIRA, Manuel. NO REINO DE CALIBAN. 3 ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.</p> <p>DICIONÁRIO DE EÇA DE QUEIROZ. (Org. e coord. A. Campos Matos). 2. ed. Lisboa: Caminho, 1993.</p> <p>ANAIS DO I ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. REPENSANDO A AFRICANIDADE. Niterói: UFF, 1994.</p> <p>FEITOSA. Rosane Gazolla Alves. Eça de Queirós: realismo português e realidade portuguesa. São Paulo: HVF Arte & Cultura, 1995. (Universidade Aberta, 6).</p> <p>MACEDO, Tania. DA FRONTEIRA DO ASFADO AOS CAMINHOS DA LIBERDADE. São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento (texto policopiado).</p> <p>MENDONÇA, F. e SAUTE, N. ANTOLOGIA DA MODERNA *ANTOLOGIA MOÇAMBICANA Maputo: UEM, 1995.</p> <p>QUEIROZ. Eça de. A ilustre casa de Ramires. In: _____. Obras de Eça de Queirós. Porto: Lúlio & irmão. 1979. v.1 p.1177-429.</p>

<p>REIS, Carlos. Estatuto e perspectivas do narrador na ficção de Eça de Queirós 3. Ed. Coimbra: Almedina, 1984.</p> <p>SANTILLI, M. A. ESTÓRIAS AFRICANAS. História e antologia. São Paulo: Ática, 1985.</p> <p>SOUSA E SILVA, Manuel. Do ALHEIO AO PRÓPRIO. São Paulo: EDUSP, 1997.</p>
<p>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM</p> <p>As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade discente e o conceito final será a média ponderada entre as avaliações realizadas no 1º e no 2º semestres.</p>
<p>EMENTA (TÓPICOS QUE CARACTERIZAM AS UNIDADES DOS PROGRAMAS DE ENSINO)</p> <p>O curso abordará as principais linhas-de-força da ficção portuguesa contemporânea e das literaturas africanas de língua portuguesa, detendo-se sobretudo nos textos em que se desenha a relação Literatura e História.</p> <p>Serão ainda realizadas leituras teóricas sobre a relação Literatura e História, iluminando, de diversas perspectivas teóricas, a questão.</p>

Quadro 12 – Programa de Disciplina 2008: Literaturas Portuguesa e Africana.

Fonte: Santos (2008).

A análise do documento Programa da Disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa realizada até o momento apresenta características que assinalam a intencionalidade de afirmar as condições científicas e teóricas estruturadas no documento, a fim de comprovar a capacidade de as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa assumir uma posição no campo universitário. Nesse sentido, nos três primeiros anos analisados, podemos depreender os compromissos em difundir a literatura africana e as teorias sobre ela de forma integrada e inovadora, ao fazer uso do que se tinha à disposição na época.

O currículo de literaturas africanas para Unesp–Assis mostra-se habilitado para oferecer aos alunos um panorama dessa literatura. Assim, podemos depreender da análise dos programas de 1998 a 2000 uma postura de reverência ao estabelecido pelo campo acadêmico ao trilhar os caminhos da ortodoxia na configuração dos objetivos, conteúdos, bibliografia, autores, metodologias, avaliação e maneira de conduzir uma disciplina universitária. Portanto, todos os pressupostos são atendidos para a constituição da disciplina dentro dos estudos literários. Sabemos que a constituição de uma área de conhecimento não acontece repentinamente, visto estar submetida a várias forças sociais, que elaboram ou destroem campos do saber. No caso das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, temos visto que o processo ocorreu há pouco tempo.

A disciplina é muito recente, o que gera diversas dificuldades, mas é preciso destacar o papel fundamental da pressão social, fator determinante para os avanços nos estudos de temas

africanos e afro-brasileiros na academia. Os avanços são resultado da pressão social via movimento negro constituído historicamente, engajamento político de agentes que assumiam posição nas universidades brasileiras e ainda os documentos oficiais, elaborados a partir da Constituição Federal de 1988, com reflexo na segunda metade dos anos 1990 (Lei de Diretrizes e Bases — LDB, 1996) e (Parâmetros Curriculares Nacionais — PCN, 1997), políticas públicas ligadas à Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), novas perspectivas epistemológicas pós-Revolução de 1968, que exigiu a renovação nos temas acadêmicos. Dessa forma, o Programa de Disciplinas do curso de Letras está impregnado por mudanças sociais que impactaram seu escopo científico; assim, podemos verificar essas práticas no documento, uma vez que ele está inserido em contexto social demandado. A esse respeito, pode-se dizer que,

De maneira geral, o progresso, no interior de cada faculdade, das disciplinas científicas corresponde à substituição de uma necessidade científica socialmente arbitrária por uma necessidade social cientificamente arbitrária (um arbitrário cultural). Ainda que a ciência tenda a ver atribuído a si um reconhecimento social e, desse modo, uma eficiência social que vão crescendo à medida que os valores científicos são mais amplamente reconhecidos (sobretudo sob o efeito das mudanças tecnológicas e da ação do sistema de ensino), ela só pode receber sua força social no exterior, sob a forma de uma autoridade delegada que pode encontrar na necessidade científica, a qual ela institui socialmente, uma legitimação de seu arbitrário social. Mas esta autoridade estatutária pode manter a mesma relação de legitimação circular com a arte, com a clínica, ou com uma tradição erudita, como a teologia, o direito, ou mesmo a história da literatura ou da filosofia, cuja necessidade, fundamentalmente social, repousa em última análise numa “opinião comum dos doutores”, enraizada não apenas na necessidade racional da coerência e da compatibilidade com os fatos, mas na necessidade social de um sistema de disposições objetivamente orquestradas e do arbitrário cultural mais ou menos objetivado e codificado no qual ele se exprime. (BOURDIEU, 2019, p. 97)

Esse comportamento da disciplina de atendimento ao estabelecido, por um “arbitrário social”, uma objetivação cultural por meio do currículo acadêmico, pressionado socialmente pelo sistema de ensino, faz com que percebamos as representações que permeiam as escolhas, desde o nome da disciplina aos aportes teóricos e literários que a sustentam, eles demonstram uma construção epistêmica *afrocentrada* (ASANTE, 2009) nos primeiros três anos, ao enfatizar que se trata de estudar as literaturas africanas, colocar no centro do currículo quatro países africanos e mobilizar oito obras dedicadas exclusivamente aos autores africanos, quer seja para estudá-los quer seja para apresentar a literatura produzida por eles aos estudantes.

De forma panorâmica, os dados expressos no documento são reveladores de representações que constituem as escolhas elencadas, no discurso dos programas da disciplina

no seu momento inaugural, traçando disposições objetivamente orquestradas para figurar os estudos literários de temática africana, com a legitimidade coerente ao campo acadêmico:

Dessas competências e usos culturais, os próprios textos políticos ou administrativos fornecem uma representação, por vezes explícita, na maioria dos casos implícita. Todos eles supõem um destinatário, uma leitura, uma eficácia. Seria necessário retê-los sob esta perspectiva, detectando o modo como têm em conta as capacidades supostas dos seus destinatários imaginados. (CHARTIER, 1990, p. 223-224)

Marcar no discurso do documento uma postura política diante dos estudos literários é professar uma discordância com o que é hegemônico na academia, o que revela uma postura inovadora perante o comportamento esperado nesse universo. Ao não elencar na bibliografia críticos literários que trabalhem com as literaturas africanas, o currículo propõe uma nova forma de estudar essas literaturas. Com isso, é forjada no documento uma nova maneira de atribuir sentido aos estudos das literaturas africanas, colocando-a no centro da discussão e amparada por críticos e pesquisadores que pensam, elaboram e entendem de literaturas africanas, ou seja, inaugura-se uma maneira de se trabalhar com essa disciplina que definirá os rumos ao longo dos 20 anos, com avanços e recuos. Essa nova forma está posta como um elemento de transformação desse objeto de estudo, atribuindo sentido, uma maneira de abordar as africanas na Unesp-Assis. Essa é a materialidade de uma representação dada por agentes que mediam os documentos, nesse caso, os professores responsáveis pelo curso.

No entanto, a proposta inicial sofreu alterações para a manutenção de sua permanência nos anos seguintes. Essas mudanças expressam as disputas e os jogos inerentes ao campo acadêmico precisamente nos anos de 2001, 2002 e 2003, que igualam os três anos anteriores em que a disciplina foi constituída com centralidade nas literaturas africanas. Nesse segundo momento, a disciplina passou a ser dividida com outro docente de Literatura Portuguesa, sofrendo inclusive uma alteração no título, visto que a palavra “africana” desaparece, com isso, a centralidade europeia é retomada. Ainda, a bibliografia teórica e literária também passa por mudanças que desestabilizam e tornam a disciplina incoerente enquanto proposta e objetivo. Essas desestabilizações no campo acadêmico são demarcadas como regra do jogo, um comportamento encontrado nas universidades, pois

[...] As oposições que dividem o campo não são nem contradições provisórias que preparam seu avanço inevitável para uma unidade superior, nem antinomias indispensáveis. E nada seria mais ingênuo do que se deixar impor, por exemplo, a visão maniqueísta que organiza de um lado o “progresso” e os “progressistas”, do outro as “resistências” e os “conservadores”. Como no campo do poder ou no campo universitário tomado em seu conjunto, não há aqui dominação absoluta de princípio

de dominação, mas coexistência concorrencial de vários princípios de hierarquização relativamente independentes. (BOURDIEU, 2019, p. 152-153)

A partir das “oposições” do campo universitário da Unesp-Assis entre 2004 e 2008, a disciplina se manteve em uma situação de drible, ora como literaturas africanas ora como literaturas de língua portuguesa, mas sempre coexistindo “concorrencialmente” no interior do campo universitário. Ao aceitar as regras do jogo e perceber que, para existir como disciplina, teria de fazer concessões e dentro dessas concessões criar um discurso que fundasse uma estrutura da disciplina com vistas a forçar sua legitimidade acadêmica, esse discurso se valeu de enunciados que, segundo Foucault (2017), criam formações discursivas que de diferentes formas e dispersos no tempo formam um conjunto de enunciados que se referem a um único e mesmo objeto.

No documento ora analisado, a presença, reiterada, das palavras-chave literaturas africanas, panorama da literaturas, Angola, Moçambique, Cabo Verde, prosa e poesia contemporâneas dos países africanos de língua portuguesa, colonização e bibliografia mantidas ao longo dos anos formam um discurso coeso que nos possibilita considerar a disciplina como um objeto de estudo com todos os elementos necessários para tal, uma vez que essa palavras-chave são pertinentes ao fazer acadêmico, dispersas ao longo dos anos nos programas de ensino da disciplina, pois a delineiam e reforçam sua existência no currículo da Unesp-Assis. Nesse sentido,

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos por convenção, que se trata de uma formação discursiva – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como “ciência” ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade”. (FOUCAULT, 2017, p. 47)

Com base nas formações discursivas depreendidas no documento, percebemos uma regularidade que torna possível a busca pela afirmação, constituição da disciplina, demarcada pelas disputas dentro do campo, respeitando as regras impostas pelo jogo acadêmico e que revelaram uma representação dentro do currículo de Letras de Assis, colocando as literaturas africanas de língua portuguesa em uma situação de vanguarda ao forçar a porta, adentrar na sala das literaturas instituídas e fazer parte do debate, a ponto de se afirmar por mais de 20 anos. Nessa esteira, avançamos nos próximos 10 anos (2009-2018) em busca de marcas que revelem

a manutenção ou a mudança das disposições e ortodoxia (recuos) ou heterodoxias (avanços) no campo, a fim de apresentar as representações reveladas por meio do documento.

3 ANÁLISE DOS PROGRAMAS DE CURSO DE 2009 A 2018

Nunca acabaremos de criticar os que deformam o passado, o reescrevem, o falsificam, que dilatam a importância de um acontecimento, calam a de outro; estas críticas são justas (não podem deixar de sê-lo), mas não têm grande importância se não forem precedidas de uma crítica mais elementar: a crítica da memória humana enquanto tal.

Milan Kundera (2002)

Neste capítulo, nosso objetivo é analisar a segunda década do *corpus* de referência, que compreende os anos de 2009 a 2018. Em outras palavras, nosso objetivo é levantar no texto dos programas as marcas textuais que apontem para mudanças, manutenções e transformações expostas no documento nesses 10 anos. Para o sucesso da análise, nosso foco serão as partes denominadas didático/pedagógica do programa da disciplina, a saber: objetivos, conteúdos, metodologia, bibliografia, avaliação e ementa, tendo em vista que os itens técnicos estão dispostos no quadro sinóptico exposto no capítulo anterior.

Nos anos de 2009 e 2010, a disciplina foi ofertada com o título “Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: poesia”, cujo objetivo foi “proporcionar ao aluno conhecimento da prosa e poesia contemporânea dos países africanos de língua portuguesa”. O fato do vocábulo *prosa* configurar no objetivo da disciplina não nos causa estranhamento, devido às repetições e retomadas dos textos de outros programas, processo que hoje chamamos de “copia e cola”.

O recorte para poesia fica evidenciado nos conteúdos do programa, que retoma a divisão dos conteúdos por país e propõe trabalhar com Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Com ênfase no estudo do texto atrelado ao contexto, o programa apresentado discrimina que a poesia de Angola estudada nos dois anos (2009 e 2010) partiu do movimento Vamos descobrir Angola e da poesia contemporânea de Angola. No caso de Cabo Verde, escolheu-se a geração da revista *Claridade* e a poesia contemporânea do país. Em Moçambique, são eleitos os poetas José Craveirinha, Noémia de Sousa e a poesia contemporânea moçambicana. A escolha para trabalhar a poesia de São Tomé e Príncipe ficou a cargo da Antologia da poesia negra das literaturas africanas de língua portuguesa e da poesia contemporânea santomense.

Destacar a poesia como foco e fonte de estudo foi uma estratégia importante, considerando a complexidade e a extensão das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Contudo, fica uma sensação de incompletude no ensino dessas literaturas, que se propõe a dar um panorama para os alunos da produção literária dos países de língua oficial portuguesa. Expomos aqui uma situação revelada pelo programa da disciplina que, a nosso ver, merece debate por parte dos docentes que atuam nessa frente: como trabalhar as literaturas africanas em um semestre, de forma a contemplar minimamente autores importantes dessa literatura nos diferentes gêneros literários?

Na ausência do trabalho com a prosa, ressaltamos a acertada escolha demonstrada no documento, haja vista que estamos nos referindo ao trabalho com movimentos significativos para a literatura daqueles países. É o caso do movimento Vamos descobrir Angola, um marco na renovação do trabalho literário angolano, ainda no período colonial:

Em 1948, estudantes e intelectuais angolanos – negros, brancos e mestiços – lançaram, em Luanda, o brado “Vamos descobrir Angola”, que tinha como objetivos romper com o tradicionalismo cultural imposto pelo colonialismo; debruçar-se sobre Angola e sua cultura, suas gentes e seus problemas; atentar para as aspirações populares, fortalecendo as relações entre literatura e sociedade; conhecer profundamente o mundo angolano de que eles faziam parte mas que não figurara nos conteúdos escolares aos quais tiveram acesso. (FONSECA; MOREIRA, 2007, p. 15)

Trata-se de um momento importante para o cenário literário e cultural de Angola, para a consolidação do campo literário angolano e para a afirmação de intelectuais e poetas, como Antônio Jacinto, Agostinho Neto, Alda Lara, Mario Antônio e Ruy Duarte de Carvalho, grupo que buscou uma identidade autenticamente angolana em contraposição ao discurso colonialista.

Apresentar para os alunos a geração da revista *Claridade* como conteúdo da poesia cabo-verdiana é destacar outro momento importante das literaturas africanas de língua portuguesa, pois o trabalho com essa revista assume novos contornos, visto que ela reverberou no Brasil, possibilitando trocas intensas entre os dois países falantes de português. A relação entre o poeta brasileiro Manuel Bandeira e a literatura dos cabo-verdianos Jorge Barbosa, Manuel Lopes e Osvaldo Alcântara (pseudônimo de Baltasar Lopes da Silva) é um dos mais belos capítulos da relação literária entre Brasil e Cabo Verde. A esse respeito, pode-se dizer que

Manuel Bandeira foi o grande responsável pelo nascimento de um importante movimento em Cabo Verde no final da década de 30: o movimento *evasionista*, também conhecido como *pasargadista*, clara alusão ao **Itinerário de Pasárgada**, de Manuel Bandeira. O movimento absorveu durante muito tempo a produção poética das Ilhas, produzindo até o seu contraponto: o movimento *antievacionista* ou *antipasargadista*. Como representantes do evacionismo cabo-verdiano pode-se citar os poetas Osvaldo Alcântara (Baltasar Lopes da Silva), Manuel Lopes e Jorge Barbosa, criadores da revista de literatura e arte *Claridade*, órgão responsável pelo surgimento da moderna literatura cabo-verdiana. (SANTOS, 2010, p. 7-8).

As relações entre Bandeira e os poetas cabo-verdianos é a porta de entrada para a discussão com os alunos sobre as inter-relações no campo literário da língua portuguesa, literatura comparada, influência literária, autoria, recepção, entre outras discussões pertinentes para a área de Letras e Literatura.

A poesia moçambicana é apresentada em dois importantes nomes da literatura de Moçambique: José Craveirinha e Noêmia de Sousa. Chama a atenção o fato de os nomes dos poetas estarem antecedidos pela expressão “poesia de resistência”, mais um recorte efetuado pelos Programas da Disciplina de 2009 e 2010:

Craveirinha, como Noêmia de Sousa, escreveu versos que clamavam por liberdade, que traduziam o engajamento do poeta na luta pelo resgate da identidade de seu povo. **Grito negro** é o poema que melhor traduz a disposição de luta dos intelectuais moçambicanos, Craveirinha representava nos versos do poema toda uma comunidade que sentia a necessidade de acabar de vez com a crueldade dos invasores, reavivando de forma definitiva a cultura do povo moçambicano. (SANTOS, 2010, p. 5)

A ilha de São Tomé e Príncipe fica prejudicada mais uma vez, tendo apontado uma coletânea genérica sobre poesia negra das literaturas africanas de língua portuguesa, inferimos que isso tenha ocorrido em razão da incipiente produção literária disponível no Brasil.

Assim, podemos observar uma valorização mais acurada de autores e movimentos da literatura de cada país, expressados nos programas de 2009 e 2010, isto é. há um retorno à centralidade das literaturas produzidas nos países estudados, o que reflete na bibliografia que retoma teóricos presentes nos primeiros anos analisados e que sustentam a base teórica de questões relativas à literatura africana. Os autores que abordam as literaturas portuguesas são excluídos da bibliografia nesses dois anos analisados; e a ementa retorna à proposta de um curso introdutório ao universo literário africano (Quadro 13):

Objetivos
O curso proporcionará ao aluno o conhecimento da prosa e da poesia contemporânea dos países africanos de língua portuguesa, bem como uma reflexão sobre o fazer literário nos países submetidos à colonização. O curso propiciará a reflexão sobre a produção artística no quadro do macro-sistema das literaturas de língua portuguesa.
Conteúdo programático (título e discriminação das unidades)
1. Angola: textos e contexto 1.1 Movimento “Vamos descobrir Angola” 1.2 A poesia contemporânea de Angola 2. Cabo Verde: textos e contexto. 2.1 A geração da revista Claridade 2.2 A poesia contemporânea de Cabo Verde 3. Moçambique: textos e contexto 3.1 A poesia de resistência: Craveirinha e Noêmia de Souza 3.2 A poesia contemporânea Moçambique 4. São Tomé e Príncipe: Textos e contexto 4.1 Antologia da poesia negra das literaturas africanas de língua portuguesa 4.2 A poesia contemporânea de São Tomé e Príncipe
Metodologia de Ensino
1. Aulas teórico-práticas 2. Debates

<p>3. Seminários</p> <p>4. Leitura, análise e interpretação de textos</p> <p>5. Orientação de trabalhos individuais, monografias no final do ano letivo.</p>
<p>BIBLIOGRAFIA BÁSICA: LITERATURA PORTUGUESA</p> <p>ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Literatura, história, política. São Paulo: Ática, 1992.</p> <p>CHAVES, Rita de Cássia. A formação do romance angolano. São Paulo: Via Atlântica, 2000.</p> <p>ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. REPENSANDO A AFRICANIDADE I, 1994. Niterói Anais. Niterói: UFF, 1994.</p> <p>FERREIRA, Manuel. NO REINO DE CALIBAN. 3 ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.</p> <p>MACEDO, Tania. Da fronteira do asfalto aos caminhos da liberdade. São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento (texto policopiado).</p> <p>MENDONÇA, F. e SAUTE, N. Antologia da moderna *antologia moçambicana. Maputo: UEM, 1995</p> <p>SANTILLI, Maria Aparecida. Estórias africanas. História e antologia. São Paulo: Ática, 1985.</p> <p>SOUSA E SILVA, Manuel. Do alheio ao próprio. São Paulo: EDUSP, 1997.</p>
<p>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM</p> <p>As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade discente e o conceito final será a média ponderada entre as avaliações realizadas nos primeiro e segundo semestres (peso 6) e no trabalho monográfico final (peso 4).</p>
<p>EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)</p> <p>Os alunos serão introduzidos ao universo das literaturas africanas de língua portuguesa através do estudo de obras de autores angolanos, cabo-verdianos, moçambicanos e santomenses.</p> <p>Será realizada uma reflexão teórica sobre o fazer literário nos países periféricos e sobre o macro-sistema das literaturas em português.</p>

Quadro 13 – Programa de Disciplina 2009/2010: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: Poesia.

Fonte: Santos (2009; 2010).

*Poesia (respeitamos os erros ocorridos no documento para fins de fidedignidade).

Em 2011, o programa sofreu alterações significativas, a começar pelo título, que é totalmente diferente dos anteriores: “Teorias do espaço e do exílio nas narrativas africanas de língua portuguesa”. Essa alteração repercutiu em todo o programa, por isso vamos iniciar com o novo objetivo apresentado: “analisar a produção narrativa africana de Língua Portuguesa no contexto das teorias sobre o espaço e o exílio”. Essa informação no programa diz ainda que pretende “regatar o caráter cultural de uma África em constante diálogo com a tradição e com a inovação”, e tudo isso através dos contos e romances. Eis um trabalho que demanda um olhar apurado para as produções literárias produzidas pelos países africanos, falantes de língua portuguesa. Desse modo, observaremos quais conteúdos são mobilizados para tal empreendimento.

Foi dado um título para os conteúdos “A prosa contemporânea nos países africanos e a imagem do exílio”; na sequência, foram elencados quatro tópicos:

- O exílio existencial: o herói e o espaço;
- Espaços e fronteiras na obra de Mia Couto, Luandino Vieira e Pepetela;
- O exílio social na produção literária de Mia Couto, Luandino Vieira e Pepetela;
- O exílio cultural e o diálogo entre culturas.

Uma proposta inovadora dentro do programa, com três escritores que são referências no cânone literário de Angola (Luandino e Pepetela) e o nome mais conhecido de Moçambique (Mia Couto). Assim, temos a temática do exílio, que atravessa várias produções literárias dos países africanos de língua oficial portuguesa, um conteúdo arrojado para ser apresentado aos alunos.

A bibliografia apresentou duas obras novas, sendo uma teórica: *Posição do narrador no romance contemporâneo*, de Theodor Adorno; e a outra uma coletânea de contos: *Antologia do Conto Ultramarino*, de Amândio César. Vamos comentar o texto de Adorno sobre o narrador, em seguida, analisaremos os aspectos da obra literária presente na bibliografia do programa.

Em Adorno (1980), temos uma visão crítica aguçada da transformação do narrador de Dom Quixote para o narrador de Proust e Kafka. Os críticos enfatizam que o narrador do século XVIII está em fase de desaparecimento:

O romance tradicional, cuja ideia talvez se encarne de modo mais autêntico em Flaubert, deve ser comparado ao palco italiano do teatro burguês. Essa técnica era uma técnica de ilusão. O narrador ergue uma cortina e o leitor deve participar do que acontece, como se estivesse presente em carne e osso. A subjetividade do narrador se afirma na força que produz essa ilusão e – em Flaubert – na pureza da linguagem que, através da espiritualização, é ao mesmo tempo subtraída do âmbito da empiria, com o qual ela está comprometida. Um pesado tabu paira sobre a reflexão: ela se torna o pecado capital contra a pureza objetiva. Hoje em dia, esse tabu, com o caráter ilusório do que é representado, também perde sua força. Muitas vezes ressaltou-se que no romance moderno, não só em Proust, mas igualmente no Gide dos *Moedeiros falsos*, no último Thomas Mann, no *Homem sem qualidades* de Musil, a reflexão rompe a pura imanência da forma. Mas essa reflexão, apesar do nome, não tem quase nada a ver com a reflexão pré-flaubertiana. Esta era de ordem moral: uma tomada de partido a favor ou contra determinados personagens do romance. A nova reflexão é uma tomada de partido contra a mentira da representação, e na verdade contra o próprio narrador, que busca, como um atento comentador dos acontecimentos, corrigir sua inevitável perspectiva. (ADORNO, 1980, p. 60)

O ensaio de Adorno levanta a discussão sobre o romance na modernidade a partir do narrador, um recorte de um dos elementos da narrativa. A partir da proposta de conteúdo programático presente no documento analisado, pensamos que esse texto deva estar a serviço da ideia de exílio proposta pelo programa, em especial o exílio percebido pelo foco narrativo empregado nas obras a serem lidas. São levantamentos que nos parece possível no contexto

explicitado no documento. O programa nos informa ainda que o trabalho será realizado com base na prosa de Mia Couto, Luandino Vieira e Pepetela, sendo assim, somos levados a inferir que o narrador desses nas obras selecionadas estão no centro do debate literário proposto para o ano de 2011. Quem conhece a obra dos três sabe que esses escritores fazem literatura contemporânea com todas as influências que esse fato permite. Apresentam narradores ao modo de Flaubert e transitam pela narrativa do monólogo interior presente em Proust e Kafka, configurando-se uma importante discussão para ser realizada nas aulas de literatura. A partir da reflexão de Adorno, é possível trabalhar as escolhas dos três escritores africanos escolhidos e demonstrar, à luz da teoria literária, como são construídas as narrativas na literatura contemporânea de escritores da literatura africana de língua portuguesa.

Quanto à *Antologia do Conto Ultramarino*, de Amândio Cesar, como a obra integra a bibliografia no ano de 2011, resolvemos analisá-la por duas razões: (i) em busca de textos dos três autores mencionados no conteúdo; (ii) pela palavra “ultramarino” empregada no título. No primeiro caso, não foi encontrado nenhum texto de Mia Couto, Luandino Vieira ou de Pepetela. Uma vez não encontrados textos dos escritores mencionados, a análise deteve-se nos textos presentes na obra, o que forneceu elementos que explicaram satisfatoriamente o adjetivo “ultramarino” empregado para os contos selecionados.

A *Antologia* é composta de 27 contos divididos em sete países, sendo seis do continente africano e um da Índia, dispostos da seguinte forma:

- **Cabo Verde** (dois contos) – “O enterro de nhâ Candinha Sena”, de Antônio Aurélio Gonçalves, e “Balanguinho”, de Baltasar Lopes.
- **Guiné** (dois contos) – “Regresso”, de Fausto Duarte, e “Foi em Cuntabanim”, de João Augusto Silva.
- **São Tomé** (dois contos) – “O baú de folhas” e “Maiá Póçon”, de Viana de Almeida.
- **Angola** (oito contos) – “O Coronel Sardónia”, de Amaro Monteiro, “Quinaxixe”, de Arnaldo Santos, “O lago enfeitado”, de Castro Soromenho, “O homem do chapéu”, de Cochat Osório, “Um rapaz de pouca sorte”, de Mario Antônio, “De manhã cai o cacimbo”, de Orlando de Albuquerque, “A praga”, de Oscar Ribas, e “Carabina de precisão”, de Reis Ventura.
- **Moçambique** (sete contos) – “Um drama na selva”, de Campos Monteiro Filho, “Jangô”, de Guilherme de Melo, “Godido”, de João Dias, “Papá, cobra e eu”, de Luís Bernardo Honwana, “Gandana”, de Nuno Bermudes, “A história do

Berlindes”, de Orlando Mendes, e “Nhangau – o curandeiro negro”, de Rodrigues Junior.

- **Estado Português da Índia** (dois contos) – “Numa aldeia verde e florida”, de Alberto de Menezes Rodrigues, e “Os filhos de Jó”, de Vimala Devi.
- **Macau** (dois contos) – “O calvário de Lin Fong”, de Deolinda da Conceição, e “História do pequeno Afat”, de Wenceslau de Moraes.
- **Timor** (dois contos) – “A cobra de oiro do rei de Lequeçan”, de Fernando Sylvan, e “O homem da baleeira nº 3”, de Ferreira da Costa.

O organizador dessa antologia esteve presencialmente nos territórios africanos e da Índia colonizados por Portugal e, possivelmente, fez uma escolha subjetiva de quais escritores aparentemente atendem aos interesses da capital portuguesa. Essa hipótese pauta-se em dois trechos do livro: Apresentação, com a biografia do organizador, e Posfácio:

AMÂNDIO CÉSAR nasceu em 1921, em Arcos de Valdevez, embora de família alto-duriense. Estudou em Braga e Lamengo (curso liceal) e Coimbra (curso universitário). Exerceu o jornalismo no *Correio do Minho*, no *Diário Ilustrado*. Foi professor do ensino técnico, na Escola Industrial e Comercial de Guimarães e na Escola Ferreira Borges, em Lisboa. Desde muito novo se interessou pela literatura ultramarina e tem como marcos essenciais a leitura, com 10 anos de idade, do volume *Memórias de Um Caçador de Elefantes*, de Joaquim Teixeira de Vasconcelos e, com 11 anos, do romance *A Selva*, de Ferreira de Castro, cuja acção extra-européia influiria mais tarde no interesse pela temática brasileira, outra constante na sua actividade de ensaísta e de crítico literário. Visitou África pela primeira vez em 1958 (Congo ex-Belga), e as suas impressões deu-as nas colunas do jornal *Diário Ilustrado*, de que fora enviado a essa colônia belga. Em 1961 esteve presente em Angola, nos dias que culminaram com a eclosão do terrorismo. As suas crônicas, lidas na Emissora Nacional, motivaram, ao diante, o volume *Angola, 1961*, de que se publicaram oito edições. Em 1965 visita a Guiné a convite dos Serviços de Informação Pública das Forças Armadas, e dessa visita resultam as crônicas lidas aos microfones da Emissora Nacional e publicadas no *Jornal Diário do Norte*. Reunidas em volume, constituem a reportagem *Guiné-65 Contra-Ataque*. No ano seguinte volta à Guiné e publica o volume *Em Chão Papel na Terra da Guiné*. Uma série de conferências são, ao diante, transformadas em volume de acordo com o roteiro das suas visitas ao Ultramar. (CÉSAR, 1972, p. 4)

A biografia de Amândio diz muito por si só, no entanto, destacamos o caráter imperialista da empreitada de Amândio, em pleno regime salazarista, de demonstrar o poderio linguístico e literário de Portugal em sete colônias sob seu domínio, colônias que produziam literatura em língua portuguesa digna de ser publicada, tendo em vista que essa produção não desagravava seus colonizadores.

Nessa antologia, não consta qualquer trabalho de Mia Couto, Luandino Viera e Pepetela, embora já produzissem à época. Seria porque esses autores escreviam conteúdos que questionavam a presença portuguesa em solo africano, denunciando as guerras enfrentadas

pelos africanos em busca de libertação e independência? À época, Portugal estava prestes a perder os países elencados na antologia, e o organizador era uma espécie de expedicionista e cronista português em terras africanas, um Pero Vaz de Caminha do século XX. Nas palavras do organizador, temos o seguinte:

Na presente seleção antológica se apresenta pela primeira vez em Portugal uma panorâmica da novelística ultramarina que abrange todo o espaço português, desde Cabo Verde até Timor. Esta afirmação não significa que se trate de uma mostra exaustiva. Nem de algum modo poderia sê-lo, no relativamente curto número de páginas de que dispõe a coleção e, conseqüentemente, o autor. (CÉSAR, 1972, p. 279)

As justificativas para a publicação da obra reforçam a ideia de que a colônia vive bem sendo colônia, não havendo motivo para Portugal libertar seus colonizados, e a literatura produzida comprova que eles são portugueses em ultramar:

Repito o que já fora dito parágrafos atrás: não se trata de uma seleção exaustiva de autores portugueses do Ultramar. Mas trata-se de uma primeira apresentação do conjunto de valores que enriquecem o património comum de literatura portuguesa, valores que têm sido relegados para os porões do esquecimento, omitidos sistematicamente de antologias e de citações em ensaios e em compêndios, mas que nem por isso deixaram de escrever ou de acreditar que para eles também o Sol, um dia, havia de nascer. Fico, pois, muito grato à Editorial Verbo por ter tornado possível esta primeira apresentação de escritores ultramarinos do maior espaço português. Não por mim. Mas, acima de tudo, por eles que não foram esquecidos nesta coleção dimensionada para uma autêntica acção cultural – no número e na qualidade dos volumes apresentados. (CÉSAR, 1972, p. 280)

Os colonizados são excelentes escritores que enriquecem a cultura portuguesa, similares aos portugueses, portanto, não precisam se separar de Portugal. O território português, alargado por meio da colonização, é ratificado pelo expedicionista Amândio César, quem faz parecer que os escritores dos países colonizados, os “ultramarinos”, estão sendo colocados na mesma situação de europeus, de concidadãos, subvertendo a ordem estabelecida pela exploração dos povos africanos. O organizador da antologia expressa sua visão de inferioridade no tocante aos “ultramarinos”, ao agradecer a edição da obra dentre outras publicações portuguesas, como um ato de generosidade da editora, que não se esqueceu não o autor português, “Mas, acima de tudo, eles”, que nessa antologia igualam-se aos seus colonizadores. E continua:

No entanto o leitor sério verificará que lhe surge, aqui, um punhado de autores que em nada se inferiorizam perante os seus pares europeus. Em alguns dos vivos – v.g. António Aurélio Gonçalves e Óscar Ribas – estarão até personalidades bem vincadas de uma temática original que, apesar de regionais, têm nas narrativas aquele sopro universal sem o qual a obra de arte não colhe. (CÉSAR, 1972, p. 279)

Ao configurar na bibliografia do programa de 2011, a obra causa um descompasso com a proposta apresentada, pois destoa inclusive de um curso obrigatório de literaturas africanas de língua portuguesa. Não nos parece coerente estudar uma literatura cunhada de “ultramar”, a literatura usada a serviço de um regime criminoso a que grande parte dos países africanos foi submetido.

O documento apresenta a obra, temos o compromisso de analisar, mas nos indagamos sobre a existência dela nesse programa. Retomando as análises anteriores, em que títulos de autores do cânone literário português estiveram presentes no programa de literaturas africanas, em um jogo de forças explícitas entre o estabelecido e o novo, chegamos ao entendimento de que ainda em 2011 a mão colonizadora portuguesa se faz presente no programa da disciplina e toma fôlego, mesmo quando a proposta parece ser totalmente diferente.

A ementa proposta para o programa ratifica o apresentado no conteúdo, pois contém a ideia de trabalhar a africanidade nas literaturas africanas de língua portuguesa, o que reforça o estranhamento causado pela presença do livro, obra que esvazia o conceito de africanidade ao estereotipar os povos africanos retratados nos contos, regionalizar a literatura africana e colocar os escritores colonizados na condição de cúmplices da colonização. De fato, a ementa faz referência a Mia Couto, Luandino Vieira e Pepetela; ao partir dessa tríade, é possível alcançar êxito com a proposta elaborada para o programa de 2011:

Objetivos
O curso objetiva analisar a produção narrativa africana de Língua Portuguesa no contexto das teorias sobre o espaço e o exílio, através de contos e romances que resgatem o caráter cultural de uma África em constante diálogo com a tradição e com a inovação.
Conteúdo programático (título e discriminação das unidades)
Título: A prosa contemporânea nos países africanos e a imagem do exílio
<ol style="list-style-type: none"> 1. O exílio existencial: o herói e o espaço; 2. Espaços e fronteiras na obra de Mia Couto, Luandino Vieira e Pepetela; 3. O exílio social na produção literária de Mia Couto, Luandino Vieira e Pepetela; 4. O exílio cultural e o diálogo entre culturas.
Metodologia de Ensino
<ol style="list-style-type: none"> 1. Aulas teórico-práticas 2. Leitura, análise e interpretação de textos
Bibliografia Básica: Literatura Portuguesa
<p>ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Literatura, história, política. São Paulo: Ática, 1992.</p> <p>ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. Trad. Modesto Carone. In. Benjamin, W. et al. Textos escolhidos. São Paulo: Abril, 1980. p. 269-273 (coleção “Os pensadores”).</p>

<p>ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. REPENSANDO A AFRICANIDADE I, 1994. Niterói Anais. Niterói: UFF, 1994.</p> <p>CÉSAR, Amândio. Antologia do Conto Ultramarino. Lisboa: Verbo, 1972.</p> <p>CHAVES, Rita de Cássia. A formação do romance angolano. São Paulo: Via Atlântica. 2000</p> <p>FERREIRA, Manuel. NO REINO DE CALIBAN. 3 ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.</p> <p>MACEDO, Tania. Da fronteira do asfalto aos caminhos da liberdade. São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento (texto policopiado).</p> <p>MENDONÇA, F. e SAUTE, N. Antologia da moderna *antologia moçambicana. Maputo: UEM, 1995</p> <p>SANTILLI, Maria Aparecida. Estórias africanas. História e antologia. São Paulo: Ática. 1985</p> <p>SOUSA E SILVA, Manuel. Do alheio ao próprio. São Paulo: EDUSP. 1997</p>
<p>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM</p> <p>Avaliação mensal e avaliação bimestral. As avaliações serão complementadas com trabalhos individuais e em grupo.</p>
<p>EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)</p> <p>Aproximações e contrastes, por meio de análises da produção narrativa de escritores de Literatura Africanas de Língua Portuguesa, representativos em termos da cultura africana. O enfoque, dentre as muitas abordagens que poderão ser feitas em situações futuras, privilegia a construção do espaço e a trajetória do herói por meio de exílios diversos, em textos de Mía Couto, Pepetela, Luandino Vieira, dentre os escritores de que tratam de temas da africanidade.</p>

Quadro 14 – Programa de Disciplina 2011: Teorias do espaço e do exílio nas narrativas africanas de Língua Portuguesa.

Fonte: Pereira (2011).

*Poesia (respeitamos os erros ocorridos no documento para fins de fidedignidade).

Para os anos de 2012 e 2013, manteve-se a estrutura do programa de 2011, mas houve uma alteração, que ocorreu na bibliografia com o acréscimo de duas obras teóricas: *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*, de Erich Auerbach, e *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, de Edward W. Said. Além disso, a *A antologia de contos ultramarinos* foi retirada da bibliografia. Vamos nos dedicar à análise das duas obras teóricas propostas para o programa de 2012 e 2013.

Pode-se dizer que o livro de Erich Auerbach é uma referência obrigatória em qualquer bibliografia que trate de literatura, pelo modo como aborda as literaturas de vários lugares do mundo de forma abrangente, mas também pela maneira de abordar os temas, que estão presentes na memória afetiva dos leitores dos clássicos da literatura, passando por Bíblia, Dante, Cervantes, Shakespeare, Homero etc., e fazendo uma apresentação das literaturas do mundo ocidental por meio de vários gêneros literários:

A primeira destas ideias refere-se à doutrina antiga, mais tarde retomada por toda corrente classicista acerca dos níveis da representação literária. Tornou-se-me claro que o realismo moderno, da forma que se formou no começo do século XIX na França, realiza como fenômeno estético uma total solução daquela doutrina: mais total e mais significativa para a formação posterior da visão literária da vida do que a mistura do sublime com o grotesco, proclamada pelos românticos contemporâneos. Quando Stendhal e Balzac tomaram personagens quaisquer da vida quotidiana no seu condicionamento às circunstâncias históricas e as transformaram em objetos de representação séria, problemática e até trágica, quebraram a regra clássica da diferenciação dos níveis, segundo a qual a realidade quotidiana e prática só poderia ter seu lugar na literatura no campo de uma espécie estilística baixa ou média, isto é, só de forma grotescamente cômica ou como entretenimento agradável, leve, colorido e elegante. Completaram, assim, uma evolução que vinha se preparando fazia tempo (desde o romance de costumes e a *comédie larmoyante* do século XVIII e, mais nitidamente, desde o *Sturm und Drang* e o pré-romantismo) – e abriram caminho para o realismo moderno, que se desenvolveu desde então em formas cada vez mais ricas, correspondendo à realidade em constante mutação e ampliação da nossa vida. (AUERBACH, 2015, p. 499-500)

Acreditamos que a escolha dessa obra para o Programa da Disciplina de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, nomeada “Teorias do espaço e do exílio nas narrativas africanas de língua portuguesa”, tenha acontecido com o intuito de discutir as diferentes formas de narrar. Para além disso, é provável que a discussão assumida pelo proponente do programa tenha sido a de perceber junto com os estudantes as transformações sofridas pelas literaturas até a chegada do romance moderno, transformações que estão ligadas a guerras, expedições em outras terras, conflitos históricos etc.

Em Auerbach (2015), o contexto sociopolítico e histórico perpassa todos os textos apresentados, ao se voltar a questões que atravessam e impactam substancialmente a produção literária africana contemporânea. Outra forma possível de debater a obra de Auerbach é dentro dos diálogos entre as culturas, tão presente nas literaturas africanas de língua portuguesa, assim como os diálogos entre a tradição e a inovação, conforme proposto no objetivo do programa:

Simultaneamente, com este modo de ver, impôs-se a conclusão de que a revolução contra a doutrina clássica dos níveis do princípio do século XIX não poderia ter sido a primeira de sua espécie; as barreiras que os românticos e os realistas quebraram então foram levantadas somente ao redor do fim do século XVI e durante o século XVII pelos partidários da rígida imitação da literatura antiga. Antes, tanto durante a Idade Média toda como ainda no Renascimento, houve um realismo sério; tinha sido possível representar os acontecimentos mais corriqueiros da realidade num contexto sério e significativo, tanto na poesia como nas artes plásticas; a doutrina dos níveis não tinha validade universal. (AUERBACH, 2015, p. 500)

As literaturas africanas dos países falantes de língua portuguesa são herdeiras de uma tradição universal, guardadas as particularidades culturais, elas estão inseridas na era moderna, com produções que flertam com o clássico, moderno e contemporâneo. A rigidez outrora existente que Erich Auerbach analisa não afeta as literaturas contemporâneas do mundo, tampouco as africanas de língua portuguesa. Esse é um debate importante para se realizar nas

aulas de literatura, pois há possibilidade de adentrar pelo tema da guerra pelo texto de Auerbach, que está presente em vários momentos do livro. Contudo, aventamos que a obra de Edward Said é, de certa forma, a escolhida para abordar o assunto por meio do exílio:

Os nacionalismos dizem respeito a grupos, mas, num sentido muito agudo, o exílio é uma solidão vivida fora do grupo: a privação sentida por não estar com os outros na habitação comunal. Como, então, alguém supera a solidão do exílio sem cair na linguagem abrangente e latejante do orgulho nacional, dos sentimentos coletivos, das paixões grupais? O que vale a pena salvar e defender entre os extemos do exílio, de um lado, e as afirmações amiúde teimosas e obstinadas do nacionalismo, de outro? O nacionalismo e o exílio possuem atributos intrínsecos? São eles apenas duas variedades conflitantes de paranoia? Essas questões nunca podem ser respondidas plenamente porque partem do princípio de que o exílio e o nacionalismo podem ser discutidos com neutralidade, sem referir-se um ao outro. Isso é impossível. É que os dois termos incluem tudo, do mais coletivo dos sentimentos coletivos às mais privadas das emoções privadas; dificilmente há uma linguagem adequada para ambos. Mas não há certamente nada nas ambições públicas e abrangentes do nacionalismo que toque no âmago da condição do exílio. (SAID, 2003, p. 50)

Apesar da discussão sobre colonização travada no ensaio “A representação do colonizado: os interlocutores da antropologia”, recortamos o exílio em paralelo com os nacionalismos, tal qual propõe E. W. Said, porque se contempla tanto a proposta de conteúdo do programa quanto aos temas recorrentes nas literaturas africanas de língua portuguesa: nacionalismo, independência, guerras pela libertação, sentimento de exílio em sua própria nação, dentre outros.

Angola, Cabo Verde e Moçambique, para ficarmos nos três países recorrentes nos programas estudados, sofreram guerras longas a princípio para buscar libertação de Portugal, depois guerras civis pela disputa de poder. Em ambas as situações, estavam presentes o debate sobre nacionalismos e a questão dos exilados em suas terras, pois esses exílios permeiam os textos literários dos escritores angolanos, cabo-verdianos e moçambicanos, e com isso as marcas históricas atravessam a produção literária desses países:

Grande parte do interesse contemporâneo pelo exílio pode ser remontado à noção um tanto descorada de que os não-exilados podem partilhar dos benefícios do exílio como um motivo redentor. Há, de fato, certa plausibilidade e verdade nessa ideia. Tal como estudiosos medievais itinerantes ou escravos gregos cultos no Império Romano, os exilados – os excepcionais entre eles – de fato fermentam seus ambientes. E é natural que “nós” concentremos nossa atenção nesse aspecto iluminador da presença “deles” entre nós, não no infortúnio ou em suas necessidades. Mas, vistos com a indiferença que caracteriza o ponto de vista político dos deslocamentos maciços da atualidade, os exilados individuais nos forçam a reconhecer o destino trágico da falta de lar num mundo necessariamente implacável. (SAID, 2003, p. 56)

As guerras civis vividas pelos países africanos de língua oficial portuguesa e outros países do continente africano ocasionaram uma explosão de imigrantes por todo o mundo,

tornando novamente esses povos em exilados de seu lar. Esse tema é abordado por Pepetela de forma emblemática em sua obra *Geração da Utopia*; o também angolano José Eduardo Agualusa tematiza o trânsito dos povos africanos pelo mundo em vários de seus escritos. Isso nos leva a sustentar a hipótese de que a escolha dessas duas obras teóricas para serem debatidas na disciplina foi um movimento acertado por parte do responsável pela elaboração do programa:

Objetivos
O curso objetiva analisar a produção narrativa africana de Língua Portuguesa no contexto das teorias sobre o espaço e o exílio, através de contos e romances que resgatem o caráter cultural de uma África em constante diálogo com a tradição e com a inovação.
Conteúdo programático (título e discriminação das unidades)
Título: A prosa contemporânea nos países africanos e a imagem do exílio
<ol style="list-style-type: none"> 1. O exílio existencial: o herói e o espaço 2. Espaços e fronteiras na obra de Mia Couto, Luandino Vieira e Pepetela; 3. O exílio social na produção literária de Mia Couto, Luandino Vieira e Pepetela; 4. O exílio cultural e o diálogo entre culturas.
Metodologia de Ensino
<ol style="list-style-type: none"> 1. Aulas teórico-práticas 2. Leitura, análise e interpretação de textos
Bibliografia Básica: Literatura Portuguesa
ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. Trad. Modesto Carone. In. Benjamin, W. et al. Textos escolhidos. São Paulo: Abril, 1980. p. 269-273 (coleção “Os pensadores”).
AUERBACH, Erich. Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental. Tradução George Bernard Sperber e Suzi Frankl Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1971.
SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
SANTILLI, Maria Aparecida. Estórias africanas. História e antologia. São Paulo: Ática. 1985.
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM
Avaliações e trabalhos bimestrais. As avaliações terão peso sete e os trabalhos, peso três.
EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)
Aproximações e contrastes, por meio de análises da produção narrativa de escritores de Literatura Africanas de Língua Portuguesa, representativos em termos da cultura africana. O enfoque, dentre as muitas abordagens que poderão ser feitas em situações futuras, privilegia a construção do espaço e a trajetória do herói por meio de exílios diversos, em textos de Mia Couto, Pepetela, Luandino Vieira, dentre os escritores de que tratam de temas da africanidade.

Quadro 15 – Programa de Disciplina 2012/2013: Teorias do espaço e do exílio nas narrativas africanas de Língua Portuguesa.

Fonte: Pereira (2012; 2013).

Em 2014, o programa retoma o título “Literaturas Africanas de Língua Portuguesa” e expressa em seus objetivos o trabalho com Cabo Verde, Angola e Moçambique. Ainda, afirma que selecionará os textos mais representativos dos três países e propõe, pela primeira vez, estabelecer uma relação com a literatura brasileira. Descreve no conteúdo também pela primeira vez os nomes dos autores dos três países selecionados para o trabalho no ano de 2014, a saber: em Angola: Agostinho Neto, Oscar Ribas e Luandino Vieira; Moçambique: José Craveirinha e Mia Couto; e Cabo Verde: Revista *Claridade* e Manuel Lopes. Depreendemos mais uma inovação no programa não só ao destacar os autores escolhidos em cada país, como também por demonstrar o viés da literatura comparada entre os textos dos escritores dos três países e a literatura brasileira.

Vimos anteriormente a relação imbricada entre os escritores cabo-verdianos e Manuel Bandeira, a revista *Claridade* é o melhor exemplo das trocas literárias entre Brasil e Cabo-Verde. Existem também outros estudos que relacionam o moçambicano Mia Couto e o angolano Luandino Vieira com a literatura de Guimarães Rosa. Por exemplo, *O que ajunta espalha: tempo e paradoxo em Grande sertão: veredas, de João Guimarães Rosa, e Nós, os do Makulusu, de José Luandino Vieira*, de Julio Cesar Machado de Paula (2010); *O “mundo misturado” de Guimarães Rosa e Mia Couto*, de Vima Lia Martin (2010); *Agostinho Neto em trançado de brasileiras vozes*, de Laura Cavalcante Padilha (2003); *Câmara Cascudo e Oscar Ribas: diálogos no Atlântico*, de Alexandre Gomes Neves (2008), entre outras possibilidades de literatura comparada entre os países africanos e o Brasil.

A bibliografia do programa de 2014 trouxe três novas obras:

- 1) *Literatura africana, literatura necessária*, de Russel Hamilton, professor e crítico literário estadunidense;
- 2) *Literaturas africanas de expressão portuguesa*, de Manuel Ferreira, professor da Universidade de Lisboa e ficcionista; e
- 3) *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa*, de Alfredo Margarido.

O primeiro é uma antologia de textos literários dos países africanos de língua oficial portuguesa, já os dois últimos são livros de crítica literária. Vamos nos ater aos dois últimos, ou seja, aos teóricos.

O livro de Manuel Ferreira é uma apresentação das literaturas de Cabo Verde, Angola, Moçambique, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe. Por meio dos autores, jornais, revistas e almanaques, Ferreira traça a história da literatura desses países, dividindo o livro em duas partes: na primeira, aborda a literatura do século XIX, que ele denomina “sentimento nacional”;

na segunda, o século XX, que ele chama de “consciência nacional”. Tem ainda as cinco divisões referentes a cada país lusófono. Por sua vez, o professor Alfredo Margarido traça um desenho das literaturas das nações africanas de língua portuguesa, mas por meio de ensaios produzidos ao longo de duas décadas, dedicadas ao estudo e à análise das literaturas africanas de Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe:

Reforcei o meu contato com as literaturas dos países africanos de língua portuguesa nestes últimos anos, graças à possibilidade de a ensinar no quadro da Universidade de Paris-VIII (Vincennes). Um convite do prof. José Terra, que assim abriu uma janela na rígida Universidade francesa, que também não mostra muito gosto pelas novidades. Graças a um convite da Universidade Federal da Paraíba, de João Pessoa, e do prof. Milton Paiva, tive a oportunidade de a ensinar este ano no Brasil. Abrem-se por isso espaços novos para estas literaturas, que entretanto vão afirmando cada vez mais a sua autonomia. Tendo enfim depositado na Soborna a minha tese de doutoramento consagrada à Literatura cabo-verdiana, posso retomar o fio da análise das outras literaturas, e particularmente da literatura angolana, a que me sinto particularmente ligado. (MARGARIDO, 1980, p. 30)

No Prefácio do livro, o professor relata sua experiência com as literaturas africanas de língua portuguesa e, inclusive, cita sua passagem pela Universidade Federal da Paraíba entre 1979 e 1980, período em que foi convidado para lecionar na pós-graduação da universidade brasileira. Alfredo Margarido foi exilado durante a ditadura salazarista, por criticar a postura imperialista de Portugal e defender as lutas pela libertação das colônias portuguesas no continente africano. Durante esse período, atuou como professor visitante nas universidades supracitadas. Trata-se, portanto, de um pensador dedicado tanto à causa literária quanto à política dos países africanos falantes do português. Em suas palavras, assevera o seguinte:

Creio, sobretudo, que é necessário salientar o aparecimento de novas formas de imaginar e de criar em língua portuguesa. Face ao nosso gosto por formas clássicas, as literaturas novas não hesitam em quebrar a superfície lisa da estrutura ortodoxa, para fazer aparecer combinatórias inesperadas e saborosas. Penso em poetas como Onésimo Silveira e Corsino Fortes, mas também em prosadores como José Luandino Vieira. Quem, amor da língua portuguesa, não ficará apaixonado por esta forma de reinventar o mundo, com a sua carga mítica e o seu peso onírico? Porque, convém afirmá-lo com força, a língua portuguesa não se desagrega, antes recupera a sua figura mais poderosa. Mas com a condição de renunciarmos nós, portugueses, à terrível tentação de superioridade que tem sido sempre a nossa em relação aos povos que colonizamos. Uma nação não tem filhos, mas apenas irmãos! (MARGARIDO, 1980, p. 30-31)

Alfredo Margarido figura como um dos grandes críticos e estudiosos das literaturas africanas de língua portuguesa, com isso, a presença do seu livro na indicação bibliográfica do programa da disciplina de 2014 é indubitavelmente um progresso para o ensino dessas literaturas na Unesp-Assis, uma vez que o crítico defendia a independência dessas literaturas, instaurando, em cada um dos países de origem, a discussão sobre a identidade da literatura

cabo-verdiana, angolana, moçambicana, santomense e as apartando do julgo português. Esse programa apresentou uma bibliografia concisa, mas arrojada, como podemos notar na reprodução do documento:

Objetivos
Analisar a produção literária africana de Língua Portuguesa no contexto de Cabo Verde, Angola e Moçambique. Por tratar-se de uma iniciação à produção literária dos três países haverá uma seleção dos textos mais representativos, além de uma relação constante com a Literatura Portuguesa e Brasileira.
Conteúdo programático (título e discriminação das unidades)
1. Literatura Angolana 1.1 Agostinho Neto 1.2 Oscar Ribas 1.3 Luandino Vieira 2. Literatura Moçambicana 2.1 José Craveirinha 2.3 Mia Couto 3. Literatura cabo-verdiana 3.1 Revista Claridade 3.2 Manoel Lopes.
Metodologia de Ensino
1. Aulas teórico-práticas 2. Leitura, análise e interpretação de textos.
Bibliografia Básica: Literatura Portuguesa
HAMILTON, R. Literatura africana, literatura necessária. Lisboa, Ed. 70, 1981. FERREIRA, M. Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa. São Paulo. Ed. Ática, 1987. MARGARIDO, A. Estudos sobre literaturas das nações africanas de Língua Portuguesa. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980. SANTILLI, Maria Aparecida. Estórias africanas. História e antologia. São Paulo: Ática. 1985.
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM
Avaliações e trabalhos bimestrais. As avaliações terão peso sete e os trabalhos, peso três.
EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)
Análise das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (Angola, Cabo-Verde e Moçambique) por meio da leitura e análise das obras dos escritores mais representativos. Reflexões sobre a formação dos sistemas literários de Angola, Cabo Verde e Moçambique, e suas relações com Brasil e Portugal.

Quadro 16 – Programa de Disciplina 2014: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

Fonte: Pereira (2014).

Nos quatro últimos anos (2015, 2016, 2017 e 2018) analisados, temos a alteração do nome da disciplina para “Literaturas africanas de expressão portuguesa”, um título que

demandou uma análise apurada de nossa parte. Nos outros itens dos programas, para os quatro anos, houve a manutenção dos objetivos, conteúdos, bibliografias e ementas, os quais permaneceram tais quais constam nos programas “Literaturas Africanas de Língua Portuguesa”. Dessa forma, trataremos da alteração do título, detendo-nos no termo “Expressão portuguesa”.

O professor Alfredo Margarido, em seu *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa* (1980), critica o termo “literaturas de expressão portuguesa” como uma denominação para as literaturas africanas dos países de língua oficial portuguesa:

Estas observações são indispensáveis para explicar a razão pela qual renunciei à designação clássica de *literaturas africanas de expressão portuguesa*, que também utilizei com alguma frequência, para a substituir pela de *literaturas dos países africanos de língua portuguesa*. A primeira razão reside no lastro neocolonialista patente numa designação como <<de expressão portuguesa>>. Não se trata de escrever em língua portuguesa, mas de se manter fiel à *expressão* portuguesa, o que seria contraditório com a substância nacional de escrita. Já o tinha escrito pelo menos em 1961, como o mostra Costa Andrade: <<a importância do acto de escrever adquire o seu significado na medida em que permite o primeiro movimento de insubmissão bem fundado, o protesto cultural contra uma humanidade que, comodamente, nego ao Negro a sua própria essência>>. Quer dizer que esse movimento de autonomização, recusa precisamente a *expressão* portuguesa, mesmo se recuperando a língua portuguesa. (MARGARIDO, 1980, p. 8)

Já na década de 1980, o crítico português fez a autocrítica em relação ao termo *expressão portuguesa* utilizado nas décadas anteriores em ensaios como: “Incidências socioeconômicas na poesia negra de expressão portuguesa”; “Poesia, antologia temática, literatura africana de expressão portuguesa”; “Alienação, independentismo, negritude, mulatismo e negrismo nas poesias africanas de expressão portuguesa”; “A ausência de literaturas africanas de expressão portuguesa nos estudos especializados”, entre outros escritos em que utilizaram o termo abandonado por Margarido em 1980:

[...] dizendo que se trata da *expressão portuguesa*, reduz-se automaticamente o campo de afirmação destas literaturas, impedindo a integração das formas orais das línguas autóctones. Assim, seria impossível, ou pelo menos difícil, integrar na literatura cabo-verdiana a expressão crioula, porque esta não seria portuguesa! Se a escrita parece incluir um certo gosto pelo paradoxo, é porque a situação criada pela utilização automática das fórmulas neocolonialistas só pode conduzir a situações e a expressões paradoxais. A situação seria a mesma no que diz respeito à literatura angolana, que não poderia incluir nem as expressões quimbundas ou umbundas, ou à literatura moçambicana, forçada a excluir o ronga, mas também o makonde ou o chope e assim por diante. Para não falar na Guiné com o seu mosaico de línguas ou em São Tomé e Príncipe, que continua a utilizar o forro. (MARGARIDO, 1980, p. 8)

Causa estranhamento ver o termo “expressão portuguesa” sendo utilizado nos Programas para as Disciplinas de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa em 2018, quase quatro décadas após a reflexão de Margarido, exposta em um livro que é de conhecimento dos

responsáveis pela disciplina, ou seja, é um contrassenso que impacta a trajetória da disciplina, esvaziando o fato de ela ter passado a ser obrigatória em 2015 na FCL-Assis, participante do contexto do amparo legal, Lei n. 10.639/2003, instalada em um tempo de mudanças que não permitem usar velhas nomenclaturas para denominar a disciplina que surgiu confrontando o *status quo* do campo universitário.

A disciplina tornou-se obrigatória no curso de Letras, com base na lei supracitada, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a Lei n. 9.394/1996 e teve a inserção dos artigos 26-A e 79-B, referidos na Lei n. 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas na Educação em todos os níveis. Em 2004, o Conselho Nacional de Educação elaborou um parecer sobre a lei e criou as orientações, ações e diretrizes para implementação da Lei n. 10.639.

O artigo 1º da Resolução afirma que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana devem ser observadas, em especial, por instituições que desenvolvem programas de formação inicial e continuada de professores. O mesmo dispositivo prevê, ainda, que as IES, respeitando o princípio da autonomia, incluirão nos conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos cursos que ministram a Educação das relações Étnico-raciais, bem como o tratamento de questões e temáticas que dizem respeito aos afrodescendentes, de acordo com o Parecer CNE/CP 3/2004. (BRASIL, 2006, p. 124)

Em 2015, havia mais de uma década da promulgação da legislação que viabilizou as transformações no campo educacional, das questões referentes à temática africana e afro-brasileira, de maneira que as escolhas presentes nos programas analisados no período desde a criação da lei nos causam um grande estranhamento. Cientes dos contextos revelados pela análise documental, reforçamos que as irregularidades dos programas expressam o *habitus* dos agentes que atravessam as práticas e representações. Os agentes são frutos das disposições sociais, são forjados socio-historicamente pelo capital cultural que lhes são impostos. Assim, com base na reflexão de Chartier (1990) sobre as práticas que conduzem as representações e da crítica de Bourdieu (2019) ao campo acadêmico, somos levados a refletir sobre as tensões depreendidas ao longo dos 20 anos analisados, bem como a traçar um perfil do ensino de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no câmpus de Assis.

Essa postura das práticas dos docentes quanto à disciplina Literaturas Africanas escancara o jogo estabelecido na universidade, onde o conjunto homogêneo de ideias se sobrepõe à inovação, muitas vezes anulando a concorrência em favor da ortodoxia do campo acadêmico. Desse modo, podemos

[...] observar e descrever, nesta escala mais restrita, as relações entre estrutura do espaço das posições constitutivas desse campo e as lutas visando manter ou subverter esta estrutura, isto é, entre a classificação “objetiva”, construída tomando-se por critério o conjunto das propriedades postas em jogo no campo, e a luta pelas classificações que visa conservar ou transformar essa classificação conservando ou transformando a hierarquia dos critérios de classificação. (BOURDIEU, 2019, p. 104)

O sociólogo francês nos propõe uma reflexão acerca do lugar escolhido pelo agente no jogo do campo acadêmico. Não há espaço para ingenuidade, é preciso entender as relações objetivas concorrentes no campo, não é permitido ceder o lugar para tradição, nem na expressão e menos ainda na contradição. Inferimos ser esse o caso que ocorreu no documento ao permitir o retrocesso, explicitado pelo uso do termo “literaturas de expressão portuguesa”, fato que nos coloca diante da discussão sobre o modelo de ensino que atravessa os programas da disciplina, explicitado em um currículo para as literaturas africanas na Unesp-Assis.

Tomando como base a ideia de ensino universitário que compreende as universidades brasileiras como local de *status quo*, reservada a uma minoria, como instituição segregadora por tradição, depreendemos os enfrentamentos realizados pela disciplina de africanas diante desse campo conservador e mantenedor de desigualdades. No cenário que se pinta, podemos compreender as dificuldades sofridas pelos docentes que estiveram à frente da disciplina, o contexto, a situação de cada docente, o momento histórico e a conjuntura como um todo. No entanto, através das informações aqui geradas pelas análises dos programas, podemos trazer à tona a existência de algumas fraturas, isto é, embates diretos que se pretendem inexistente pela manutenção do *status quo* acadêmico, espaço que se propõe democrático, mas que, no caso do ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, se revelam as engrenagens cujo objetivo é impedir que o ensino dessa disciplina logre êxito.

Ao longo dos 20 anos analisados, notamos um conjunto de alterações sistemáticas no nome da disciplina, na bibliografia, no conteúdo, na metodologia, nos objetivos, no tempo dispensado para o ensino da disciplina etc. Tais mudanças são compreensíveis, mas seria um ganho maior caso as alterações não fossem de ordem política, baseadas em interesses de grupos de prestígio no campo acadêmico. O que vimos nesse período foram alterações que nos parece um exercício de aproximação com a literatura portuguesa, mantendo inclusive o que as literaturas africanas vêm combatendo, ou seja, uma ligação com a literatura do antigo regime, sendo que as literaturas africanas fazem uma crítica ao antigo colonizador. Logo, pensamos para a afirmação de uma literatura africana e para a formação dos estudantes de Letras em contato com essas literaturas, o não rompimento com esta ideia de anexação ou pertencimento das africanas à literatura portuguesa; é precisamente isso que nos causa um estranhamento.

Frisamos os conteúdos como parte da proposta que representa bem o trabalho docente com a disciplina de africanas, visto que é por meio dos conteúdos que são garantidos os insumos necessários para a boa formação dos discentes. Em outras palavras,

Sem conteúdo não há ensino, qualquer projeto educativo acaba se concretizando na aspiração de conseguir alguns efeitos nos sujeitos que se educam. Referindo-se estas afirmações ao tratamento científico do ensino, pode-se dizer que sem formalizar os problemas relativos ao conteúdo não existe discurso rigoroso nem científico sobre o ensino, porque estaríamos falando de uma atividade vazia ou com significado à margem do para que serve. Quando há ensino é porque se ensina algo ou se ordena o ambiente para que alguém aprenda algo. Dito de outra maneira: a técnica de ensino não pode preencher todo o discurso didático evitando os problemas que o conteúdo coloca. Naturalmente que o meio através do qual comunicamos algo (atividade de ensinar, recursos didáticos, professores/as, etc.) tem importância decisiva no processo de comunicação, em seus resultados, em sua eficácia, e até é fonte de efeitos próprios, mas seu valor real é alcançado, precisamente, em relação ao conteúdo que comunicam. (SACRISTÁN; GÓMEZ, 1998, p. 120)

Conforme temos pontuado, os conteúdos mudaram ao longo dos 20 anos. Na proposta inicial, havia uma ênfase nos textos de poesia e prosa de quatro países: Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe, com a proposta de oferecer um panorama das literaturas desses países aos alunos do curso; contudo, essa proposta sofreu alterações que esvaziaram o programa, dando lugar à literatura portuguesa, recortando apenas a poesia em detrimento da prosa ou, em outros momentos, apresentando apenas a prosa e limando a poesia do programa. Além disso, foi preciso selecionar alguns autores em detrimento da visão panorâmica proposta anteriormente. Essas variações aconteceram pelos motivos levantados pela nossa análise, por exemplo: tempo da disciplina inicial de um ano que fora transformada em um semestre posteriormente, trocas de professores, sendo três docentes responsáveis pela disciplina no período analisado, entre outros fatores que nos foram revelados na entrevista com os docentes da disciplina (tema do próximo capítulo). Todas essas ocorrências transformaram o ensino das literaturas africanas de língua portuguesa em uma colcha de retalhos, ora bem costurada, ora rasgada.

Diante do cenário apresentado no documento analisado, podemos dizer que a formação do aluno de Letras da Unesp-Assis em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa foi irregular, pois, dependendo do ano cursado, o conteúdo pode ter ajudado os discentes em sua formação nessa área ou pode ter deixado lacunas. Essas questões estão interligadas às práticas dos docentes em cada ano. A ideia das práticas reveladas nos programas define o *habitus* de cada docente, pela escolha do conteúdo a ensinar, com isso, depreendemos as representações que atravessavam cada docente. Pudemos observar nas análises que, nos três anos iniciais, o docente responsável pela disciplina imprimiu o desejo de apresentar amplamente as literaturas africanas

de língua portuguesa para os alunos, pois a proposta era valorizar essas literaturas, de uma maneira conservadora no que tange ao modo de ensinar na universidade. Assim, acionando a noção de macrossistema de Abdala Junior (2007) com base em Antônio Candido (1959) — autores referência neste tema —, podemos observar que o docente tinha disposição de instaurar a disciplina no meio acadêmico, usando as armas do meio para tal finalidade.

Esse modelo foi seguido pelo segundo docente, apesar das interferências sofridas ao dividir a disciplina com a literatura portuguesa. Houve a manutenção do formato proposto inicialmente, e esse professor deu sequência às práticas que funcionaram. As representações eram as mesmas, ou seja, colocar as literaturas africanas no currículo do curso de Letras.

O terceiro docente encontrou a disciplina instaurada como obrigatória no curso, cabendo-lhe a manutenção, dessa forma, poderia ousar, melhorar, amplificar, transformar as práticas docentes frente à disciplina. Entretanto, o que vimos foi a manutenção das práticas junto com uma representação aparentemente mais arrojada de ensino das literaturas por meio de escolhas como: escritores nominados na proposta, bibliografia atualizada e recorte por gênero literário. Porém, é necessário notar que essa proposta não apresentou qualquer mudança significativa na disciplina, fato revelado pelo retorno ao conteúdo inicial nos quatro anos finais do período analisado. Ademais, pudemos notar o retorno do embate entre literaturas africanas e literaturas portuguesa, revelado pelo nome da disciplina: “Literaturas africanas de expressão portuguesa”. Com isso, a ideia de fratura perpassou o programa ao longo dos 20 anos, e isso reflete na formação dos alunos que passaram pelo curso nesse período, uma formação fraturada pelas representações e práticas dos docentes, reveladas no documento.

4 ENTREVISTAS: O ENSINO DA DISCIPLINA PELA VOZ DOS AGENTES

Se examinarmos criticamente o papel tradicional da universidade na busca da verdade e na partilha de conhecimento e informação, ficará claro, infelizmente, que as parcialidades que sustentam e mantêm a supremacia branca, o imperialismo, o sexismo e o racismo distorceram a educação a tal ponto que ela deixou de ser uma prática da liberdade. O clamor pelo reconhecimento da diversidade cultural, por repensar os modos de conhecimento e pela desconstrução das antigas epistemologias, bem como a exigência concomitante de uma transformação das salas de aula, de como ensinamos e do que ensinamos, foram revoluções necessárias – que buscam devolver a vida a uma academia moribunda e corrupta.

bell hooks (2017, p. 45)

Neste capítulo, passamos às entrevistas com os docentes que estiveram à frente da disciplina ora analisada, isto é, que lecionaram a disciplina na Faculdade de Ciência e Letras no câmpus de Assis (FCL-Assis). Nosso objetivo é aprofundar as questões percebidas ao longo da análise documental, bem como explorar as representações e práticas dos docentes universitários através das informações encontradas nos documentos e das suas respostas. Com isso, buscamos compreender as escolhas teóricas e metodológicas dos professores no período em que estiveram à frente da disciplina e, com base em Bourdieu (1997; 2019), refletiremos sobre o trabalho do docente de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa em um campo universitário para articular as entrevistas com a atuação dos agentes docentes no cenário acadêmico pesquisado.

Para atingir tais objetivos, dividiremos as entrevistas em categorias temáticas, ou seja, analisá-las em grandes temas que surgiram nas falas dos nossos informantes, desse modo, poderemos investigar as declarações dos entrevistados de maneira mais contextualizada, uma vez que estamos pesquisando um período específico, visto que muito do que foi exposto precisa ser situado no tempo de seu acontecimento.

As entrevistas estão estruturadas em cinco perguntas formuladas objetivamente, pois pretendemos saber como o(a) professor(a) iniciou na área de Literaturas Africanas, quais foram as dificuldades encontradas para trabalhar com essa literatura na universidade; de que maneira ele/ela trabalhava as literaturas africanas junto aos alunos, sendo que nessa pergunta incluímos a questão da elaboração do Programa da Disciplina. Em seguida, passamos à bibliografia que sustentava o curso. A pergunta seguinte solicita uma análise do docente em relação ao ensino de literaturas na universidade em comparação com o tempo de mais de 20 anos da disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na Unesp-Assis. Por fim, há uma pergunta em aberto, para que o(a) docente complementasse o que não foi abordado nas perguntas anteriores.

Assim, com essas seis questões vários temas surgiram. As falas dos entrevistados revelaram, de forma subjetiva em alguns momentos e de maneira organizada dentro do discurso acadêmico em outros momentos, várias questões que agruparemos em cinco categorias:

- i. Formação acadêmica e engajamento;
- ii. Aceitação institucional;
- iii. Uma disciplina em construção;
- iv. Sustentação teórica;
- v. Futuro incerto.

Essas categorias compõem um panorama das falas dos informantes, além de permitirem uma análise apurada com ênfase em aspectos centrais da pesquisa, como *habitus*, práticas e

representações, tensionamento, *ortodoxia* e *heterodoxia* no campo acadêmico e ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Deste modo, visamos a apreender esses aspectos do discurso dos entrevistados mantendo a objetividade discursiva, sem desvalorizar a verdade histórica e contextual expressada nas respostas desses agentes:

Nós nos esforçamos, pois, para transmitir ao leitor os meios para lançar sobre as declarações que vai ler esse olhar que dá razão, que restitui ao pesquisado sua razão de ser e sua necessidade; ou, mais precisamente, de se situar no ponto do espaço social a partir do qual são tomadas todas as vistas do pesquisado sobre esse espaço, isto é, nesse lugar onde sua visão do mundo se torna evidente, necessária, *taken for granted*. (BOURDIEU, 1997, p. 712)

As transcrições respeitaram os ritmos frasais de cada entrevistado, as palavras precisas, não houve substituição de vocábulos, apenas cortamos as repetições e marcas de oralidade. Durante a análise, buscamos as categorias que amparassem nossa discussão e possibilitassem que “a visão do mundo” dos pesquisados esteja clara no texto da dissertação, tendo em vista que a categorização “[...] é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos” (BARDIN, 2016, p. 147). Sendo assim, recorreremos à categorização para garantir uma análise comprometida com o discurso do informante, dentro da verdade histórica, criada no tecido memorialístico e das práticas docentes, expostas a partir das perguntas previamente estruturadas.

4.1 Formação acadêmica e engajamento

No início da entrevista, os professores lembraram da própria trajetória acadêmica, ou seja, graduação, mestrado e doutorado. Em seguida, abordaram a atuação como pesquisador(a) e docente de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Recortamos as falas que demonstravam um envolvimento com a literatura africana no campo acadêmico e que tratassem dos professores universitários dos entrevistados, os quais lhes serviram de referência. As falas que se seguem demonstram a importância da universidade como um lócus de debate e de abertura para a pesquisa e o ensino do novo, mas também um espaço de disputa, que implica agentes engajados intelectualmente com a mudança dos paradigmas.

Desse modo, iniciamos com as palavras do professor S.⁹:

[...] O Boris falou assim para mim, “sabe R, você sabe que estou com setenta e tantos anos e eu não sei como é que vai ser daqui a três anos”, ele andava sempre doente, um pouco doente, ele falou “eu conversei com Abdala encontrei com ele em um evento lá em Belo Horizonte e ele falou que gostaria muito de trabalhar com você, Benjamin Abdala. Ele falou que gostaria de trabalhar com você, eu achei que talvez fosse bom pra você porque, primeiro ele é novinho, ele era novo ainda, segundo ele é seu amigo”. Na época ele sabia que éramos amigos, do mesmo partido político lá na universidade, eu e Benjamin fomos do mesmo partido político, no movimento estudantil [...] (S., 2021. Informação verbal)

O professor S. traz essa informação sobre seus dois orientadores, professores do curso de Letras da Universidade de São Paulo (USP): Boris Schnaiderman, orientador de mestrado de S., e Benjamin Abdala Junior, orientador de doutorado, para lembrar os motivos do seu envolvimento com a literaturas africanas na época. Podemos inferir, então, que foi a partir do doutorado que o professor S. iniciou uma relação com as literaturas africanas.

Fui conversar com Benjamin e ele falou assim “o que que você quer fazer, temos aqui Angola, Moçambique, Cabo Verde, claro, Cabo Verde, me interessava trabalhar com Cabo Verde porque primeiro meu bisavô é de Cabo Verde, minha bisavó era negra que foi pra Cabo Verde, como todos sabem Cabo Verde não era povoado, então levavam os negros para lá, na verdade, lá era um depósito de... no caso da minha bisavó nem era isso, ela foi para lá, meu bisavô era português, a família do meu bisavô era português, meu bisavô nasceu lá e casou com minha bisavó. O meu avô falava muito sobre Cabo Verde, falava barlavento, sopravento, eu era molequinho não entendia bulhufas. (S., 2021. Informação verbal)

A relação de proximidade entre orientando e orientador possibilita a escolha de S. pelo tema da pesquisa, mas outro elemento fica evidente na fala do nosso entrevistado: o seu envolvimento afetivo com Cabo Verde, por conta da memória da família, que tinha laços fortes com o país da África. Sua escolha é, portanto, motivada e determinante para S. Aqui há uma representação que o forma como pesquisador e docente de literaturas africanas, pois a escolha é feita conta de ele ter lembranças das histórias do avô sobre Cabo Verde; assim, o doutorado, um procedimento acadêmico, é impregnado pela formação familiar do docente, e ele recorre à sua formação como sujeito para pesquisar a literatura cabo-verdiana.

Em seguida, nosso entrevistado cita as obras lidas e a escolha realizada para o trabalho no doutoramento:

⁹ Atendendo exigência do Comitê de Ética da UNESP-Assis e documento de TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), assinado pelos entrevistados, usaremos a abreviação de um dos sobrenomes deles para manter o anonimato no texto da entrevista.

[...] eu li Os Flagelados do Vento Leste, de Manuel Lopes, li Chiquinho, de Balthazar Lopes, e Chuva Brava, também do Manuel Lopes, fiquei pensando acho que vou trabalhar com Os Flagelados do Vento Leste primeiro porque os Flagelados têm muito a ver com a situação dos nordestinos, dos retirantes nordestinos, é uma semelhança, falei vou trabalhar com uma obra comparada do Graciliano Ramos, Vida Secas. Foi o que eu fiz com muito carinho. Fui fazendo os cursos na USP, fiz com a Santilli ainda tudo muito novo, de Cabo Verde não tinha nada, de Angola já tinha muita coisa, Moçambique mais ou menos, de Cabo Verde não tinha nada, nada, nada [...] (S., 2021. Informação verbal)

Fica evidente a escolha pela Literatura Comparada logo de imediato, trazendo a aproximação do texto literário africano para cotejo ou aproximação com a literatura brasileira. Essa escolha pode ser entendida de diversas formas, aqui vamos nos atentar para o projeto empreendido pelo orientador de S., o professor doutor Benjamin Abdala Junior, que ao lado da professora doutora Maria Aparecida Santilli estava à frente do Centro de Estudos Africanos da USP e trabalhava na perspectiva da Literatura Comparada, como modo de introduzir as literaturas africanas no campo acadêmico brasileiro.

Essa situação vem à tona na fala da entrevistada M., ao informar que “A gente usava muito a Literatura Comparada. Antonio Candido, Escola de Frankfurt, Antonio Candido. A relação entre texto e contexto.” (Informação verbal). A entrevistada M. nos fornece outra informação que evidencia um *habitus* fundado na sua formação acadêmica e que coincide e se entrelaça com o que S. informou no tocante à formação acadêmica e aos docentes que fizeram parte da sua trajetória na universidade:

Fui falar com o professor Mourão e ele falou, olha existem na Letras dois professores que estão trabalhando com africanas, a professora Cida Santilli e o professor Benjamin Abdala Junior. Eu tinha aula na graduação com o Benjamin sobre Neorealismo. Eu pedi para ele me falar um pouco a respeito, começamos a conversar e ele propôs “já que você gostou tanto do Luandino e gosta do Guimarães, por que você não faz um projeto para o mestrado, comparado”. Era o meu último ano de graduação. Falei olha gostei, foi aí que eu comecei a aprender. (M., 2021. Informação verbal)

Os agentes são os mesmos para ambos os professores entrevistados nesta pesquisa. A formação acadêmica é fundada pelos docentes da USP que militavam para estabelecer as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no cenário acadêmico. Nossos entrevistados são convidados a militar também, a se engajarem no projeto de renovação do ensino e pesquisa de literatura na universidade. A formação acadêmica dos nossos docentes da Unesp-Assis é fulcral para entendermos o movimento realizado na Faculdade de Letras de Assis, pois é por meio do *habitus* “capital incorporado” pelos docentes que os forjaram e ditaram a maneira de eles ensinarem Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, para além do ato de lecionar uma

disciplina, e sim uma forma de militar em pró do estabelecimento das literaturas africanas junto às literaturas portuguesa e brasileira:

Há um ponto, acho que os outros professores devem ter falado, que neste primeiro momento das africanas, que dizer um segundo momento, primeiro momento é o professor Mourão, a professora Maria Aparecida Santilli, o Benjamin, a professora Vilma Arêas, esses são os precursores. Eu, a Rita Chaves, o R., somos uma segunda geração, mas essa segunda geração, na qual se inclui apesar de ser mais velha, Laura Padilha, é uma geração de militância, essa é a diferença com a geração anterior, talvez só o professor Mourão tenha essa militância até pela formação dele, ele inclusive fez parte da casa dos estudantes do império etc. (M., 2021. Informação verbal)

Apesar de M. deixar nas entrelinhas que, na geração anterior, não havia militância, encontramos nas suas falas ao longo da entrevista uma herança dos docentes da primeira geração, que militaram ao instalar as africanas nas universidades. Entretanto, o que nos interessa nessa fala é a afirmação de que a segunda geração é uma “geração de militância”. Esse reconhecimento de pertencimento ao grupo dos engajados, implicados com o ensino de literaturas africanas no Ensino Superior, só existiu, porque aprenderam a ser assim durante seu trajeto na formação acadêmica.

Tomando a época de formação acadêmica dos docentes entrevistados, meados da década de 1980, entendemos melhor a ligação com a militância em temas referentes à África. Nesse momento, o Brasil vivia o final da Ditadura Militar (1964-1985), a abertura para as eleições democráticas, o momento pré-Constituição Federal de 1988, figuras de destaque do Movimento Negro, como Abdias do Nascimento e Lélia Gonzalez, colocavam em discussão o racismo brasileiro em várias esferas, dentre elas no Ensino Superior. Desse modo, tais questões impactaram diretamente as universidades brasileiras. Em outras palavras,

[...] se é certo que as crises (a de maio de 1968, especialmente) dividem o campo segundo linhas de fratura que lhe preexistem, de maneira que todos os posicionamentos dos professores sobre a instituição escolar e sobre o mundo social têm em última análise seu princípio em sua posição no interior do campo, não seria preciso concluir que o fim das lutas internas depende unicamente das forças presentes e da eficácia das estratégias dos diferentes campos. As transformações globais do campo social afetam o campo universitário, principalmente por intermédio das mudanças morfológicas das quais a mais importante é o afluxo da clientela de estudantes que em parte determina o crescimento desigual do volume das diferentes partes do corpo docente e, assim, a transformação da relação de forças entre as faculdades e as disciplinas e, sobretudo, no interior de cada uma delas, entre os diferentes graus. (BOURDIEU, 2019, p. 171-172)

Durante a formação dos entrevistados, eles foram agentes da transformação como alunos que escolheram pesquisar na área de africanas, quando essa escolha era um ato desbravador, uma escolha fora da rota, um ato engajado. Como estudantes, foram responsáveis

pela transformação, pois estabeleceram uma relação de forças no interior do campo acadêmico, ou seja, agentes engajados que determinaram uma aceitação institucional de uma disciplina desprestigiada nas faculdades de Letras.

4.2 Aceitação institucional

Nesta categoria, procuramos entender o processo de entrada da disciplina no curso de Letras da Unesp-Assis, assim como o comportamento da instituição em relação ao ensino de literaturas africanas. Buscamos entender de que modo os agentes do campo universitário se comportaram quanto à proposta de inserção das literaturas africanas de língua portuguesa no programa de curso da FCL-Assis. Nesse sentido, temos a fala do professor S.:

A M. falou você não quer vir para Assis? Porque lá você já aproveita, porque na verdade o estudo de africanas em Assis ele era ainda muito pouco, nós pegamos rabeira no curso de portuguesa, na Literatura Portuguesa, pegamos um pouco de rabeira ali e dávamos algumas coisas sobre África, isso no começo. (S. 2021, Informação verbal)

Nessa fala, podemos depreender a dificuldade em instaurar o ensino de literaturas africanas na FCL-Assis, pois a disciplina era ofertada como optativa e dividia o tempo de aula com a literatura portuguesa. Era um braço da literatura portuguesa, a literatura de prestígio, do colonizador europeu; falar de África dependia da concessão do espaço e da *ortodoxia* de um grupo (BOURDIEU, 2019). É nessa brecha institucional que a disciplina se instaura.

Você falou uma coisa interessante. Na verdade, eu conheci o Fernando Mendonça em outras situações, não como professor, na verdade sim, em conversas de professor, mas não lá em Assis. Eu sei que ele trabalhou africanas, principalmente Balthazar Lopes, Chiquinho em Assis, tanto que a própria professora Rosane falava “ah professor Mendonça ele falava pouquinho sobre as literaturas africanas”, realmente ele foi, lá em Assis ele iniciou, ele era professor de literatura, aquilo que eu falei antes, ele era professor de literatura portuguesa e pegava, usava o espaço para falar das africanas, mas não era assim muito formal, não existia, por exemplo, alguma coisa pontual que ele colocava como importante para conhecer, mas não existia a preocupação de dar aula de africana. Na verdade, africanas começou com a M. Ela conseguiu criar naquele espaço de Literatura Portuguesa uma parte de africanas. Não dava para dar tudo, porque era um semestre, em um semestre uma coisa depois outra, portuguesa depois africanas por exemplo, era um espaço muito curto, não dava para você ver a poesia e a prosa, não dava você tinha que escolher o que fazer. (S. 2021, Informação verbal)

Instaurar o ensino de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa era uma decisão solitária da professora M., já que o “professor Mendonça ele falava pouquinho sobre as literaturas africanas” dentro da disciplina literatura portuguesa. Com a chegada da professora

M., é “cavado” um espaço para o ensino das literaturas africanas, no formato optativa, em um semestre, já que o outro era dedicado ao estudo de autores canônicos da literatura portuguesa, conforme analisado no Capítulo 2. Nesse sentido,

O problema maior foi realmente por parte dos professores da instituição, aí existia um preconceito. O que que é Literaturas africanas? É uma Literatura menor. Isso no primeiro momento, depois quando viram a ascensão do Mia Couto, a ascensão das africanas nos prêmios literários, a coisa mudou um pouquinho, mas havia resistência. Dá um tempo maior para as africanas. Por que dá um tempo maior? Isso bem recentemente, eu não estava aposentado ainda, mas a gente conversava, dialogava com os professores e falava, literaturas africanas é importante, mas havia resistência sim. Por parte da instituição, eu não sei se diria por parte da instituição, por parte de alguns professores. Eles achavam tempo maior para uma literatura menor. Não precisava aumentar tempo para literatura africana. (S., 2021, Informação verbal)

Participar do jogo estabelecido no campo acadêmico não deveria ser fácil, visto que a aceitação das literaturas africanas como objeto de ensino sofreu resistência, por ser uma disciplina sem tradição no meio acadêmico, tradição essa imposta por um jogo de valoração sociocultural, questionável no contexto brasileiro, mas impregnado no campo universitário, detentor de disposições arbitrárias e determinantes para o funcionamento das faculdades. Essas disposições foram acatadas pelos professores que então atuavam no campo acadêmico, pois entendem como uma “vantagem profissional” o prestígio das disciplinas lecionadas em detrimento de outras consideradas menores:

A importância diferencial da herança profissional segundo as faculdades e as disciplinas explica-se (fora dos efeitos direto do nepotismo) se vemos aí uma forma de *antiguidade na profissão*, própria a fazer com que – todas as coisas, e sobretudo a idade, ainda que iguais – os agentes oriundo do corpo possuam uma vantagem considerável na competição porque possuem em alto grau certas propriedades explicitamente ou tacitamente exigidas dos novos entrantes: primeiramente, o capital simbólico ligado a um nome próprio e capaz de assegurar, como uma marca famosa no caso das empresas, uma relação duradoura com uma clientela conquistada antes, em seguida, o capital cultural específico cuja posse constitui sem dúvida uma vantagem ainda mais poderosa quando o capital em vigor no campo considerado, faculdade ou disciplina, é menos *objetivado, formalizado*, e se reduz mais completamente às disposições e à experiência constitutivas de uma arte que só pode ser adquirida longamente, e na primeira pessoa. (BOURDIEU, 2019, p. 90, grifo do autor)

A disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa não tinha, no recorte histórico estudado, o capital cultural que permitisse seu estabelecimento como uma disciplina integrante do rol das obrigatórias na FCL-Assis. Não havia, segundo as disposições arbitrárias dos agentes que compõem o campo intelectual, um capital *objetivado e formalizado* que permitisse o *status* de disciplina universitária junto às consagradas literaturas brasileira e portuguesa. Foi

necessário que a professora M. construísse, a partir do seu *habitus* individual e do seu capital simbólico individual, uma brecha para ensinar as literaturas africanas no contexto acadêmico ao qual ela pertencia. A esse respeito, diz ela:

Quando eu entrei, talvez, os colegas ficaram desconfiados. Havia duas pesquisadoras que entraram que tinham problemas. Uma era a professora Ana Maria Domingues de Oliveira, por quê? Porque ela era de brasileira, ela veio da UNICAMP e era uma pesquisadora de periódicos e literatura contemporânea, Leminski, Ana Cristina Cesar, e eu que era de Africanas. Nós duas éramos sempre vistas um pouco, e claro que a gente se uniu, éramos vistas como fora do ninho, mas não houve. É da UNESP ela ser democrática, eu acho que isso não obstou, eu pude fazer, se eu não fiz mais foi porque eu não quis, ou minhas condições foram poucas, mas não foi institucionalmente, eu não tive nenhum problema. (M., 2021, Informação verbal)

A relativização introduzida pelo “talvez” da nossa entrevistada pode denotar o “entre-lugar” (SANTIAGO, 2000) das literaturas africanas nas universidades brasileiras, dado que a disciplina não existia em Assis, do mesmo modo que não estava institucionalizada nas universidades pioneiras no ensino de literaturas africanas de língua portuguesa, a saber: USP, UFRJ, UFF, UFBA, PUC-Minas, UFMG, UFPB, Unicamp e tantas outras que, ainda na década de 1980, desbravaram os textos literários produzidos nos países africanos de língua oficial portuguesa e desconhecidos nos cursos de Letras. Esse entre-lugar que, à época, era um não lugar, um deserto academicamente falando, é confirmado na declaração seguinte da professora M.: “eu que era de Africanas. Nós duas éramos sempre vistas um pouco [...] como fora do ninho”. Apesar do eufemismo na declaração da fundadora da disciplina em Assis, ela era vista como um agente totalmente “fora do ninho acadêmico”, uma vez que foi contratada para ensinar literatura portuguesa e se propunha a ensinar literaturas africanas, mesmo que como uma disciplina optativa.

Essa situação não mudou muito para o último professor que assumiu a disciplina mais de uma década depois da professora M.:

Então, a primeira como foi minha experiência então como eu disse a minha experiência foi um pouco abrupta, porque eu pensei, mesmo porque dentro do próprio, quando eu prestei o concurso nos pontos não existia literatura africana aí eu fui conhecer a literatura africana dentro desse contexto meio que novo, totalmente novo para mim. Acho até que nem sou isso nem sei se eu sou a pessoa mais... Olha eu sou um clínico geral nas literaturas africanas eu já não sou um especialista eu acho que se estivesse o especialista se tivesse alguém que vivenciasse isso seria muito melhor, por outro lado, eu faço o melhor que eu posso fazer, ... estudo e tal, estou sempre aberto e tal, mas foi um pouco abrupta essa minha entrada nas literaturas Africanas e claro que como eu tinha essa responsabilidade eu tinha que estudar o máximo, ou seja, tirar todo esse atraso nesse contexto, então eu gosto muito de ler teses trabalhos do gênero da própria literatura, estou sempre lendo alguma coisa, participando de congressos sobre. Então você vai entrando em certos grupos. Eu fiz um curso da ONU ano passado no meio da pandemia e tudo mais, um que abriu minha cabeça sobre a África, acho que é um curso que todo mundo deveria fazer. É um curso que não tem nada a ver com

literatura, mas é um curso sobre sustentabilidade e como a África tem um projeto com a Europa que se chama África 2036 eu vi 2036 falei nossa que coisa absurda, África 2036 que é tão longe né projeto. (P., 2021, Informação Verbal)

O cenário exposto pela fala de P. denuncia o esvaziamento da importância da disciplina na instituição, desde a designação do professor que vai responsabilizar-se por ela. Não precisa ser um especialista da área, não há um tópico sobre literaturas africanas no concurso para literatura portuguesa da Unesp-Assis, apesar da presença das africanas na grade de optativas e os trabalhos de pós-graduação na área desenvolvidos também no câmpus de Assis, além da procura massiva dos alunos pela disciplina. Em suma, não se trata de equívoco, esquecimento sem propósito, estamos falando de racismo institucional e epistemicídio¹⁰ praticado pela instituição nesse caso. Observamos que o professor destaca seu esforço para tornar-se um especialista na área, buscando cursos que lhe deem subsídios e conhecimento sobre o continente africanos para além da literatura. Essa é uma situação que reforça a importância da fala da professora M., quando esta afirma que “a militância deve acompanhar o docente de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa”.

4.3 Uma disciplina em construção

Nesta categoria, buscamos compreender como os docentes elaboravam os programas da disciplina, como trabalhavam as obras literárias com os estudantes, quais práticas usavam para ensinar Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, quais recursos didáticos eram empregados para a efetivação das aulas. Começamos pela resposta do professor S.:

Nós trabalhávamos com três, três literaturas, três países africanos, aí fica difícil. O que que nós fazíamos? Vamos escolher as obras principais, os autores principais, então da Angola, principal tinha um monte, Luandino Vieira, que é fundamental para literatura africana, de um modo geral, Manuel Rui, são vários autores importantes, Pepetela, então nós colocávamos assim; Pepetela – Mayombe importante, Mayombe é fundamental para o aluno, então colocávamos Mayombe e trabalhávamos Luandino nos contos, principalmente os contos de *Luuanda* que o pessoal adorava, eu lembro de quando eu saía para ir para casa a pé via os meninos falando sobre os contos, sabe, isso porque Luandino é um contista de primeira. A dificuldade de trabalhar os currículos, os autores eram esses, você por exemplo trabalhar Angola, você não pode deixar Luandino de fora e nem Pepetela. Moçambique você aí já ... agora mudou um

¹⁰ *Epistemicídio* é um termo criado pelo sociólogo e estudioso das epistemologias do Sul Global Boaventura de Sousa Santos (2010), que explica o processo de invisibilização e ocultação das contribuições culturais e sociais não assimiladas pelo ‘saber’ ocidental. Processo fruto de uma estrutura social fundada no colonialismo europeu e no contexto de dominação imperialista da Europa sobre os povos colonizados. O epistemicídio constituiu-se na outra face do genocídio.

pouquinho, mas era o Mia Couto – Terra Sonambula, então você fala Mia Couto é importante, muito importante, então vamos trabalhar com Terra Sonambula. Os outros autores necessitavam, trabalhava com Pauline Chiziane, mas... se bem que de raspão, não dava para trabalhar a Pauline Chiziane e o Mia Couto juntos, pouco espaço. Cabo Verde tinha Manuel Lopes, Germano Almeida, Balthasar Lopes, era um grupo muito importante, o grupo da Claridade. Ficava muito difícil escolher, normalmente se trabalhava Germano Almeida com O Testamento do Sr. Nepomuceno, Manuel Lopes com Os Flagelados e o Balthasar Lopes com Chiquinho, às vezes mudava um pouco. De São Tomé e Príncipe nunca trabalhávamos, só falava, citava assim muito rapidinho porque não dava. Da Guiné também não dava, falava muito pouco. (S., 2021, Informação verbal)

O professor S. coloca primeiramente a dificuldade em trabalhar o conjunto das cinco literaturas dos países africanos de língua oficial portuguesa, de forma que selecionava três delas para lecionar. Essa escolha revela uma prática recorrente no ensino da disciplina, visto nas análises dos programas e reiterado pelos professores que têm atuado na área.

Outro recorte revelado diz respeito aos autores escolhidos. A dificuldade de elencar as obras e seus autores, escolher o que é fundamental para que os alunos conhecessem etc., essas escolhas sofriam mudanças, conforme revelado pelo professor S. No entanto, temos pistas deixadas que nos permitem retomar “a ideia de cânone”, isto é, a escolha realizada estava pautada no reconhecimento dos autores pela crítica especializada, pelo envolvimento em movimento literário (grupo *Claridade*), expressado na fala do professor S. Trata-se, portanto, de representações do docente reveladas pela prática reiterada de escolher os autores do cânone literário das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

Vamos verificar como essa questão é posta na fala da docente M.:

Na verdade, a gente ainda não tem muito preciso um cânone no Brasil. Ele varia um pouco de professor para professor. Por exemplo, o cânone na UNICAMP é bem diverso da USP, porque a professora lá é mais de estudos pós-coloniais. É diferente da USP e deve ser diferente da UNESP, então na verdade o cânone, como é diferente da UFRJ, para falar das universidades maiores, com maior número de professores ou que tenham a disciplina. Esse cânone não está fechado, o que é bom e mal. Bom porque pode-se sempre incluir alguém, ter uma nova obra etc. Mal porque a gente não tem um mínimo. Tem se dedicado muito pouco ao ensino das Literaturas Africanas. Essa é uma reflexão que tem sido pouco feita. Eu não tive forças antes de me aposentar de fazer um encontro de professores que dão aulas de africanas do Estado de São Paulo. Há demandas incríveis que a gente tem que fazer. Por exemplo, pedir livros para FAPESP. Fazer o FAPE-livros de Africanas, muitos livros são importados, então a gente tem que fazer isso, quando a FAPESP der uma verba para a gente ir para o congresso, que ela dê uma verba para a gente poder trazer livros. Esse é um obstáculo que infelizmente nós temos. Por quê? Porque o cânone é pautado pelas editoras. Esse é o grande problema. A professora Inocência Mata vive dizendo, a gente já brigou muito e eu adoro brigar com a Inocência, ela berra, eu também berro, mas a gente se ama muito e se gosta muito. Ela fala: “vocês no Brasil só estudam brancos”. ANH, ANH. Nós estudamos aqueles que a Companhia das Letras edita. Agora felizmente tem a Nandyala, tem outros selos que possibilitam isso, a Kapulana, que no início se dedicou a Moçambique, mas agora tem um número muito grande de livros, mas a gente ainda não tem um digamos um cânone. Fazer isso dependia e depende do

professor. Aí eu digo que é um problema que a minha geração, a anterior não fez, a minha geração não fez, eu espero que a próxima geração faça. Material didático. Não há um manual de literaturas africanas, quem tinha que ter feito isso éramos nós, nós que fomos para África, nós que militamos, nós que militamos no ensino. (M., 2021, Informação verbal)

A professora M. enfatiza a questão do cânone, ou melhor, a ausência dele ou ainda as variações do cânone das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, que têm sido ensinadas nas universidades brasileiras. A docente lamenta a ausência de um material didático para a disciplina, “uma necessidade”. A fala de M. nos revela ainda um posicionamento que retoma a nossa inferência acerca da visão ortodoxa dos docentes da disciplina na Unesp-Assis, quando pondera “Por exemplo, o cânone na Unicamp é bem diverso da USP, porque a professora lá é mais de estudos pós-coloniais. É diferente da USP e deve ser diferente da Unesp”. M. revela que tanto a USP quanto a Unesp-Assis trabalham autores do período colonial, o que reforça os autores elencados pelo professor P. Certamente, isso não determina um trabalho com autores só do período colonial ou da independência recente dos países em questão, pois grande parte dos autores citados estão vivos e produzindo. Com isso, o que se revela é um recorte temporal das obras mencionadas e ainda a temática da colonização, expressa também nos Programas da Disciplina.

Nesse sentido, o que nos interessa são as representações expostas pela professora M., por reforçar um *habitus* que parece atravessar os três docentes entrevistados. A seguir, passemos à fala do professor P.:

O plano é global é toda literatura cabo-verdiana, é toda literatura angolana, sendo que só Mía Couto já daria um curso, só um conto do Luandino já daria um curso, só um poema do Agostinho Neto já daria um curso inteiro, você poderia ficar 15 encontros discutindo Agostinho Neto. Então eu acho que essas amplitudes elas vão atrapalhando um pouco. Então as obras são apresentadas, no meu caso especificamente, só deixa eu fazer um adendo, eu gosto de trabalhar muito com conto, dentro do conto eu trago um poema, trago na lousa, escrevo um poema, já linco o conto com o poema e assim sucessivamente, dentro desse conto a gente vai lendo, vai falando de questões históricas questões existenciais, você acaba dentro de um livro que é um livro riquíssimo como Contos do nascer da terra do Mía Couto você trabalha com um conto só, dois contos, Luanda você trabalha com um conto só. Tem as dificuldades do aluno que às vezes para ele o português escrito e falado em outros lugares parece que é outra língua, o aluno não quer ler mais e aí você tem esse problema, esse problema de que a leitura se tornou algo, uma tecnologia que é uma tecnologia um pouco obsoleta, parece que foi deixada de lado, ler um livro, ler uma obra. Lembro que estava discutindo Terra Sonâmbula uma vez, os alunos perguntaram “tem o filme?” (P., 2021, Informação Verbal)

Nessa fala, demonstra-se a dificuldade de trabalhar a globalidade da disciplina, tal qual verificamos na fala de S. O docente P. nos informa que faz recortes, inclusive de gênero, ao trabalhar contos e complementá-los com poemas. Novamente, depreendemos o trabalho com o

cânone, inclusive o romance *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto, citado por S. e retomado pelo professor P., além de Agostinho Neto e Luandino Vieira.

As representações do professor P. se aproximam demasiadamente das representações dos outros dois docentes da disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, assim como o *habitus* revelados por eles, ao declararem que trabalham o estabelecido, os autores da resistência, os militantes das literaturas africanas, as obras referentes à história de libertação dos países africanos, com o tema da colonização, com autores publicados pelas editoras consagradas no mercado editorial.

Podemos notar que a disciplina foi construída sobre uma base estabelecida por autores do cânone literário, dos países africanos de língua oficial portuguesa, seguindo uma tradição de trabalhar com o contexto histórico, apresentar o panorama sociopolítico com os textos, uma proposta recorrente no ensino dessa disciplina, ainda uma relação de admiração com o ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa praticado pela USP. Essa situação mantém laço estreito com a formação dos dois primeiros docentes da disciplina, que são oriundos da USP, portanto, seus *habitus* são formados pelas experiências acadêmica vivida, que forjam as suas representações e práticas. A despeito dessa prática, o docente S. pondera o seguinte:

Então basicamente era isso, você pegava o contexto histórico de cada país, falava um pouquinho do contexto histórico e falava sobre as obras, alguns autores muito rapidamente e outros autores você se dedicava um pouquinho mais, dependia muito daquela vontade do professor, da ideia de o professor falar como que eu vou animar o pessoal a trabalhar. Com poesia é excelente, trabalhar em prosa, você tinha que escolher, não dava para trabalhar com poesia e prosa naquele espacinho pequenininho. Eu procurava sempre trabalhar o Craveirinha, Alda Espírito Santo, Noêmia de Souza, aí misturava os poetas Paula Tavares, o próprio Baltasar Lopes e o pessoal da Claridade. Era realmente um trabalho de escolha, por causa do tempo, talvez se houvesse, na USP tem uma diferença, na USP vários professores para Literaturas Africanas, um trabalha Angola, outro trabalha Moçambique, mas aí um professor só trabalhando, mas também tem o espaço né maior. Um professor só trabalhando com tudo isso, tem que ser um pouco mais limitado, o curso tem que ser um pouco limitado, mas ao mesmo tempo tem que ser um curso bem dado, para atrair, foi o que eu achei que tinha que ser feito. Você dá a aula com o coração, no curso de africana tem que dar aula com o coração. (S., 2021, Informação verbal)

A revelação acerca do contexto histórico e o modelo de ensino da USP aparece também na fala da professora M.:

A gente usava muito a Literatura Comparada, Antonio Candido, Escola de Frankfurt, Antonio Candido. A relação entre texto e contexto. Por quê? Porque um primeiro momento dessas literaturas está muito ligado à história, está muito ligada ao movimento anticolonial. Para dar esses subsídios aos alunos a gente tinha que falar um pouco sobre o contexto, também porque a África é uma desconhecida até hoje no Brasil. (M., 2021, Informação verbal)

Também nas palavras do docente P., fica evidente o olhar para o modelo estabelecido pela USP, quando este comenta o seguinte: “Eu, a gente não tem aqui. A USP, recentemente eu fui lá, antes da pandemia, na avaliação de curso, você ver o que eles têm de literatura angolana é praticamente um curso, é um número de professores que a gente tem de todo um extinto departamento de literatura”. Nessa toada, podemos verificar que o professor P., na verdade, lamenta não ter como trabalhar apenas a literatura angolana ou moçambicana que, segundo ele a USP, oportuniza. Assim, notamos o que tem forjado as representações dos docentes entrevistados, isto é, percebemos a força dos *habitus* que compõem o capital cultural e simbólico dos três docentes que trabalharam com a disciplina; em outras palavras, pode-se dizer que

A dialética das condições e dos *habitus* é o fundamento da alquimia que transforma a distribuição do capital, balanço de uma relação de forças, em sistema de diferenças percebidas, de propriedades distintivas, ou seja, em distribuição de capital simbólico, capital legítimo, irreconhecível em sua verdade objetiva (BOURDIEU, 2017, p. 164).

O ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa constrói-se com base em um modelo preestabelecido de ensino de literaturas, neste caso o modelo da USP, com uma postura de *ortodoxia* dos docentes, mesmo ao atuar com uma disciplina nova, que procura um lugar no meio acadêmico, os docentes em questão fizeram uso das práticas estabelecidas no ensino universitário e no tratamento com o trabalho literário, partindo de autores canônicos e utilizando o capital cultural de que dispunham.

4.4 Sustentação Teórica

Nesta categoria, chamamos a atenção para a importância da bibliografia teórica apresentada na disciplina. Buscamos saber dos nossos entrevistados como essa bibliografia foi constituída, o que explica a manutenção e reiteração de títulos ao longo de 20 anos, qual é a relevância dessa bibliografia para o ensino da disciplina, bem como a recepção dos alunos. Começamos pela resposta de S.:

Quanto à bibliografia ela realmente é muito, a gente procura mudar alguma coisa durante o tempo, se você olhar lá na USP os programas de literaturas africanas do começo, eles mudaram um pouco, a bibliografia mudou um pouco. Para nosso trabalho que era um trabalho assim com curto espaço de tempo, você tem que trabalhar

esses autores: Rita Chaves, Laura Cavalcante Padilha, Nazareth Fonseca, Tania Macedo. São esses autores que trabalham os autores africanos e lhe ajudam a entender, o próprio teórico nessas literaturas é o teórico importado, você não tem um africano, fala não tem um africano ali, não tem, mas já pode colocar os africanos o Kadjimbo da Angola, o NOA de Moçambique. Dá para você ir mudando um pouco essa bibliografia, porque os africanos na verdade a gente tem que encarar, aí é uma tendência da USP, a Vima, Regiane Vecchia, elas estão mudando, trabalhando com teóricos africanos na bibliografia, ali você está trabalhando na verdade a literatura africana não é igual à nossa, o romancista africano não é igual ao nosso. Se você vir a entrevista da Paulina Cheziane ela falando “o romance moçambicano é totalmente diferente do romance português”. O que existe de muito forte nesse romance é a tradição que está lá inserida, toda a tradição toda a ancestralidade é muito difícil você entender a literatura africana cabalmente se você não tiver contato com um teórico africano que trabalhe isso. Dá para mudar, a mudança pode ser devagar, você vai mudando aqui acolá a bibliografia é possível mudar sim e para melhor até porque há coisas que podem ficar datadas. (S., 2021, Informação verbal)

O professor S. escolheu falar da importância de atualizar a bibliografia, mas ele inicia a fala com as referências de estudiosos das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa que representam a tradição nessa área de estudo, ao citar a professora Rita de Cássia Natal Chaves, Laura Cavalcante Padilha, Maria Nazareth Soares Fonseca e Tania Celestino Macedo, todas especialistas na área, com mais de três décadas de atuação. Eis a questão: onde está a renovação? É uma situação conflituosa que perpassa a fala dos docentes entrevistados, que têm a consciência das próprias práticas, mas não aceitam, fazem projeções de mudanças que não conseguiram realizar enquanto atuavam na disciplina, buscando atualizar *a posteriori*. Passemos então à reflexão de M.:

Hoje essa bibliografia muda. Nós usamos muito mais autores africanos, Bokolo, Bembe, Ontondji, Kandjimbo, nós usamos muito mais. Abre-se um espaço enorme para reflexões dos colegas de África, sejam aqueles que estão na África mesmo ou nos grandes centros europeus e norte-americanos, Said por exemplo nós saímos do centro, da hegemonia europeia. Com relação à bibliografia nacional, ela ainda continua sendo a da gente. Por quê? Porque a gente tem mais facilidade de publicar, não é que não haja... Eu citaria Andreia Muraro e Sueli Saraiva, dois nomes que estão na Unilab que são excelentes, mas elas estão na UNILAB então é mais difícil de publicar etc. A Maria Aparecida Santilli tem uma contribuição, até nem é contribuição, eu acho que ela é a responsável pela existência da FCL-Assis. Esse é o primeiro elemento, a Faculdade existe porque a Cida, como a gente carinhosamente chamava, trabalhou muito para que houvesse uma faculdade de Letras em Assis. Ela era casada com um político de Assis, ela trabalhou muito para que isso ocorresse e aí então a gente tem a FCL, em primeiro lugar a presença dela em Assis. Mais tarde, surge eu acho um descompasso da professora Cida Santilli na Portuguesa, na Literatura Portuguesa da USP, porque ela vai ser a favor do 25 de Abril, da esquerda portuguesa etc. etc. Por outro lado, nós tínhamos o professor Massaud Moisés, um radicalmente pela direita. Radicalmente não, mas pela direita, pelo *status quo* etc. Um dos elementos foi quando a Cida começa a trazer como Literatura Comparada, trabalhando por exemplo os capítulos finais do História da Literatura Portuguesa. Se a gente lembrar, aquele catatau do Saraiva tem Literaturas Africanas, ela nunca calou aquelas páginas, ela sempre incluiu isso. Logo depois do curso de Neorealismo na graduação, incluía-se isso, é importante porque ela vai fazer essa ligação. Ela vai trabalhar com o professor Benjamin Abdala Junior e os dois vão realmente dar cursos de pós-graduação formando, por exemplo, o Cuti, que acaba fazendo o doutorado dele

mais tarde na UNICAMP, mas ele começa o mestrado com a Cida. (M., 2021, Informação verbal)

A professora M. discorre sobre a importância de Maria Aparecida Santilli, nome presente na bibliografia ao longo dos 20 anos analisados, tal qual o de Benjamin Abdala Junior que também esteve presente ao longo dos 20 anos. M. urge a necessidade de inovação e critica o jogo acadêmico ao ponderar quem pode publicar o próprio trabalho e quem não. Deprendemos dessa fala a importância de afirmar o lugar dos primeiros estudiosos e teóricos brasileiros da área de literaturas africanas, o que se repete na fala do professor P.:

O suporte teórico o que acontece, a gente tem que escolher, existe um número restrito de obras, você poderia modificar? Poderia, mas aí você pensa, poxa eu conheço o Abdala, a Tânia, a Maria Aparecida Santilli, que eu coloco bastante, se eu não coloco o aluno não vai ler, o Pires Laranjeira se eu não colocar ali, ele nunca vai saber que o Pires Laranjeira existiu, o que me incomodaria bastante, ele não saber quem é Maria Aparecida Santilli, não vai aparecer em lugar nenhum, ali você tem que colocar. É como você pensar que livro levaria para uma ilha deserta, tem uma mala inteira, mas você só pode levar três ou quatro, também tem essa restrição, você tem que colocar quatro. Tem outra restrição, tem que ter volumes na biblioteca, você não pode colocar um livro mais atual porque é toda uma burocracia para comprar o livro. Está entendendo como universo ele, você tem uma certa liberdade, mas é uma liberdade desde que você tenha certos requisitos, é muito mais fácil você ir lá na biblioteca e falar olha tem seis livros do Benjamin Abdala, já vai ser básico, eu tenho 80 alunos de manhã e 80 à noite, também é uma coisa assim que a gente não se assusta por aqui, você vê que essas escolhas você é muito mais levado a escolher. É claro que no meio do curso você fala, olha gente tem um certo teórico aqui, está falando sobre isso e tal, você vai sendo levado, mas esse suporte teórico, ele acaba se repetindo porque existe a obra, porque também ela é o essencial do essencial, você tem que colocar, você também está lendo aquilo, você vai colocando outras coisas que no decorrer, mas existe uma certa restrição. (P., 2021, Informação verbal)

Novamente, ambos docentes compartilham do mesmo pensamento, reforçando a representação e o capital cultural que os forjam, em um sistema de disposições que atravessa os documentos pesquisados e revelam nas falas dos entrevistados uma concepção teórica de ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa ligada à tradição. Essa tradição está alicerçada na formação acadêmica dos professores, dentro de um modelo de ensino de literaturas iniciado na Universidade de São Paulo (USP). Ao mesmo tempo que estão atrelados à tradição pela qual foram formados na academia, os docentes buscam afirmar autores engajados nas discussões sobre as Literaturas Africanas. Essas representações conduziram as falas dos entrevistados para uma visão de futuro, indefinido, da disciplina de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

4.5 Futuro incerto

Nesta categoria, analisamos as possibilidades futuras para a disciplina, isto é, a continuidade do trabalho com literaturas africanas no cenário acadêmico brasileiro. Para isso, iniciamos com a resposta de S.:

Então a literatura africana não deve nem à brasileira nem à portuguesa e nem a nenhuma outra literatura, eu não vejo isso. Aqueles gênios, então vamos colocar os gênios. Se você pensar no Dostoiévski, num Tolstói, num Thomaz Mann, num William Faulkner, você vai pensando assim nesses autores, nesses grandes autores, aí você vai falar temos também na África, quem é? Na África de língua portuguesa quem é? Mia Couto, Germano Almeida, Pepetela e outros mais. Tem algumas genialidades na África que estão no mesmo nível dos outros autores. Não dá para você nem superlativar as africanas e nem minimizar, quem minimiza está errado a meu ver. Acho que estão no mesmo nível. Elas se completam se complementam. Então na cultura de língua portuguesa você tem que estar com a literatura portuguesa, com a literatura brasileira e as literaturas africanas, aí você tem realmente o contexto da cultura em língua portuguesa, que são dispares, são diferentes, mas há pontos de contato. A gente vai poder estudar as diferenças e pontos de contato, é assim que se faz no estudo literário de literatura. O mais rico mesmo é ver os pontos de contato, as diferenças, as igualdades a gente sabe quais são e não precisa trabalhar tanto, mas a diferença é muito importante, acho que é isso. (S., 2021, Informação verbal)

O professor S. faz uma elaboração na perspectiva da Literatura Comparada, desde a literatura de países europeus, passando pela portuguesa e brasileira, as literaturas africanas não devem nada a nenhuma delas. Em seguida, aponta a pertinência de trabalhar as literaturas africanas no contexto brasileiro, o que ele chama de “contexto da cultura em língua portuguesa”. Depois retoma a perspectiva do comparativismo. Notamos uma dualidade na fala de S.: ao exaltar o potencial estético das literaturas africanas, citando os grandes escritores que compõem o cânone africano, para em seguida colocar a literatura africana a serviço de um papel cultural dentro do universo português. Desse modo, podemos inferir que o ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa esteja fadado à relação com a cultura portuguesa, não havendo qualquer possibilidade de existir essa disciplina descolada do universo português. Uma marca do ensino vista nos programas analisados é que essa dependência ao português se mantém na fala do professor S., bem como a necessidade de atrelar os estudos comparados como uma forma de validação.

Vamos, então, verificar o que M. tem a dizer a esse respeito:

Infelizmente as africanas ainda são exóticas. Quando eu falo “exóticas”, é uma palavra que a FAPESP, um dos quadros da FAPESP, falou em uma reunião conosco que éramos professores de africanas, de árabe, as orientais e africanas, ele falou “vocês que são de exóticas”. Esse é um problema mais ou menos sério. A maior parte, a não ser na Federal do Rio de Janeiro, das disciplinas de africanas são de optativas, isso vai

criar um problema mais tarde porque não vai ser possível contratar novos professores. Mesmo no caso da FCL-Assis houve duas vagas e muito mais tarde só foi um professor contratado houve minha vaga e a vaga do professor R., em função desse status de ela ser optativa. Em termos de discussão nós continuamos tão aguerridos e somos tão estudiosos e temos uma produção tão grande, segundo inclusive os parâmetros da Capes que não há grandes problemas nas universidades, no entanto, ela continua à margem por ser optativa. São duas literaturas que são marginalizadas, nunca se uniram muito, mas deveriam talvez, mas que não terminam porque os alunos não deixam, literatura infanto-juvenil e literaturas africanas. Porque são literaturas importantes que são trabalhadas na escola de primeiro e segundo graus, então elas não morrem. Há por parte da academia uma certa, não diria da academia, vou dividir em duas partes, há por parte da burocracia da universidade a tentativa de alijar essa literatura em função do pouco número de vagas que há para professores, como ela não é básica. Com relação ao academicamente alguns professores até por má-fé ainda colocam como uma literatura menor, não no sentido de Deleuze e Guattari, colocam como uma literatura da margem mesmo, simplesmente uma literatura que não tem qualidade estética, essas literaturas africanas não têm qualidade estética, elas seriam apenas literaturas engajadas no mal sentido, engajadas não, panfletárias, engajadas é outra coisa, panfletárias etc., ainda há sim isso. No entanto, a qualidade é boa, acho que em ambientes universitários mais democráticos ela continua, por isso que ela continua em Assis. (M., 2021, Informação verbal)

A fala de M. apresenta duas visões que, de certa forma, dialogam com a fala de S. Trata-se da visão preconceituosa da academia em relação às africanas, o embate burocrático sofrido pela disciplina e a qualidade estética como apontada por S. Percebemos uma necessidade de defender as literaturas africanas de língua portuguesa, como fez S. ao elencar escritores da literatura universal e do cânone brasileiro, ao colocá-los ao lado de escritores africanos para afirmar que estão em pé de igualdade. Nesse ponto, a professora menciona a produção acadêmica, as instituições de fomento e de avaliação da produção acadêmica, para dizer estamos em pé de igualdade. Nas próprias palavras de M., “nós continuamos tão aguerridos” que o ensino das literaturas africanas não deixará de existir. Para isso, o estético e a militância são evocados para defender o futuro da disciplina. A esse respeito, o docente P. faz a seguinte análise:

Você começa a ter uma democratização da universidade para as pessoas que até então não tinham oportunidade. A universidade era uma coisa muito elitizada, quando eu era estudante era assim, era uma coisa elitizada, para você ter uma ideia na minha sala não tinha nem negro, nada, isso não assustava ninguém, isso que era incrível, hoje não, hoje você tem uma maior diversidade na sala de aula. Uma outra universidade, diversidade racial, diversidade afetiva, diversidade disso e diversidade daquilo, isso hoje é mais importante. Nesse sentido eu acho que a literatura africana, ela entrou, eu acho que não só a literatura africana, mas hoje a literatura e a arte ela sai de palco, ela não é mais a pauta principal. Vejo que se existisse, a literatura africana só existe em nosso currículo porque ela é uma obrigação legal, assim como libras, se não fosse, possivelmente ela seria uma disciplina optativa, olha vamos colocar essa disciplina, sei lá vamos oferecer essa disciplina como curso de extensão. Hoje a gente passa por um processo que é um processo talvez social e talvez econômico, talvez até mundial de reafirmação desses valores que essas disciplinas trazem, as literaturas africanas não é discutir apenas literaturas africanas, quem discute literaturas africanas somente é tão alienado quanto quem não discute. A literatura africana ela faz, ela tem que ser uma

espécie de pretexto, entre aspas, para discutir outras questões e dentro dessas questões, como que esteticamente isso é discutido, questões sociais, questões econômicas, questões várias, questões de racismo, questões de preconceito, acho que ela tem que estar ali muito presente, porque isso está presente na sociedade, talvez de uma forma menor em determinadas épocas, maior em outras, mas está presente. (P., 2021, Informação verbal)

O professor P. avalia o futuro da disciplina a partir da análise do contexto sociopolítico atual, da situação das universidades brasileiras, das discussões acerca do racismo, sexismo e desigualdade social. Coloca o ensino das literaturas africanas como uma maneira de debater questões socioeconômicas e políticas, apesar de anteriormente ter mostrado uma certa desilusão com o lugar “fora do palco” das literaturas, acredita na força das literaturas para ler, compreender e auxiliar na reflexão da sociedade.

A escuta e as análises das entrevistas, concedidas pelos docentes, revelaram muito das práticas, dos desejos, das representações e concepções de ensino. O que nos leva a compreender que a escolha pela tradição parecia ser a forma de tornar o ensino da disciplina válido no jogo universitário. Esta pesquisa tem o intuito de compreender essas questões dentro do período histórico recortado, tanto pela análise dos programas quanto pelas análises das falas dos docentes. Estamos comprometidos com um recorte histórico que permitia que o ensino se desse daquela maneira.

A seguir, exploraremos as falas dos docentes que trataram mais de perto das questões sobre o ensino da disciplina:

Acho que o grande problema, aí eu vejo um grande problema, o M. aí não sei se devo falar isso, mesmo fazia uma crítica à universidade que estava deixando tudo de lado. Depois eles tiraram as africanas, parece que depois incluíram no currículo, eu não sei como está isso, realmente aí me foge um pouquinho, mas eu acho que não está como antes. (S., 2021, Informação verbal)

Acho que não. Agora que eu me aposento acho que faltou talvez a gente depois de uma trajetória a gente olha para trás e vê o que faltou. Talvez mais do que os ganhos, aquilo que ficou faltando, as carências. Acho que material didático, nós tínhamos que ter feito uma ligação, que foi possível no primeiro momento da lei, a formação de professores, mas depois nós nos perdemos no cotidiano da universidade e hoje já não consigo dialogar com os manuais escolares, tem uma terminologia já é muito difícil, eu não consigo mais fazer esse material. (M., 2021, Informação verbal)

Meu projeto de pesquisa na graduação esse ano se refere às literaturas africanas, mas é um trabalho meio que solitário. Eu tenho meus orientandos de PIBIC Júnior, acho que eu fui um dos pioneiros do PIBIC Júnior aqui na Unesp, eu sempre gostei muito da iniciação científica, não sei se você está a par do PIBIC Júnior? Hoje chama PIBIC Ensino Médio, na verdade. O governo por meio da CNPq e da Reitoria, dá uma bolsa para um aluno do Ensino Médio, primeiro segundo e terceiro colegial, nem sei se fala colegial ainda hoje. Eles recebem R\$ 100 para fazer uma pesquisa. O que é um pequeno braço ali da pesquisa do orientador que é um professor da universidade. Tenho vários alunos, ou seja, desde o começo do PIBIC Ensino Médio eu sempre priorizei trabalhar com literaturas africanas, é uma forma de você levar essa literatura africana aos alunos da Rede Pública, é uma experiência bem legal. Consigo trabalhar principalmente com a questão que me chama muito a atenção na literatura africana, o

papel da criança, a questão da infância na literatura africana, escritores que trabalharam com essa questão da infância [...]. (P., 2021, Informação verbal)

O que é necessário, eu acho que é fundamental hoje, é que isso se mantenha, que se lute para realmente ter a literatura africana fazendo parte do currículo de Letras, um curso anual, teria que ser anual, colocaram em um semestre, um curso semestral não dá mais. Você não trabalha Literaturas Africanas, nem Portuguesa e nem Brasileira em um semestre. Então tem que manter, tem que manter inclusive porque existe uma lei aí que não foi ainda regulamentada nem está sendo seguida. Na maior parte das escolas você não tem ainda, as escolas de rede municipal, estadual, do Brasil inteiro não tem ainda textos de africanas sendo estudados, você vê uma coisa ou outra aqui acolá [...]. (S., 2021, Informação verbal)

A lei vai trazer algo absolutamente novo para disciplina, porque ela vai fazer uma obrigatoriedade, isso inclusive fez a disciplina... sem dúvida a Lei 11.645/2008 e 10.639/2003, a lei 10.639/2003 é sem dúvida alguma uma conquista do Movimento Negro, da sociedade civil, não é do Lula, o Lula assinou, mas é a sociedade civil que coloca isso. Ela vai demandar material, discussão, formação de professores. É um momento em que os professores de africanas vão ser chamados para estar em várias frentes, além de dar a disciplina todos nós viajamos muito dando cursos de formação etc. Então são cursos de extensão, sobretudo para formação de professores, para aplicação da 11.645/2008 ainda naquela época era 10.639/2003. Eu queria falar da Palmares, da SEDUC, então houve formação de professores. Nesse bojo a UNESP voltada sobretudo para graduação, a UNESP neste momento da lei tinha consolidado seu papel na graduação, isso era importante. (M., 2021, Informação verbal)

Vejo que se existisse, a literatura africana só existe em nosso currículo porque ela é uma obrigação legal, assim como libras, se não fosse, possivelmente, ela seria uma disciplina optativa, olha vamos colocar essa disciplina, sei lá vamos oferecer essa disciplina como curso de extensão. Hoje a gente passa por um processo que é um processo talvez social e talvez econômico, talvez até mundial de reafirmação desses valores que essas disciplinas trazem, as Literaturas Africanas não é discutir apenas Literaturas Africanas, quem discute Literaturas Africanas somente, é tão alienado quanto quem não discute. (P., 2021, Informação verbal)

Destacamos esses trechos, pois eles trazem questões importantes sobre o ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, com o intuito de demonstrar as representações nas falas dos docentes e aprofundar o entendimento de ensino nos depoimentos dos entrevistados. Questões como currículo formativo, material didático, relação da disciplina acadêmica com o trabalho realizado na educação básica e a força da Lei n. 10.639/2003 revelam as justificativas para a existência e manutenção da disciplina no curso de Letras da Unesp-Assis.

É consenso nas falas dos docentes a necessidade de manter as literaturas africanas no currículo, as discontinuidades sofridas nos currículos do curso de Letras, as diminuições de tempo dedicado ao ensino da disciplina, a ausência de material didático elaborado sistematicamente para as literaturas africanas, os projetos descontinuados na FCL-Assis nessa temática, a falta de reconhecimento da importância do ensino de africanas para os alunos de Letras, tendo em vista os impactos da disciplina na educação básica.

Os trechos citados apontam que os docentes tinham conhecimento acerca da Lei n. 10.639/2003. Luiz Inácio Lula da Silva, então Presidente da República, promulgou a Lei n. 10.639 em 09 de janeiro de 2003, instituindo a obrigatoriedade do ensino de História da África

e da Cultura Afro-brasileira. Em 2004, o Conselho Nacional de Educação aprovou um parecer propondo as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africanas e Afro-Brasileiras. A esse respeito, o docente S. revelou conhecimento parcial, P. um conhecimento médio e M. mostrou-se uma grande conhecedora da lei, apontando inclusive o impacto dessa lei nas discussões e transformações sobre o ensino das literaturas africanas. Ao trazer o texto legal como mais uma justificativa para a existência da disciplina, os docentes contam com uma regra essencial do jogo: inserir o ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no rol das obrigatórias, instituída pela legislação. É uma mudança epistemológica relevante, tendo em vista todo o processo de lutas dos seguimentos sociais, movimento negro, acadêmico e intelectual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Senhores
Atrás do muro da noite
Sem que ninguém o perceba
Muitos dos meus ancestrais
Já mortos há muito tempo
Reúnem-se em minha casa
E nos pomos a conversar
Sobre coisas amargas
Sobre grilhões e correntes
Que no passado eram visíveis
Sobre grilhões e correntes
Que no presente são invisíveis
Invisíveis mas existentes
Nos braços no pensamento
Nos passos no sonho na vida
De cada um dos que vivem
Juntos comigo enfeitados da pátria
Senhores
O sangue dos meus avós
Que corre nas minhas veias
São gritos de rebeldia
Carlos de Assumpção (1982)

Esta pesquisa traçou um panorama do ensino de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no câmpus da Unesp-Assis. Para isso, foi necessário entender o contexto socio-histórico do Brasil no tocante à colonização e à escravidão dos povos africanos em terras brasileira. Esse contexto foi fundamental para compreender os entraves sofridos pela disciplina, desde a sua implantação até a sua consolidação forçada, após mais de 20 anos sendo ensinada como uma disciplina optativa.

Na sequência, foi preciso compreender o cenário acadêmico em que se inserem o ensino e a pesquisa em literaturas africanas. Para tanto, exploramos as contribuições advindas da Universidade de São Paulo (USP) nessa área, a influência de seus agentes intelectuais, que foram essenciais para a criação da disciplina, bem como a implantação do ensino de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa como optativa num primeiro momento na Unesp-Assis, os desdobramentos selecionados para analisar os programas da disciplina, as regularidades e irregularidades desses programas em relação ao tratamento dado aos objetivos, conteúdos, metodologia, bibliografia e ementa.

Ainda, contamos com as entrevistas com os docentes responsáveis pela disciplina nos 20 anos aqui pesquisados (1998-2018), para uma melhor compreensão dos processos de transformação, manutenção, interrupção, continuidades e descontinuidades sofridos nesse tempo no ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

Estruturamos o trabalho em quatro capítulos de maneira a construir uma base de entendimento dos contextos social, político, econômico, histórico e cultural. No Capítulo 1, foi possível nos valermos das discussões eugenistas e do darwinismo social disfarçado de cientificismo no século XIX, que têm fundamentado o racismo estrutural que atravessa todas as áreas e fazeres da sociedade brasileira, não excluindo o campo acadêmico, um reflexo da sociedade à qual pertence, na qual se constitui e se forja. Nesse primeiro momento, demonstramos por meio dos escritores, pensadores e intelectuais progressistas, como Maria Firmina dos Reis, Machado de Assis, José do Patrocínio, Abdias do Nascimento, Kabengele Munanga etc., que trabalharam para a transformação do pensamento brasileiro. Esses agentes foram militantes da causa abolicionista, da valorização dos povos negros e do reconhecimento da importância da África na constituição do Brasil como nação. Empreender as lutas de todos os agentes históricos (de Zumbi dos Palmares ao Movimento Negro dos anos de chumbo) foi fulcral para adentrar no debate sobre a importância do ensino de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na universidade, em particular na Unesp-Assis.

Assim, chegamos à inauguração da disciplina no curso de Letras da Faculdade de Ciências e Letras no câmpus de Assis (FCL-Assis) nos anos de 1990 e, com isso, entendemos

a importância da memória para nosso trabalho, ancorando-nos na noção de História Cultural (CHARTIER, 1990), pois o recorte de um determinado tempo histórico, em determinado contexto, revela que as estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como não são as categorias intelectuais e psicológicas. Nesse sentido, podemos incluir as categorias educacionais, uma vez que o ensino das literaturas africanas no câmpus de Assis não foi um resultado aleatório, baseado em dados objetivos. Pudemos perceber também que, anos antes de a disciplina existir no curso de Letras, alguns agentes forçaram a existência da instituição na cidade de Assis. Esses agentes estavam ligados à USP e, posteriormente, foram responsáveis pela formação de docentes especialistas na área de literaturas africanas. Por isso, é nosso mister salientar a relevância da professora Maria Aparecida Santilli nesses momentos decisivos para o ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, bem como frisar o engajamento dos docentes para não só implementar a disciplina, mas também mantê-la no currículo da instituição.

A análise do *corpus* de referência, ou seja, os Programas da Disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (1998 a 2018) e as entrevistas com os docentes, permitiu compreender as disposições, os jogos estabelecidos e as regras do campo acadêmico, as intencionalidades, as movimentações dos agentes e, principalmente, os comportamentos desses agentes em relação à disciplina. A análise dos programas da disciplina contou com o embasamento teórico, sobretudo, em Bourdieu (2019a), obra teórica que versa sobre as relações de poder no campo acadêmico francês, mas que serviu perfeitamente para nos conduzir a uma reflexão sobre o funcionamento das lógicas universitárias, mais precisamente da Unesp-Assis.

Nessa toada, mostra-se pertinente retomar a questão do embasamento teórico-metodológico calcado em Bourdieu e Chartier. Tal escolha foi consciente, não havendo alienação, pois ambos os autores contribuíram para o nosso trabalho, enriquecendo-o demasiadamente, sobretudo a ideia de um campo acadêmico viciado, desigual e excludente apresentado em *Homo Academicus*, assim como a ideia de representações e práticas por meio da história cultural foram fulcrais para a discussão que propomos. Como resultado, podemos averiguar que os pesquisadores africanos e brasileiros não foram negligenciados, visto que em vários momentos eles assumem o protagonismo. Por exemplo, mobilizamos Abdias do Nascimento, Kabenguele Munanga, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Nilma Lino Gomes, Rita Chaves, Luis Kandjimbo, Maria Nazareth Soares Fonseca, Carmen Lucia Tindó Secco, Laura Cavalcante Padilha, Tania Celestino Macedo, Assante, Maria Aparecida Santilli, Benjamin Abdala Junior, Bell Hooks, e ainda os ficcionistas Machado de Assis, Maria Firmina dos Reis, entre outras vozes representativas das literaturas africanas e afro-brasileira. No

conjunto da obra, mesmo quando invocamos de Foucault a Bourdieu, mantivemo-nos entre os nossos de maneira preponderante. Posto isso, podemos seguir.

Atrair o estudo dos programas da disciplina com o comportamento institucional foi um ganho para a nossa pesquisa, pois pudemos perceber que, para além do racismo estrutural e institucionalizado na sociedade brasileira, as literaturas africanas tinham que enfrentar a *ortodoxia* das universidades, o *status quo* do campo acadêmico e os meandros do poder universitário. E tudo isso demanda investimento e disposição por parte dos agentes que frequentam as universidades.

Debruçar sobre os documentos nos levou a vários entendimentos, tais quais a disciplina enfrentou vários desafios, o que tornou nossa pesquisa instigante no que diz respeito à conclusão. Em diversos momentos nos indagamos: qual é o tipo de ensino que estava sendo revelado pelos programas? Quais caminhos seguiríamos? Teríamos uma disciplina de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no currículo da Unesp-Assis? Para essas e outras questões aventadas, nós encontramos as respostas no próprio documento, com as interferências sofridas pela disciplina em seus objetivos, conteúdos e bibliografia, as trocas de docentes, a alteração de optativa para obrigatória, sempre um dado novo a cada dois ou três anos. Essas alternâncias nos fizeram crer que estávamos diante de um documento rico, já que a análise dos programas revelou práticas, autores, metodologias e nos contou um pedaço da história do câmpus de Assis, nos fazendo adentrar em análises literárias, conhecer poetas, romancistas e contistas das literaturas africanas. Em suma, foram reveladas mais do que as representações dos docentes, pois nos deparamos com um artefato histórico que revelou uma história das mentalidades (CHARTIER, 1990), quando queríamos dissertar sobre a importância de se ter o ensino das literaturas africanas.

A superação das expectativas despertou nosso interesse para ouvir os docentes que formularam e trabalharam os programas de ensino. A escuta dos docentes e os resultados das análises das entrevistas nos possibilitaram uma compreensão mais ampla do processo de ensino das literaturas africanas na FCL-Assis. As falas dos docentes revelaram as dificuldades para a instauração e manutenção da disciplina, desvelaram os conflitos, os jogos e as relações de poder enrustados nas instituições de ensino superior, assim como contribuíram sobremaneira para reforçar nossa compreensão dos programas de ensino. Nesse sentido, poderíamos dizer que as entrevistas se sustentam por si, mas validaram nossa análise do documento, o que nos tranquilizou em relação à perspectiva adotada.

As informações dos docentes recolhidas nas entrevistas atestaram a ideia não reducionista, e sim relacional de *habitus* (BOURDIEU, 2019a), de representações e práticas

(CHARTIER, 1990) e reforçaram a ideia de engajamento dos agentes ligados à temática, como propomos desde o início desta pesquisa, ao recorrer às lutas dos povos negros travadas no Brasil. Os depoimentos dos informantes estão em consonância em vários pontos, em especial em relação à pertinência do ensino das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e o engajamento para/com a temática, a defesa da disciplina e o comprometimento para efetivação de seu ensino.

Houve reconhecimento da fragilidade da disciplina no meio acadêmico pelo receio de que as literaturas africanas deixem de existir, desapareçam do currículo. Percebemos uma áurea de saudosismo do que foi e correr o risco de não ser mais. Apesar de a disciplina ainda existir, paira um temor de que ela deixe de existir subitamente. Entendemos que a conjuntura a partir da qual as entrevistas foram concedidas revela muito desse temor. Assim, resta-nos dizer que sempre houve o risco de ela não existir mais, é por isso que depreendemos uma fratura ao longo dos anos no ensino da disciplina, a ponto de termos mencionado que os alunos que passaram pelo curso nesse período tiveram uma formação fraturada, repleta de irregularidades demonstradas pelo documento, mas não podemos nos esquecer da importância do fato deles passarem por essa formação, enquanto grande parte dos formados nos cursos de Letras do Brasil nem ouviu falar sobre a disciplina de literaturas africanas.

Os dados aqui analisados (os Programas de Disciplina e as entrevistas com os docentes) indicam que a disciplina Literaturas Africanas de Língua Portuguesa está em transformação e, nesse sentido, em meio as disputas do campo, por isso goza de um reconhecimento parcial como componente curricular dos cursos de Letras, seja na Unesp-Assis seja na maioria das faculdades de Letras do país. O que se pode averiguar é que as literaturas africanas estão alocadas em áreas de concentração que as acolhem, no caso das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, estão dentro da grande área Literatura Portuguesa, em outros casos estão nas Literaturas Comparadas, Literaturas de Línguas Modernas, entre outros.

Diante do exposto, podemos concluir que as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no câmpus da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Assis seriam um braço da Literatura Portuguesa. A nomenclatura usada nos programas especialmente nos últimos anos, a ausência de concursos para o cargo de professor de literaturas africanas, o silêncio diante da não obrigatoriedade da disciplina em todos os cursos de Letras do país, bem como a instabilidade dessa disciplina nos cursos de Letras, sobretudo no curso da Unesp-Assis etc. Todos esses fatores são instabilidades que nos permitem dizer que permanecerão por alguns anos, visto que dependem de transformações profundas em todos os níveis da sociedade brasileira. No entanto, salientamos que a existência persistente dessa literatura há mais de duas décadas na Unesp-

Assis já é parte dessa transformação social e educacional, visto que são as vozes dos nossos ancestrais que não se calam, mesmo diante das impossibilidades impostas.

REFERÊNCIAS

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura, história e política**: Literaturas de língua portuguesa no século XX. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.
- ABDALA JUNIOR, Benjamin. **De voos e ilhas**: Literatura e Comunitarismos. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.
- ABDALA JUNIOR, Benjamin. Abrindo Caminhos. In: CANIATO, Benilde; MINÉ, Elza. (org.). **Abrindo caminhos**: homenagem a Maria Aparecida Santilli. São Paulo: Coleção Via Atlântica, n. 2, 2002.
- ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: BENJAMIN, W. *et al.* **Textos escolhidos**. São Paulo: Editora Abril, 1980. p. 269-273.
- AGOSTINHO NETO. Mãos esculturais. In: AGOSTINHO NETO. **Sagrada esperança**. São Paulo: Ática, 1985.
- ANTUNES. António Lobo. **As naus**. Lisboa: Dom Quixote, 1988.
- ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade**: Notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- ASSUMPCÃO, Carlos de. **Protesto-poemas**. São Paulo: Edição do autor, 1982.
- AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. Trad. George Bernard Sperber e Suzi Frankl Sperber. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BERARDINELLI, Cleonice. **Estudos camonianos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- BERNARDO, Gustavo; MICHAEL, Joachim; SCHÄFFAUER, Markus (org.). **Machado de Assis e a escravidão**. São Paulo: Annablume, 2010.
- BOURDIEU. Pierre. **Homo Academicus**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2019a.
- BOURDIEU. Pierre. **Questões de Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2019b.
- BOURDIEU. Pierre. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- BOURDIEU. Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2015.
- BOURDIEU. Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre (coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 693-732.
- BOURDIEU. Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O Sociólogo e o Historiador**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- BRANT, Fernando; NASCIMENTO, Milton. *Sentinela*. In: NASCIMENTO, Milton. **Sentinela**. Rio de Janeiro: Transamérica estúdios, 1980.
- BRASIL. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 6 dez. 2021.
- BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BURKE, Peter. **A escrita da História**. São Paulo: Edunesp, 1992.
- CANDIDO, Antonio. **O observador literário**. 3. ed. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2004.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Cultura de 1900 a 1945**. Literatura e sociedade. São Paulo: T. A Queiroz. 2000.
- CANDIDO, Antonio. **O método crítico de Sílvio Romero**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- CÉSAR, Amândio. **Antologia do Conto Ultramarino**. Lisboa: Verbo, 1972.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (org.). **História da leitura no mundo ocidental**. Vol. 1. São Paulo, Ática, 2002.
- CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano: entre intenções e gestos**. São Paulo: Coleção Via Atlântica n. 1, 1999.
- CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.
- DUARTE, Eduardo A. **Machado de Assis afrodescendente: escritos de caramujo**. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas/Crisálida, 2009.
- FANTINATI, Carlos E. **O professor e o escrivão: estudos sobre Literatura Brasileira e Leitura**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- FEITOSA, Rosane G. A. **Eça de Queirós: realismo português e realidade portuguesa**. São Paulo: HVF Arte & Cultura, 1995.
- FONSECA, Maria N. S.; MOREIRA, Terezinha T. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. **Cadernos CESPUC De Pesquisa Série Ensaio**, v. 16, p. 13-72, maio 2017.

Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/14767>.

Acesso em: 17 dez. 2021.

FONSECA, Maria N. S. A diferença negra como matéria literata: da ação de captura às negociações linguageiras. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (org.). **Marcas da diferença:** as literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France em dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014b.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade:** curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: WMF – Martins Fontes, 2010.

GAZOLLA, Rosane; SANTOS, Rubens P. Literaturas Portuguesa e Africana. Assis: Unesp, 2007. (Programa de curso do curso de Graduação em Licenciatura em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Unesp).

GAZOLLA, Rosane; SANTOS, Rubens P. Literaturas de Língua Portuguesa. Assis: Unesp, 2005. (Programa de curso do curso de Graduação em Licenciatura em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Unesp).

GOMES, Flávio S. Quilombos/Remanescentes de Quilombos. In.: SCHWARCZ, Lilia M.; GOMES, Flávio (org.). **Dicionário da escravidão e liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. Trad: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX.** Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

KANDJIMBO, Luís. A incompletude no processo de disciplinarização das literaturas africanas. In: FONSECA, Maria Nazareth; CURY, Maria Zilda. (org.). **África:** dinâmicas culturais e literárias. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2012.

KUNDERA, Milan. **A Ignorância.** Trad. Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 2020.

MACEDO, Tania. O ensino das literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil: algumas questões. In: SECCO, Carmen T.; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio R. (org.). **África, Escritas literárias**: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Angola: UEA, 2010.

MACEDO, Tania C.; GAZOLLA, Rosane; SANTOS, Rubens P. Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Assis: Unesp, 2004a. (Programa de curso do curso de Graduação em Licenciatura em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Unesp).

MACEDO, Tania C.; GAZOLLA, Rosane; SANTOS, Rubens P. Literaturas de Língua Portuguesa. Assis: Unesp, 2004b. (Programa de curso do curso de Graduação em Licenciatura em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Unesp).

MACEDO, Tania C.; GAZOLLA, Rosane. Literaturas de Língua Portuguesa. Assis: Unesp, 2002/2003. (Programa de curso do curso de Graduação em Licenciatura em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Unesp).

MACEDO, Tania C.; GAZOLLA, Rosane. Literatura Portuguesa. Assis: Unesp, 2001. (Programa de curso do curso de Graduação em Licenciatura em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Unesp).

MACEDO, Tania C. Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Assis: Unesp, 1998. (Programa de curso do curso de Graduação em Licenciatura em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Unesp).

MACEDO, Tania. **Da fronteira do asfalto aos caminhos da liberdade (imagens de Luanda na literatura angolana contemporânea)**. Tese (Doutorado) em Letras, Literatura Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – Literatura Portuguesa, da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1990.

MENDONÇA, Fátima; SAÚTE, Nelson. **Antologia da moderna poesia moçambicana**. Maputo: UEM, 1995.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MARGARIDO, Alfredo. **Estudos sobre literaturas das nações africanas de Língua Portuguesa**. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2016.

PADILHA, Laura C. Vozes antigas e seu retecer em teimosos sonhos. In: FONSECA, Maria N. S.; CURY, FERREIRA, Maria Z. (org.). **África**: dinâmicas culturais e literárias. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2012.

PADILHA, Laura C. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. Niterói: EdUFF, Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2011.

PADILHA, Laura C. O ensino e a crítica das literaturas africanas no Brasil: um caso de neocolonialidade e enfrentamento. **Magistro**, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/viewFile/1063/625>. Acesso em: 4 dez. 2021.

PADILHA, Laura C. **Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PEREIRA, Márcio R. **Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**. Assis: Unesp, 2014. (Programa de curso do curso de Graduação em Licenciatura em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Unesp).

PEREIRA, Márcio R. **Teorias do espaço e do exílio nas narrativas africanas de Língua Portuguesa**. Assis: Unesp, 2012/2013. (Programa de curso do curso de Graduação em Licenciatura em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Unesp).

PEREIRA, Márcio R. **Teorias do espaço e do exílio nas narrativas africanas de Língua Portuguesa**. Assis: Unesp, 2011. (Programa de curso do curso de Graduação em Licenciatura em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Unesp).

REIS, Maria Firmina. **Úrsula**. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2018.

REIS, Maria Firmina. **Composições (1880-1900)**. In: FURTADO, Lucciani M. **Memorial de Maria Firmina dos Reis – prosa completa & poesia – Vol. 2**. São Paulo: Uirapuru, 2017.

ROMERO, Silvio. **História da Literatura Brasileira**. Tomo I. Rio de Janeiro: Imago, 2011 [1975].

SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTILLI, Maria Aparecida. **Quinhentos anos – Povos e descobrimento: Ao encontro da alteridade**. In: SANTILLI, Maria Aparecida. **Paralelas e tangentes**. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

SANTILLI, Maria Aparecida. **Estórias Africanas: História e Antologia**. São Paulo: Ática, 1985.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. São Paulo: Cortez, 2011.

- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010.
- SANTOS, Rubens P. Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: Poesia. Assis: Unesp, 2009/2010. (Programa de curso do curso de Graduação em Licenciatura em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Unesp).
- SANTOS, Rubens P. Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: Prosa. Assis: Unesp, 2008a. (Programa de curso do curso de Graduação em Licenciatura em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Unesp).
- SANTOS, Rubens P. Literaturas Portuguesa e Africana. Assis: Unesp, 2008b. (Programa de curso do curso de Graduação em Licenciatura em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Unesp).
- SANTOS, Rubens P. Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: Prosa. Assis: Unesp, 2007. (Programa de curso do curso de Graduação em Licenciatura em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Unesp).
- SANTOS, Rubens P. Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Assis: Unesp, 2006. Assis: Unesp, 2005. (Programa de curso do curso de Graduação em Licenciatura em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Unesp).
- SCHWARCZ, Lilia M.; GOMES, Flávio (org.). **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SCHWARCZ, Lilia M. As teorias raciais: uma construção de finais do século XIX. O contexto brasileiro. In: SCHWARCZ, Lilia M.; QUEIROZ, Renato S. (org.). **Raça e Diversidade**. São Paulo: Edusp, 1996.
- SECCO, Carmen L. T. Construção e reencontro – o ensino e a pesquisa das literaturas africanas nos cursos de Letras. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 179-184, 1997. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10154>. Acesso em: 4 dez. 2021.
- SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa (org.). **África & Brasil: letras e laços**. São Caetano do Sul: Yendis, 2006.
- SILVA, Manoel de Souza. **Do alheio ao próprio: a poesia em Moçambique**. São Paulo: Edusp; Goiânia: Editora da UFG, 1996.
- SILVA, Petronilha B. G. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. In: FONSECA, Marcus; SILVA, Carolina; FERNANDES, Alexandra (org.). **Relações étnico-raciais e educação no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.
- SOUSA, Noémia. **Sangue negro**. São Paulo: Kapulana, 2016.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso:** da escravidão à lava-jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros:** a reflexão francesa sobre a diversidade humana. Vol.

1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ANEXOS

ANEXO A - Roteiro de entrevista

- 1 - Professor(a), como surgiu seu interesse pela Literatura Africana e como isso lhe levou à pesquisa e docência nessa área?
- 2 - Como foi iniciar um trabalho com Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no curso de Letras da FCL-Assis? Havia naquela época outros docentes abordando essa temática em Assis? Pode-se falar em contribuição do professor Fernando Mendonça, por exemplo?
- 3 - Diante do ineditismo do tema nas universidades brasileiras, quais eram os caminhos para elaborar um plano de ensino nessa área? Como as obras eram apresentadas aos alunos?
- 4 - Houve muita resistência por parte dos estudantes ou da instituição diante da disciplina dentro do curso? Como escolheu o suporte teórico para debater as questões literárias da disciplina? Percebe-se uma manutenção da bibliografia nos planos, por que isso ocorre?
- 5 - Olhando o cenário das discussões sobre literaturas nos cursos de Letras, onde o(a) senhor(a) situaria as literaturas africanas nesse processo? Como analisa a permanência há mais de 20 anos da disciplina no curso de Letras da UNESP-Assis?
- 6 - Há algum ponto que não mencionei que gostaria de acrescentar sobre o ensino de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa?

ANEXO B

Entrevista concedida pelo professor S.: realizada em ambiente virtual em 17 de fevereiro de 2021

1 - Professor(a), como surgiu seu interesse pela Literatura Africana e como isso lhe levou à pesquisa e docência nessa área?

É uma história um pouco longa. Eu vou tentar abreviar essa história. Assim que terminei a minha graduação, fiz mestrado em Literatura Russa, pesquisei Teoria Da Literatura e Literatura Russa, estudei Gorki e Tolstói. Eu fiz USP na minha graduação, eu fiz tradução e tudo mais, meu orientador era Boris Schnaiderman. O Boris já tinha uma certa idade na época em que eu fiz o mestrado e aí eu entrei no doutorado para trabalhar com o Dostoievsky, um texto do Dostoievsky que eu traduzi do russo, assim que eu entrei no doutorado, logo depois em 1982 eu fui convidado, houve uma eleição aqui em Osasco, eu fui convidado para ser secretário da educação, o prefeito era meu amigo, fez Letras junto comigo, na USP também, quer dizer, nós fomos muito colegas, né, ele me chamou para ser secretário da educação.

Aí não dava para juntar doutorado com o trabalho na Secretaria de Educação de Osasco. Primeiro porque era uma tarefa muito difícil, o prefeito, a campanha dele foi paupérrima, difícil pra caramba, a gente ia de casa em casa sem dinheiro, foi uma surpresa quando ele ganhou a eleição, a gente achava que ele ia... era difícil ser páreo para um Rossi, que era um candidato forte, e o Parro ganhou, que era o meu amigo o Parro. Então eu falei com o Boris falei “Olha, professor, é o seguinte, eu fui convidado para ser Secretário da Educação e eu não tenho como negar, porque nós trabalhamos juntos fizemos tudo juntos em política, sabe, era um grupo de esquerda em Osasco”. Sabe, eu acho que a minha tarefa era muito importante para aquele momento da educação de Osasco. O professor Boris entendeu, falou “tá bom então quando você terminar lá você volta pra cá”. Eu tranquei minha matrícula de doutoramento e fiquei na prefeitura durante mais de cinco anos, naquela época eram seis anos de prefeitura, o prefeito fez o mandato de seis anos, acho que foi a única vez que o mandato foi de seis anos. Fiz o trabalho, achei muito bom o que eu estava fazendo. Trabalhamos com Paulo Freire, que foi lá várias vezes, nós fizemos um livro, na verdade era um livro de educação, de alfabetização, mas todo baseado no método Paulo Freire, com coisas do pessoal de Osasco mesmo, Mobral queria entrar em Osasco, entrava em Osasco, a gente falou Mobral não, Mobral fica falando de metrô lá pro pessoal da Amazônia, não dá um texto único para todo o Brasil, nós preferimos trabalhar aqui com o Método Paulo Freire. Foi assim que nós fizemos, levamos bordoadas de tudo quanto

é lado da imprensa, principalmente o Estadão, falando que era marxista a proposta de educação para Osasco, a gente tirava de letra, foi caminhando, né, isso nos cinco anos de secretaria.

Quando eu saí da secretaria, fui falar com Boris, ele já estava com setenta e tantos anos, falei “professor, estou querendo voltar, como é que nós vamos fazer?” O Boris falou assim para mim, “sabe, você sabe que estou com setenta e tantos anos e eu não sei como é que vai ser daqui a três anos”, ele andava sempre doente, um pouco doente, ele falou “eu conversei com Abdala encontrei com ele em um evento lá em Belo Horizonte e ele falou que gostaria muito de trabalhar com você, Benjamin Abdala. Ele falou que gostaria de trabalhar com você, eu achei que talvez fosse bom pra você porque, primeiro ele é novinho, ele é novo ainda, segundo ele é seu amigo”. Na época, ele sabia que éramos amigos, do mesmo partido político lá na universidade, eu e Benjamin fomos do mesmo partido político no movimento estudantil, ele falou eu fiquei pensando assim ‘pode ser uma boa’ senão eu teria que retomar tudo, o Dostoievsky inteiro, fazer leitura do russo, eu tinha parado mais de quatro anos, então eu achava que teria um trabalho muito grande, e trabalhar com africanas para mim tinha muito a ver com minha ancestralidade, com meus ancestrais, eu tenho seio africano, não precisa nem falar muito meu cabelinho aqui está dizendo tudo.

Fui conversar com Benjamin e ele falou assim “o que que você quer fazer, temos aqui Angola, Moçambique, Cabo Verde”, claro, Cabo Verde me interessava trabalhar com Cabo Verde porque primeiro meu bisavô é de Cabo Verde, minha bisavó era negra que foi pra Cabo Verde, como todos sabem Cabo Verde não era povoado, então levavam os negros para lá, na verdade, lá era um depósito de... no caso da minha bisavó nem era isso, ela foi para lá, meu bisavô era português, a família do meu bisavô era português, meu bisavô nasceu lá e casou com minha bisavó. O meu avô falava muito sobre Cabo Verde, falava barlavento, sopravento, eu era molequinho não entendia bulhufas. Ele falava muito com emoção de Cabo Verde e tal, nesse momento eu fiquei pensando acho que vou trabalhar é com Cabo Verde mesmo, eu li *Os Flagelados do Vento Leste* de Manuel Lopes, li *Chiquinho* de Balthazar Lopes e *Chuva Brava* também do Manuel Lopes, fiquei pensando acho que vou trabalhar com *Os Flagelados do Vento Leste* primeiro porque *Os Flagelados* tem muito a ver com a situação dos nordestinos, dos retirantes nordestinos, é uma semelhança, falei vou trabalhar com uma obra comparada do Graciliano Ramos, *Vida Secas*. Foi o que eu fiz com muito carinho. Fui fazendo os cursos na USP, fiz com a Santilli ainda tudo muito novo, de Cabo Verde não tinha nada, da Angola já tinha muita coisa, Moçambique mais ou menos, de Cabo Verde não tinha nada, nada, nada, nada, você entrava na internet e achava pouquíssimas coisas, mais de cabo-verdianos que moravam fora e colocavam páginas, porque eles amavam Cabo Verde, então eles colocavam

coisas de Cabo Verde nas páginas deles, mas era pouquinho, hoje você vai lá e encontra um monte de coisa, mas antes não, antes era muito pouco, isso em noventa e poucos, na década de 90. Eu fiz a tese, me envolvi bastante nesse momento lá na USP, sendo representante de alunos de pós no conselho, com os colegas de pós, fiz amizade com praticamente todos da área de africanas, a Tânia é muito minha amiga, depois que eu entrei... eu já estava na UNESP de São Vicente, trabalhava no Centro de Pesquisa. A M. falou “você não quer vir para Assis? Porque lá você já aproveita...” porque na verdade o estudo de africanas em Assis ele era ainda muito pouco, nós pegamos rabeira no curso de portuguesa, na Literatura Portuguesa, pegamos um pouco de rabeira ali e dávamos algumas coisas sobre África, isso no começo.

Então foi isso, fui me envolvendo participando de todos os congressos de africanas, fui me envolvendo e fiquei responsável depois por muitas coisas lá em Assis aqueles encontros que fazíamos, foram encontros fabulosos tanto que a FAPESP colocava, já existe um grupo de africanas aí em Assis, era assim que a gente recebia os pareceres da FAPESP. Então foi isso, foi esse momento, claro que o envolvimento com África já era anterior, pela minha formação, pelos meus avôs, pelos meus pares e depois pelos meus amigos que trabalharam com africanas, principalmente o Benjamin, que é uma figura fundamental que eu realmente fiz depois.

2 - Como foi iniciar um trabalho com Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no curso de Letras da FCL-Assis? Havia naquela época outros docentes abordando essa temática em Assis? Pode-se falar em contribuição do professor Fernando Mendonça, por exemplo?

Você falou uma coisa interessante, na verdade eu conheci o Fernando Mendonça em outras situações, não como professor, na verdade sim, em conversas de professor, mas não lá em Assis. Eu sei que ele trabalhou africanas, principalmente Balthazar Lopes, Chiquinho em Assis, tanto que a própria professora Rosane falava “ah, professor Mendonça ele falava pouquinho sobre as literaturas africanas”, realmente ele foi, lá em Assis ele iniciou, ele era professor de literatura, aquilo que eu falei antes, ele era professor de literatura portuguesa e pegava, usava o espaço para falar das africanas, mas não era assim muito formal, não existia, por exemplo, alguma coisa pontual que ele colocava como importante para conhecer, mas não existia a preocupação de dar aula de africana. Na verdade, africanas começou com a M. Ela conseguiu criar naquele espaço de Literatura Portuguesa uma parte de africanas. Não dava para dar tudo, porque era um semestre, em um semestre uma coisa depois outra, portuguesa depois africanas, por exemplo, era um espaço muito curto, não dava para você ver a poesia e a prosa, não dava, você tinha que escolher o que fazer. A M. me levou para lá exatamente para fazer

isso, ela e eu, nós dois, o trabalho dos dois ficava uma coisa mais solidificada. Só que ela me traiu, risos, ela me traiu ela foi para USP, voltou para USP. Ela foi para USP, ela tinha passado em um concurso na USP anteriormente, desistiu para ficar em Assis, depois ela passou em outro concurso e ficou, já que ela tinha me colocado lá, falou agora já consegui colocar uma pessoa responsável pelas literaturas africanas, então vou embora. Então eu continuei durante esse tempo, fui ganhando espaço também nas literaturas, não só no momento, mas em outros momentos. Encontrei um grupo excelente de alunos, a gente conseguiu trabalhar cada tema, vimos o amor, a vontade de todos, inclusive de você, sua vontade, você está dentro desse grupo. Aquele grupo da Fernanda Coelho, da Gláucia, da Bruna, de todo aquele pessoal que trabalhou e que montou os nossos SILALPs, os nossos encontros, fizemos quatro encontros durante esse período e todos eles com muita gente, convidamos pessoas de fora, o Benjamin, a Vima veio também, a Suzana Ventura, a M., trouxemos o pessoal que trabalha com africanas, conseguimos colocar isso aí e fizemos um congresso que abarcava não só a região, mas o Brasil inteiro. Isso para nós foi muito importante, para nossa atividade, mas isso devido aos alunos, coloco bem isso, a vontade dos alunos de fazer as coisas, o amor que tinham em fazer, tinha um sentimento mesmo de pertencimento, acho que isso realmente é uma coisa fundamental no trabalho. Esse tempo que estive em Assis eu fui muito feliz, por isso por ter conseguido fazer um trabalho conjunto porque um professor só não pode fazer nada se ele não tiver um grupo de alunos, aqueles que realmente colocam a mão na massa e que têm aquele impulso, aquela vontade de fazer, realmente não faria, só a minha ideia não adianta, tinha que ser a ideia do grupo, do conjunto, foi o que nós fizemos durante esse tempo.

Então, você falou do professor Mendonça, ele foi importante, foi importante, a Tânia fundamental, eu fui fazer parte daquele grupo que veio para formar mesmo, para sentir, para levar o trabalho, eu acho que consegui fazer isso durante o tempo todo, mesmo na pós-graduação eu continuei trabalhando com o pessoal de africanas, o pessoal que veio da graduação que ajudou nos encontros, enfim, foi um momento importante para mim, na verdade um dos momentos mais importantes na minha vida como professor. Eu dou aula há quarenta anos, eu dei aula mais de quarenta anos, no Estado durante vinte e nove anos e depois na universidade, eu dei aula mais de quarenta anos, então esse momento, aliás todos os momentos que eu dei aula eu gostei, mas eu tenho nesse final, na aposentadoria, eu acho que houve um progresso bastante grande nisso tudo, fechei meu ciclo lá em Assis, eu acho que com chave de ouro. Consegui formar e formar muitos doutores em africanas também, alguns estão já trabalhando por aí, então acho que foi um trabalho que valeu.

3 - Diante do ineditismo do tema nas universidades brasileiras, quais eram os caminhos para elaborar um plano de ensino nessa área? Como as obras eram apresentadas aos alunos?

Eu já pensei muito nisso, na verdade, o que nós tínhamos, aquelas propostas iniciais de cursos semestrais só, de você dá três literaturas, quer dizer você dá três, mas são cinco, você tem Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné e São Tomé e Príncipe. Nós trabalhávamos com três, três literaturas, três países africanos, aí fica difícil. O que que nós fazíamos? Vamos escolher as obras principais, os autores principais, então da Angola, principal tinha um monte, Luandino Vieira, que é fundamental para literatura africana, de um modo geral, Manuel Rui, são vários autores importantes, Pepetela, então nós colocávamos assim: Pepetela – Mayombe importante, Mayombe é fundamental para o aluno, então colocávamos Mayombe e trabalhávamos Luandino nos contos, principalmente os contos de *Luuanda*, que o pessoal adorava, eu lembro de quando eu saía para ir para casa a pé via os meninos falando sobre os contos, sabe, isso porque Luandino é um contista de primeira. A dificuldade de trabalhar os currículos, os autores eram esses, você por exemplo trabalhar Angola, você não pode deixar Luandino de fora e nem Pepetela. Moçambique você aí já ... agora mudou um pouquinho, mas era o Mia Couto – *Terra Sonambula*, então você fala Mia Couto é importante, muito importante, então vamos trabalhar com *Terra Sonambula*. Os outros autores necessitavam, trabalhava com Pauline Chiziane, mas... se bem que de raspão, não dava para trabalhar a Pauline Chiziane e o Mia Couto juntos, pouco espaço. Cabo Verde tinha Manuel Lopes, Germano Almeida, Balthasar Lopes, era um grupo muito importante, o grupo da *Claridade*. Ficava muito difícil escolher, normalmente se trabalhava Germano Almeida com *O Testamento do Sr. Nepomuceno*, Manuel Lopes com *Os Flagelados* e o Balthasar Lopes com *Chiquinho*, às vezes mudava um pouco. De São Tomé e Príncipe nunca trabalhávamos, só falava, citava assim muito rapidinho porque não dava. Da Guiné também não dava, falava muito pouco.

Então, basicamente era isso, você pegava o contexto histórico de cada país, falava um pouquinho do contexto histórico e falava sobre as obras, alguns autores muito rapidamente e outros autores você se dedicava um pouquinho mais, dependia muito daquela vontade do professor, da ideia de o professor falar como que eu vou animar o pessoal a trabalhar. Com poesia é excelente, trabalhar em prosa, você tinha que escolher, não dava para trabalhar com poesia e prosa naquele espacinho pequenininho. Eu procurava sempre trabalhar o Craveirinha, Alda Espírito Santo, Noêmia de Souza, aí misturava os poetas, Paula Tavares, o próprio Baltasar Lopes e o pessoal da *Claridade*. Era realmente um trabalho de escolha, por causa do tempo,

talvez se houvesse, na USP tem uma diferença, na USP vários professores para Literaturas Africanas, um trabalha Angola, outro trabalha Moçambique, mas aí um professor só trabalhando, mas também tem o espaço né maior. Um professor só trabalhando com tudo isso, tem que ser um pouco mais limitado, o curso tem que ser um pouco limitado, mas ao mesmo tempo tem que ser um curso bem dado, para atrair, foi o que eu achei que tinha que ser feito. Você dá a aula com o coração, no curso de africana tem que dar aula com o coração. Não é aquela aula do professor que sabe tudo, mas não tem contato mais direto com o aluno. É uma sintonia entre o aluno e o professor, mas é em todos os níveis. Estou falando da universidade, mas lá na quarta, quinta a oitava série, colegial é a mesma coisa, se o professor não tem contato com o aluno ele né, às vezes o professor é muito rigoroso, bravo, o aluno não tem nem um contato com ele, fica com medo do professor, o outro pode ser rigoroso, mas não sendo bravo, sendo amigo, ele consegue muito mais do aluno. Isso eu aprendi na minha vida, lá em 69 quando eu dava aula para o pessoal da quinta a oitava, eu aprendi isso. Aprendi com Boris também, o Boris Schnaiderman, eu falei da década de... ele estava com 72, sabe com quantos anos ele morreu? Quase 100 anos, 99 anos, ele estava com medo de morrer logo, ele viveu até quase 100 anos, ele morreu bem recentemente. Eu continuei com russo depois, fui chamado porque meu texto estava sendo muito lido lá na FFLCH, como iniciei lá na Literatura Russa, me inseri lá e continuei, continuo até hoje, lendo russo, fazendo as coisas. Mas África sempre presente, por exemplo, o que que eu fui fazer em Portugal com Luandino Vieira? Trabalhar Gorki e Luandino Vieira, África sempre presente, quer dizer, juntar África e russo é isso que eu fiz, que estou fazendo agora, ultimamente estou fazendo isso, tanto africanas quanto literatura russa são periféricas. Claro que depois a Rússia se formou muito importante por causa dos grandes nomes que eles tinham, mas a Europa, a Rússia não é a Europa. Então a literatura é periférica, trabalhei com isso, agora ainda trabalho e claro relendo os meus africanos, os brasileiros que falam dos africanos, o Lima Barreto, estou anotando as coisas que o Lima Barreto disse, estou lendo *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* agora, são coisas que estou fazendo assim que tem ligação direta com a África. Eu acho isso fundamental quando você vai pensar... Hoje eu pensaria um currículo de africanas, se a gente tivesse isso esse tempo, trabalhar cada autor, mas realmente esmiuçar, não ficar na epiderme, mas penetrar, eu acho que seria ideal, é difícil, não sei se você está sabendo, mas agora está mais difícil ainda. Na FFLCH tem um monte de professor de literatura se aposentando, acho que eles não vão contratar mais, lá tem um monte de professor só na área, em Assis só era eu e M. que começou, não sei se está continuando ainda, não tem Facebook, a gente não tem se comunicado, estava com um pouquinho de Literatura Africana, mas depois que eu saí eu vejo que há mesmo um descompasso, acho que

houve um descompasso, uma perda, não houve mais nem um Encontro, acho que iam fazer um encontro em 2011, já depois de aposentado nós fizemos um encontro, depois desse não fizemos mais nenhum, porque também não dá, tinha que ficar muito tempo lá, organizar tudo, depois não teve mais encontro. Acho que o grande problema, aí eu vejo um grande problema, M. aí não sei se devo falar isso, mesmo fazia uma crítica à universidade que estava deixando tudo de lado. Depois eles tiraram as africanas, parece que depois incluíram no currículo, eu não sei como está isso, realmente aí me foge um pouquinho, mas eu acho que não está como antes.

4 - Houve muita resistência por parte dos estudantes ou da instituição diante da disciplina dentro do curso? Como escolheu o suporte teórico para debater as questões literárias da disciplina? Percebe-se uma manutenção da bibliografia nos planos, por que isso ocorre?

Primeiro a resistência de alunos não, eles adoravam quando você começava a trabalhar as africanas, eles tinham uma surpresa porque realmente a mensagem do escritor africano é totalmente diferente da mensagem do escritor português ou brasileiro. A forma de dizer as coisas, Mia Couto, por exemplo, o próprio Luandino, a novidade que traz, existe uma sede de conhecer a África, de conhecer melhor a cultura africana, por parte do aluno realmente foi a melhor coisa que aconteceu. Tanto que eu já dei disciplina de pós-graduação na USP também de africanas, de Cabo Verde os alunos, eram muitos alunos que se inscreviam na pós-graduação, na graduação os alunos adoravam, eles queriam sempre. O problema maior foi realmente por parte dos professores da instituição, aí existia um preconceito. O que que é Literaturas africanas? É uma Literatura menor. Isso no primeiro momento, depois quando viram a ascensão do Mia Couto, a ascensão das africanas nos prêmios literários, a coisa mudou um pouquinho, mas havia resistência. Dá um tempo maior para as africanas. Por que dá um tempo maior? Isso bem recentemente, eu não estava aposentado ainda, mas a gente conversava dialogava com os professores e falava, literaturas africanas é importante, mas havia resistência sim. Por parte da instituição, eu não sei se diria por parte da instituição, por parte de alguns professores. Eles achavam tempo maior para uma literatura menor. Não precisava aumentar tempo para literatura africana. Eles foram percebendo que o trabalho que a gente fazia era um trabalho sério, solidificado, os alunos que participavam das coisas estavam sempre ali nas reuniões, havia a presença frequente dos alunos, isso é um fato que mexe com quem está olhando de olho torto, o olho estava torto vai acertando o olho. É importante literaturas africanas, acho que foi isso. Porque dentro das africanas, das literaturas africanas também tem muita gente que acha que a cabo-verdiana é pequena, dentro das africanas existe um certo preconceito contra a questão da

literatura cabo-verdiana e algumas outras literaturas, mas também é uma coisa que foi superada. Acho que o que mina o preconceito a pressão é o trabalho sério, envolvente.

Quanto à bibliografia ela realmente é muito, a gente procura mudar alguma coisa durante o tempo, se você olhar lá na USP os programas de Literaturas Africanas do começo, eles mudaram um pouco, a bibliografia mudou um pouco. Para nosso trabalho que era um trabalho assim com curto espaço de tempo, você tem que trabalhar esses autores: Rita Chaves, Laura Cavalcante Padilha, Nazareth Fonseca, Tania Macedo. São esses autores que trabalham os autores africanos e lhe ajudam a entender, o próprio teórico nessas literaturas é o teórico importado, você não tem um africano, fala não tem um africano ali, não tem, mas já pode colocar os africanos o Kadjimbo da Angola, o NOA de Moçambique. Dá para você ir mudando um pouco essa bibliografia, porque os africanos, na verdade a gente tem que encarar, aí é uma tendência da USP, a Vima, Regiane Vecchia elas estão mudando, trabalhando com teóricos africanos na bibliografia, ali você está trabalhando, na verdade a literatura africana não é igual à nossa, o romancista africano não é igual ao nosso. Se você vir a entrevista da Paulina Cheziane ela falando, “o romance moçambicano é totalmente diferente do romance português”. O que existe de muito forte nesse romance é a tradição que está lá inserida, toda a tradição toda a ancestralidade, é muito difícil você entender a literatura africana cabalmente se você não tiver um contato com um teórico africano que trabalhe isso. Dá para mudar, a mudança pode ser devagar, você vai mudando aqui, acolá, a bibliografia é possível mudar sim e para melhor, até porque há coisas que podem ficar datadas.

Como o trabalho era assim, contexto histórico de Moçambique, eu falei ah, aí você tinha que trabalhar aqueles autores mesmo, até para facilitar, é problema de facilitação na verdade. Você ter o livro aqui, o que nós não tínhamos era contato com os autores africanos, que não publicavam aqui, então você tinha que trabalhar com os autores europeus que falavam de literaturas africanas, então era o Pires Laranjeira, ele pode ser trocado pelo Kadjimbo. A Mafalda Leite. Então são autores que você pode colocar como parte da bibliografia, uma bibliografia um pouco mais nova, ir substituindo esses críticos e teóricos literários, dá pra fazer isso, mas preciso de um estudo mais consciencioso, mais trabalhado e tem que ter também aquele espaço. Se você tiver meio semestre de aula você vai ter que trabalhar com um teórico, dois no máximo. Procurar trabalhar com o aluno um autor importante, esmiuçar com o aluno, é fundamental isso, vejo essa possibilidade de trabalhar mais integralmente um autor e citar a literatura, o que foi feito em Angola em um determinado período, trabalhar esse autor, em vez de trabalhar Pepetela, Luandino e tal, trabalhar Luandino, e vai de Luandino você pode passar

por Pepetela, tal, tal, tal. Há essa possibilidade de fazer um trabalho dinâmico e ao mesmo tempo mais profundo, isso eu acho que é possível.

Visão panorâmica, é o que Boris falava, ainda tenho muito o que Boris falou, “história da literatura, você pega em qualquer lugar” então você não precisa contar a história da literatura russa, o cara pega e acompanha. Então vamos trabalhar Maiakovski, vamos trabalhar Dostoievski, vamos trabalhar bem Dostoievski. Você trabalhar um autor de forma profunda e cita os outros autores, às vezes a pessoa fala “ah não gostei muito”, então procura ver tal autor, você vai trabalhando, motivando o aluno a buscar ele próprio o caminho dele. A bibliografia tem tido uma frequência, mas ela pode ser mudada e deve ser mudada, é possível ser mudada e para melhor.

5 - Olhando o cenário das discussões sobre literaturas nos cursos de Letras, onde o(a) senhor(a) situaria as literaturas africanas nesse processo? Como analisa a permanência há mais de 20 anos da disciplina no curso de Letras da UNESP-Assis?

Eu sou meio suspeito para dizer tudo isso, embora tenha andado por todas as literaturas. Fui professor de Literatura Brasileira em uma faculdade particular, fui professor de Literatura Portuguesa na UNESP e também em universidades particulares, africanas trabalhei em muitos cursos, dei minicursos, lá em São Vicente mesmo, eu trabalhei na UNESP durante esse tempo todo. É difícil avaliar qual literatura é melhor ou pior, eu acho que não existe uma literatura melhor ou pior, isso é conversa. Acho que todas as literaturas são boas. Elas são, toda literatura, ela tem que estar ligada ao social, aquela que está ligada ao social. Por exemplo, tem como comparar quem é melhor? Lima Barreto ou Machado de Assis? Acho que não dá. Quem ousa falar isso, acho que está cometendo um perjúrio. Porque os dois são muito bons, o Lima Barreto para mim é melhor, pra mim. Ele diz muita coisa que o Machado de Assis não diz, a questão do negro, a questão da sociedade. Se você pegar, por exemplo, *O triste fim de Policarpo Quaresma* você vê muitas partes dele, você vê a situação do Brasil hoje, você vê que é praticamente a mesma coisa. Em *O triste fim de Policarpo Quaresma*, o exército é uma nulidade? Todo mundo participou da guerra de araque, aqueles medalhões que eles têm, eles não têm medalhões por guerra, eles não ganharam nada. Então na verdade o que a gente tem que ter compreensão é que não existe uma literatura pior ou melhor. Existe sim, por exemplo, certas... como eu gosto de Lima Barreto, alguém gosta de Machado de Assis, certos gostos que são perfeitamente aceitáveis. A Portuguesa tem muita gente que adora o Saramago, tem muita gente que odeia o Saramago. Tem muita gente que adora o Eça, tem muita gente que odeia o

Eça. Tanto que em Portugal eu fui na terra do Eça, tinha um dono de restaurante lá que detestava o Eça de Queirós, ele falou na cara da gente que não gostava do Eça de Queirós, ele citou outro autor lá que nem um nome tem hoje. Então são essas coisas. As literaturas elas todas estão no mesmo nível, brasileira, africana, portuguesa, literatura universal, você vai ter alguns gênios que sobressaem nessas literaturas, mas todas elas são muito importantes. Então colocaria portuguesa, brasileira e africanas no mesmo nível. Com a questão das literaturas africanas é claro como ela é a grande novidade para a gente, muita novidade então está um pouco acima, por causa da novidade porque traz a literatura africana, por causa desse envolvimento da literatura africana. Agora é claro que os outros autores, é claro que você não pode achar que um Saramago por exemplo, ele é um autor comprometido com as questões sociais, políticas, com a questão, por exemplo, de Portugal lá na África, ele é preocupado com isso. Então esses autores são os grandes autores, a meu ver. Então a literatura africana não deve nem à brasileira, nem à portuguesa e nem a nenhuma outra literatura, eu não vejo isso. Aqueles gênios, então vamos colocar os gênios. Se você pensar no Dostoievski, num Tolstói, num Thomaz Mann, num William Faulkner, você vai pensando assim nesses autores, nesses grandes autores, aí você vai falar temos também. Na África quem é? Na África de língua portuguesa quem é? Mia Couto, Germano Almeida, Pepetela e outros mais. Tem algumas genialidades na África que estão no mesmo nível dos outros autores. Não dá para você nem superlativar as africanas e nem minimizar, quem minimiza está errado a meu ver. Acho que estão no mesmo nível. Elas se completam, se complementam. Então na cultura de língua portuguesa você tem que estar com a literatura portuguesa, com a literatura brasileira e as literaturas africanas, aí você tem realmente o contexto da cultura em língua portuguesa, que são dispares, são diferentes, mas há pontos de contato. A gente vai poder estudar as diferenças e pontos de contato, é assim que se faz no estudo literário de literatura. O mais rico mesmo é ver os pontos de contato, as diferenças, as igualdades a gente sabe quais são e não precisa trabalhar tanto, mas a diferença é muito importante, acho que é isso.

6 - Há algum ponto que não mencionei que gostaria de acrescentar sobre o ensino de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa?

Não, você abordou... assim, na verdade, eu estava pensando nisso tudo, quando você foi me falar da entrevista. Fiquei pensando em como começou em Assis? Eu não podia esquecer do Fernando Mendonça, não pode apagar a memória de alguém que trabalhou, que colocou a Literatura Africana num contexto que até então não existia trabalhos de Literaturas Africanas

de Língua Portuguesa, ele colocou porque ele conhecia, angolana e a cabo-verdiana, ele conhecia as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. A M. é fundamental, em Assis ela foi fundamental mesmo. As outras universidades que trabalham com africanas, por exemplo, a USP, já falei bastante dela. A gente tem a PUC-Minas, UFMG, a UFRJ, a UFF a Universidade Federal Fluminense, né? Na Bahia, na verdade isso foi se expandindo com os cursos de africanas da USP, o início foi na USP, foi para Assis, Mato Grosso, eu trabalhei como banca em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, eles estão colocando africanas lá, Goiás, então são vários lugares que as africanas estão tendo espaço. Brasília com Edvaldo Guerra que foi orientando da M., fui até banca da defesa dele, ele trabalha com africanas também lá, a Ana Claudia lá em Brasília também trabalha, no Nordeste então há realmente uma situação dos estudos das literaturas africanas. O que é necessário, eu acho que é fundamental hoje, é que isso se mantenha, que se lute para realmente ter a literatura africana fazendo parte do currículo de Letras, um curso anual, teria que ser anual, colocaram em um semestre, um curso semestral não dá mais. Você não trabalha literaturas africanas, nem portuguesa e nem brasileira em um semestre. Então tem que manter, tem que manter inclusive porque existe uma lei aí que não foi ainda regulamentada nem está sendo seguida. Na maior parte das escolas você não tem ainda, as escolas de rede municipal, estadual, do Brasil inteiro não tem ainda textos de africanas sendo estudados, você vê uma coisa ou outra aqui acolá, às vezes livros que são mandados e não são distribuídos, isso é uma coisa que a gente sabe, você como professor sabe muito bem. Descobre livros em sua escola que você nunca imaginou que tivesse. Às vezes, numa reunião eles colocam lá tudo que tem, eu lembro uma vez, participei de uma reunião na escola que eu dava aula, lá em Osasco, o diretor fez a reunião com os pais, ele colocou todos os aparelhos que tinham na escola, nós nunca tínhamos vistos um desses aparelhos, tudo aparelho importante, novinho, que seria importante para usar, tudo engavetado, fechado a sete chaves, a biblioteca os livros lá ainda em caixas, adianta isso? Não adianta. Você tem livro para ser lido, pra se ler, tem que incentivar o aluno a ler, tem que ter um acompanhante para ir à biblioteca, você vai levar um aluno para biblioteca e vai ajudando os alunos a entender, a pegar os livros a ler os livros, alguns fazem, outros não, a maior parte não faz, infelizmente é isso. Então é isso que é necessário, não tem as africanas. É necessário que a lei seja cumprida. Que haja mesmo espaço para as africanas nas escolas do Brasil inteiro, aí a gente vai ter. Nós precisamos conhecer as nossas etnias, de onde eu vim para eu saber para onde eu vou, para saber onde estou, quem sou eu? Você sabe quem é você, eu também sei quem sou eu, mas muita gente não sabe, a maior parte não sabe, pois não foi motivada a isso, acho fundamental que isso seja levado. Então se pensar num currículo para universidade é uma coisa, agora nesse currículo, nessas atividades

tem que ser colocado um espaço para você passar para comunidade tudo aquilo que está sendo dado na universidade. A universidade tem a obrigação de ligar seu trabalho de ensino à comunidade da cidade, da região. Você transmitir isso, através dos alunos. Achava fundamental ter aqueles grupos de ensino que existia, só que era muito mal-usado. Você podia trabalhar os alunos, os alunos trabalhar nas escolas com uma sistemática, isso iria ajudar. Era muito mal utilizado, os professores da rede não recebiam muito bem, o diretor não recebia bem, os alunos que iam lá da universidade, dar aula, dar palestra, que fazia atividades ligadas à questão africana, por exemplo, eu tive vários alunos que tentaram fazer isso, não conseguiram muito não. Isso aí precisa de um trabalho, um projeto estadual, tem que ser uma coisa séria, coisa que não era muito séria. A diretora não achava, não abria brecha, algum ou outro que aceitava, essas coisas que emperram, mas que há necessidade de que nosso trabalho em africanas seja divulgado, seja mostrado, isso há para que o nosso povo tenha consciência de onde veio. Nós sabemos que mais da metade da população brasileira vem da África, são afrodescendentes, então eu acho que é por aí. Tem muita gente que diz “ah eu não” como eu não? Você sim, não é briga não, só colocando isso. A civilização não começou na Europa.

ANEXO C

Entrevista concedida pela professora M.: realizada em ambiente virtual em 02 de abril de 2021

1 - Professor(a), como surgiu seu interesse pela Literatura Africana e como isso lhe levou à pesquisa e docência nessa área?

Isso começa no último ano da faculdade. Eu demorei muito para terminar a faculdade, demorei 7 anos porque eu me diverti muito, fiz parte do Centro Acadêmico etc., no último ano eu tive duas disciplinas que me marcaram. Uma disciplina com o professor... basicamente uma, com o professor já falecido Fernando Mourão, era uma disciplina de Antropologia, eu não sabia nada de Antropologia, eu era de Letras, então pedi a ele se poderia fazer um trabalho com literatura, aliás, não era uma disciplina de Antropologia, ele também dava Antropologia, mas ele dava Sociologia da África Negra, era essa a disciplina: Sociologia da África Negra I. Eu pedi pra fazer algo de literatura, se ele tinha alguns autores para indicar. Na época havia uma livraria no centro da cidade que tinha livros de literaturas africanas, fui lá e comprei dois. Um era um romance, *Senhora de Bai*, de Cabo Verde, e o outro era *Velhas Estórias*, de Luandino Vieira. Não conhecia nenhum dos dois autores, não conhecia nada, então eu peguei o livro de contos, como boa aluna de graduação, porque eu falei “é mais fácil de ler isso do que ler um romance, o romance é muito grande”. Por sorte eu comecei por ali, porque eu fiquei maravilhada, eu gostei muito dos contos, apesar de serem muito difíceis, eu me lembro de mim andando pela casa, falando “gente, isso é melhor que Guimarães Rosa, parece com Guimarães Rosa, mas é melhor que Guimarães Rosa!”.

Imediatamente, a ideia foi ‘eu preciso saber mais sobre esse autor, sobre o país de onde ele vem’, eu estava no começo do curso de Sociologia, mas eu não tinha nada sobre África. Fui falar com o professor Mourão e ele falou “olha existem na Letras dois professores que estão trabalhando com africanas, a professora Cida Santilli e o professor Benjamin Abdala Junior”. Eu tinha aula na graduação com o Benjamin sobre Neorealismo. Eu pedi para ele me falar um pouco a respeito, começamos a conversar e ele propôs “já que você gostou tanto do Luandino e gosta do Guimarães, por que você não faz um projeto para o mestrado, comparado”. Era o meu último ano de graduação. Falei “olha, gostei”, foi aí que eu comecei a aprender. Ou seja, três elementos, interessantes e importantes, que talvez hoje falte um ou outro, mas que devem estar presentes para continuidade da pesquisa: livros, então havia uma livraria que vendia esses livros, ou seja, o material, a disciplina na graduação, para que o aluno possa optar, e o outro

elemento não precisa, a boa literatura, que é essa literatura feita nos países africanos de língua portuguesa, mas não só. Os países africanos normalmente têm excelentes autores, acho que a gente pode escolher dentro de uma plêiade muito grande, então esses três elementos se conjugaram e aí eu comecei o mestrado.

O mestrado foi com Benjamin, que foi meu orientador de mestrado e de doutorado também, eu fui a primeira orientanda dele, ele também bastante jovem na academia, ou seja, era um desafio. Nós resolvemos também, mais ele do que eu, é lógico, enfrentar o desafio de apresentar o projeto para FAPESP, acho que foi um dos primeiros apresentados para FAPESP sobre africanas. Ela aceitou, então eu fiz o mestrado com bolsa da FAPESP, em africanas, depois eu mudei o projeto, trabalhei só com Luandino Vieira, deixei de lado a comparação, fui fazer muito mais tarde, fiquei só com Luandino Vieira. O meu mestrado é em Literatura Portuguesa, não havia Literaturas Africanas em nenhum lugar do Brasil na Pós-Graduação. Ela vai surgir mais tarde na PUC-Minas com a professora Nazareth e o professor moçambicano Lourenço do Rosário, até aquele momento quando eu faço o mestrado, acho que 1989, no século passado portanto, não havia ainda, então meu diploma é de Portuguesa.

Eu dava aulas no ensino particular, fui para o Rio Grande do Sul dar aula de Literatura Portuguesa Contemporânea, fiquei seis meses lá, mas eu já tinha feito a seleção na UNESP, eu queria muito a UNESP de Assis, muito mesmo, principalmente em função de Antonio Candido ter dado aula na UNESP. Falei “olha, Antonio Candido deu aula na UNESP, então eu quero estar na UNESP de Assis”. Fiz a seleção, passei, mas não havia vagas, fiquei esperando quase um ano e meio. Quando eu entrei, aí realmente eu pude desenvolver a pesquisa, pude juntar o que eu estudava com o que eu iria fazer, apesar de ter entrado como professora de Literatura Portuguesa. Eu dava Literatura Portuguesa I, que era da Idade Média até ontem à tarde. Era um programa vastíssimo, mas era bom porque podia trabalhar com Neorrealismo, dá algumas, né.... Havia uma professora de Literatura Portuguesa, Maria Zizi Trevizan, que morava em Prudente, mas era professora na UNESP de Assis, que havia feito uma tese de doutorado sobre um autor cabo-verdiano, mas ela não dava aula e não era uma pesquisadora da área. Aproveitando que a Zizi estava lá, eu entrei em maio de 1989 na UNESP, no final deste ano eu convidei a Zizi para trabalhar junto comigo, para a gente fazer um curso de extensão, sobre Literaturas Africanas. O que havia, e a partir daí eu sempre dei como optativa, demorou um pouquinho, não foi tão fácil, porque literatura portuguesa na UNESP de Assis era, não sei se ainda é, muito forte, havia um grupo muito bom de portuguesa, então era difícil a gente abrir o flanco para africanas. Aprendi muitíssimo com os meus colegas sobre Portugal, sem dúvida alguma, o que me possibilitou também pensar um pouco na África, porque eu comecei a trabalhar

comparativamente. A primeira vez que eu fui para Portugal, acho que foi em 1990, talvez... não, eu fui antes, fui em 1989, antes de entrar, eu fiz questão de ir, fui a um evento de africanas. Os eventos dos quais eu participava toda minha produção era em africanas, mas eu dava aula de portuguesa, eu chamava de esquizofrenia teórico-metodológica, porque eu dava aulas e tinha que ser uma boa professora, para estar à altura da UNESP e dos meus colegas, mas o que eu me dedicava mesmo era africanas. Há um ponto, acho que os outros professores devem ter falado, que neste primeiro momento das africanas, quer dizer, um segundo momento, primeiro momento é o professor Mourão, a professora Maria Aparecida Santilli, o Benjamin, a professora Vilma Arêas, esses são os precursores. Eu, a Rita Chaves, o R., somos uma segunda geração, mas essa segunda geração, na qual se inclui, apesar de ser mais velha, Laura Padilha, é uma geração de militância, essa é a diferença com a geração anterior, talvez só o professor Mourão tenha essa militância até pela formação dele, ele inclusive fez parte da casa dos estudantes do império etc.

Quando a gente ia para um congresso a gente sempre apresentava africanas. É desse momento, inclusive algo, que infelizmente voltou, eu acho que não deveria voltar, que era todo congresso de portuguesa tinha um grupo muito aguerrido de africanas, muito grande e com bons trabalhos. Isso foi abrindo sendas, era o grupo das africanas, mais tarde a gente estava também na ABRALIC, era uma militância cotidiana. Eu diria que junto aos movimentos negros, curso de extensão, pau para toda obra lá estava o grupo das africanas, porque realmente no sentido de a gente implantar, poder fazer as pessoas lerem. Um outro elemento importante, os tempos eram outros. Angola, principalmente, aí o caso é Angola e Luandino Vieira tinham um projeto, disseminar a literatura angolana, fazer estudiosos, fazer uma crítica angolana, isso é um projeto da União dos Escritores, sob Luandino Vieira. Ele convidou todos os pesquisadores, inclusive os jovens, para ir para Angola. Todos nós conhecemos Angola, ganhamos livros, fizemos amizade com os autores etc. Então isso foi muito importante, estar no campo. Aquilo que a gente lia nos textos a gente ia procurar na realidade, ainda de uma maneira muito ingênua até, mas que valeu a pena. Eu fui antes de defender o doutorado, no mestrado ainda, eu já tinha defendido o mestrado, levei para o Luandino, era sobre ele. Então foi muito interessante, esse é um outro elemento que acho importante para formação do pesquisador, estar no campo, conhecer África. Um colega dizia “quer dizer que quem estuda literatura medieval tem que ir para Idade Média?” Não. Mas há algo muito importante, ser um país que teve uma colonização portuguesa, ter a mesma língua, não quer dizer que nós tenhamos a mesma realidade, elas são muito diferentes, talvez essa seja uma grande armadilha, trabalhar as Literaturas Africanas a partir de um olhar... achando que é um olhar africano, e não é, é um olhar brasileiro, estrangeiro

etc. Isso você consegue de uma forma muito precisa, viajando, acho fundamental que o professor, o pesquisador tenha o pé na África, no ótimo sentido. A diferença é porque hoje é mais difícil. Infelizmente eu vejo jovens colegas preferindo ir para Portugal, a antiga metrópole, do que para os países africanos. É claro, grande parte da documentação está em Portugal, era a antiga metrópole, ela preservou as fontes, mas o cotidiano, a gestualidade, o gosto, e o mercado livreiro, porque hoje a gente não tem tanto, a gente tem nos grandes nomes, mas o cotidiano, aquilo que Antonio Candido fala “que é a média da literatura pela qual a gente pode aquilatar uma literatura”. Isso está lá, não é publicado pela Leya, não é publicado aqui no Brasil pela Companhia das Letras. Acho que é essa a trajetória, a UNESP como sempre muito aberta propiciou isso. Eu devo também fazer referência à minha ligação com o NUPE através do Dagoberto, de Araraquara, professor de Antropologia que possibilitou, inclusive, aí a gente já está na 10.639/03, governo Lula, que houve uma diferença enorme, houve realmente a possibilidade de publicar e etc., e eu conhecer o movimento negro.

2 - Como foi iniciar um trabalho com Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no curso de Letras da FCL-Assis? Havia naquela época outros docentes abordando essa temática em Assis? Pode-se falar em contribuição do professor Fernando Mendonça, por exemplo?

Complicado. O professor Fernando Mendonça tem (pausa) uma identificação com a direita portuguesa, isso fez com que ele ganhasse, do governo português, uma vasta biblioteca da agência geral do ultramar. São livros e livros, inclusive todos os livros que ganharam o concurso de literatura colonial, sob este aspecto acho que duas bibliotecas no Brasil têm esse material, a biblioteca da USP Florestan Fernandes e a Biblioteca Acácio da FCL de Assis, se você quiser trabalhar com literatura colonial, mesmo com ótimos trabalhos, estou lembrando, por exemplo, de trabalhos que foram feitos na agência geral de ultramar, mas são angolanos, isso eu acho que é a contribuição dele. A contribuição dele também de permitir que a Zizi, até a Zizi, a fazer a tese sobre um autor cabo-verdiano, esses dois elementos, o restante não. Quando eu entrei na FCL ele já estava aposentado, ele tinha realmente... o departamento de Literatura já estava sob a direção, já tinha a direção e influência muito grande do professor Fantinati, que era o oposto do professor Fernando. Então eu creio que não, a influência dele seria a biblioteca, a vinda de obras e a orientação dele. Na verdade, ele acabou orientando também uma outra pessoa que foi o Sérgio Paulo Adolfo, devo talvez abrir um pouco mais, na orientação o professor Fernando Mendonça não se negou a projetos que tinham a ver com África. Para a gente colocar a verdade histórica. Ele poderia ter se negado, não se negou. O caso do professor

Sergio Paulo Adolfo é exemplar, porque ele fez sobre o Pepetela, um guerrilheiro. Nesse sentido eu acho interessante e vou... Na verdade, gostaria que fosse mais mesclado um pouco esse meu juízo sobre ele. Desculpe, mas eu lembro de um colega nosso, um aluno de pós-graduação que foi agarrado pela polícia quando o Mendonça era diretor. Então acabou a grande greve, acabou ficando isso no imaginário. Como pesquisador, ele não atrapalhou, ele até ajudou a formação de alguns quadros. Acho importante colocar isso. Ficou faltando mais alguma coisa?

[Coloco para professora a questão do início com os outros professores e os alunos. Em seguida ela responde a segunda parte da pergunta.]

Eu acho que ele (o professor Fernando Mendonça) não atrapalhou. Quando eu entrei talvez os colegas ficaram desconfiados. Havia duas pesquisadoras que entraram que tinham problemas. Uma era a professora Ana Maria Domingues de Oliveira, por quê? Porque ela era de brasileira, ela veio da UNICAMP e era uma pesquisadora de periódicos e literatura contemporânea, Leminski, Ana Cristina Cesar, e eu que era de Africanas. Nós duas éramos sempre vistas um pouco... e claro que a gente se uniu, éramos vistas como fora do ninho, mas não houve. É da UNESP ela ser democrática, eu acho que isso não obstou, eu pude fazer, se eu não fiz mais foi porque eu não quis, ou minhas condições foram poucas, mas não foi institucionalmente, eu não tive nenhum problema.

3 - Diante do ineditismo do tema nas universidades brasileiras, quais os caminhos para elaborar um plano de ensino nessa área? Como as obras eram apresentadas aos alunos?

Na verdade, a gente ainda não tem muito preciso um cânone no Brasil. Ele varia um pouco de professor para professor. Por exemplo, o cânone na UNICAMP é bem diverso da USP, porque a professora lá é mais de estudos pós-coloniais. É diferente da USP e deve ser diferente da UNESP, então na verdade o cânone, como é diferente da UFRJ, para falar das universidades maiores, com maior número de professores ou que tenham a disciplina. Esse cânone não está fechado, o que é bom e mal. Bom porque pode-se sempre incluir alguém, ter uma nova obra etc. Mal porque a gente não tem um mínimo. Tem se dedicado muito pouco ao ensino das Literaturas Africanas. Essa é uma reflexão que tem sido pouco feita. Eu não tive forças antes de me aposentar de fazer um encontro de professores que dão aulas de africanas do Estado de São Paulo. Há demandas incríveis que a gente tem que fazer. Por exemplo, pedir livros para FAPESP. Fazer o FAPE-livros de Africanas, muitos livros são importados, então a gente tem que fazer isso, quando a FAPESP dar uma verba para a gente ir pro congresso, que ela dê uma verba para a gente poder trazer livros. Esse é um obstáculo que infelizmente nós

temos. Por quê? Porque o cânone é pautado pelas editoras. Esse é o grande problema. A professora Inocência Mata vive dizendo, a gente já brigou muito e eu adoro brigar com a Inocência, ela berra, eu também berro, mas a gente se ama muito e se gosta muito. Ela fala: “vocês no Brasil só estudam brancos”. ANH, ANH. Nós estudamos aqueles que a Companhia das Letras edita. Agora felizmente tem a Nandyala, tem outros selos que possibilitam isso, a Kapulana, que no início se dedicou a Moçambique, mas agora tem um número muito grande de livros, mas a gente ainda não tem um, digamos, um cânone. Fazer isso dependia e depende do professor. Aí eu digo que é um problema que a minha geração, a anterior, não fez, a minha geração não fez, eu espero que a próxima geração faça. Material didático. Não há um manual de literaturas africanas, quem tinha que ter feito isso éramos nós, nós que fomos para África, nós que militamos, nós que militamos no ensino. Esse é um problema, quem começa quase tem que começar do zero, ele repete. Se a tua geração for dar aula ela vai repetir aquilo que teve na graduação com o professor, talvez não seja a melhor coisa. Eu dou aula com apostila, por preguiça até de ficar cada aula pegando as coisas, eu boto tudo em uma apostila, acho que ela tem 200 páginas, são textos teóricos críticos e outros, mas ela tem falhas? Tem. Então era necessário fazer isso [aqui a professora se refere ao material didático de africanas]. A apostila na verdade é uma forma elegante de roubar o autor, de não tirar xerox mesmo dos livros. Ela era muito mais utilizada antes, hoje para os trabalhos, a gente já pode pedir para os alunos comprarem os livros. Sempre trabalhei com apostila, todo mundo trabalha, não tem como.

4 - Houve muita resistência por parte dos estudantes ou da instituição diante da disciplina dentro do curso? Como escolheu o suporte teórico para debater as questões literárias da disciplina? Percebe-se uma manutenção da bibliografia nos planos, por que isso ocorre?

A gente usava muito a Literatura Comparada. Antonio Candido, Escola de Frankfurt, Antonio Candido. A relação entre texto e contexto. Por quê? Porque um primeiro momento dessas literaturas está muito ligado à história, está muito ligada ao movimento anticolonial. Para dar esses subsídios aos alunos a gente tinha que falar um pouco sobre o contexto, também porque a África é uma desconhecida até hoje no Brasil. Tínhamos que falar do contexto para depois começar a dar aula. Depois, como era uma literatura desconhecida, tínhamos que trabalhar comparativamente. Então a literatura comparada nos auxiliou muito. Claro os teóricos europeus. Essa era uma constante nesse primeiro momento, o comparativíssimo francês... Por parte da universidade não houve qualquer obstáculo e, por parte dos alunos, menos ainda, eles, eu acho que essa é a grande resistência da disciplina não está nem entre os professores, está

entre os alunos, o movimento dos alunos. Por exemplo, na UNICAMP foram os alunos que forçaram o departamento a abrir uma vaga, na USP foram os alunos que obrigaram a universidade a aumentar o número de professores de africanas. Não foi a luta dos professores, foi a luta dos alunos. Eles sentem a necessidade, até porque o currículo no Brasil é: Currículo de Literaturas de Língua Portuguesa, que é um currículo mentiroso na maioria das vezes, porque as pessoas só têm portuguesa e brasileira. Consciente disso o aluno vai procurar, então ele também faz uma militância. Não houve de forma alguma. Houve um suporte enorme, um entusiasmo, esse entusiasmo tem a ver muito com a qualidade dessa literatura, se a literatura fosse ruim, não haveria vontade que suportasse isso.

Hoje essa bibliografia muda. Nós usamos muito mais autores africanos, Bokolo, Bembe, Ontondji, Kandjimbo, nós usamos muito mais. Abre-se um espaço enorme para reflexões dos colegas de África, sejam aqueles que estão na África mesmo ou nos grandes centros, europeus, norte-americanos, Said, por exemplo, nós saímos do centro, da hegemonia europeia.

Com relação à bibliografia nacional, ela ainda continua sendo a da gente. Por quê? Porque a gente tem mais facilidade de publicar, não é que não haja... Eu citaria Andreia Muraro e Sueli Saraiva, dois nomes que estão na Unilab que são excelentes, mas elas estão na UNILAB então é mais difícil de publicar etc. A Maria Aparecida Santilli tem uma contribuição, até nem é contribuição, eu acho que ela é a responsável pela existência da FCL-Assis. Esse é o primeiro elemento, a Faculdade existe porque a Cida, como a gente carinhosamente chamava, trabalhou muito para que houvesse uma faculdade de Letras em Assis. Ela era casada com um político de Assis, ela trabalha muito para que isso ocorra e aí então a gente tem a FCL, em primeiro lugar a presença dela em Assis. Mais tarde, surge, eu acho um descompasso da professora Cida Santilli na Portuguesa, na Literatura Portuguesa da USP, porque ela vai ser a favor do 25 de Abril, da esquerda portuguesa etc. e etc. Por outro lado, nós tínhamos o professor Massaud Moisés, um radicalmente pela direita. Radicalmente não, mas pela direita, pelo *status quo* etc. Um dos elementos foi quando a Cida começa a trazer como Literatura Comparada, trabalhando por exemplo os capítulos finais do História da Literatura Portuguesa. Se a gente lembrar, aquele catatau do Saraiva tem Literaturas Africanas, ela nunca calou aquelas páginas, ela sempre incluiu isso. Logo depois do curso de Neorrealismo na graduação, incluía-se isso, é importante porque ela vai fazer essa ligação. Ela vai trabalhar com o professor Benjamin Abdala Junior e os dois vão realmente dar cursos de pós-graduação formando, por exemplo, o Cuti, que acaba fazendo o doutorado dele mais tarde na UNICAMP, mas ele começa o mestrado com a Cida. Ela tem um papel fundamental para trazer livros, ela foi uma das primeiras pesquisadoras que foi para Angola, para fazer as ligações entre os autores e a USP e os outros pesquisadores,

sempre apresentando nos congressos africanas, isso é interessante e a gente a reconhecia como uma das nossas. Apesar de... isso era importante, é importante, o peso acadêmico da professora Santilli, contar com a professora Santilli do nosso lado era importantíssimo, ninguém mexia com a gente, risos. Mais tarde a professora Laura Padilha, que fazia parte da Capes. É importante porque esses grandes nomes, eles têm um peso institucional. A Maria Aparecida Santilli era a chefe do maior departamento de Letras, ela era chefe do Alfredo Bosi, de repente ela estava dando Literaturas Africanas, ela estava dando a disciplina, estava formando gente, mestrando e doutorando, é muito importante esse papel. Ela escrever esse livro vai ter esse peso [a professora está falando do livro *Estórias africanas*], acho que ela é uma das pioneiras em vários campos, na publicação, no ensino, na formação de quadros, é importantíssimo o nome da Cida.

5 - Olhando o cenário das discussões sobre literaturas nos cursos de Letras, onde o(a) senhor(a) situaria as literaturas africanas nesse processo? Como analisa a permanência há mais de 20 anos da disciplina no curso de Letras da UNESP-Assis?

Infelizmente, as africanas ainda são exóticas. Quando eu falo “exóticas”, é uma palavra que a FAPESP, um dos quadros da FAPESP, falou em uma reunião conosco que éramos professores de africanas, de árabe, as orientais e africanas, ele falou “vocês que são de exóticas”. Esse é um problema mais ou menos sério. A maior parte, a não ser na Federal do Rio de Janeiro, das disciplinas de africanas são de optativas, isso vai criar um problema mais tarde porque não vai ser possível contratar novos professores. Mesmo no caso da FCL-Assis houve duas vagas e muito mais tarde só foi um professor contratado, houve minha vaga e a vaga do professor R., em função desse *status* dela ser optativa.

Em termos de discussão nós continuamos tão aguerridos e somos tão estudiosos e temos uma produção tão grande, segundo inclusive os parâmetros da Capes, que não há grandes problemas nas universidades, no entanto, ela continua à margem por ser optativa. São duas literaturas que são marginalizadas, nunca se uniram muito, mas deveriam, talvez, mas que não terminam porque os alunos não deixam, literatura infanto-juvenil e literaturas africanas. Porque são literaturas importantes que são trabalhadas na escola de primeiro e segundo graus, então elas não morrem. Há por parte da academia uma certa, não diria da academia, vou dividir em duas partes, há por parte da burocracia da universidade a tentativa de alijar essa literatura em função do pouco número de vagas que há para professores, como ela não é básica. Com relação ao academicamente alguns professores até por má-fé ainda colocam como uma literatura menor,

não no sentido de Deleuze e Guattari colocam como uma literatura da margem mesmo, simplesmente uma literatura que não tem qualidade estética, essas literaturas africanas não têm qualidade estética, elas seriam apenas literaturas engajadas, no mal sentido, engajadas não, panfletárias, engajadas é outra coisa, panfletárias etc., ainda há sim isso. No entanto, a qualidade é boa, acho que em ambientes universitários mais democráticos ela continua, por isso que ela continua em Assis.

A lei vai trazer algo absolutamente novo para disciplina, porque ela vai fazer uma obrigatoriedade, isso inclusive fez a disciplina... sem dúvida a Lei 11.645/08 e 10.639/03, a Lei 10.639/03 é sem dúvida alguma uma conquista do Movimento Negro, da sociedade civil, não é do Lula, o Lula assinou, mas é a sociedade civil que coloca isso. Ela vai demandar material, discussão, formação de professores. É um momento em que os professores de africanas vão ser chamados para estar em várias frentes, além de dar a disciplina, todos nós viajamos muito dando cursos de formação etc. Então são cursos de extensão, sobretudo para formação de professores, para aplicação da 11.645/08 ainda naquela época era 10.639/03.

Eu queria falar da Palmares, da SEDUC, então houve formação de professores. Nesse bojo a UNESP voltada sobretudo para graduação, a UNESP neste momento da lei tinha consolidado seu papel na graduação, isso era importante. Hoje acho que ela perdeu o rumo, não sei, porque depois ela foi para pós-graduação. Naquele momento a professora Bicudo, por exemplo, tinha um programa muito efetivo para graduação e, portanto, para formação de professores também, a UNESP possibilitou que essa discussão entrasse de uma forma muito grande, muito precisa. O professor Dagoberto, dado as suas ligações enormes, o Dagoberto é um homem de duzentos mil instrumentos, conhece o Brasil inteiro, ele traz essa discussão para dentro da UNESP, para formação etc. e traz aquilo que toda universidade gosta, que é verba. Ele traz verba do MEC para formação, traz bolsas de estudos, ele arquiteta e consolida o NUPE. Então as africanas na verdade auxiliaram, eu gostaria de lembrar que a gente tinha uma professora em Araraquara também, que foi formada pela USP, ela fez portuguesa contemporânea, mas ela também dava africanas, você tem um grupo de pessoas ali trabalhando. Então a lei traz essa demanda por formação, traz a publicação de livros que aumenta o público leitor, deixa de ser o público só da disciplina, para ser um público mais amplo. A lei é fundamental, ela auxilia muito a permanência dessa disciplina.

6 - Há algum ponto que não mencionei que gostaria de acrescentar sobre o ensino de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa?

Acho que não. Agora que eu me aposento acho o que faltou, talvez a gente depois de uma trajetória a gente olha para trás e vê o que faltou. Talvez mais do que os ganhos, aquilo que ficou faltando, as carências. Acho que material didático, nós tínhamos que ter feito uma ligação, que foi possível no primeiro momento da lei, a formação de professores, mas depois nós nos perdemos no cotidiano da universidade e hoje já não consigo dialogar com os manuais escolares, tem uma terminologia já é muito difícil, eu não consigo mais fazer esse material. A professora Vima Lia fez alguma coisa, que é de uma novíssima geração, talvez isso. A FCL ficou muito, talvez também não institucionalizar melhor a disciplina, falta uma institucionalização. Acho que se recente o professor que está lá, desse elemento. Ele não tem uma ligação institucional com a disciplina e com os grupos que formam a disciplina. Por quê? Porque ele não se formou, o mestrado e doutorado dele não foram na área, ele entra depois para dar aula, isso faz com que ele não tenha nenhuma ligação, nenhuma não, tenha pouca ligação com os grupos. É diferente do professor Paulo Adolfo e dos orientandos dele que ele formou, muitos dos quais foram fazer doutorado na USP e hoje estão na rede, estão na rede e dando africanas, estão nas faculdades particulares e dando africanas. Acho que a UNESP fez institucionalmente um movimento de trazer um professor para dar aula também de africanas, é também não só, isso é importante, mas talvez não institucionalizou isso. Isso é muito complicado, acho que faltaria fazer um grupo de trabalho, um grupo de estudos, talvez aí a Educação está suprindo um pouco isso. Alguns professores que não são do Departamento de Literatura poderiam fazer institucionalizar, falta isso na UNESP de Assis. No andar da carruagem, esse professor é muito jovem, quando ele aposentar não vai ficar africanas, porque não há uma institucionalização. Eu diria que errei ao não institucionalizar, deveria ter enfrentado mais. Quando eu saí a UNESP já estava se modificando, já era outra, havia pouca vaga, começou haver contratação muito complicada.

[A professora me pergunta se há alguma disciplina de africanas na pós-graduação. Informo que sim, no momento ofertada por um professor aposentado.]

A professora menciona a vontade de fazer um encontro dos professores de Literaturas Africanas do Estado de São Paulo com o intuito de tirar um currículo mínimo para as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Eu sei que nós temos o professor Jorge Valentim em São Carlos, um excelente professor, no IBILCE, a USP, UNICAMP, então as três: PUC-SP, PUC-Campinas. A gente precisava talvez conversar, quem sabe eu tenha pique de propor para o Centro de Estudos Africanos de fazermos on-line, agora tudo é on-line, fazer esse encontro on-line para a gente conversar, é necessário e acho que auxilia centros como Assis ou mesmo a UNICAMP, que tem um professor só, o professor não pode ficar doente, não pode tirar licença,

não pode nada senão não tem disciplina, é uma forma de institucionalizar isso. A professora cita um professor orientando do Benjamin Abdala Junior que trabalhava com literatura inglesa na UNESP de São José do Rio Preto e trabalhava africanas de língua inglesa. A professora menciona a importância de haver um professor de língua inglesa ou francesa que conhece africanas ou indiana porque ele muda a bibliografia, coisa que infelizmente não acontece em Assis.

A tendência hoje é alguns professores não trabalharem exatamente africanas. Em função da lei eles são contratados ou dizem que dão africanas, mas na verdade dão outras coisas. Aí é complicado porque dentro da minha experiência, quando eu quis dar africanas, eu abri uma disciplina. Quando eu dei portuguesa eu dei portuguesa até o final. Aprendi muitíssimo, até hoje eu sei Gil Vicente, fiz parte de concurso de portuguesa, publiquei uma ou outra coisinha, mas em sala de aula era para aquilo que eu fui contratada, acho que a gente não pode fazer outra coisa.

Faltou falar uma coisa o Encontro de Literatura Portuguesa, o grande Encontro de Literatura Portuguesa da UNESP, acho que foi o primeiro encontro, não lembro o nome, os ANAIS são de capinha azul, não sei se os outros professores falaram a respeito. O Encontro de Literatura Portuguesa foi organizado pela professora Suelly e pela professora Eleuses. Veio, salvo erro, acho que o Saraiva veio, colocaram o velhinho no ônibus que veio de São Paulo para Assis. Foi um grande encontro de portuguesa e, nesse encontro, houve dois autores africanos, João Mello e Carlos Pimentel. Procurando encontro, os ANAIS do encontro, inclusive esse encontro deu origem à Associação dos Professores de Literatura Portuguesa, ela foi fundada ali, o primeiro foi lá e o segundo foi em Londrina e, nesse caso, houve realmente dois escritores africanos, claro porque eram meus amigos, estavam no Brasil, um deles era meu marido, mas em todo caso risos. É de novo essa história da militância. Acho que, infelizmente, isso que é para terminar. Vivemos tempos tão duros, tão complicados que a militância se faz necessária novamente. Em dois campos na Literatura Afro-brasileira e nas Literaturas Africanas, os professores dessas disciplinas são militantes também. De um olhar para África que não seja um olhar norte-americano, que não seja um olhar eurocêntrico e que não seja um olhar branco. Essas duas disciplinas hoje exigem uma militância. Voltamos, infelizmente, bom nós já voltamos para Idade Média, a peste, fui dormir no século XXI e acordei na Idade Média, fui dormir no século XXI e acordei em 1964, essas coisas, a história está pedindo um pouco mais da gente ainda, essa militância é necessária e talvez os colegas que estejam nessas disciplinas hoje não tenham essa militância.

ANEXO D

Entrevista concedida pelo professor P.: realizada em ambiente virtual em 23 de fevereiro de 2021

1 - Professor(a) como surgiu seu interesse pela Literatura Africana e como isso lhe levou à pesquisa e docência nessa área?

Na verdade, o meu interesse foi porque eu gosto muito de ler, sou um leitor que tenho sempre que estar lendo, tenho sempre que estar buscando, sou muito curioso em relação a novos escritores, às novas formas de escrever na literatura contemporânea. Então eu já conhecia Mia Couto, comecei a trabalhar na UNESP em 2009 e a lecionar literaturas africanas em 2009. Antes eu trabalhava em faculdades particulares e não existia literaturas africanas nas faculdades particulares, a gente estava numa transição de legislação e estrutura curricular, as particulares tinham 3 anos apenas para compor a carga horária mínima, mas o meu interesse primeiro é como leitor. Conhecia Chimamanda, o Mia Couto, o Pepetela porque está sempre no vestibular. Isso da literatura africana de língua portuguesa e de língua inglesa, mais especificamente países africanos. No Brasil, conhecia... já havia escrito, estudado sobre Machado de Assis, fiz vários textos sobre Machado, Lima Barreto, esses escritores já faziam parte da minha vida acadêmica como leitor. Ferrez, que é um escritor que eu admiro bastante, o Marcelino Freire, eles estavam ali nesse horizonte. Quando eu entro na UNESP em 2009, entro como professor de Literatura Portuguesa, como eu era o novato eu deveria me especializar em alguma frente ali do currículo. Conversando com professor R., acho que isso foi o mais determinante, o professor R. disse “vai para literaturas africanas, começa a ler começa a estudar”. Tive que tirar todo um atraso de formação, porque na minha época de aluno não existia essa disciplina Literaturas Africanas, nem sabia que África existia artisticamente, literariamente, estudava-se muito mais, você deveria estudar um cânone muito mais hegemônico, que fosse europeu exclusivamente. No Brasil, é esse cânone que a gente conhece como cânone principal. Foi na UNESP que aprendi a estudar e estudar é todo um processo, você acaba vendo, cada dia você aprende mais sobre as literaturas africanas, vê que lê o livro da literatura africana, a primeira coisa que eu aprendi foi que ler o livro de literatura africana não significa ler apenas por prazer, por estética, por algo relacionado apenas ao que está escrito ali, a manipulação técnica da língua portuguesa ou língua inglesa. Significa ler além, ler do ponto de vista econômico, social e existencial, do ponto de vista histórico e sociológico, ou seja, é uma leitura que às vezes lhe traz isso, eu aprendi muito com um escritor que eu gosto muito, Oscar Ribas, ele escreveu um livro chamado *Ecos da*

Minha Terra, um livro para mim, até Mia Couto fala que aprendeu muito com Oscar Ribas, mas é um escritor pouco falado, pouco estudado. Em *Ecoss da Minha Terra*, ele vai pegando os vários contos de Angola e vai falando, olha esse conto que ele contou foi uma prima que eu encontrei no dia que eu estava conversando com a minha tia, você não sabe de onde vem, mas os contos são, ou seja, ele não se coloca na posição de autor, ele se coloca na posição daquele que vai resgatar, entre aspas, vai dar vida a esses contos que estavam oralmente sendo esquecidos. O Mia Couto faz isso de uma forma mais trabalhada porque ele tem essa retaguarda desses escritores. Então fui aprendendo essas nuances, meu aprendizado foi mesmo ali na lida, ensinar a literaturas africanas, ter o discurso de literaturas africanas ter um contato. Lembro que quando eu comecei a dar aulas de literaturas africanas, para mim foi um desafio, você tem muitos alunos ali que não se reconhecem na condição de negro, eles não se reconhecem na condição de pessoas que tem uma história, eles parecem que meio que se distanciam um pouco dessa história. Falo “olha, gente, eu acho que essa história a gente tem que ter orgulho dela, a gente tem que buscar essa história, tem que dialogar com essa história, criar uma atenção, isso para mim é sempre um eterno aprendizado”.

Tivemos também alunos que vieram de Guiné, alguns deles vieram para estudar aqui. O Vence foi meu orientando de iniciação científica, eu aprendi muito com Vence, foi uma pessoa assim que ele vivia ali, é até interessante, indiquei um livro para ele estudar. Falei “olha, Vence, é um livro simples é um livro é... nem lembro bem o livro, mas é um livro assim bem quadrado. Sabe aquele livro, olha, começo, meio e fim meio uma novelinha e tudo mais aí eu falei “olha, benção isso aqui é o livro tal né aí o que que ele fez? Ele estudou, lê o livro e falou “professor P., esse é um super livro!”. Adorei o livro e tudo mais, né, porque você adorou o livro, né, porque você não apresenta um trabalho, vamos lá para Londrina no Congresso, aí ele foi, a gente foi junto no congresso e ele aí que eu fui vendo, cara, como que a minha formação, na verdade era uma formação meio deficitária, porque nunca tinha olhado as margens, eu nunca tinha olhado o que estava acontecendo em relação fora da Europa fora desse cânone que eu conhecia, fora do José Veríssimo e tudo mais. E isso foi mesmo criando né e tal e eu vejo isso e aprendo todo dia. Então você começa a perceber essa, essa, essas, essas falhas né? E hoje eu defendo o seguinte que a literatura africana deveria estar presente não só no hoje ela é do primeiro ano de Letras apenas no primeiro semestre você não vê todo uma história de Portugal e colonização e ocupação de territórios e tudo mais, então você já entra na africana de como africana se fosse um... assim... é possível você ver a literatura africana como um bloco: angolana, moçambicana, cabo-verdiana. Você vê ela não bloco, ou seja, a gente tem que separar isso, cada país tem a sua percepção diferente, a sua né a sua forma artística de transposição do

real para o imaginário diferente, é no primeiro semestre, em 15 encontros apenas e eu acho que fica muito rarefeito e aí não tem condições de oferecer uma optativa porque às vezes você tem que uma carga imensa de burocracias outras aulas e tudo mais né então eu acho que foi assim que eu fui aprendendo a literatura no contato com a literatura africana.

2 - Como foi iniciar um trabalho com Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no curso de Letras da FCL-Assis? Havia naquela época outros docentes abordando essa temática em Assis? Pode-se falar em contribuição do professor Fernando Mendonça, por exemplo?

Então, a primeira como foi minha experiência... Então, como eu disse a minha experiência foi um pouco abrupta, porque eu pensei... mesmo porque dentro do próprio, quando eu prestei o concurso nos pontos não existia literatura africana, aí eu fui conhecer a literatura africana dentro desse contexto meio que novo, totalmente novo para mim. Acho até que nem sou isso nem sei se eu sou a pessoa mais... Olha, eu sou um clínico geral nas literaturas africanas eu já não sou um especialista eu acho que se estivesse o especialista se tivesse alguém que vivenciasse isso seria muito melhor, por outro lado, eu faço o melhor que eu posso fazer... estudo e tal estou sempre aberto e tal, mas foi um pouco abrupta essa minha entrada nas literaturas africanas e claro que como eu tinha essa responsabilidade eu tinha que estudar o máximo, ou seja, tirar todo esse atraso nesse contexto, então eu gosto muito de ler teses, trabalhos do gênero da própria literatura, estou sempre lendo alguma coisa, participando de congressos sobre. Então, você vai entrando em certos grupos. Eu fiz um curso da ONU ano passado no meio da pandemia e tudo mais, um que abriu minha cabeça sobre a África, acho que é um curso que todo mundo deveria fazer. É um curso que não tem nada a ver com literatura, mas é um curso sobre sustentabilidade e como a África tem um projeto com a Europa, que se chama África 2036, eu vi 2036 falei nossa que coisa absurda, África 2036 que é tão longe né projeto. Eles têm um projeto de reciclagem, projeto de ciência, coisa que a gente não está fazendo, sabe, eles estão se preocupando com 2060 estão se preocupando com 2050. Você começa a perceber que as pessoas ali falando em inglês. Sabe um inglês bem simples, cheio de problemas, mas se comunicando, se falando, sabe, lendo, estudando em contato com vários intercâmbios europeus, e você vê a África, como eles estão pensando no futuro, como eles estão pensando no presente, isso é muito legal, esse curso que eu fiz de sustentabilidade, eles têm uma ideia de se transformar numa espécie de Europa, de qualidade de vida com alimentos orgânicos, com alimentos certificados com certificação ambiental com Preservação Cultural,

então esse processo todo faz com que a gente vá aprendendo muito sobre essa questão, eu acho que eu passo ainda por isso, esse processo de aprendizado.

A segunda pergunta... já entra nessa segunda pergunta existe alguém aqui? Sim, existia o R., eu não poderia ter sido melhor recepcionado por alguém como R., ele que foi meu guia, ele ficava com a parte de poesia, que eu acho que é uma parte mais complexa, até para literatura africana. É uma parte que você tem que ter conhecimento mais profundo, ou seja, prosa acho que eu conseguia, acho que também porque eu sempre estudei prosa e tal. Eu fiquei com a prosa e ele ficou com a poesia, aí deu bem certo sabe, porque ele dava um curso de poesia e eu dava um curso de prosa. A gente fazia também uma coisa que foi descontinuada, a palavra da moda, que foi que acabou que foi o congresso de literaturas africanas. Eu reunia os meus orientandos, o R. reunia os orientandos dele, e a gente conseguia fazer, a gente fez várias edições cinco ou seis desse congresso de literaturas africanas, e acabou, sabe? Porque a pesquisa tem que ter incentivo, incentivo financeiro, o congresso tem que ter incentivo financeiro, às vezes, não é prioridade, ou seja, você trabalha com muitas pessoas que elas não percebem isso, olha vamos trabalhar com literaturas africanas, parece que todo mundo fica ali no seu mundo e a literatura africana fica meio diluída então. Às vezes, a gente prefere falar de... convidar um europeu... parece que dá mais *status* convidar um europeu do que convidar um africano para vir fazer um estágio aqui, para vir falar, para vir como professor visitante, eu nunca vi isso, acho que essa é uma das dificuldades, só tinha eu e o R., acho que ele também tinha essa mesma percepção, não sei se ele falou isso, desse certo isolamento.

A terceira pergunta hoje não tem ninguém, hoje tem só eu, a professora Sandra, ela ministrou um semestre desse curso de literaturas africanas também, mas hoje só eu que trabalho com essa disciplina. É uma disciplina obrigatória no primeiro semestre, aí eu tento puxar umas coisas também na pós-graduação, orientar pesquisas na pós-graduação, sempre sugiro para os alunos, olha faz isso né... Meu projeto de pesquisa na graduação esse ano se refere às literaturas africanas, mas é um trabalho meio que solitário. Eu tenho meus orientandos de PIBIC Júnior, acho que eu fui um dos pioneiros do PIBIC Júnior aqui na Unesp, eu sempre gostei muito da iniciação científica, não sei se você está a par do PIBIC Júnior? Hoje chama PIBIC Ensino Médio, na verdade. O governo, por meio da CNPq e da Reitoria, dá uma bolsa para um aluno do Ensino Médio, primeiro segundo e terceiro colegial, nem sei se fala colegial ainda hoje. Eles recebem R\$ 100 para fazer uma pesquisa. O que é um pequeno braço ali da pesquisa do orientador, que é um professor da universidade. Tenho vários alunos, ou seja, desde o começo do PIBIC Ensino Médio eu sempre priorizei trabalhar com literaturas africanas, é uma forma de você levar essa literatura africana aos alunos da Rede Pública, é uma experiência bem legal.

Consigo trabalhar principalmente com a questão que me chama muito a atenção na literatura africana: o papel da criança, a questão da infância na literatura africana, escritores que trabalharam com essa questão da infância, o Mia Couto, o próprio Pepetela, vários, Ondjaki, vários desses escritores que trabalharam com... o Luandino, que é assim na minha opinião a maior descoberta que eu tive foi o Luandino, foi um alumbramento, um esclarecimento que clareou meu papel de leitor e de professor, o Luandino foi assim um escritor que tem uns contos que às vezes eu tento ler com os alunos e falo “gente, isso aqui é essencial, não leia nada, leia isso aqui”. Esse trabalho vai ser um trabalho despulverizado, ou seja, tem um trabalho de extensão, tem um grupo, eu tenho um projeto de extensão que é levar as Literaturas Africanas nas escolas, que foi interrompido por causa da pandemia, mas estava tudo certo, já tinha dois bolsistas que iam trabalhar com isso, mas é muito rarefeito.

E quanto à terceira pergunta, que é sobre professor Fernando Mendonça, não, eu não tenho conhecimento, eu sei que ele atuava com literatura portuguesa, mas não com literatura africana mais especificamente, então eu não tenho essa informação.

3 - Diante do ineditismo do tema nas universidades brasileiras, quais eram os caminhos para elaborar um plano de ensino nessa área? Como as obras eram apresentadas aos alunos?

Como elas são apresentadas? O plano ele foi elaborado, é interessante né que a gente passou por uma mudança de estrutura curricular muito recentemente e tudo mais e a gente fez, tentou fazer esse plano e quem de certa forma deu as cartas do plano né foi a Secretaria Estadual de Educação, ela que colocou literaturas africanas, ou seja, pelo que entendi ali de todas as discussões de conselho de curso, ela que puxou a disciplina para o primeiro ano, eu já acho isso um problema.

O plano ele é um, você tem o plano ali, o plano você tem que fazer ele meio de forma global também, o plano ele nunca vai refletir na verdade aquilo que você trabalha, você sempre vai ter uma discrepância no processo, uma perda entre o plano e aquilo que efetivamente se ensina na sala de aula, principalmente com literatura, com arte né, porque às vezes você cai para um caminho que o plano fica um pouco de lado. Eu gosto muito de Mia Couto, a tendência é eu puxar pro Mia Couto o plano, puxar para o Luandino, os claridosos de Cabo Verde ficam de lado, acabo escolhendo um deixando o outro de lado, assim esse plano fica um pouco desbalanceado. Eu acho que o plano ele cobre, ou seja, se a gente for ver ele como um documento ele cobre todo, tudo que a gente deveria estudar e tal, acho que no dia a dia isso tem algumas, algumas mudanças, algumas reformulações que a gente... você tem 15 encontros, se

you for ver o dia tal não vai ter aula porque tem paralisação, no outro dia não vai ter aula porque tem evento, mas eu não vou dispensar não, mas puxa não é de bom tom você não dispensar. Eu lembro que teve um ano, dois mil e pouco, teve a gripe, a greve e teve outra coisa com g que eu nem lembro. Então você tem todo esse aparato aí de aulas que elas não são substituídas, você vai perdendo essas aulas durante os 15 encontros, você tem que dar prova, trabalho, você tem que dar sua recuperação e assim sucessivamente. Eu acho que o plano ele cobre teoricamente, na prática talvez ele fique totalmente defasado. Ele fica defasado na minha opinião, primeiro porque ele está no primeiro semestre, acho que literatura africana, ela exige um leitor mais experiente, que ele tenha uma bagagem para entender ironia, para entender todo um processo de utilização da língua portuguesa, que serviu como instrumento de dominação, para você ver como essa língua portuguesa ela agora é usada como instrumento de mobilização, como instrumentos de perlaboração de todas essas dores, no sentido psicanalítico, toda essa história dolorosa que foi a história da colonização, o aluno tem que ter um processo de construção primeira, um repertório, saber d'*Os Lusíadas*, saber que *Os Lusíadas* por exemplo é uma obra que sendo a última epopeia do acidente é uma obra que usa como arma não a espada. Talvez se tivesse usado a espada seria muito mais tranquilo, seriam só dores físicas, mas ela usa a palavra. Você não vê o Vasco da Gama utilizando a espada, vê ele conversando com o rei de Melinde, com o Gigante Adamastor, vê ele conversando com todo mundo, por meio da palavra que existe todo um processo de dominação, ou seja, por meio da língua. Então você tem que ter um leitor mais experiente. No primeiro semestre, parece que apenas uma apresentação da literatura africana, parece que o que chama atenção é apenas o estético. Você lê o conto do Mia Couto "A última chuva do prisioneiro", você tem que estar ali percebendo o que existe nas entrelinhas, existe uma outra história sendo contada. A história do Saroiva, que a história de um cara que foi enforcado porque a Shell estava destruindo totalmente a Nigéria, ele era um ativista, um escritor, um biólogo, um cara fascinante que estava lutando contra isso. Então essa última chuva do prisioneiro que é enforcado é a história de um cara que estava lutando até pouco tempo, é da nossa época. Isso reduz um pouco a literatura africana, ela fica um pouco meio que um acessório, isso acontece com LIBRAS também, que oferecido on-line, de uma forma assim talvez sem continuação.

Agora, eu acho que a literatura africana deveria existir, tudo bem que seja no primeiro ano, mas ser desmembrado literatura angolana, literatura cabo-verdiana, mesmo sobre a forma de optativa. Para isso, a gente esbarra em um outro problema, não tem professor ou não tem dinheiro para contratar professor e sucessivamente. A gente tem até a legislação que fala sobre isso, que vai exigir isso, mas de certa forma a gente trabalha o mínimo do mínimo, isso me

incomoda, sabe, trabalhar com o mínimo do mínimo. O plano é global, é toda literatura cabo-verdiana, é toda literatura angolana, sendo que só Mia Couto já daria um curso, só um conto do Luandino já daria um curso, só um poema do Agostinho Neto já daria um curso inteiro, você poderia ficar 15 encontros discutindo Agostinho Neto. Então eu acho que essas amplitudes elas vão atrapalhando um pouco. Então as obras são apresentadas, no meu caso especificamente, só deixa eu fazer um adendo, eu gosto de trabalhar muito com conto, dentro do conto eu trago um poema, trago na lousa, escrevo um poema, já linco o conto com o poema e assim sucessivamente, dentro desse conto a gente vai lendo, vai falando de questões históricas questões existenciais, você acaba dentro de um livro que é um livro riquíssimo como *Contos do nascer da terra* do Mia Couto, você trabalha com um conto só, dois contos, Luanda você trabalha com um conto só. Tem as dificuldades do aluno que às vezes para ele o português escrito e falado em outros lugares parece que é outra língua, o aluno não quer ler mais e aí você tem esse problema, esse problema de que a leitura se tornou algo, uma tecnologia que é uma tecnologia um pouco obsoleta, parece que foi deixada de lado, ler um livro, ler uma obra. Lembro que estava discutindo *Terra Sonâmbula* uma vez, os alunos perguntaram, tem filme? Falei “olha, tem o filme, é péssimo, mas tem”. O filme parece que foi feito num celularzinho, mas dá para assistir, é ótimo você assistir desde que você tenha lido o livro, a riqueza do livro, ler parar refletir, é um livro também que não dá para você ler direto, você tem que, pera aí deixa eu parar refletir sobre isso, sobre aquilo, esse processo reflexivo acho que a gente perdeu isso não sei.

4 - Houve muita resistência por parte dos estudantes ou da instituição diante da disciplina dentro do curso? Como escolheu o suporte teórico para debater as questões literárias da disciplina? Percebe-se uma manutenção da bibliografia nos planos, por que isso ocorre?

Não, resistência não, acho que eu já até disse, é uma disciplina que ela fica ali, ela é solta porque ela não se encaixa dentro do curso de História, por exemplo, você não tem uma reflexão histórica, eu acho que a universidade é muito isolada, cada um faz a sua pesquisa, tem seus orientandos vai seccionando, são trabalhos solitários, o professor vai lá e faz o seu trabalho, escreve, às vezes você encontra, você não tem essa articulação, por exemplo, com professores de brasileira, não está ali conversando, olha o Castro Alves e o Agostinho Neto, olha todo o processo de construção da revista *Claridade* e a literatura brasileira, o Bandeira, todos esses escritores que estavam ali falando Jorge Amado, não existe escritores, eu até percebo que esses escritores desaparecem um pouco do currículo, que eu tenho mais contato. Então não tem

resistência, na verdade existe algo que é o contrário da resistência, é uma espécie de indiferença, eu queria que tivesse até resistência, resistência pressupõe que a gente vai discutir alguma coisa, a gente vai ter um debate, agora eu vejo que há uma indiferença, às vezes ninguém, mas isso é da própria estrutura universitária. Às vezes você conversa com um professor de outra universidade, estrangeiro, mas você não conversa com professor que está ali do seu lado. Os alunos da pós-graduação têm isso também, todos parecem que ficam meio isolados. Então esse isolamento não é como nas biológicas, essa coisa de bancada, reunir todo mundo e falar, olha a minha pesquisa, a gente está estudando uma mosca, a gente estuda um pedacinho aqui você ali e a gente vai compondo todo um panorama. Nas humanas não, parece que a gente tem esse problema de linguagem, de comunicação um com o outro. Os alunos também não, trabalho com aluno de 1º ano, aluno de 1º ano é o aluno que não precisa de muita mágica, você tira um coelho da cartola ele já se admira, nossa que legal, nunca tinha visto isso antes. Você puxa Mia Couto, eles choram com Mia Couto, eu falei “gente... tem aquele conto ‘O dia que explodiu M’bata Bata’”, um conto que eu gosto de trabalhar com eles, eles choram, eu falo “gente, o menino explodiu!”, não é para você ficar aí não, mas é tão lindo né, não é lindo não, é trágico, ou seja, um menino tá em pedaços. E aí você percebe que existe uma boa aceitação, acho que a literatura, principalmente essa literatura de contos, a literatura mais curta, essa literatura que trabalha com infância e com os problemas de todos nós, os problemas de ter um lugar, um espaço, de ser reconhecido das nossas carências, das nossas angústias, dos nossos vazios existenciais, a literatura africana ela trabalha muito isso, ela não desloca o leitor para um mundo à parte, ela coloca o leitor no mundo que a gente está vivendo.

Você tem muita aceitação para o aluno do primeiro ano, para eles é uma descoberta, nossa eu nem sabia que Angola existia, nem sabia que Moçambique existia, nem sabia que eles falavam português. Então acho que essa coisa assim, a gente conhece muito mais os Estados Unidos do que a gente conhece sobre a África, a gente tem uma vinculação com a África assim de irmandade, para gente a Espanha interessa muito mais, para a gente sei lá, mas eu não tive resistência. O suporte teórico o que acontece, a gente tem que escolher, existe um número restrito de obras, você poderia modificar? Poderia, mas aí você pensa ‘poxa, eu conheço o Abdala, a Tânia, a Maria Aparecida Santilli, que eu coloco bastante, se eu não coloco o aluno não vai ler’, o Pires Laranjeira se eu não colocar ali, ele nunca vai saber que o Pires Laranjeira existiu, o que me incomodaria bastante, ele não saber que Maria Aparecida Santilli não vai aparecer em lugar nenhum, ali você tem que colocar. É como você pensar que livro levaria para uma ilha deserta, tem uma mala inteira, mas você só pode levar três ou quatro, também tem essa restrição, você tem que colocar quatro. Tem outra restrição, tem que ter volumes na

biblioteca, você não pode colocar um livro mais atual porque é toda uma burocracia para comprar o livro. Está entendendo como universo ele... você tem uma certa liberdade, mas é uma liberdade desde que você tenha certos requisitos, é muito mais fácil você ir lá na biblioteca e falar “olha, tem seis livros do Benjamin Abdala”, já vai ser básico, eu tenho 80 alunos de manhã e 80 à noite, também é uma coisa assim que a gente não se assusta por aqui, você vê que essas escolhas você é muito mais levado a escolher. É claro que no meio do curso você fala “olha, gente, tem um certo teórico aqui, está falando sobre isso e tal, você vai sendo levado, mas esse suporte teórico, ele acaba se repetindo porque existe a obra, porque também ela é o essencial do essencial, você tem que colocar, você também está lendo aquilo, você vai colocando outras coisas no decorrer, mas existe uma certa restrição.

5 - Olhando o cenário das discussões sobre literaturas nos cursos de Letras, onde o(a) senhor(a) situaria as literaturas africanas nesse processo? Como analisa a permanência há mais de 20 anos da disciplina no curso de Letras da UNESP-Assis?

Olha, eu vejo que ela teve um auge aqui, que a gente já foi referência aqui com a Tânia, com R., a gente já teve toda essa... esse primeiro passo de você ser um dos primeiros, uma das primeiras universidades a discutir literaturas africanas, acho que isso foi extremamente importante. A gente teve um processo de manutenção disso, o professor R. nos últimos anos que ele atuou na graduação, ele tinha, ele conseguia uma coisa assim muito legal, eu via no R., ele juntava os alunos dele no período da tarde para discutir um texto teórico. Isso aí, foi o único professor que eu vi fazer isso, tinha um grupo de leitura, um grupo de estudo, isso parece tão simples, mas não, isso é demais, você começa a perceber que isso afetava construção da tese de um aluno, afetava a de um aluno que sabia mais, compartilhar o seu saber com o aluno que sabia menos, que escrevia e tinha pouca leitura, tinha contato com esse que tinha mais, tinha uma espécie de troca, um estava estudando uma coisa o outro outra, isso não existe mais, claro que até mesmo por causa da pandemia.

O Congresso de Africanas foi R. que implementou o Congresso foi um momento importante, a gente teve claro que também no país, no mundo, uma visão diferente politicamente falando, você tinha talvez esse otimismo, que a gente perdeu um pouco hoje, a gente vê a política, a gente vê o mundo, a gente sente um pouco pessimista, parece que aquelas pessoas que tinham certos preconceitos, tinham certos ressentimentos, elas saíram agora para empurrar os outros, olha é isso, é aquilo e tudo mais.

O Congresso de Iniciação Científica ele nasce no auge desse otimismo, a questão das cotas, que foram extremamente importantes para as universidades, abertura de várias universidades, a saída de muitos pobres para uma nova classe social, isso também a gente nunca tinha visto, tantas pessoas com cota, com problemas sociais de morar em comunidade, elas entrando na universidade. A literatura africana teve esse auge, essa importância quando essas pessoas começaram a entrar na universidade. Você começa a ter uma democratização da universidade para as pessoas que até então não tinham oportunidade. A universidade era uma coisa muito elitizada, quando eu era estudante era assim, era uma coisa elitizada, para você ter uma ideia, na minha sala não tinha nem negro, nada, isso não assustava ninguém, isso que era incrível, hoje não, hoje você tem uma maior diversidade na sala de aula. Uma outra universidade, diversidade racial, diversidade afetiva, diversidade disso e diversidade daquilo, isso hoje é mais importante. Nesse sentido, eu acho que a literatura africana, ela entrou, eu acho que não só a literatura africana, mas hoje a literatura e a arte ela sai de palco, ela não é mais a pauta principal. Vejo que se existisse, a literatura africana só existe em nosso currículo porque ela é uma obrigação legal, assim como LIBRAS, se não fosse, possivelmente, ela seria uma disciplina optativa, olha vamos colocar essa disciplina, sei lá vamos oferecer essa disciplina como curso de extensão. Hoje a gente passa por um processo que é um processo talvez social e talvez econômico, talvez até mundial de reafirmação desses valores que essas disciplinas trazem, as Literaturas Africanas não é discutir apenas Literaturas Africanas, quem discute Literaturas Africanas somente é tão alienado quanto quem não discute. A literatura africana ela faz, ela tem que ser uma espécie de pretexto, entre aspas, para discutir outras questões e dentro dessas questões, como que esteticamente isso é discutido, questões sociais, questões econômicas, questões várias, questões de racismo, questões de preconceito, acho que ela tem que estar ali muito presente, porque isso está presente na sociedade, talvez de uma forma menor em determinadas épocas, maior em outras, mas está presente.

A gente tem que estar sempre vigilante, a literatura é uma forma de a gente ver que essas questões precisam ser debatidas, pra gente também mudar nossa percepção, nos tornamos mais esclarecidos, o Kant falava isso, do esclarecimento, sair da nossa minoridade, sair da nossa... da nossa pequenez. Hoje é um trabalho solitário o que eu faço aqui. Eu, a gente não tem aqui. A USP, recentemente eu fui lá, antes da pandemia, na avaliação de curso, você ver o que eles têm de literatura angolana é praticamente um curso, é um número de professores que a gente tem de todo um extinto departamento de literatura. Hoje você ainda não tem um departamento de literatura, hoje foi fundido, o departamento virou DELLE o nome, Departamento de Estudos Linguísticos e Literários e Educação, é uma forma de perder ainda mais a identidade, não é

apenas a literatura africana que está fora de pauta, é a literatura que está fora de pauta, é a educação que está fora de pauta, é o ensino de arte que está fora de pauta. Tirar tudo isso de pauta é um processo, talvez, eu não sei se é um projeto orquestrado, mas eu vejo que existe toda essa ideia de você sempre diluir toda uma arte, toda uma literatura, acho que é o momento passageiro, logo a gente modifica.

A gente tem que fazer um trabalho de formiga, tem que fazer o trabalho, se a disciplina é obrigatória, então faça da melhor forma possível, aproveite cada minuto, tem a oportunidade de ter projetos com rede pública, faça projetos com a rede pública, coisa que a universidade também não está muito acostumada, existe um fosso tão grande entre a universidade e a escola. Você percebe bem isso, parece que é outro universo. Quando meus alunos do primeiro ano “olha dá aula aqui é fácil, da aula na USP é fácil, quero ver você dá aula numa quinta série, isso que é difícil”, ali você tem a medida do bom professor, você dar uma disciplina específica para um público de um curso específico, agora quero ver você dar uma disciplina que é específica para um público rarefeito que, às vezes, só quer ficar andando na sala e tudo mais, é com esse pessoal que a gente tem que começar a conversar, a dialogar. Acho que o PIBIC Junior, o PIBIC Ensino Médio favorece isso, projetos extensão favorece isso, são coisas menos valorizadas, parece que publicar um artigo na universidade é muito mais importante, dá muito mais *status*, ilustra muito mais o brilho do pesquisador, que você ser um bom professor, ser um bom... um bom organizador dessas parcerias com a escola pública.

Eu vou contar a história do Clauber, meu orientando, meu primeiro orientando de africanas, Iniciação Científica. O Clube fui dar uma optativa sobre literaturas africanas, fui falar de vários livros e tudo mais, falei sobre o livro *Portagem*, um o livro daquela coleção Ática. Falei *Portagem* é um livro ruim, eu não gostei do livro, achei muito previsível, não é o melhor da coleção, falei “olha, tem essa coleção eu tenho um livro”, mostrei pra ele mostrei *Luuanda* da mesma coleção, mostrei pra eles, no final da aula Clauber que estava no quarto ano falou “olha, eu queria fazer uma Iniciação Científica, eu gostei do enredo de *Portagem*”, eu falei “vai lá ler o livro”, emprestei o livro pra ele, você não vai gostar, mas tudo bem, depois a gente escolhe outro livro, aconteceu que ele adorou o livro, eu falei “puxa”, ele adorou começou a fazer uma iniciação científica com esse livro, como estava no quarto, ele deixou o projeto para o mestrado, ele fez um projeto, foi a fundo no livro, mostrou como que o livro na verdade estava inserido dentro de uma tradição de diálogo, ele mostrou toda a riqueza do livro. A gente estava falando sobre doutorado, falando olha você poderia trabalhar isso, ele falou olha eu queria trabalhar com outro livro da coleção, falei por que você não trabalha a coleção inteira, reconta a história da coleção, estava falando isso porque eu na verdade queria que ele trabalhasse com

a coleção da Odebrecht, não sei se você viu já, tem uma coleção de literaturas africanas que a Odebrecht fez quando ela começou a ter parceria com os países africanos, Moçambique e Angola, eles começam um processo de reconstrução ali depois da guerra civil, eles fazem uma coleção de livros. Falei “por que que você não trabalha com essa coleção”, ele disse “talvez com a da Ática”, ele foi pra coleção da Ática, conheceu o Mourão, chegou no momento que ele sabia dez vezes mais que eu, chegou no momento que ele sabia 100 vezes mais do que eu, falei “Clauber, é isso”, ele passou em concurso em um Instituto Federal do Rio de Janeiro. O projeto dele tinha mais um ano de bolsa, imagina sem um de bolsa ele já fez tudo aquilo, imagina com mais um ano?

Nisso o Mourão morreu, o cara que tinha todo um acervo, possivelmente o Clauber iria organizar todo esse acervo, e a gente tentou, para você ter uma ideia, a gente tentou trazer todo o acervo do Mourão aqui para universidade, para Unesp de Assis, onde a gente esbarrou, mas a gente não tem jeito para pagar passagem, pagar gasolina, a gente ia trazer para o CEDAP, falei “gente, olha eu vou lá buscar, mas aí sabe não, mas será que será?” Nisso Mourão morreu e a gente perdeu, talvez, um dos acervos mais ricos de toda a história da literatura africana no Brasil, com certeza a gente perdeu esse acervo. É triste, né? O Clauber é resultado disso, de uma aula, de um livro, de um comentário do livro e tudo mais, imagina se você tivesse um centro, incentivos, se você tivesse uma equipe, mas você tem coisas muito isoladas, atitudes isoladas e editais isolados.

6 - Há algum ponto que não mencionei que gostaria de acrescentar sobre o ensino de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa?

Acho que um ponto que eu acho importante, acho que já disse a questão dela está no primeiro semestre. Outro ponto de que você não tem outros professores, acho que seria muito, muito rico pro curso você ter um professor negro dando aula de literaturas africanas, acho isso importante, porque é a pessoa que já tem uma história, uma pessoa que já tem uma vivência de mundo, por exemplo, diferente. Me considero uma espécie de estudioso da literatura africana, eu gosto, é uma coisa que me chama muita atenção, a cultura, a pintura, a música, mas eu acho que isso daria mais força, daria mais peso para a disciplina, mais identidade para a disciplina. Trazer também mais profissionais de literaturas africanas, de linguística, das áreas de educação da África, como professores visitantes, a gente ter mais parcerias com essas universidades. Vejo que a África tem muita parceria com a Europa, até mesmo com a USP, mas a gente fica meio isolado, a gente está meio desmapeado, Assis é um lugar meio difícil de chegar, está meio

fora do mapa, não sei se isso também dificulta esse processo. Talvez criar um centro, mas para criar um centro, uma linha de pesquisa, isso também demandaria equipe, então tudo esbarra em financiamento, acho que hoje a gente não tem esse financiamento, esse apoio, lembro que o professor R. tentou. Ele e os orientandos dele, eu era chefe de departamento na época, a gente tentou ter uma sala para nós colocarmos o acervo de literaturas africanas, mas a gente não conseguiu uma sala, porque você não tem prédio, você não tem estrutura para conseguir essa sala. A gente esbarra em tudo isso e aí a gente vai fazendo o individual, você fazendo sua pesquisa que eu acho extremamente importante, você trabalhar com currículo porque você vai perceber que você não está só trabalhando com currículo, o currículo é só a ponta que se mostra. Você vai ver que falta estrutura, que falta biblioteca específica, vai ver que falta mão de obra, faltam essas conexões internacionais, mesmo nacionais, você vai vendo que o currículo talvez seja a coisa mais visível, mas por trás desse currículo existe todo um contexto.

ANEXO E – Programas da disciplina

Unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

CAMPUS DE ASSIS 004992

FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

PROJ. Nº	1743
PROJ. Nº	1743
PROJ. Nº	1743

PR. 1743

Assis, 16 de outubro de 1997.

À
Seção de Comunicações:

Pelo presente, solicito a abertura do seguinte processo:

Interessado: CÂMPUS DE ASSIS

Assunto: Programas das disciplinas do Curso de Letras, para o ano letivo de 1998.

Sendo só para o momento, subscrevo-me

Atenciosamente,


Robson Rodrigues Arantes
Chefe de Seção (Subst.)



Unesp



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

CÂMPUS DE ASSIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

PROGRAMA DAS DISCIPLINAS, ESTÁGIOS, TRABALHO DE GRADUAÇÃO

UNIDADE UNIVERSITÁRIA				
FCL - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS				
CURSO				
LEL - LETRAS LICENCIATURA				
HABILITAÇÃO				
LICENCIATURA				
OPÇÃO				
DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL				
LIT - LITERATURA				
ANO LETIVO				
1999				
IDENTIFICAÇÃO				
CÓDIGO	DISCIPLINA OU ESTÁGIO			SERIAÇÃO IDEAL
LIT0270	LITERATURAS AFRICANAS DE LINGUA PORTUGUESA			4 DN
OBRIG/OPT/EST	Pré e Co-Requisitos			ANUAL/SEMESTRAL
OP	LIT0238 - TEORIA DA LITERATURA I			AN
CREDITOS	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA			CARGA HORÁRIA TOTAL
	TEÓRICA	PRÁTICA	TEOR/PRAT	OUTRAS
4	0	0	40	20
NÚMERO MÁXIMO DE ALUNOS POR TURMA:				
AULAS TEÓRICAS	AULAS PRÁTICAS	AULAS TEOR/PRAT	OUTRAS	
0	0	20	20	
OBJETIVO (Ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de:)				
<p>O curso proporcionará ao aluno o conhecimento da prosa e da poesia contemporâneas dos países africanos de língua portuguesa, bem como uma reflexão sobre o fazer literário nos países submetidos à colonização.</p> <p>O curso propiciará a reflexão sobre a produção artística no quadro do macro-sistema das literaturas de língua portuguesa.</p>				
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (título e discriminação das unidades)				
<p>1. Angola: Textos e contexto</p> <p>1.1. O conto e a poesia contemporâneos de Angola</p> <p>2. Cabo Verde: Textos e contexto</p> <p>2.1. O conto e a poesia contemporâneos de Cabo Verde</p> <p>3. Moçambique: Textos e contexto</p> <p>3.1. O conto e a poesia contemporânea de Moçambique</p> <p>4. São Tomé e Príncipe: Textos e contexto</p> <p>4.1. A poesia de São Tomé e Príncipe</p>				

Unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CÂMPUS DE ASSIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

FOLHA: 180
PP. 1. 1998
Ume

METODOLOGIA DE ENSINO
<ol style="list-style-type: none"> 1. Aulas teórico-práticas 2. Debates 3. Seminários 4. Leitura, análise e interpretação de textos 5. Orientação de trabalhos individuais, monografias no final do ano letivo.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
<p>ABDALA JÚNIOR, Benjamin. <i>Literatura, história, política</i>. São Paulo: Ática, 1992.</p> <p>ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. <i>REPENSANDO A AFRICANIDADE</i>, I, 1994, Niterói. Anais. Niterói: UFF, 1994.</p> <p>CHAVES, Rita de Cássia. <i>Entre intenção e gesto: a formação do romance angolano</i>. São Paulo: FFLCH, 1993. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1993.</p> <p>FERREIRA, Manuel. <i>No reino de cádmio</i>. 3 ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.</p> <p>MACEDO, Tania. <i>Da fronteira do asfalto aos caminhos da liberdade</i>. São Paulo: FFLCH, 1999. Tese de doutoramento (texto fotocopiado).</p> <p>MENDONÇA, F. e SAUTE, N. <i>Antologia da moderna antologia moçambicana</i>. Maputo: UEM, 1995.</p> <p>SANTILLI, M. A.. <i>Estórias africanas. História e antologia</i>. São Paulo: Ática, 1995.</p> <p>SOLSA E SILVA, Manuel. <i>Do alheio ao próprio</i>. São Paulo: EDUSP, 1997.</p>
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM
<p>As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade docente e o conceito final será a média ponderada entre as avaliações realizadas nos primeiro e segundo semestres (peso 5) e um trabalho monográfico final (peso 4).</p>
EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)
<p>Os alunos serão introduzidos ao universo das literaturas africanas de língua portuguesa através do estudo de obras de autores angolanos, caboverdianos, moçambicanos e santomenses.</p> <p>Será realizada uma reflexão teórica sobre o fazer literário nos países periféricos e sobre o macro-sistema das literaturas em português.</p>

APROVAÇÃO		PROFESSOR(ES) RESPONSÁVEL(ÉIS)
CONSELHO DE CURSO	CONGREGAÇÃO	NOME: Tania C. de Macêdo
7.9 NOV. 1998	7.2 NOV. 1998	ASSINATURA: <i>Tania C. de Macêdo</i>



PROGRAMA DAS DISCIPLINAS, ESTÁGIOS, TRABALHO DE GRADUAÇÃO

UNIDADE UNIVERSITÁRIA					
FCL - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS					
CURSO					
LEL - LETRAS LICENCIATURA					
HABILITAÇÃO					
LICENCIATURA					
OPÇÃO					
DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL					
LIT - LITERATURA					
ANO LETIVO					
2000					
IDENTIFICAÇÃO					
CÓDIGO	DISCIPLINA OU ESTÁGIO				SERIAÇÃO IDEAL
LIT0270	LITERATURAS AFRICANAS DE LINGUA PORTUGUESA				4 DM
OBRIG/OPT/EST	Pré e Co-Requisitos				ANUAL/SEMESTRAL
OP	LIT0238 - TEORIA DA LITERATURA I				AN
CRÉDITOS	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA				CARGA HORÁRIA TOTAL
4	TEÓRICA	PRÁTICA	TEOR/PRAT	OUTRAS	60
	0	0	40	20	
NÚMERO MÁXIMO DE ALUNOS POR TURMA:					
AULAS TEÓRICAS	AULAS PRÁTICAS	AULAS TEOR/PRAT	OUTRAS		
0	0	20	20		
OBJETIVO (Ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de:)					
<p>O curso proporcionará ao aluno o conhecimento da prosa e da poesia contemporâneas dos países africanos de língua portuguesa, bem como uma reflexão sobre o fazer literário nos países submetidos à colonização.</p> <p>O curso propiciará a reflexão sobre a produção artística no quadro do macro-sistema das literaturas de língua portuguesa.</p>					
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (título e discriminação das unidades)					
<p>1. Angola: Textos e contexto</p> <p>1.1. O conto e a poesia contemporâneos de Angola</p> <p>2. Cabo Verde: Textos e contexto</p> <p>2.1. O conto e a poesia contemporâneos de Cabo Verde</p> <p>3. Moçambique: Textos e contexto</p> <p>3.1. O conto e a poesia contemporânea de Moçambique</p> <p>4. São Tomé e Príncipe: Textos e contexto</p> <p>4.1. A poesia de São Tomé e Príncipe</p>					

Unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
CÂMPUS DE ASSIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

PROVA N.º 203
 DOC 1254/98
 AP

METODOLOGIA DE ENSINO
<ol style="list-style-type: none"> 1. Aulas teórico-práticas 2. Debates 3. Seminários 4. Leitura, análise e interpretação de textos 5. Orientação de trabalhos individuais, monografias no final do ano letivo
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
<p>ABDALA JÚNIOR, Benjamin. <i>Literatura, história, política</i>. São Paulo: Ática, 1992.</p> <p>ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. <i>REPENSANDO A AFRICANIDADE</i>. 1. 1994. Niterói: Anac Niterói: UFF, 1994.</p> <p>CHAVES, Rita de Cássia. <i>Entre intenção e gesto: a formação do romance angolano</i>. São Paulo: FFLCH, 1993. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1993.</p> <p>FERREIRA, Manuel. <i>No reino de calabar</i>. 3 ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.</p> <p>MACEDO, Tania. <i>Da fronteira do estivo aos caminhos da liberdade</i>. São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento (texto fotocopiado).</p> <p>MENDONÇA, F. e SAUTE, N. <i>Antologia da moderna antologia moçambicana</i>. Maputo: UEM, 1995.</p> <p>SANTILLI, M. A. <i>Estórias africanas. História e antologia</i>. São Paulo: Ática, 1985.</p> <p>SOUZA E SILVA, Manuel. <i>Do alheio ao próprio</i>. São Paulo: EDUSP, 1997.</p>
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM
<p>As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade discente e o conceito final será a média ponderada entre as avaliações realizadas nos primeiro e segundo semestres (peso 6) e um trabalho monográfico final (peso 4).</p>
EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)
<p>Os alunos serão introduzidos ao universo das literaturas africanas de língua portuguesa através do estudo de obras de autores angolanos, cabo-verdeanos, moçambicanos e santomenses.</p> <p>Será realizada uma reflexão teórica sobre o fazer literário nos países periféricos e sobre o macro-sistema das literaturas em português.</p>

APROVAÇÃO		PROFESSOR(ES) RESPONSÁVEL(ES)
CONSELHO DE CURSO	CONGREGAÇÃO	NOME: Tania C. de Macedo
10 / 02 / 99	18 / NOV / 1998	ASSINATURA: 

Unesp



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CÂMPUS DE ASSIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

PLANO n.º 210
PROJ. 11/2010
11

PROGRAMA DAS DISCIPLINAS, ESTÁGIOS, TRABALHO DE GRADUAÇÃO

UNIDADE UNIVERSITÁRIA					
FCL - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS					
CURSO					
LEL - LETRAS LICENCIATURA					
HABILITAÇÃO					
LICENCIATURA					
OPÇÃO					
DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL					
LIT - LITERATURA					
ANO LETIVO					
2001					
IDENTIFICAÇÃO					
CÓDIGO	DISCIPLINA OU ESTÁGIO			SÉRIÇÃO IDEAL	
LIT02 69	LITERATURA PORTUGUESA (OPÇÃO)			4. DN	
OBRIG/OPT/EST	Pré e Co-Requisitos			ANUAL/SEMESTRAL	
OP	LIT02 38 - TEORIA DA LITERATURA I			AN	
CRÉDITOS	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA				CARGA HORÁRIA TOTAL
4	TEÓRICA	PRÁTICA	TEOR/PRAT	OUTRAS	60
	0	0	40	20	
NÚMERO MÁXIMO DE ALUNOS POR TURMA:					
AULAS TEÓRICAS	AULAS PRÁTICAS	AULAS TEOR/PRAT	OUTRAS		
0	0	20	20		
OBJETIVO (Ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de:)					
<p>O curso pretende analisar as relações entre literatura e história (sobretudo a questão do Império) na obra de dois autores fundamentais da Literatura Portuguesa: Camões e Eça de Queirós e nas literaturas africanas de língua portuguesa de Angola, Moçambique e Cabo Verde.</p>					
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (título e discriminação das unidades)					
<ol style="list-style-type: none"> 1. Luís de Camões – Os Lusíadas e a constituição de uma história triunfal de conquista da pátria e da língua. 2. A Ilustre casa de Ramires: ficção e história. 3. Angola: textos e contexto. 4. Cabo Verde: textos e contexto. 5. Moçambique: textos e contexto. 					
METODOLOGIA DE ENSINO					
<ol style="list-style-type: none"> 1. Aulas teórico-práticas. 2. Debates 3. Seminários 4. Leitura, análise e interpretação de textos. 					

NOTA: 4,0/10
PROF: [assinatura]
[assinatura]

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- AREALA, JUNIOR, Benjamin. *Literatura, história, política*. São Paulo: Ática, 1992.
- BERNARDINELLI, Cleonice. *Estudos Camõesianos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- BERNINI, Beatriz (org.). *A última casa de Ramires: cem anos*. São Paulo: EDUC/PAESP, 2000.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas* (Org. Emanuel Paulo Ramos). Porto: Porto, 1997.
- _____. *Os Lusíadas* (comentado por Francisco de Sá Nova e Sousa). Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1981.
- CHAVES, Rita de Cássia. *A formação do romance angolano*. São Paulo: Via Atlântica, 2000.
- FERRERA, Manuel. *No reino de Caliban*. 3. ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.
- DICIONÁRIO DE EÇA DE QUEIROZ (Org. e coord. A. Campos Matos). 2.ed. Lisboa: Caminho, 1993.
- ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. REPELSANDO A AFRICANIDADE, 1, 1994, Niterói. Anais. Niterói: UFF, 1994.
- FEITOSA, Rosane Gazolla Alves. *Eça de Queiroz: realismo português e realidade portuguesa*. São Paulo: HMP Arte & Cultura, 1995. (Universidade Aberta, 6).
- MACEDO, Tania. *Da fronteira do colosso aos caminhos da liberdade*. São Paulo: FFLCH, 1999. Tese de doutoramento (tese polivalente).
- MEDINA, João. *Gonçalo Mendes Ramires, personagem hamletico*. In: _____. *Eça político*. Lisboa: Saara Nova, 1974. p.89-112.
- MENDONÇA, F. e SAUTE, N. *Antologia de moderna antologia moçambicana*. Maputo: UEM, 1995.
- QUEIROZ, Eça de. *A última casa de Ramires*. In: _____. *Obras de Eça de Queiroz*. Porto: Lello & Irmão, 1979. v.1 p.1177-429.
- REIS, Carlos. *Estetismo e perspectivas do narrador na ficção de Eça de Queiroz*. 3. ed. Coimbra: Alameda, 1994.
- SANTILLI, Maria Aparecida. *Estórias africanas. História e antologia*. São Paulo: Ática, 1985.
- SOUZA E SILVA, Manuel. *Do efeito ao próprio*. São Paulo: EDUSP, 1997.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade docente e o conceito final será a média ponderada entre as avaliações realizadas no 1º e no 2º semestres.

EMENTA. (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)

O curso abordará as principais linhas-de-força da ficção portuguesa contemporânea e das literaturas africanas de língua portuguesa, defendendo-se sobretudo nos textos em que se desenha a relação Literatura e História.

Serão ainda realizadas leituras teóricas sobre a relação Literatura e História, iluminando, de diversas perspectivas teóricas, a questão.

PROGRAMA DAS DISCIPLINAS, ESTÁGIOS, TRABALHO DE GRADUAÇÃO

UNIDADE UNIVERSITÁRIA				
FCL - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS				
CURSO				
LEL - LETRAS LICENCIATURA				
HABILITAÇÃO				
LICENCIATURA				
OPÇÃO				
DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL				
LIT - LITERATURA				
ANO LETIVO				
2001				
IDENTIFICAÇÃO				
CURSO	DISCIPLINA DO ESTÁGIO			SERIAÇÃO IDEAL
LIT0207	LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA - OPÇÃO			4.0/0
OBRIGATORIEDADE	PRÉ E CO-REQUISITOS			ANUAL/SEMESTRAL
OP	LIT0207 - TEORIA DA LITERATURA I			AN
CREDITOS	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA			CARGA HORÁRIA TOTAL
	TEÓRICA	PRÁTICA	TEOR/PRAT	OUTRAS
4	0	0	40	20
NÚMERO MÁXIMO DE ALUNOS POR TURMA				
AULAS TEÓRICAS	AULAS PRÁTICAS	AULAS TEOR/PRAT	OUTRAS	
0	0	20	20	
DELETIVO (Ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de):				
<p>O curso pretende analisar as relações entre literatura e história (sobretudo a questão do Império) na obra de dois autores fundamentais da Literatura Portuguesa: Camões e Eça de Queiroz e nas literaturas africanas de língua portuguesa de Angola, Moçambique e Cabo Verde.</p>				
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (título e discriminação das unidades)				
<ol style="list-style-type: none"> 1. Luís de Camões - Os Lusíadas e a constituição de uma ficção mundial de conquista da pátria e da língua. 2. A veste casta de Ramires: ficção e história. 3. Angola: textos e contexto. 4. Cabo Verde: textos e contexto. 5. Moçambique: textos e contexto. 				
METODOLOGIA DE ENSINO				
<ol style="list-style-type: none"> 1. Aulas teórico-práticas 2. Debates 3. Semelância 4. Leitura, análise e interpretação de textos. 				
BIBLIOGRAFIA BÁSICA				

Unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CÂMPUS DE ASSIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

PROVA n.º 24 8
Data: 14/05/2011
Assinatura: _____

ABDALA JUNIOR, Marjaneia. *Literatura, história, política*. São Paulo: Ática, 1990.
 BERARDINELLI, Cleonice. *Castelão Camões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
 BERRINI, Beatriz (org.). *A outra casa de Ramires: dois sécs.* São Paulo: EDUCRABESP, 2000.
 CAMÕES, Luís de. *De Lusitania* (Org. Emanuel Paulo Ramos). Porto: Porto, 1993.
 _____. *De Lusitania* (construído por Francisco de Sá e Távora). Rio de Janeiro: Edição de Ouro, s/d.
 CHAVES, Rita de Cássia. *A formação do romance português*. São Paulo: Via Ártica, 2000.
 FERREIRA, Manuel. *Os versos de Camões*. 3. ed. Lisboa: Pittara, 1985. 3v.
 DICIONÁRIO DE EÇA DE QUEIROZ (Org. e coord. A. Campos Mateu). 2.ed. Lisboa: Camões, 1993.
 ENCONTRO DE PROFESSORES DE LINGUAGENS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. *REPENSANDO A AFRICANIDADE*. I, 1994, Natal: Associação UFRN, 1994.
 FEITOSA, Rosane Gazella Alves. *Eça de Queiroz: realismo português e realidade portuguesa*. São Paulo: NUP Arte & Cultura, 1996. (Universidade Aberta, 6)
 MACÉDO, Tania. *Os fronteiros do estêilo aos cantos de liberdade*. São Paulo: FFLCH, 1989. Tese de doutoramento (ficha fotográfica).
 MEDINA, João. *Gonçalo Mendes Ramires, personagem histórica*. In _____. *Eça e outros*. Lisboa: Seara Nova, 1974. p.88-112.
 MENDONÇA, F. e SAUTE, N. *Antologia de modernismo português*. Maputo: UEM, 1995.
 QUEIROZ, Eça de. *A outra casa de Ramires*. In _____. *Os versos de Eça de Queiroz*. Porto: Leto & Irmão, 1979. v.1 p.117-409.
 REIS, Carlos. *Estêilo e perspectivas do narrador no Eça de Queiroz*. 3. Ed. Coimbra: Alameda, 1984.
 SANTILLI, Maria Aparecida. *Estórias africanas: História e antologia*. São Paulo: Ática, 1985.
 SOUSA E SILVA, Manuel. *Do afeio ao próprio*. São Paulo: EDUCSP, 1997.

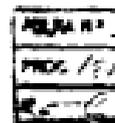
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade docente e o conceito final será a média entre as avaliações realizadas no 1º e no 2º semestres.

EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)

O curso abordará os principais textos de Eça de Queiroz em português contemporâneo e das literaturas africanas de língua portuguesa, tendo-se sobretudo em conta em que se desenha a relação Literatura e História.

APROVAÇÃO		PROFESSORES RESPONSÁVEIS
CONSELHO DE CURSO	CONGREGAÇÃO	NOME: Rosane Gazella Alves Feitosa ASSINATURA: 
18/11/2011	14/11/2011	NOME: Tania Cecília de Macedo ASSINATURA: 



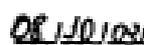
PROGRAMA DAS DISCIPLINAS, ESTÁGIOS, TRABALHO DE GRADUAÇÃO

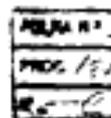
UNIDADE UNIVERSITÁRIA				
FCL - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS				
CURSO				
LEL - LETRAS LICENCIATURA				
HABILITAÇÃO				
LICENCIATURA				
OPÇÃO				
DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL				
LIT - LITERATURA				
ANO LETIVO				
2003				
IDENTIFICAÇÃO				
CÓDIGO	DISCIPLINA OU ESTÁGIO			SERIAÇÃO IDEAL
LIT0297	LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA- (OPÇÃO)			4, 0/N
OBRIG/OPT/EST	Pré e Co-Requisitos			ANUAL/SEMESTRAL
OP	LIT0285 - TEORIA DA LITERATURA I			AN
CREDITOS	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA			CARGA HORÁRIA TOTAL
4	TEÓRICA	PRÁTICA	TEOR/PRAT	OUTRAS
	0	0	40	20
NÚMERO MÁXIMO DE ALUNOS POR TURMA:				
AULAS TEÓRICAS	AULAS PRÁTICAS	AULAS TEOR/PRAT	OUTRAS	
0	0	40	20	
OBJETIVO (Ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de:)				
<p>O curso pretende analisar as relações entre literatura e história (sobretudo a questão do Império) na obra de dois autores fundamentais da Literatura Portuguesa: Camões e Eça de Queirós e nas literaturas africanas de língua portuguesa de Angola, Moçambique e Cabo Verde.</p>				
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (título e discriminação das unidades)				
<ol style="list-style-type: none"> 1. Luís de Camões - Os Lusíadas e a constituição de uma história triunfal de conquista da pátria e da língua. 2. A ilustre Casa de Ramires: ficção e história. 3. Angola: textos e contexto. 4. Cabo Verde: textos e contexto. 5. Moçambique: textos e contexto. 				
METODOLOGIA DE ENSINO				
<ol style="list-style-type: none"> 1. Aulas teórico-práticas 2. Debates 3. Seminários 4. Leitura, análise e interpretação de textos. 				
BIBLIOGRAFIA BÁSICA				

Unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CÂMPUS DE ASSIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

FORM 11/90
PROF 11/90
1

<p>ABDALA JÚNIOR, Benjamin. <i>Literatura, história, política</i>. São Paulo: Ática, 1992.</p> <p>BÉRARDINELLI, Cleonice. <i>Estudos camonianos</i>. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.</p> <p>BERRINI, Beatriz (Org.) <i>Eça de Queiroz: A Austro Casa de Ramires- cem anos</i>. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2000.</p> <p>CAMÕES, Luis de. <i>Os Lusíadas</i> (Org. Emanuel Paulo Ramos). Porto: Porto, 1997.</p> <p>_____. <i>Os Lusíadas</i> (comentado por Francisco da Silveira Bueno). Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d.</p> <p>CHAVES, Rita de Cássia. <i>A formação do romance angolano</i>. São Paulo: Via Atlântica, 2000.</p> <p>FERREIRA, Manuel. <i>No reino de Camões</i>. 3.ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.</p> <p>MATOS, A. Campos (Org. e Coord.) <i>Dicionário de Eça de Queiroz</i>. 2.ed. Lisboa: Caminho, 1993.</p> <p>ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, REPENSANDO A AFRICANIDADE, 1., 1994, Niterói: Anais... Niterói: UFF, 1994.</p> <p>FEITOSA, Rosane Gazolla Alves. <i>Eça de Queiroz: realismo português e realidade portuguesa</i>. São Paulo: HVC Arte & Cultura, 1995. (Universidade Aberta, 8).</p> <p>MACÉDO, Tania. <i>Da fronteira do exílio aos caminhos da liberdade</i>. 1990. Tese (Doutorado em Estudos Literários de Literatura Comparada)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo, 1990.</p> <p>MEDINA, João. <i>Gonçalo Mendes Ramires, personagem hamletico</i>. In: _____. <i>Eça político</i>. Lisboa: Seara Nova, 1974, p.89-112.</p> <p>MENDONÇA, F. e SAUTE, H. <i>Antologia de moderna antologia moçambicana</i>. Maputo: UEM, 1995.</p> <p>QUEIROZ, Eça de. <i>A Austro Casa de Ramires</i>. Porto: Lello & Irmão, 1979. v.1. (Obras de Eça de Queiroz)</p> <p>REIS, Carlos. <i>Estatuto e perspectivas do narrador na ficção de Eça de Queiroz</i>. 3.ed. Coimbra: Alameda, 1984.</p> <p>SANTILLI, Maria Aparecida. <i>Estórias africanas: História e antologia</i>. São Paulo: Ática, 1985.</p> <p>SOUZA E SILVA, Manuel. <i>Do afêlo ao próprio</i>. São Paulo: EDUSP, 1997.</p>
<p>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM</p> <p>As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade docente e o conceito final será a média entre as avaliações realizadas no 1º e no 2º semestres</p>
<p>EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)</p> <p>O curso abordará as principais linhas-de-força da ficção portuguesa e das literaturas africanas de língua portuguesa, detendo-se sobretudo nos textos em que se desenha a relação Literatura e História.</p>

APROVAÇÃO		PROFESSOR(ES) RESPONSÁVEL(ES)
CONSELHO DE CURSO	CONGREGAÇÃO	NOME: Rosane Gazolla Alves Feitosa ASSINATURA: 
		NOME: Tania Celestina de Macêdo ASSINATURA: _____



PROGRAMA DAS DISCIPLINAS, ESTÁGIOS, TRABALHO DE GRADUAÇÃO

UNIDADE UNIVERSITÁRIA				
FCL - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS				
CURSO				
LEL - LETRAS LICENCIATURA				
HABILITAÇÃO				
LICENCIATURA				
OPÇÃO				
DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL				
LIT - LITERATURA				
ANO LETIVO				
2003				
IDENTIFICAÇÃO				
CÓDIGO	DISCIPLINA OU ESTÁGIO			SERIAÇÃO IDEAL
LIT0297	LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA- (OPÇÃO)			4. D/N
OBRIG/OPT/EST	Pré e Co-Requisitos			ANUAL/SEMESTRAL
OP	LIT0285 - TEORIA DA LITERATURA I			AN
CRÉDITOS	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA			CARGA HORÁRIA TOTAL
	TEÓRICA	PRÁTICA	TEOR/PRAT	OUTRAS
4	0	0	40	20
60				
NÚMERO MÁXIMO DE ALUNOS POR TURMA:				
AULAS TEÓRICAS	AULAS PRÁTICAS	AULAS TEOR/PRAT	OUTRAS	
0	0	40	20	
OBJETIVO (Ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de:)				
<p>O curso pretende analisar as relações entre literatura e história (sobretudo a questão do Império) na obra de dois autores fundamentais da Literatura Portuguesa: Camões e Eça de Queirós e nas literaturas africanas de língua portuguesa de Angola, Moçambique e Cabo Verde.</p>				
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (título e discriminação das unidades)				
<ol style="list-style-type: none"> 1. Luís de Camões - Os Lusíadas e a constituição de uma história triunfal de conquista da pátria e da língua. 2. A ilustre Casa de Ramires: ficção e história. 3. Angola: textos e contexto. 4. Cabo Verde: textos e contexto. 5. Moçambique: textos e contexto. 				
METODOLOGIA DE ENSINO				
<ol style="list-style-type: none"> 1. Aulas teórico-práticas 2. Debates 3. Seminários 4. Leitura, análise e interpretação de textos. 				
BIBLIOGRAFIA BÁSICA				

Unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CÂMPUS DE ASSIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

FOLHA 01/90
PROF. 15/20
<i>[assinatura]</i>

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Literatura, história, política*. São Paulo: Ática, 1992.
- BÉRARDINELLI, Cleonice. *Estudos camonianos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- BERRINI, Beatriz (Org.). *Épica de Queiroz: A Austro Casa de Ramires-cem anos*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2000.
- CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas* (Org. Emanuel Paulo Ramos). Porto: Porto, 1997.
- _____. *Os Lusíadas* (comentado por Francisco da Silveira Bueno). Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1981.
- CHAVES, Rita de Cássia. *A formação do romance angolano*. São Paulo: Via Atlântica, 2000.
- FERREIRA, Manuel. *No reino de Caibari*. 3.ed. Lisboa: Plátano, 1968. 3v.
- MATOS, A. Campos (Org. e Coord.). *Dicionário de Épica de Queiroz*. 2.ed. Lisboa: Caminho, 1993.
- ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, REPENSANDO A AFRICANIDADE. 1., 1994, Niterói. Anais... Niterói: UFF, 1994.
- FEITOSA, Rosane Gazolla Alves. *Épica de Queiroz: realismo português e realidade portuguesa*. São Paulo: HVP Arte & Cultura, 1995. (Universidade Aberta, 5).
- MACÊDO, Tania. *Da fronteira do sofrido aos caminhos da liberdade*. 1990. Tese (Doutorado em Estudos Literários de Literatura Comparada)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo, 1990.
- MEDINA, João. Gonçalo Mendes Ramires, personagem hamletico. In: _____. *Épica política*. Lisboa: Seara Nova, 1974, p.89-112.
- MENDONÇA, F. e SAUTE, N. *Antologia de moderna antologia moçambicana*. Maputo: UEM, 1995.
- QUEIROZ, Épica de. *A Austro Casa de Ramires*. Porto: Lello & Irmão, 1979. v.1. (Obras de Épica de Queiroz)
- REIS, Carlos. *Estafeta e perspectivas do narrador na ficção de Épica de Queiroz*. 3.ed. Coimbra: Almedina, 1984.
- SANTILLI, Maria Aparecida. *Estórias africanas: História e antologia*. São Paulo: Ática, 1985.
- SOUSA E SILVA, Manuel. *Do alheio ao próprio*. São Paulo: EDUSP, 1997.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade docente e o conceito final será a média entre as avaliações realizadas no 1º e no 2º semestres

EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)

O curso abordará as principais linhas-de-força da ficção portuguesa e das literaturas africanas de língua portuguesa, defendendo-se sobretudo nos textos em que se desenha a relação Literatura e História.

APROVAÇÃO		PROFESSOR(ES) RESPONSÁVEL(ES)
CONSELHO DE CURSO	CONGREGAÇÃO	NOME: Rosane Gazolla Alves Feitosa ASSINATURA: <i>Rosane Gazolla Alves Feitosa</i>
<i>OR 101021</i>	<i>14/10/20</i>	NOME: Tania Celestina de Macêdo ASSINATURA: _____



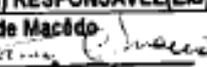
PROGRAMA DAS DISCIPLINAS, ESTÁGIOS, TRABALHO DE GRADUAÇÃO

UNIDADE UNIVERSITÁRIA					
FCL - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS					
CURSO					
LEL - LETRAS LICENCIATURA					
HABILITAÇÃO					
LICENCIATURA					
OPÇÃO					
DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL					
LIT - LITERATURA					
ANO LETIVO					
2008					
IDENTIFICAÇÃO					
CÓDIGO LIT078	DISCIPLINA OU ESTÁGIO LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA		SERIAÇÃO IDEAL 4 DIV		
OBRIGATORIEDADE OPT	Pré e Co-Requisitos LIT078 - TEORIA DA LITERATURA I		ANUAL/SEMESTRAL AN		
CRÉDITOS	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA			CARGA HORÁRIA TOTAL	
	TEÓRICA	PRÁTICA	TEOR/PRAT		OUTRAS
4	0	0	40	20	60
NÚMERO MÁXIMO DE ALUNOS POR TURMA:					
AULAS TEÓRICAS	AULAS PRÁTICAS	AULAS TEOR/PRAT	OUTRAS		
0	0	20	20		
OBJETIVO (Ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de):					
<p>O curso proporcionará ao aluno o conhecimento da prosa e da poesia contemporâneas dos países africanos de língua portuguesa, bem como uma reflexão sobre o fazer literário nos países subdesenvolvidos e colonização.</p> <p>O curso propiciará a reflexão sobre a produção artística no quadro do macro-sistema das literaturas de língua portuguesa.</p>					
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (título e discriminação das unidades)					
<p>1. Angola: Textos e contexto</p> <p>1.1. O conto e a poesia contemporâneos de Angola</p> <p>2. Cabo Verde: Textos e contexto</p> <p>2.1. O conto e a poesia contemporâneos de Cabo Verde</p> <p>3. Moçambique: Textos e contexto</p> <p>3.1. O conto e a poesia contemporâneos de Moçambique</p> <p>4. São Tomé e Príncipe: Textos e contexto</p> <p>4.1. A poesia de São Tomé e Príncipe</p>					

Unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CÂMPUS DE ASSIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

FOLHA Nº	136
PROC	184/103
Nº	203

METODOLOGIA DE ENSINO
<ol style="list-style-type: none"> 1. Aulas teórico-práticas 2. Debates 3. Seminários 4. Leitura, análise e interpretação de textos 5. Orientação de trabalhos individuais, monografias no final do ano letivo.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
<p>ABDALA JÚNIOR, Benjamin. <i>Literatura, história, política</i>. São Paulo: Ática, 1992.</p> <p>ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. <i>REPENSANDO A AFRICANIDADE</i>, 1, 1994, Niterói. Anais. Niterói: UFF, 1994.</p> <p>CHAVES, Rita de Cássia. <i>Entre intenção e gesto: a formação do romance angolano</i>. São Paulo: FFLCH, 1993. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1993.</p> <p>FERREIRA, Manuel. <i>No reino de caíban</i>. 3 ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.</p> <p>MACEDO, Tania. <i>Da fronteira do asfalto aos caminhos da liberdade</i>. São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento (texto fotocopiado).</p> <p>MENDONÇA, F. e SAUTE, N. <i>Antologia da moderna antologia moçambicana</i>. Maputo: UEM, 1995.</p> <p>SANTILLI, M. A. <i>Estórias africanas. História e antologia</i>. São Paulo: Ática, 1985.</p> <p>SOUSA E SILVA, Manuel. <i>Do alheio ao próprio</i>. São Paulo: EDUSP, 1997.</p>
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM
<p>As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade discente e o conceito final será a média ponderada entre as avaliações realizadas nos primeiro e segundo semestres (peso 6) e um trabalho monográfico final (peso 4).</p>
EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)
<p>Os alunos serão introduzidos ao universo das literaturas africanas de língua portuguesa através do estudo de obras de autores angolanos, caboverdianos, moçambicanos e santomenses.</p> <p>Será realizada uma reflexão teórica sobre o fazer literário nos países periféricos e sobre o macro-sistema das literaturas em português.</p>

APROVAÇÃO		PROFESSOR(ES) RESPONSÁVEL(ES)
CONSELHO DE CURSO	CONGREGAÇÃO	NOME: Tania C. de Macêdo
<u>17/10/03</u>	<u>21/11/2003</u>	ASSINATURA: 
		NOME: Rubens Pereira dos Santos
		ASSINATURA: 

Unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CÂMPUS DE ASSIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

ENCARGOS 193
DATA 18/09/08
NO 839

PROGRAMA DAS DISCIPLINAS, ESTÁGIOS, TRABALHO DE GRADUAÇÃO

UNIDADE UNIVERSITÁRIA				
FCL - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS				
CURSO				
LEL - LETRAS LICENCIATURA				
HABILITAÇÃO				
LICENCIATURA				
OPÇÃO				
DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL				
LIT - LITERATURA				
ANO LETIVO				
2004				
IDENTIFICAÇÃO				
CÓDIGO	DISCIPLINA OU ESTÁGIO			SERIAÇÃO IDEAL
LIT0297	LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA (OPCAO)			4 DN
OBRIG/OPT/EST	Pré e Co-Requisitos			ANUAL/SEMESTRAL
OPT	LIT0289 - TEORIA DA LITERATURA I			AN
CRÉDITOS	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA			CARGA HORÁRIA TOTAL
	TEÓRICA	PRÁTICA	TEOR/PRAT	OUTRAS
4	0	0	40	20
60				
NÚMERO MÁXIMO DE ALUNOS POR TURMA:				
AULAS TEÓRICAS	AULAS PRÁTICAS	AULAS TEOR/PRAT	OUTRAS	
0	0	20	20	
OBJETIVO (Ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de:)				
O curso pretende analisar as relações entre literatura e história (sobretudo a questão do Império) na obra de dois autores fundamentais da Literatura Portuguesa: Camões e Eça de Queirós e nas literaturas africanas de língua portuguesa de Angola, Moçambique e Cabo Verde.				
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (título e discriminação das unidades)				
<ol style="list-style-type: none"> 1. Luis de Camões – Os Lusíadas e a constituição de uma história triunfal de conquista da pátria e da língua. 2. A Ilustre casa de Ramires: ficção e história 3. Angola: textos e contexto. 4. Cabo Verde: textos e contexto. 5. Moçambique: textos e contexto 				
METODOLOGIA DE ENSINO				
<ol style="list-style-type: none"> 1. Aulas teórico-práticas 2. Debates 3. ... 				

Unesp de Assis

Unesp



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CÂMPUS DE ASSIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

FORMA 194
 DOC. 184963
 # 879

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Literatura, história, política*. São Paulo: Ática, 1992.
 BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos Camonianos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
 BERRINI, Beatriz (org.). *A ilustre casa de Ramires: cem anos*. São Paulo: EDUC/FAESP, 2000.
 CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas* (Org. Emanuel Paulo Ramos). Porto: Porto, 1997.
 _____. *Os Lusíadas* (comentado por Francisco da Silveira Bueno). Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1910.
 CHAVES, Rita de Cássia. *A Arrojado do romance angolano*. São Paulo: Via Atlântica, 2000.
 FERREIRA, Manuel. *No reino de Galbani*. 3. ed. Lisboa: Pittaco, 1998. 3v.
 DICIONÁRIO DE EÇA DE QUEIROZ (Org. e coord. A. Campos Mates). 2.ed. Lisboa: Caminho, 1993.
 ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. REPELSANDO A AFRICANIDADE. 1. 1994. Niterói. Anais. Niterói: UFF, 1994.
 FEITOSA, Rosane Gazolla Alves. *Eça de Queiroz: realismo português e realidade portuguesa*. São Paulo: HVC Arte & Cultura, 1995. (Universidade Aberta, 6).
 MACÉDO, Tânia. *Do fronteira do asfalto aos caminhos da liberdade*. São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento (texto fotocopiado).
 MENDONÇA, F. e SAUTE, N. *Antologia de moderna antologia moçambicana*. Maputo: UEM, 1995.
 QUEIROZ, Eça de. *A ilustre casa de Ramires*. In: _____. *Obras de Eça de Queiroz*. Porto: Leão & Irmão, 1979. v.1 p.1177-429.
 REIS, Carlos. *Estatuto e perspectivas do narrador na ficção de Eça de Queiroz*. 3. ed. Coimbra: Almedina, 1984.
 SANTILLI, Maria Aparecida. *Estórias africanas: História e antologia*. São Paulo: Ática, 1985.
 SOUSA E SILVA, Manuel. *Do alheio ao próprio*. São Paulo: EDUSP, 1997.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade docente e o conceito final será a média ponderada entre as avaliações realizadas no 1º e no 2º semestres.

EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)

O curso abordará as principais linhas-de-força da ficção portuguesa contemporânea e das literaturas africanas de língua portuguesa, detendo-se sobretudo nos textos em que se desenha a relação Literatura e História.

Serão ainda realizadas leituras teóricas sobre a relação Literatura e História, iluminando, de diversas perspectivas teóricas, a questão.

APROVAÇÃO		PROFESSOR(ES) RESPONSÁVEL(ES)
CONSELHO DE CURSO	CONGREGAÇÃO	NOME: Rosane Gazolla Alves Feitosa
<u>13/10/03</u>	<u>21/11/2003</u>	ASSINATURA: <u>Rosane Feitosa</u>
		NOME: Tânia Celestino de Macedo
		ASSINATURA: <u>Tânia Macedo</u>

PROG. 1817104
18/17/04

PROGRAMA DAS DISCIPLINAS, ESTÁGIOS, TRABALHO DE GRADUAÇÃO

UNIDADE UNIVERSITÁRIA					
FCL - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS					
CURSO					
LEL - LETRAS LICENCIATURA					
HABILITAÇÃO					
LICENCIATURA					
OPÇÃO					
DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL					
LIT - LITERATURA					
ANO LETIVO					
2009					
IDENTIFICAÇÃO					
CÓDIGO	DISCIPLINA OU ESTÁGIO			SÉRIÇÃO IDEAL	
LIT0297	LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA (OPÇÃO)			4. D/N	
OBRIG/OPT/EST	Pré e Co-Requisitos			ANUAL/SEMESTRAL	
OP	LIT0238 - TEORIA DA LITERATURA I			AN	
CREDITOS	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA				CARGA HORÁRIA TOTAL
	TEÓRIC	PRÁTIC	TEOR/PRA	OUTR	
4	A	A	T	AS	60
	0	0	40	20	
NÚMERO MÁXIMO DE ALUNOS POR TURMA:					
AULAS TEÓRICAS		AULAS PRÁTICAS		AULAS TEOR/PRAT	
0		0		20	
OUTRAS					
20					
OBJETIVO (Ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de:)					
<p>O curso pretende analisar as relações entre literatura e história, sobretudo a questão do Império, na obra de autores representativos da Literatura Portuguesa - Camões e António Lobo Antunes - e das literaturas africanas de língua portuguesa de Angola, Moçambique e Cabo Verde.</p>					
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (título e discriminação das unidades)					
<p>1. <i>Os Lusíadas</i> (Camões): a construção de uma história triunfal de conquistas da pátria e da língua.</p> <p>2. <i>As armas</i> (António Lobo Antunes): perspectiva parodística e anti-estereotípica do</p>					

passado histórico português
 3 Angola: textos e contexto.
 4 Cabo Verde: textos e contexto
 5 Moçambique: textos e contexto

METODOLOGIA DE ENSINO

1 Aulas teórico-práticas
 2 Seminários
 3 Leitura, análise e interpretação de textos
 4 Exibição de vídeos

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Básica - Literatura Portuguesa

BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos Curvianos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
 COELHO, Jacinto do Prado. *Camões e Pessoa: poetas da utopia*. Lisboa: Europa-América, 1985.
 HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia: ensinamento das formas de arte do século XX*. Trad. Teresa Louro Peres. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.
 LEPECKI, Maria Lucia. *O romance português contemporâneo em busca da história e da historicidade*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.
 SARAIVA, A. J., LOPES, Ó. *História da literatura portuguesa*. 17 ed. Porto: Porto, 1996.
 SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. 20 ed. Lisboa: Europa-América, 2000.
 SELIXO, Maria Alzira. *Os romances de António Lobo Antunes*. Lisboa: Dom Quixote, 2002.
 ANTUNES, António Lobo. *As nuas*. Lisboa: Dom Quixote, 1988.
 CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. (Org. Emanuel Paulo Ramos) Porto: Porto, 1977.
Os Lusíadas (comentado por Francisco de Silveira Bueno) Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d.

Bibliografia Básica - Literaturas Africanas de Língua Portuguesa

ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. *REPENSANDO A AFRICANIDADE*, 1, 1994, Niterói: Anais Niterói: UFF, 1994.
 ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Literatura, história, política*. São Paulo: Ática, 1992.
 CHAVES, Rita de Cássia. *A formação do romance angolano*. São Paulo: Via Atlântica, 2000.
 FERREIRA, Manuel. *No reino de Caliban*. 3 ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.
 MACÉDO, Tania. *Da fronteira do usufruto aos caminhos da liberdade*. São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento.
 MENDONÇA, Fernando. SAUTE, N. *Antologia da moderna antologia moçambicana*. Maputo: UEM, 1995.

Para o 2024
 PROVA 17/11/2024

Mapas: UEM, 1995.
 SANTILLI, Maria Aparecida. *Estórias africanas, história e etnologia*. São Paulo: Ática, 1985.
 SOUSA E SILVA, Manoel. *Do ofício ao próprio*. São Paulo: EDUSP, 1997.
 TEMPO BRASILEIRO. Rio de Janeiro. Edições Tempo Brasileiro, n.62, jul.-set. 1988.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade docente e o conceito final será a média das avaliações realizadas no 1º e no 2º semestres.

EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)

O curso abordará as principais linhas-de-força da ficção portuguesa detendo-se sobretudo nos textos em que se desenha a relação Literatura e História.
 Serão ainda realizadas leituras teóricas sobre a relação Literatura e História, iluminando a questão de diversas perspectivas teóricas.
 Efetuar-se-á a análise dos textos portugueses selecionados como "corpus" do curso, a partir do enfoque teórico escolhido, construindo-se uma leitura integrada dos mesmos.

APROVAÇÃO		PROFESSOR(ES) RESPONSÁVEL(ES)
CONSELHO DE CURSO	CONGREGAÇÃO	Nome: Rosane Garcia Alves Freitas Assinatura: 
<u>11/11/2024</u>	<u>18/11/2024</u>	Nome: Rubens Antônio dos Santos Assinatura: 

Unesp



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CÂMPUS DE ASSIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE LITERATURA

FOLHA n.º 209
PROC 164365
Rub. 07

PROGRAMA DAS DISCIPLINAS, ESTÁGIOS, TRABALHO DE GRADUAÇÃO

UNIDADE UNIVERSITÁRIA					
FCL - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS					
CURSO					
LEL - LETRAS LICENCIATURA					
HABILITAÇÃO					
LICENCIATURA					
OPÇÃO					
DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL					
LIT - LITERATURA					
ANO LETIVO					
2006					
IDENTIFICAÇÃO					
CÓDIGO	DISCIPLINA OU ESTÁGIO			SERIAÇÃO IDEAL	
LIT0270	LITERATURAS AFRICANAS DE LINGUA PORTUGUESA			4 D/N	
OBRIG/OPT/EST	Pré e Co-Requisitos			ANUAL/SEMESTRAL	
OP	LIT0238 - TEORIA DA LITERATURA I			ANUAL	
CRÉDITOS	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA				C.HOR. TOT.
	TEÓRICA	PRÁTICA	TEOR/PRAT	OUTRAS	
4	0	0	40	20	60
NÚMERO MÁXIMO DE ALUNOS POR TURMA:					
AULAS TEÓRICAS	AULAS PRÁTICAS	AULAS TEOR/PRAT	OUTRAS		
0	0	20	20		
OBJETIVO (Ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de:)					
<p>O curso proporcionará ao aluno o conhecimento da prosa e da poesia contemporâneas dos países africanos de língua portuguesa, bem como uma reflexão sobre o fazer literário nos países submetidos à colonização.</p> <p>O curso propiciará a reflexão sobre a produção artística no quadro do macro-sistema das literaturas de língua portuguesa.</p>					
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (título e discriminação das unidades)					
<p>1. Angola: Textos e contexto</p> <p>1.1. O conto e a poesia contemporâneos de Angola</p> <p>2. Cabo Verde: Textos e contexto</p> <p>2.1. O conto e a poesia contemporâneos de Cabo Verde</p> <p>3. Moçambique: Textos e contexto</p> <p>3.1. O conto e a poesia contemporânea de Moçambique</p> <p>4. São Tomé e Príncipe: Textos e contexto</p>					

007
 5.1. 8/08

Unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
 CÂMPUS DE ASSIS
 FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS
 DEPARTAMENTO DE LITERATURA

FOLHA n.º	210
PROC	1643/05
Rub.	0

4.1 A poesia de São Tomé e Príncipe

METODOLOGIA DE ENSINO

1. Aulas teórico-práticas
2. Debates
3. Seminários
4. Leitura, análise e interpretação de textos
5. Orientação de trabalhos individuais, monografias no final do ano letivo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Literatura, história, política*. São Paulo: Ática, 1992.
- ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. *REPENSANDO A AFRICANIDADE, I*, 1994. Niterói. Anais. Niterói: UFF, 1994.
- CHAVES, Rita de Cássia. *Entre intenção e gesto: a formação do romance angolano*. São Paulo: FFLCH, 1993. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1993.
- FERREIRA, Manuel. *No reino de caliban*. 3 ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.
- MACEDO, Tania. *Da fronteira do asfalto aos caminhos da liberdade*. São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento (texto policopiado).
- MENDONÇA, F. e SAUTE, N. *Antologia da moderna antologia moçambicana*. Maputo: UEM, 1995.
- SANTILLI, M. A. *Estórias africanas. História e antologia*. São Paulo: Ática, 1985.
- SOUSA E SILVA, Manuel. *Do alheio ao próprio*. São Paulo: EDUSP, 1997.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade discente e o conceito final será a média ponderada entre as avaliações realizadas nos primeiro e segundo semestres (peso 6) e um trabalho monográfico final (peso 4).

EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)

Os alunos serão introduzidos ao universo das literaturas africanas de língua portuguesa através do estudo de obras de autores angolanos, caboverdianos, moçambicanos e santomentes.

Será realizada uma reflexão teórica sobre o fazer literário nos países periféricos e sobre o macro-sistema das literaturas em português.

500 7.5

Unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
CÂMPUS DE ASSIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE LITERATURA

FOLHA: 011
PROF: <i>Rubens</i>
Rub: <i>9</i>

APROVAÇÃO		
DEPARTAMENTO	CONSELHO DE CURSO	CONGREGAÇÃO
<u>18/10/05</u>	<u>17/11/05</u>	<u> / / </u>

ASSINATURA(S) DO(S) RESPONSÁVEL(EIS)

RUBENS PEREIRA DOS SANTOS


UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
 FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS

30

UNESP-PROGRAMA DAS DISCIPLINAS, ESTÁGIOS, TRABALHO DE GRADUAÇÃO

 UNIDADE UNIVERSITÁRIA: FCL - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS
 CURSO: LEL - LETRAS LICENCIATURA
 HABILITAÇÃO: LICENCIATURA
 OPÇÃO
 DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL: LITERATURA
 ANO LETIVO: 2007

IDENTIFICAÇÃO				OPÇÃO I
CÓDIGO	DISCIPLINA OU ESTÁGIO			SERIAÇÃO IDEAL
LIT 0424	LITERATURAS AFRICANAS DE LINGUA PORTUGUESA: PROSA			4º SEMESTRE
OBRIG/OPT/EST OP	Pré e Co-Requisitos			ANUAL/SEMESTRAL SEMESTRAL
CRÉDITOS	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA			C.HOR. TOT.
2	TEÓRICA	PRÁTICA	TEOR/PRAT	OUTRAS
	0	0	30	30

NÚMERO MÁXIMO DE ALUNOS POR TURMA:

AULAS TEÓRICAS	AULAS PRÁTICAS	AULAS TEOR/PRAT	OUTRAS
0	0	35	35

OBJETIVO (Ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de:)

O curso proporcionará ao aluno o conhecimento da prosa contemporânea dos países africanos de língua portuguesa, bem como uma reflexão sobre o fazer literário nos países submetidos à colonização.

O curso propiciará a reflexão sobre a produção artística no quadro do macro-sistema das literaturas de língua portuguesa.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (título e discriminação das unidades)

Título: A prosa contemporânea nos países africanos de língua portuguesa

1. Angola: Textos e contexto
 - 1.1. O conto e o romance contemporâneos de Angola
2. Cabo Verde: Textos e contexto
 - 2.1. O conto e o romance contemporâneos de Cabo Verde
3. Moçambique: Textos e contexto
 - 3.1. O conto e o romance contemporâneos de Moçambique

METODOLOGIA DE ENSINO

1. Aulas teórico-práticas
2. Debates
3. Seminários
4. Leitura, análise e interpretação de textos
5. Orientação de trabalhos individuais, monografias no final do ano letivo.

unesp



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS

UNESP
30
16/11/06

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Literatura, história, política*. São Paulo: Ática, 1992.
- ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. *REPENSANDO A AFRICANIDADE*, I, 1994, Niterói. Anais. Niterói: UFF, 1994.
- CHAVES, Rita de Cássia. *A Formação do Romance Angolano -Entre intenção e gesto: a formação do romance angolano*. São Paulo: Coleção Via Atlântica, n. 1, 1999.
- FERREIRA, Manuel. *No reino de caliban*. 3 ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.
- MACEDO, Tania. *Da fronteira do asfalto aos caminhos da liberdade*. São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento (texto policopiado).
- MENDONÇA, F. e SAUTE, N. *Antologia da moderna antologia moçambicana*. Maputo: UEM, 1995.
- SANTILLI, M. A.. *Estórias africanas. História e antologia*. São Paulo: Ática, 1985.
- SOUSA E SILVA, Manuel. *Do alheio ao próprio*. São Paulo: EDUSP, 1997.

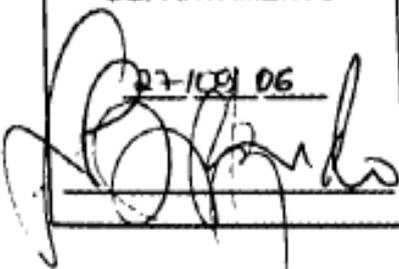
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade discente e o conceito final será a média ponderada entre as avaliações realizadas nos primeiro e segundo semestres (peso 6) e um trabalho monográfico final (peso 4).

EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)

Os alunos serão introduzidos ao universo das literaturas africanas de língua portuguesa através do estudo de obras de autores angolanos, caboverdianos, moçambicanos. Será realizada uma reflexão teórica sobre o fazer literário nos países periféricos e sobre o macro-sistema das literaturas em português.

APROVAÇÃO

DEPARTAMENTO	CONSELHO DE CURSO	CONGREGAÇÃO
 27-10-06	09, NOV, 2006	10 NOV 2006 / /

ASSINATURA(S) DO(S) RESPONSÁVEL(EIS)

RUBENS PEREIRA DOS SANTOS



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS

FORMA 2012
16/05/07
30

PROGRAMA DAS DISCIPLINAS, ESTÁGIOS, TRABALHO DE GRADUAÇÃO

UNIDADE UNIVERSITÁRIA: FCL - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

CURSO: LEL - LETRAS LICENCIATURA

HABILITAÇÃO: LICENCIATURA

OPÇÃO

DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL: LIT - LITERATURA

ANO LETIVO: 2007

IDENTIFICAÇÃO

CÓDIGO	DISCIPLINA OU ESTÁGIO OPÇÃO B: LITERATURAS PORTUGUESA E AFRICANA	SERIAÇÃO IDEAL 4. D/N
OBRIG/OPT/EST OP	Pré e Co-Requisitos LIT0289 - TEORIA DA LITERATURA I	ANUAL/SEMESTRAL ANUAL
CRÉDITOS	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA	CARGA HORÁRIA TOTAL
4	TEÓRICA PRÁTICA TEOR/PRAT OUTRAS 0 0 40 20	60

NUMERO MÁXIMO DE ALUNOS POR TURMA:

AULAS TEÓRICAS	AULAS PRÁTICAS	AULAS TEOR/PRAT	OUTRAS
0	0	40	20

OBJETIVO (Ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de:)

O curso pretende analisar as relações entre literatura e história (sobretudo a questão do Império) na obra de dois autores fundamentais da Literatura Portuguesa: Camões e Eça de Queirós e nas literaturas africanas de língua portuguesa de Angola, Moçambique e Cabo Verde.

CONTEUDO PROGRAMÁTICO (título e discriminação das unidades)

1. Angola: textos e contexto.
2. Cabo Verde: textos e contexto.
3. Moçambique: textos e contexto
4. Luis de Camões - *Os Lusíadas* e a constituição de uma história triunfal de conquista da pátria e da língua.

METODOLOGIA DE ENSINO

1. Aulas teórico-práticas



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS

FOFIMA nº _____
Data: 05/06
30

- Edições de Ouro, s/d.
- CHAVES, Rita de Cássia. *A formação do romance angolano*. São Paulo: Via Atlântica, 2000.
- FERREIRA, Manuel. *No reino de Caliban*. 3. ed. Lisboa: Plátano, 1986. 3v.
- DICIONÁRIO DE EÇA DE QUEIROZ (Org. e coord. A. Campos Matos). 2. ed. Lisboa: Caminho, 1993.
- ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. *REPENSANDO A AFRICANIDADE, I*, 1994, Niterói. Anais. Niterói: UFF, 1994.
- FEITOSA, Rosane Gazolia Alves. *Eça de Queirós: mesmo português e realidade portuguesa*. São Paulo: HVF Arte & Cultura, 1995. (Universidade Aberta, 8).
- MACÉDO, Tania. *Da fronteira do asfalto aos caminhos da liberdade*. São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento (texto policopiado).
- MENDONÇA, F. e SAUTE, N. *Antologia da moderna antologia moçambicana*. Maputo: UEM, 1995.
- QUEIROZ, Eça de. A ilustre casa de Ramires. In: _____. *Obras de Eça de Queiroz*. Porto: Lello & Irmão, 1979. v. 1 p.1177-429.
- REIS, Carlos. *Estatuto e perspectivas do narrador na ficção de Eça de Queirós*. 3. Ed. Coimbra: Almedina, 1984.
- SANTILLI, Maria Aparecida. *Estórias africanas. História e antologia*. São Paulo: Ática, 1985.
- SOUSA E SILVA, Manuel. *Do alheio ao próprio*. São Paulo: EDUSP, 1997.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade discente e o conceito final será a média entre as avaliações realizadas no 1º e no 2º semestres

EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)

O curso abordará as principais linhas-de-força da ficção portuguesa e das literaturas africanas de língua portuguesa, detendo-se sobretudo nos textos em que se desenha a relação Literatura e História.

APROVAÇÃO

DEPARTAMENTO	CONSELHO DE CURSO	CONGREGAÇÃO
27,09,06	09,11,06	1 1



unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO

Nome: *[Handwritten]*
Matr.: *[Handwritten]*
Data: *[Handwritten]*

UNESP-PROGRAMA DAS DISCIPLINAS, ESTÁGIOS, TRABALHO DE GRADUAÇÃO

UNIDADE UNIVERSITÁRIA: FCL - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS
CURSO: LEL - LETRAS LICENCIATURA
HABILITAÇÃO: LICENCIATURA
OPÇÃO
DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL: LITERATURA
ANO LETIVO: 2008
IDENTIFICAÇÃO OPÇÃO IV

CÓDIGO	DISCIPLINA OU ESTÁGIO LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA; PROSA	SERIAÇÃO IDEAL 4º SEMESTRE			
DESEMP/TEST OP	Pré e Co-Requisitos	ANUAL/SEMESTRAL SEMESTRAL			
CREDITOS	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA (C.HOR. TOT.)				
	TEÓRICA	PRÁTICA	TEOR/PRAT	OUTRAS	
2	0	0	30		30
NÚMERO MÁXIMO DE ALUNOS POR TURMA:					
AULAS TEÓRICAS	AULAS PRÁTICAS	AULAS TEOR/PRAT	OUTRAS		
0	0	20	20		
OBJETIVO (Ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de:)					
<p>O curso proporcionará ao aluno o conhecimento da prosa contemporânea dos países africanos de língua portuguesa, bem como uma reflexão sobre o fazer literário nos países submetidos à colonização.</p> <p>O curso propiciará a reflexão sobre a produção artística no quadro do macro-sistema das literaturas de língua portuguesa.</p>					
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (título e discriminação das unidades)					
Título: A prosa contemporânea nos países africanos de língua portuguesa					
<p>1. Angola: Textos e contexto</p> <p>1.1. O conto e o romance contemporâneos de Angola</p> <p>2. Cabo Verde: Textos e contexto</p> <p>2.1. O conto e o romance contemporâneos de Cabo Verde</p> <p>3. Moçambique: Textos e contexto</p> <p>3.1. O conto e o romance contemporâneos de Moçambique</p>					
METODOLOGIA DE ENSINO					
<p>1. Aulas teórico-práticas</p> <p>2. Debates</p> <p>3. Seminários</p> <p>4. Leitura, análise e interpretação de textos</p> <p>5. Orientação de trabalhos individuais, monografias no final do ano letivo.</p>					

Departamento de Literatura - Av. José Antonio, 1160 - 13063-007 - CEP 13063-000 - Fone: (014) 3363-5862
Fax: (14) 3363-5862 - e-mail: literatura@fcl.unesp.br

ISTA

A 5

ex 1738/28

DE LETR.




UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS

1244-492
12/10/07
RUB

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Literatura, história, política*. São Paulo: Ática, 1992.
- ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. *REPENSANDO A AFRICANIDADE*, I, 1994, Niterói. Anais. Niterói: UFF, 1994.
- CHAVES, Rita de Cássia. *A Formação do Romance Angolano - Entre intenção e gesto: a formação do romance angolano*. São Paulo: Coleção Via Atlântica, n. 1, 1999.
- FERREIRA, Manuel. *No reino de caíban*. 3 ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.
- MACEDO, Tania. *Da fronteira do asfalto aos caminhos da liberdade*. São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento (texto fotocopiado).
- MENDONÇA, F. e SAUTE, N. *Antologia da moderna antologia moçambicana*. Maputo: UEM, 1995.
- SANTILLI, M. A. *Estórias africanas. História e antologia*. São Paulo: Ática, 1985.
- SOUSA E SILVA, Manuel. *Do alheio ao próprio*. São Paulo: EDUSP, 1997.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade discente e o conceito final será a média ponderada entre as avaliações realizadas nos primeiro e segundo semestres (peso 6) e um trabalho monográfico final (peso 4).

EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)

Os alunos serão introduzidos ao universo das literaturas africanas de língua portuguesa através do estudo de obras de autores angolanos, caboverdianos, moçambicanos.

Será realizada uma reflexão teórica sobre o fazer literário nos países periféricos e sobre o macro-sistema das literaturas em português.

APROVAÇÃO

DEPARTAMENTO	CONSELHO DE CURSO	CONGREGAÇÃO
12 SET 2007 ____/____/____	08 NOV 2007 ____/____/____	23 NOV 2007 ____/____/____

ASSINATURA(S) DO(S) RESPONSÁVEL(EIS)

RUBENS PEREIRA DOS SANTOS




UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS

FOLHA nº 209

PROC 1738/03

Rev. 02/03

PROGRAMA DAS DISCIPLINAS, ESTÁGIOS, TRABALHO DE GRADUAÇÃO

UNIDADE UNIVERSITÁRIA: FCL – FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

CURSO: LEL – LETRAS LICENCIATURA

HABILITAÇÃO: LICENCIATURA

OPÇÃO

DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL: LIT – LITERATURA

ANO LETIVO: 2008

IDENTIFICAÇÃO

CÓDIGO	DISCIPLINA OU ESTÁGIO	SERIAÇÃO IDEAL
1100459	OPÇÃO B: LITERATURAS PORTUGUESA E AFRICANA	4. 0/N
OBRIG/OPT/EST OP	Pré e Co-Requisitos LIT0289 – TEORIA DA LITERATURA I	ANUAL/SEMESTRAL ANUAL
CRÉDITOS	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA	CARGA HORÁRIA TOTAL
4	TEÓRICA PRÁTICA TEOR/PRAT OUTRAS	60
	0 0 40 20	

NÚMERO MÁXIMO DE ALUNOS POR TURMA:

AULAS TEÓRICAS	AULAS PRÁTICAS	AULAS TEOR/PRAT	OUTRAS
0	0	40	20

OBJETIVO (Ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de:)

O curso pretende analisar as relações entre literatura e história (sobretudo a questão do Império) na obra de dois autores fundamentais da Literatura Portuguesa: Camões e Eça de Queirós e nas literaturas africanas de língua portuguesa de Angola, Moçambique e Cabo Verde.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (título e discriminação das unidades)

1. Angola: textos e contexto.
2. Cabo Verde: textos e contexto.
3. Moçambique: textos e contexto.
4. Luís de Camões – Os Lusíadas e a constituição de uma história triunfal de conquista da pátria e da língua.

METODOLOGIA DE ENSINO

1. Aulas teórico-práticas
2. Debates
3. Seminários
4. Leitura, análise e interpretação de textos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Literatura, história, política*. São Paulo: Ática, 1992.
BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos Camonianos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
BERRINI, Beatriz (org.). *A ilustre casa de Ramires: cem anos*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2000.
CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas* (Org. Emanuel Paulo Ramos). Porto: Porto, 1997.
Os Lusíadas (comentado por Francisco da Silveira Bueno). Rio de Janeiro:



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE ARAÇATUBA

Forma nº	004
Proc nº	52/01
Data	2002

- Escolas de Ouro, s/d.**
CRAVES, Rita de Cássia. A formação do romance angolano. São Paulo: Via Atlântica, 2000.
FERRERA, Manuel. No reino de Ceilão. 3 ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.
DICIONÁRIO DE EÇA DE QUEIROZ (Org. e coord. A. Campos Mateos). 2 ed. Lisboa: Caminho, 1993.
ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. REPENSANDO A AFRICANIDADE, I, 1994. Niterói: Anais Niterói UFF, 1994.
REIJOA, Rosane Gazella Alves. Eça de Queiroz: realismo português e realidade portuguesa. São Paulo: HUF Arte & Cultura, 1995. (Universidade Aberta, 5)
MACEDO, Tania. Os frontiers do asfalto: um caminho de liberdade. São Paulo: FFCH, 1990. Tese de doutoramento (texto polycopiado).
MENDONÇA, F. e SAUTE, H. Antologia de moderna antologia moçambicana. Maputo: UEM, 1995.
QUEIROZ, Eça de . A lustre casa de Ramires. In: _____. Obras de Eça de Queiroz. Porto: Letta & Irmão, 1978. v.1 p.177-429.
REIS, Carlos. Estátua e perspectivas do narrador na ficção de Eça de Queiroz. 3. Ed. Coimbra: Alameda, 1984.
SANTILLI, Maria Aparecida. Estórias africanas. História e antologia. São Paulo: Ática, 1985.
SOUZA E SILVA, Manuel. Do alheio ao próprio. São Paulo: EDUSP, 1987.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade discente e o conceito final será a média entre as avaliações realizadas no 1º e no 2º semestres.

EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)

O curso abordará as principais linhas-de-força da ficção portuguesa e das literaturas africanas de língua portuguesa, detendo-se sobretudo nos textos em que se desenrola a relação Literatura e História.

APROVAÇÃO

DEPARTAMENTO	CONSELHO DE CURSO	CONGREGAÇÃO
12 SET 2002 _____	02 SET 2002 _____	21 SET 2002 _____

ASSINATURA(S) DO(S) RESPONSÁVEL(EIS)

FUBENS PEREIRA DOS SANTOS



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências e Letras de Assis



FOLHA Nº 476
PROC 1593/08
RUB 18

PROGRAMA DAS DISCIPLINAS, ESTÁGIOS, TRABALHO DE GRADUAÇÃO

UNIDADE UNIVERSITÁRIA: FCL - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS					
CURSO: LEL - LETRAS LICENCIATURA					
HABILITAÇÃO: LICENCIATURA					
OPÇÃO: OPTATIVA VII					
DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL: LITERATURA					
ANO LETIVO: 2009					
IDENTIFICAÇÃO					
CÓDIGO LIT0505	DISCIPLINA OU ESTÁGIO LITERATURAS AFRICANAS DE LINGUA PORTUGUESA: POESIA			SERIAÇÃO IDEAL 8º SEMESTRE	
OBRIG/OPT/EST OP	PRÉ E CO-REQUISITOS			ANUAL/SEMESTRAL SEMESTRAL	
CRÉDITOS	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA				CARGA HORÁRIA TOTAL
2	TEÓRICA 0	PRÁTICA 0	TEOR/PRAT 30	OUTRAS	30
NÚMERO MÁXIMO DE ALUNOS POR TURMA: 35					
AULAS TEÓRICAS 0	AULAS PRÁTICAS 0	AULAS TEOR/PRAT 35		OUTRAS	
OBJETIVO (Ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de:)					
<p>O curso proporcionará ao aluno o conhecimento da prosa e da poesia contemporâneas dos países africanos de língua portuguesa, bem como uma reflexão sobre o fazer literário nos países submetidos à colonização.</p> <p>O curso propiciará a reflexão sobre a produção artística no quadro do macro-sistema das literaturas de língua portuguesa.</p>					
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (título e discriminação das unidades)					
<p>1. Angola: Textos e contexto</p> <p>1.1. Movimento "Vamos descobrir Angola"</p> <p>1.2. A poesia contemporânea de Angola</p> <p>2. Cabo Verde: Textos e contexto</p> <p>2.1. A geração da revista Claridade</p> <p>2.2. A poesia contemporânea de Cabo Verde</p> <p>3. Moçambique: Textos e contexto</p> <p>3.1. A poesia de resistência: Cravcirinha e Noémia de Souza</p> <p>3.2. A poesia contemporânea de Moçambique</p> <p>4. São Tomé e Príncipe: Textos e contexto</p> <p>4.1. Antologia da poesia negra das literaturas africanas de língua portuguesa</p> <p>4.2. A poesia contemporânea de São Tomé e Príncipe</p>					
METODOLOGIA DE ENSINO					
<p>1. Aulas teórico-práticas</p> <p>2. Debates</p> <p>3. Seminários</p> <p>4. Leitura, análise e interpretação de textos</p> <p>5. Orientação de trabalhos individuais, monografias no final do ano letivo.</p>					



BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Literatura: Análise política*. São Paulo: Ática, 1992.

ENCONTRO DE PROFESSORES DE LINGUAGENS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. *REFLEXANDO A AFRICANIDADE*, I, 1994, Niterói. Anais: Niterói: UFF, 1994.

CHAVES, Rita de Cássia. *Entre a tradição e a atualidade: a formação do romance angolano*. São Paulo: FFLCH, 1993. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1993.

FERRERA, Manuel. *Os ritos de colônia*. Trad. Lílian Fátima. 1988. In.

MACÍSO, Tânia. *Os fragmentos do espelho: um comentário de literatura*. São Paulo: FFLCH, 1999. Tese de doutoramento: curso de licenciatura.

MINICIONÇA, F. e SAUTS, M. *Antologia de estudos antropológicos moçambicanos*. Maputo: UEM, 1999.

SANTILLI, M. A. *Estudos africanos: História e etnologia*. São Paulo: Ática, 1983.

SOLDA E SILVA, Manuel. *Os ritos de colônia*. São Paulo: EDUEP, 1997.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENSAGEM

As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade: discussões e o conteúdo final será a média ponderada entre as avaliações realizadas nos primeiros e segundos semestres (para 5) e um trabalho monográfico final (para 4).

EMENTA (Tópicos que caracterizam as atividades dos programas de ensino)

Os alunos serão introduzidos ao universo das literaturas africanas de língua portuguesa através do estudo de obras de autores angolanos, caboverdianos, moçambicanos e santomenses. Será realizada uma análise crítica sobre o lugar literário nos países periféricos e sobre o ensino-aprendizagem das literaturas em português.

APPROVAÇÃO		
DEPARTAMENTO	CONSELHO DE CURSO	CONGRUÊNCIA
 Dr. Álvaro César Costa Junior Coordenador do Departamento	08/01/2008 <hr/>	20/01/2008 <hr/>

ASSINATURAS DOS RESPONSÁVEIS


 RUIENS PEREIRA DOS SANTOS



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências e Letras de Assis



PROGRAMA DAS DISCIPLINAS, ESTÁGIOS, TRABALHO DE GRADUAÇÃO

UNIDADE UNIVERSITÁRIA: FCL - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS				
CURSO: LEL - LETRAS LICENCIATURA				
HABILITAÇÃO: LICENCIATURA				
OPÇÃO: OPTATIVA VII				
DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL: LITERATURA				
ANO LETIVO: 2010				
IDENTIFICAÇÃO				
CÓDIGO LÍTOSQS	DISCIPLINA OU ESTÁGIO LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: POESIA			SERIAÇÃO IDEAL 8º SEMESTRE
OBRI/OPT/EST OP	PRÉ E CO-REQUISITOS			ANUAL/SEMESTRAL SEMESTRAL
CRÉDITOS	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA			CARGA HORÁRIA TOTAL
	TEÓRICA	PRÁTICA	TEOR/PRAT	OUTRAS
2	0	0	30	30
NÚMERO MÁXIMO DE ALUNOS POR TURMA: 35				
	AULAS TEÓRICAS	AULAS PRÁTICAS	AULAS TEOR/PRAT	OUTRAS
	0	0	35	
OBJETIVO (Ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de):				
<p>O curso proporcionará ao aluno o conhecimento da prosa e da poesia contemporâneas dos países africanos de língua portuguesa, bem como uma reflexão sobre o fazer literário nos países submetidos à colonização.</p> <p>O curso propiciará a reflexão sobre a produção artística no quadro do macro-sistema das literaturas de língua portuguesa.</p>				
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (título e discriminação das unidades)				
<p>1. Angola: Textos e contexto</p> <p>1.1. Movimento "Vamos descobrir Angola"</p> <p>1.2. A poesia contemporânea de Angola</p> <p>2. Cabo Verde: Textos e contexto</p> <p>2.1. A geração da revista Claridade</p> <p>2.2. A poesia contemporânea de Cabo Verde</p> <p>3. Moçambique: Textos e contexto</p> <p>3.1. A poesia de resistência: Cervantino e Nóbria de Souza</p> <p>3.2. A poesia contemporânea de Moçambique</p> <p>4. São Tomé e Príncipe: Textos e contexto</p> <p>4.1. Antologia da poesia negra das literaturas africanas de língua portuguesa</p> <p>4.2. A poesia contemporânea de São Tomé e Príncipe</p>				
METODOLOGIA DE ENSINO				
<p>1. Aulas teórico-práticas</p> <p>2. Debates</p> <p>3. Seminários</p> <p>4. Leitura, análise e interpretação de textos</p> <p>5. Orientação de trabalhos individuais, monografias no final do ano letivo.</p>				



<p>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</p> <p>ABDALA JUNIOR, Benjamin. <i>Literatura, História, política</i>. São Paulo: Ática, 1992.</p> <p>ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. <i>REPENSANDO A AFRICANIDADE</i>, 1, 1994, Niterói. Anais. Niterói: UFF, 1994.</p> <p>CHAVES, Rita de Cássia. <i>Entre intenção e gesto: a formação do romance angolano</i>. São Paulo: FFLCH, 1993. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1993.</p> <p>FERRIRA, Manuel. <i>No reino de caliban</i>. 3 ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3r.</p> <p>MACEDO, Tania. <i>Da fronteira do analfabeto aos contos da liberdade</i>. São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de licenciamento (texto policopiado).</p> <p>MENDONÇA, F. e SAUTÉ, N. <i>Antologia da moderna antologia moçambicana</i>. Maputo: UJAM, 1995.</p> <p>SANTILLI, M. A. <i>Estórias africanas. História e antologia</i>. São Paulo: Ática, 1985.</p> <p>SOLSA E SILVA, Manuel. <i>Do alheio ao próprio</i>. São Paulo: EDUSP, 1997.</p>
<p>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM</p> <p>As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade discente e o conceito final será a média ponderada entre as avaliações realizadas nos primeiros e segundos semestres (peso 6) e um trabalho monográfico final (peso 4).</p>
<p>EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)</p> <p>Os alunos serão introduzidos ao universo das literaturas africanas de língua portuguesa através do estudo de obras de autores angolanos, caboverdianos, moçambicanos e santomenses.</p> <p>Será realizada uma reflexão teórica sobre o fazer literário nos países priféricos e sobre o macro-sistema das literaturas em português.</p>

APROVAÇÃO		
DEPARTAMENTO	CONSELHO DE CURSO	CONGREGAÇÃO
 DR. RUBENS PEREIRA DOS SANTOS Chefe do Departamento de Letras	12 NOV 2009 	

ASSINATURA(S) DO(S) RESPONSÁVEL(ES)
RUBENS PEREIRA DOS SANTOS

Dis	194
Proc	
	

PROGRAMA DAS DISCIPLINAS, ESTÁGIOS, TRABALHO DE GRADUAÇÃO

UNIDADE UNIVERSITÁRIA					
FCL - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS					
CURSO					
LEL - LETRAS LICENCIATURA					
HABILITAÇÃO					
LICENCIATURA					
OPÇÃO					
DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL					
LET - LINGUAGEM					
ANO LETIVO					
2011					
IDENTIFICAÇÃO					
CÓDIGO LIT0170	DISCIPLINA DO ESTÁGIO LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA			SERAÇÃO IDEAL 4º DN	
DESCRIÇÃO 07	PRÉ E CO-REQUISITOS LIT020 - TEORIA DA LINGUAGEM I			ANUAL/SEMESTRAL ANUAL	
CRÉDITOS	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA				CARGA HORÁRIA TOTAL
4	TEÓRICA 0	PRÁTICA 0	TEORPRAT 40	OUTRAS 20	60
NÚMERO MÁXIMO DE ALUNOS POR TURMA:					
AULAS TEÓRICAS 0	AULAS PRÁTICAS 0	AULAS TEORPRAT 20	OUTRAS 20		
OBJETIVO (As metas da disciplina e alunos deverão ter acesso de):					
<p>O curso proporcionará ao aluno o conhecimento da prosa e da poesia contemporâneas dos países africanos de língua portuguesa, bem como uma reflexão sobre o fazer literário nos países submetidos à colonização.</p> <p>O curso propiciará a reflexão sobre a produção artística no quadro do macro-texto das literaturas de língua portuguesa.</p>					
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (título e distribuição das unidades)					
<p>1. Angola: Textos e contexto</p> <p>1.1. O conto e a poesia contemporâneos de Angola</p> <p>2. Cabo Verde: Textos e contexto</p> <p>2.1. O conto e a poesia contemporâneos de Cabo Verde</p> <p>3. Moçambique: Textos e contexto</p> <p>3.1. O conto e a poesia contemporâneos de Moçambique</p> <p>4. São Tomé e Príncipe: Textos e contexto</p> <p>4.1. A poesia de São Tomé e Príncipe</p>					
MÉTODOS/LOCAIS DE ENSINO					
<p>1. Aulas teórico-práticas</p> <p>2. Debates</p> <p>3. Seminários</p> <p>4. Leitura, análise e interpretação de textos</p> <p>5. Criação de trabalhos individuais, monográficos no final do ano letivo.</p>					

Fis.	200
Proc.	

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Literatura, história, política*. São Paulo: Ática, 1992.
 ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA.
 REPENSANDO A AFRICANIDADE, I, 1994, Niterói. Anais. Niterói: UFF, 1994.
 CHAVES, Rita de Cássia. *Entre intenção e gesto: a formação do romance angolano*. São Paulo: FFLCH, 1993. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1993.
 FERREIRA, Manuel. *No reino de caliban*. 3 ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.
 MACEDO, Tania. *Da fronteira do asfalto aos caminhos da liberdade*. São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento (texto policopiado).
 MENDONÇA, F. e SAUTE, N. *Antologia da moderna antologia moçambicana*. Maputo: UEM, 1995.
 SANTILLI, M. A.. *Esséias africanas*. História e antologia. São Paulo: Ática, 1985.
 SOUSA E SILVA, Manuel. *Do alheio ao próprio*. São Paulo: EDUSP, 1997.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade discente e o conceito final será a média ponderada entre as avaliações realizadas nos primeiro e segundo semestres (peso 6) e um trabalho monográfico final (peso 4).

EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)

Os alunos serão introduzidos ao universo das literaturas africanas de língua portuguesa através do estudo de obras de autores angolanos, caboverdianos, moçambicanos e saotomenses.
 Será realizada uma reflexão teórica sobre o fazer literário nos países periféricos e sobre o macro-sistema das literaturas em português.

APROVAÇÃO		
DEPARTAMENTO	CONSELHO DE CURSO	CONGREGAÇÃO
<p>0, 10, 10</p> <p><i>[Assinatura]</i> Dr. Roberto Pereira dos Santos Vice-Chefe do Departamento de Literatura em exercício da chefia</p>	<p>09 NOV, 2010</p>	<p>— / —</p>

ASSINATURA(S) DO(S) RESPONSÁVEL(EIS)

MARCIO ROBERTO PEREIRA *[Assinatura]*



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências e Letras de Assis
Departamento de Literatura

Matr.	402
Procc.	

UNESP-PROGRAMA DAS DISCIPLINAS, ESTÁGIOS, TRABALHO DE GRADUAÇÃO

UNIDADE UNIVERSITÁRIA: FCL - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS					
CURSO: LEL - LETRAS LICENCIATURA					
HABILITAÇÃO: LICENCIATURA					
OPÇÃO FORMAÇÃO ESPECÍFICA: IV					
DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL: LITERATURA					
ANO LETIVO: 2011					
IDENTIFICAÇÃO					
CODIGO LIT080	DISCIPLINA DO ESTÁGIO TEORIAS DO ESPAÇO E DO SOLO NAS NARRATIVAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA			SÉRIÇÃO IDEAL 1º SEMESTRE	
ORIGEM/TEST DE		Pré e Co-Requisitos		ANUAL/SEMESTRAL SEMESTRAL	
CRÉDITOS	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA				C. HOR. TOT.
2	TEÓRICA	PRÁTICA	TEOR/PRAT	OUTRAS	20
	2	8	20		
NÚMERO MÁXIMO DE ALUNOS POR TURMA: 40					
AULAS TEÓRICAS		AULAS PRÁTICAS		AULAS TEOR/PRAT	
0		8		20	
OBJETIVO GERAL (visões da disciplina e seus desdobramentos por parte do):					
O curso objetiva analisar a produção narrativa africana de Língua Portuguesa no contexto das teorias sobre o espaço e o solo, através de contos e romances que resgata o caráter cultural de uma África em constante diálogo com a tradição e com a inovação.					
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (título e desenvolvimento das unidades):					
Título: A prosa contemporânea nos países africanos e a imagem do exílio					
1. O exílio existencial: o herói e o espaço					
2. Espaços e fronteiras na obra de Mia Couto, Luandino Vieira e Pepetela;					
3. O exílio social na produção literária de Mia Couto, Luandino Vieira e Pepetela;					
4. O exílio cultural e o diálogo entre culturas;					
METODOLOGIA DE ENSINO					
1. Aulas teórico-práticas					
2. Leituras, análises e interpretação de textos					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Literaturas Africanas, política. São Paulo: Ática, 1992.					
ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. Posição do narrador no romance contemporâneo. Trad. Rodolfo Carraz. In: Benjamin, W. et al. Teoria estética. São Paulo: Abril, 1988. p. 269-273 (Coleção "Os pensadores")					
ENCONTRO DE PROFESSORES DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. PENSANDO A AFRICANIDADE, I, 1994, Niterói. Anuário Niterói UFF, 1994.					
CEAR, Amédéo. Antologia de Contos Literários. Lisboa: Verbo, 1993.					
CHAVES, Ilza de Cássia. A Formação do Romance Angolano - Entre exemplo e gesto: a formação do romance angolano. São Paulo: Coleção Via Atlântica, n. 1, 1999.					

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências e Letras de Assis
Departamento de Literatura

FOLHA nº	40
PROC	
Rub	8

FERRIJA, Manuel. *No reino de caliban*. 3 ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.
MACEDO, Tania. *Da fronteira do café aos caminhos da liberdade*. São Paulo: FFLCH, 1999. Text de doutoramento (texto policopiado).
MENDONÇA, F. e SAUTE, N. *Antologia de moderna antologia moçambicana*. Maputo: UEM, 1995.
SANTILLI, M. A. *Estórias africanas. História e antologia*. São Paulo: Ática, 1985.
SOUSA E SILVA, Manuel. *Do alheio ao próprio*. São Paulo: EDUSP, 1997.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Avaliação mensal e avaliação bimestral. As avaliações serão complementadas com trabalhos individuais e em grupo.

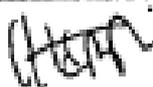
EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)

Aproximações e contrastes, por meio de análises da produção narrativa de escritores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, representativos em temas da cultura africana. O enfoque, dentre as muitas abordagens que poderão ser feitas em situações futuras, privilegia a construção do espaço e a trajetória do herói por meio de estilos diversos, em textos de Mia Couto, Pepetela, Luandino Vieira, dentre os escritores de que tratam de temas da africanidade.

APROVAÇÃO		
DEPARTAMENTO	CONSELHO DE CURSO	CONGREGAÇÃO
06/10/10	09 NOV 2010	1/1
Dr. M. P. P. Vice-Chefe do Departamento de Literatura em Exercício de Chefia		

ASSINATURA(S) DO(S) RESPONSÁVEL(EIS)

MÁRCIO ROBERTO PEREIRA



Matr.	4417
Nome	

UNESP-PROGRAMA DAS DISCIPLINAS, ESTÁGIOS, TRABALHO DE GRADUAÇÃO

UNIDADE UNIVERSITÁRIA: FCL - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS					
CURSO: LEL - LETRAS LICENCIATURA					
HABILITAÇÃO: LICENCIATURA					
CURSO DE FORMAÇÃO: PORTUGUÊS IV					
DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL: LITERATURA					
ANO LETIVO: 2017					
IDENTIFICAÇÃO					
CÓDIGO LITERR	DISCIPLINA OU ESTÁGIO TEÓRICA DO ESPAÇO E DO ESTILO DAS NARRATIVAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA			SERIEÇÃO IDEAL 1º SEMESTRE	
COORDENADOR	Prof.ª Car. Regalado			ANUAL/SEMESTRAL	
CP				SEMESTRAL	
CÉDULAS	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA				CAR. TOT.
3	TEÓRICA 4	PRÁTICA 0	TEOR/PRAT 20	OUTRAS	28
NÚMERO DE HORAS DE AULAS POR TURMA:					
AULAS TEÓRICAS	AULAS PRÁTICAS	AULAS TEOR/PRAT	OUTRAS		
0	0	20	20		
OBJETIVOS: ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de:1					
<p>O curso objetiva analisar e produzir narrativas africanas de Língua Portuguesa no contexto das teorias sobre o espaço e o estilo, levando em conta o momento que impõem o caráter cultural de uma África em constante diálogo com o mundo e com o Brasil.</p>					
CONTÉUDO PROGRAMÁTICO: temas e distribuição das unidades					
Tema: A prosa contemporânea nos países africanos e a imagem do estilo					
<ol style="list-style-type: none"> 1. O estilo narrativo e formal e o espaço 2. Espaço e fronteira na obra de Inês Cavaco, Luandino Vieira e Pepetika 3. O estilo social na produção literária de Inês Cavaco, Luandino Vieira e Pepetika 4. O estilo cultural e o diálogo entre continentes. 					
METODOLOGIA DE ENSINO:					
<ol style="list-style-type: none"> 1. Aulas teórico-críticas 2. Leitura, análise e interpretação de textos 					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
<p>ADORNÓ, Theodor W. "Teoria do romance no romance contemporâneo" In: _____, <i>Teoria do Romance II</i>. Tradução João M. S. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades Ed. 34, 2003.</p> <p>BUENACOSTA, Edcl. <i>Mixaria: a representação da realidade no literatura ocidental</i>. Tradução George Bernard Spahr e Suzi Traski Spahr. São Paulo: Perspectiva, 1971.</p> <p>SAID, Edward. <i>Orientalismo sobre o ocidente e outras questões</i>. Tradução Pedro Paulo Kuczynski. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.</p> <p>SANTILLI, Maria Aparecida. <i>Estórias africanas: história e sociologia</i>. São Paulo: Ática, 1981.</p>					

f.6.19

Fis	448
Proc	
	<i>g</i>

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM
Avaliações e trabalhos bimestrais. As avaliações terão peso sete e os trabalhos, peso três.
EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)
Aproximações e contrastes, por meio de análises da produção narrativa de escritores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, representativos em temas da cultura africana. O enfoque, dentre as muitas abordagens que poderão ser feitas em situações futuras, privilegia, a construção do espaço e a trajetória do herói por meio de exílios diversos, em textos de Mia Couto, Pepetela, Luandino Vieira, dentre os escritores de que tratam de temas da africanidade

APROVAÇÃO		
DEPARTAMENTO	CONSELHO DE CURSO	CONGREGAÇÃO
<p>19/10/11</p> <p><i>[Signature]</i></p> <p>Dr. Gilberson Leites de Martins Chefe do Departamento de Literatura</p>	<p>_____/____/____</p> <p>_____/____/____</p>	<p>_____/____/____</p> <p>_____/____/____</p>

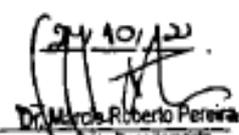
ASSINATURA(S) DO(S) RESPONSÁVEL(EIS)
MÁRCIO ROBERTO PEREIRA <i>[Signature]</i>

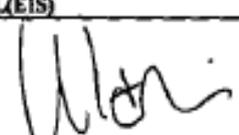
UNESP-PROGRAMA DAS DISCIPLINAS, ESTÁGIOS, TRABALHO DE GRADUAÇÃO

UNIDADE UNIVERSITÁRIA: FCL - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS					
CURSO: LEL - LETRAS LICENCIATURA					
HABILITAÇÃO: LICENCIATURA					
OPÇÃO: OPTATIVA IV					
DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL: LITERATURA					
ANO LETIVO: 2013					
IDENTIFICAÇÃO					
CÓDIGO LIT0500	DISCIPLINA OU ESTÁGIO TEORIAS DO ESPAÇO E DO EXÍLIO NAS NARRATIVAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA				SERIAÇÃO IDEAL 6º SEMESTRE
OBRIG/OPT/EST OPT IV	Pré e Co-Requisitos				ANUAL/SEMESTRAL SEMESTRAL
CRÉDITOS	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA				C.HOR. TOT.
	TEÓRICA	PRÁTICA	TEOR/PRAT	OUTRAS	
2	0	0	20		30
NÚMERO MÁXIMO DE ALUNOS POR TURMA: 40					
	AULAS TEÓRICAS	AULAS PRÁTICAS	AULAS TEOR/PRAT	OUTRAS	
	0	0	20	20	
OBJETIVO (Ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de:)					
<p>O curso objetiva analisar a produção narrativa africana de Língua Portuguesa no contexto das teorias sobre o espaço e o exílio, através de contos e romances que resgatem o caráter cultural de uma África em constante diálogo com a tradição e com a inovação.</p>					
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (título e discriminação das unidades)					
<p>Título: A prosa contemporânea nos países africanos e a imagem do exílio</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O exílio existencial: o herói e o espaço 2. Espaços e fronteiras na obra de Mia Couto, Luandino Vieira e Pepetela; 3. O exílio social na produção literária de Mia Couto, Luandino Vieira e Pepetela; 4. O exílio cultural e o diálogo entre culturas. 					
METODOLOGIA DE ENSINO					
<ol style="list-style-type: none"> 1. Aulas teórico-práticas 2. Leitura, análise e interpretação de textos 					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
<p>ADORNO, Theodor W. "Posição do narrador no romance contemporâneo" In: _____, Notas de literatura I. Tradução Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.</p> <p>AUERBACH, Erich. Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental. Tradução George Bernard Sperber e Suzi Frankl Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1971.</p> <p>SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.</p> <p>SANTILLI, Maria Aparecida. Estórias africanas: história e autologia. São Paulo: Ática, 1985.</p>					

FOLHA nº 304
PROC
Rub MPU.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM
Avaliações e trabalhos bimestrais. As avaliações terão peso sete e os trabalhos, peso três.
EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)
Aproximações e contrastes, por meio de análises da produção narrativa de escritores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, representativos em temas da cultura africana. O enfoque, dentre as muitas abordagens que poderão ser feitas em situações futuras, privilegia, a construção do espaço e a trajetória do herói por meio de exílios diversos, em textos de Mia Couto, Pepetela, Luandino Vieira, dentre os escritores de que tratam de temas da africanidade

APROVAÇÃO		
DEPARTAMENTO	CONSELHO DE CURSO	CONGREGAÇÃO
<p>24/10/2012</p>  Dr. Márcio Roberto Pereira Chefe do Departamento de Literatura	<p>20 NOV 2012</p> <p>_____ _____</p>	<p>_____ _____</p>

ASSINATURA(S) DO(S) RESPONSÁVEL(EIS)
<p>MÁRCIO ROBERTO PEREIRA</p> 



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências e Letras de Assis
Departamento de Literatura

UNESP	373
PROG	
Assis	

INFSAP-PROGRAMA DAS DISCIPLINAS, ESTÁGIOS, TRABALHO DE GRADUAÇÃO

UNIDADE UNIVERSITÁRIA: FCL - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS					
CURSO: FCL - LICENCIATURA					
HABILITAÇÃO ACADÊMICA					
DIF. AC. FORMAL (OBSPECÍFICA)					
DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL: LITERATURA					
ANO LETIVO: 2014					
IDENTIFICAÇÃO					
CÓDIGO	DISCIPLINA DO ESTÁGIO LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA			SÉRIÇÃO IDEAL 7º SEMESTRE	
DESCRIÇÃO EST. 1.1. III	Pré e Co-Requisitos			ANUAL SEMESTRAL SEMESTRAL	
CRÉDITOS	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA				C.HOR. TOT.
2	TEÓRICA 0	PRÁTICA 0	TEORPRAT 20	OUTRAS	30
NÚMERO MÁXIMO DE ALUNOS POR TURMA: 40					
AULAS TEÓRICAS 0	AULAS PRÁTICAS 0	AULAS TEORPRAT 20	OUTRAS 0		
OBJETIVO (As metas da disciplina e como serão ser alcançadas):					
Analisar a produção literária africana de Língua Portuguesa no contexto de Cabo Verde, Angola e Moçambique. Por meio-se de uma iniciação à produção literária dos três países haverá uma seleção dos textos mais representativos, além de uma relação constante com a Literatura Portuguesa e Brasileira.					
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (geral e discriminação das unidades):					
<p>1- Literatura Angolana</p> <p>1.1 Agostinho Neto</p> <p>1.2 Oscar Ribas</p> <p>1.3 Luandino Vieira</p> <p>2- Literatura Moçambicana</p> <p>2.1 José Craveirinha</p> <p>2.2 Mia Couto</p> <p>3- Literatura cabo-verdeana</p> <p>3.1 Revista Claridade</p> <p>3.2 Manoel Lopes</p>					
METODOLOGIA DE ENSINO					
<p>1. Aulas teórico-práticas</p> <p>2. Leituras, análise e interpretação de textos</p>					
BIBLIOGRAFIA BÁSICA					
<p>HAMILTON, R. Literaturas africanas, literatura necessária. Lisboa, Ed. 70, 1981.</p> <p>FERRIRA, M. Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa. São Paulo, Ed. Ática, 1987</p> <p>MARGARIDO, A. Estudos sobre literaturas das nações africanas de Língua Portuguesa. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.</p> <p>SANTILHA, M. A. Estórias africanas: história e antologia. São Paulo: Ática, 1983.</p>					

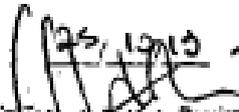
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Avaliações e trabalhos bimestrais. As avaliações terão peso sete e os trabalhos, peso três.

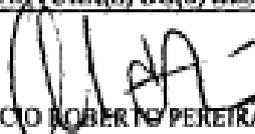
EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)

Análise das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (Angola, Cabo-Verde e Moçambique) por meio da leitura e análise das obras dos escritores mais representativos. Reflexões sobre a formação dos sistemas literários de Angola, Cabo Verde e Moçambique, e suas relações com Brasil e Portugal.

APROVAÇÃO

DEPARTAMENTO	CONSELHO DE CURSO	CONGREGAÇÃO
 Dr. Marcio Roberto Pereira Chefe do Departamento de Literatura	25 NOV 2013 ____/____/____	____/____/____ ____/____/____

ASSINATURA(S) DO(S) RESPONSÁVEL(ES)


 MÁRCIO ROBERTO PEREIRA - DIURNO E NOTURNO



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências e Letras de Assis
Departamento de Literatura

FOLHA nº 3
PROC
R= 480

PROGRAMA DAS DISCIPLINAS, ESTÁGIOS, TRABALHO DE GRADUAÇÃO

UNIDADE UNIVERSITÁRIA: FCL - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS					
CURSO: LETRAS					
HABILITAÇÃO: LICENCIATURA - PORTUGUÊS E UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA					
OPÇÃO:					
DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL: LITERATURA					
ANO LETIVO: 2015					
IDENTIFICAÇÃO					
CÓDIGO	DISCIPLINA OU ESTÁGIO LITERATURAS AFRICANAS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA				SERIAÇÃO IDEAL 1º SEMESTRE
OBRIG/ELETIVA OBRIG	PRÉ E CO-REQUISITOS				ANUAL/SEMESTRAL SEMESTRAL
CRÉDITOS	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA				CARGA HORÁRIA TOTAL
02	TEÓRICA	PRÁTICA	TEOR/PRAT	OUTRAS	30
NÚMERO MÁXIMO DE ALUNOS POR TURMA: 70					
AULAS TEÓRICAS	AULAS PRÁTICAS	AULAS TEOR/PRAT	OUTRAS		
OBJETIVO (Ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de:)					
<p>O curso proporcionará ao aluno o conhecimento da prosa e da poesia contemporâneas dos países africanos de Língua Portuguesa, bem como uma reflexão sobre o fazer literário nos países submetidos à colonização.</p> <p>O curso propiciará a reflexão sobre a produção artística no quadro do macro-sistema das literaturas de língua portuguesa.</p>					
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (título e discriminação das unidades)					
<p>1. Angola: Textos e contexto</p> <p>1.1. O conto e a poesia contemporâneos de Angola</p> <p>2. Cabo Verde: Textos e contexto</p> <p>2.1. O conto e a poesia contemporâneos de Cabo Verde</p> <p>3. Moçambique: Textos e contexto</p> <p>3.1. O conto e a poesia contemporânea de Moçambique</p> <p>4. São Tomé e Príncipe: Textos e contexto</p> <p>4.1. A poesia de São Tomé e Príncipe</p>					
METODOLOGIA DE ENSINO					
<p>1. Aulas teóricas-práticas.</p> <p>2. Debates.</p> <p>4. Leitura, análise e interpretação de textos.</p>					



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências e Letras de Assis
Departamento de Literatura

FOLHA Nº 23
DISCIPLINA
Nº 100

5. Orientação de trabalhos individuais e provas bimestrais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CHAVES, Rita de Cássia. *Entre interação e gesto: a formação do romance angolano*. São Paulo: FFLCH, 1993. Tese (Doutorado em Letras) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1993.
FERREIRA, Manuel. *No reino de caliban*. 3 ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.
MACEDO, Tania. *Da fronteira do asfalto aos caminhos da liberdade*. São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento (texto policopiado).
SANTILLI, M. A. *Estórias africanas: História e antologia*. São Paulo: Ática, 1985.
SOUSA E SILVA, Manuel. *Do alheio ao próprio*. São Paulo: EDUSP, 1997.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade discente e o conceito final será a média ponderada entre as avaliações realizadas nos primeiro e segundo semestres (peso 6) e um trabalho monográfico final (peso 4).

EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)

Os alunos serão introduzidos ao universo das literaturas africanas de língua portuguesa através do estudo de obras de autores angolanos, caboverdianos, moçambicanos e santomenses.
Será realizada uma reflexão teórica sobre o fazer literário nos países periféricos e sobre o macro-sistema das literaturas em português.

APROVAÇÃO

DEPARTAMENTO	CONSELHO DE CURSO	CONGREGAÇÃO
_____	17 DEZ 2014 _____	_____

ASSINATURA(S) DO(S) RESPONSÁVEL(ÉIS)



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências e Letras de Assis
Departamento de Literatura

FOLHA Nº	23
Disciplina	
Professor	

PROGRAMA DAS DISCIPLINAS, ESTÁGIOS, TRABALHO DE GRADUAÇÃO

UNIDADE UNIVERSITÁRIA: FCL - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS					
CURSO: LETRAS					
HABILITAÇÃO: LICENCIATURA - PORTUGUÊS E UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA					
OPÇÃO:					
DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL: LITERATURA					
ANO LETIVO: 2018					
IDENTIFICAÇÃO					
CÓDIGO	DISCIPLINA OU ESTÁGIO LITERATURAS AFRICANAS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA				SERIAÇÃO IDEAL 1º SEMESTRE
OBRIG/LETIVA OBRIG	PRÉ E CO-REQUISITOS				ANUAL/SEMESTRAL SEMESTRAL
CRÉDITOS	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA				CARGA HORÁRIA TOTAL
02	TEÓRICA	PRÁTICA	TEOR/PRAT	OUTRAS	30
			30		
NÚMERO MÁXIMO DE ALUNOS POR TURMA: 70					
AULAS TEÓRICAS	AULAS PRÁTICAS	AULAS TEOR/PRAT		OUTRAS	
OBJETIVO (Ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de:)					
<p>O curso proporcionará ao aluno o conhecimento da prosa e da poesia contemporâneas dos países africanos de Língua Portuguesa, bem como uma reflexão sobre o fazer literário nos países submetidos à colonização.</p> <p>O curso propiciará a reflexão sobre a produção artística no quadro do macro-sistema das literaturas de língua portuguesa.</p>					
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (título e discriminação das unidades)					
<p>1. Angola: Textos e contexto</p> <p>1.1. O conto e a poesia contemporâneos de Angola</p> <p>2. Cabo Verde: Textos e contexto</p> <p>2.1. O conto e a poesia contemporâneos de Cabo Verde</p> <p>3. Moçambique: Textos e contexto</p> <p>3.1. O conto e a poesia contemporânea de Moçambique</p> <p>4. São Tomé e Príncipe: Textos e contexto</p> <p>4.1. A poesia de São Tomé e Príncipe</p>					
METODOLOGIA DE ENSINO					
<p>1. Aulas teóricas-práticas;</p> <p>2. Debates;</p> <p>4. Leitura, análise e interpretação de textos.</p>					



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências e Letras de Assis
Departamento de Literatura

FOLHA N.º 24
PROF.:
Disciplina:

5. Orientação de trabalhos individuais e provas bimestrais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CHAVES, Rita de Cássia. *Entre intenção e gesto: a formação do romance angolano*. São Paulo: FFLCH, 1993. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1993.
FERREIRA, Manuel. *No reino de coíban*. 3 ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.
MACEDO, Tania. *Da fronteira do asfalto aos caminhos da liberdade*. São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento (texto fotocopiado).
SANTILLI, M. A. *Estórias africanas: História e antologia*. São Paulo: Ática, 1985.
SOUSA E SILVA, Manuel. *Do alheio ao próprio*. São Paulo: EDUSP, 1997.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade discente e o conceito final será a média ponderada entre as avaliações realizadas nos primeiro e segundo semestres (peso 6) e um trabalho monográfico final (peso 4).

EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)

Os alunos serão introduzidos ao universo das literaturas africanas de língua portuguesa através do estudo de obras de autores angolanos, caboverdianos, moçambicanos e santomentes.
Será realizada uma reflexão teórica sobre o fazer literário nos países periféricos e sobre o macro-sistema das literaturas em português.

APROVAÇÃO

DEPARTAMENTO	CONSELHO DE CURSO	CONGREGAÇÃO
_____/_____/_____	26 NOV 2015 _____/_____/_____	_____/_____/_____

ASSINATURA(S) DO(S) RESPONSÁVEL(EIS)



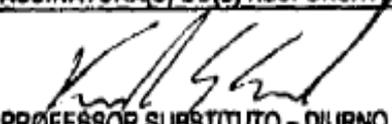
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências e Letras de Assis
Departamento de Letras

Nome	_____
Matrícula	_____
Assinatura	_____

PROGRAMA DAS DISCIPLINAS, ESTÁGIOS, TRABALHO DE GRADUAÇÃO

UNIDADE UNIVERSITÁRIA: FCL - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS					
CURSO: LETRAS					
HABILITAÇÃO: LICENCIATURA - PORTUGUÊS E UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA					
OPÇÃO: _____					
DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL: LINGÜÍSTICA					
ANO LETIVO: 2017					
IDENTIFICAÇÃO					
CÓDIGO LIT068	DISCIPLINA DO ESTÁGIO LITERATURAS AFRICANAS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA				SERIAÇÃO IDEAL 1º SEMESTRE
OBRIGATORIA OBRIG	PRÉ E CO-REQUISITOS				AVANÇO SEMESTRAL SEMESTRAL
CRÉDITOS	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA				CARGA HORÁRIA TOTAL
2	TEÓRICA	PRÁTICA	TEÓR/PRAT	OUTRAS	30
NÚMERO MÁXIMO DE ALUNOS POR TURMA: 20					
AULAS TEÓRICAS	AULAS PRÁTICAS	AULAS TEÓR/PRAT	OUTRAS		
OBJETIVO (Ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de:)					
<p>O curso proporcionará ao aluno o conhecimento de prosa e de poesia contemporâneas dos países africanos de Língua Portuguesa, bem como uma reflexão sobre o fazer literário nos países submetidos à colonização.</p> <p>O curso propiciará a reflexão sobre a produção artística no quadro do macro-sistema das literaturas de língua portuguesa.</p>					
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (Início e discriminação das unidades)					
<p>1. Angola: Textos e contexto</p> <p>1.1. O conto e a poesia contemporâneos de Angola</p> <p>2. Cabo Verde: Textos e contexto</p> <p>2.1. O conto e a poesia contemporâneos de Cabo Verde</p> <p>3. Moçambique: Textos e contexto</p> <p>3.1. O conto e a poesia contemporâneos de Moçambique</p> <p>4. São Tomé e Príncipe: Textos e contexto</p> <p>4.1. A poesia de São Tomé e Príncipe</p>					
METODOLOGIA DE ENSINO					
<p>1. Aulas teóricas-práticas.</p> <p>2. Debates.</p> <p>4. Leituras, análises e interpretação de textos.</p>					

FOLHA nº 22
PRGC
Rub. 96U.

B Orientação de trabalhos individuais e provas bimestrais.		
BIBLIOGRAFIA BÁSICA		
<p>CHAVES Rita de Cássia <i>Entre intenção e gesto: a formação do romance angolano</i>. São Paulo: FFLCH, 1993. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 1993.</p> <p>FERREIRA, Manuel <i>No reino de caliban</i> 3 ed Lisboa: Plátano, 1988. 3v.</p> <p>MACEDO, Tania <i>Da fronteira do asfalto aos caminhos da liberdade</i>. São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento (texto fotocopiado)</p> <p>SANTILLI, M. A. <i>Estórias africanas: História e antologia</i>. São Paulo: Ática, 1985.</p> <p>BOUBA E SILVA, Manuel <i>Do alheio ao próprio</i>. São Paulo: EDUSP, 1997.</p>		
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM		
<p>As notas serão atribuídas de zero a dez para cada atividade discente e o conceito final será a média ponderada entre as avaliações realizadas nos primeiro e segundo semestres (peso 8) e um trabalho monográfico final (peso 4)</p>		
EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)		
<p>Os alunos serão introduzidos ao universo das literaturas africanas de língua portuguesa através do estudo de obras de autores angolanos, caboverdianos, moçambicanos e santomenses.</p> <p>Será realizada uma reflexão teórica sobre o fazer literário nos países periféricos e sobre o macro-sistema das literaturas em português.</p>		
APROVAÇÃO		
DEPARTAMENTO <u>01/12/16</u>  Prof. Patrício Antônio de Almeida Santos Chefe do Departamento...	CONSELHO DE CURSO <u>08 DEZ, 2016</u>	CONGREGAÇÃO <u>1/1</u>
ASSINATURA(S) DO(S) RESPONSÁVEL(EIS)		
 PROFESSOR SUBSTITUTO - DIURNO E NOTURNO		



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências e Letras de Assis
Departamento de Literatura

FOLHA nº	24
PROC	
Rev.	2

PROGRAMA DAS DISCIPLINAS, ESTÁGIOS, TRABALHO DE GRADUAÇÃO

UNIDADE UNIVERSITÁRIA: FCL - FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS				
CURSO: LETRAS				
HABILITAÇÃO: LICENCIATURA - PORTUGUÊS E UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA				
OPÇÃO:				
DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL: LITERATURA				
ANO LETIVO: 2018				
IDENTIFICAÇÃO				
CÓDIGO LIT0094	DISCIPLINA OU ESTÁGIO LITERATURAS AFRICANAS DE EXPRESSÃO PORTUGUESA			SERIAÇÃO IDEAL 1º SEMESTRE
OBRIG/LETIVA OBRIG	PRÉ E CO-REQUISITOS			ANUAL/SEMESTRAL SEMESTRAL
CRÉDITOS	DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA			CARGA HORÁRIA TOTAL
2	TEÓRICA	PRÁTICA	TEOR/PRAT	OUTRAS
				30
NÚMERO MÁXIMO DE ALUNOS POR TURMA:				
AULAS TEÓRICAS	AULAS PRÁTICAS	AULAS TEOR/PRAT	OUTRAS	
OBJETIVO (Ao término da disciplina o aluno deverá ser capaz de:)				
<p>O curso proporcionará ao aluno o conhecimento da prosa e da poesia contemporâneas dos países africanos de Língua Portuguesa, bem como uma reflexão sobre o fazer literário nos países submetidos à colonização.</p> <p>O curso propiciará a reflexão sobre a produção artística no quadro do macro-sistema das literaturas de língua portuguesa.</p>				
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (título e discriminação das unidades)				
<p>1. Angola: Textos e contexto</p> <p>1.1. O conto e a poesia contemporâneos de Angola</p> <p>2. Cabo Verde: Textos e contexto</p> <p>2.1. O conto e a poesia contemporâneos de Cabo Verde</p> <p>3. Moçambique: Textos e contexto</p> <p>3.1. O conto e a poesia contemporâneos de Moçambique</p> <p>4. São Tomé e Príncipe: Textos e contexto</p> <p>4.1. A poesia de São Tomé e Príncipe</p>				
METODOLOGIA DE ENSINO				
<p>1. Aulas teórico-práticas;</p> <p>2. Debates.</p>				

DATA	25
PROC.	
Ass.	<i>[assinatura]</i>

<p>4. Leitura, análise e interpretação de textos, 5. Orientação de trabalhos individuais e provas bimestrais</p>								
<p>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</p> <p>CHAVES, Rita de Cássia. <i>Entre intenção e gesto: a formação do romance angolano</i>. São Paulo: FFLCH, 1993. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1993.</p> <p>FERREIRA, Manuel. <i>No reino do calabar</i>. 3 ed. Lisboa: Plátano, 1988. 3v.</p> <p>MACEDO, Tânia. <i>Da fronteira do estafeto aos caminhos de liberdade</i>. São Paulo: FFLCH, 1990. Tese de doutoramento (texto fotocopiado)</p> <p>SANTILLI, M. A. <i>Estórias africanas: História e antologia</i>. São Paulo: Ática, 1985.</p> <p>SOUSA E SILVA, Manuel. <i>Do afreio ao próprio</i>. São Paulo: EDUSP, 1997.</p>								
<p>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM</p> <p>As avaliações serão realizadas mediante prova escrita, seminários e elaboração de trabalhos escritos. As recuperações serão contínuas, de caráter formativo, em atividades desenvolvidas ao longo do Curso. Um exame final será oferecido ao aluno que não tenha alcançado nota 5,0 (cinco) ao final da avaliação realizada no decorrer do semestre.</p>								
<p>EMENTA (Tópicos que caracterizam as unidades dos programas de ensino)</p> <p>Os alunos serão introduzidos ao universo das literaturas africanas de língua portuguesa através do estudo de obras de autores angolanos, caboverdeanos, moçambicanos e santomenses.</p> <p>Será realizada uma reflexão teórica sobre o fazer literário nos países periféricos e sobre o macro-sistema das literaturas em português.</p>								
<p>APROVAÇÃO</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th>DEPARTAMENTO</th> <th>CONSELHO DE CURSO</th> <th>CONGREGAÇÃO</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td> <p>9/11/17</p> <p><i>[assinatura]</i></p> <p>Dir. do Departamento de Literatura</p> </td> <td> <p>09/12/17</p> <p>_____</p> </td> <td> <p>____/____/____</p> <p>_____</p> </td> </tr> </tbody> </table>			DEPARTAMENTO	CONSELHO DE CURSO	CONGREGAÇÃO	<p>9/11/17</p> <p><i>[assinatura]</i></p> <p>Dir. do Departamento de Literatura</p>	<p>09/12/17</p> <p>_____</p>	<p>____/____/____</p> <p>_____</p>
DEPARTAMENTO	CONSELHO DE CURSO	CONGREGAÇÃO						
<p>9/11/17</p> <p><i>[assinatura]</i></p> <p>Dir. do Departamento de Literatura</p>	<p>09/12/17</p> <p>_____</p>	<p>____/____/____</p> <p>_____</p>						
<p>ASSINATURA(S) DO(S) RESPONSÁVEL(ES)</p> <p>MÁRCIO ROBERTO PEREIRA – DIURNO E NOTURNO <i>[assinatura]</i></p>								